

II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Programa de Pós-Graduação em História

De 07 a 10 de novembro de 2011

confira o site do evento
para notícias, publicações e dúvidas:
www.ufcg.edu.br/~historia/iisnfdph



*Grupos de Trabalho, Minicursos,
Mesas-Redondas, Palestras, Eventos
Culturais, Conferências...*

ISSN 2176451-4

**Caderno de
Resumos**





**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG**



Caderno de Resumos

Campina Grande, Novembro de 2011

II Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura

Coordenadores

Prof. Dr. João Marcos Leitão Santos
Prof. Dr. Severino Cabral Filho
Profª. Drª. Juciene Ricarte Apolinário

Editoria

Alisson Pereira Silva
Fabiano Badu de Souza
Fabrina Michely Franklin de Almeida
Marcos Saulo de Assis Nóbrega
Suleyman Gabriel Barros Correia
Diêgo Silva Araújo

Índice

Grupos de Trabalho

GT 01	04
GT 02	16
GT 03	33
GT 04	38
GT 05	46
GT 06	52
GT 07	67
GT 08	76
GT 09	88
GT 10	98
GT 11	107
GT 12	134

GT 01: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES: FONTES E METODOLOGIAS

PROTESTANTISMO BRASILEIRO E ESTADO NOVO

João Marcos Leitão Santos
tmejph@bol.com.br

Em geral o protestantismo é um sujeito social ausente nas investigações dos processos históricos da sociedade brasileira. As razões passam pelo caráter tardio do protestantismo, chegado ao Brasil definitivamente na segunda metade do século XIX; a "catolicidade" da cultura brasileira, certa tradição marxista na academia que não atribui relevância – senão negativa – aos fenômenos religiosos; e a própria retração do protestantismo em ganhar visibilidade, em função da sua condição de religião minoritária, contando no início com a desconfiança e hostilidade da sociedade.

Neste trabalho, a partir da ambiência sócio-religiosa do período, consideramos a mobilização protestante em relação à inauguração do Estado Revolucionário de 30, juízo feito sete meses após o estabelecimento do novo governo, (e deflagrado a partir da publicação do Decreto que instituiu o ensino religioso nas escolas) através de documento publicado em maio de 1931, como resultado das discussões havidas no mesmo mês, no Congresso Evangélico Brasileiro.

A situação de deslocamento da Igreja Católica do seu protagonismo político, resultado da inauguração do Estado

republicano, abre a partir de 30, a possibilidade de ser revertido em favor daquela, através de um processo de reordenamento do modelo de relações Igreja-Estado, projeto em curso desde 1922, cuja gênese já se encontra já na Pastoral Coletiva de 1915. Vargas, apesar de sua distância dos referentes religiosos, reconhece os dividendos políticos de uma aproximação do clero, e o favorece adotando diversas de suas demandas na Constituição de 1934, promulgada "sob a proteção de Deus", fulcro de encaminhamento do projeto de neo-cristandade da Igreja, cujo mecanismo serão as Ligas Eleitorais Católicas-LECs e a Ação Católica.

De todas as ambivalências do período, a reaproximação da Igreja Católica do Governo, as concessões e as relações de Vargas com o cardeal Leme, era o que de fato fundava os temores protestantes que não eram desprovidos de razões. D. Sebastião Leme declarou: "Faremos do catolicismo a religião oficial... somos a maioria e o queremos. Podemos impor nossa vontade". (Diário Popular, 06.1931)

A reação protestante foi reunir-se no Congresso Evangélico Brasileiro, e 30 de abril a 04 de maio, do qual emanou um Memorial, onde delineava a sua posição ante a Nação, cujos pontos principais e linhas argumentativas é o que se expõe aqui. O discurso continha elementos de contra-propaganda, uma vez que o protestantismo era descrito na polêmica religiosa como contrário aos interesses nacionais, imperialista, etc..

Palavras-Chave: Protestantismo, Estado Novo, Política.

IMAGENS DA RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA: BARRAVENTO, DA ALIENAÇÃO RELIGIOSA À RACIALIZAÇÃO SOCIAL.

Fabiano Marques da Costa
Francisco das Chagas Fernandes Santiago Júnior
Larissa Karen Ribeiro
fabiano_bebe@yahoo.com.br

Em 1961 Glauber Rocha, cineasta brasileiro "líder" do Cinema Novo, lançava seu primeiro longa-metragem, *Barravento*, que tinha como proposta central discutir a condição social de opressão vivenciada pelos negros brasileiros, que, "dominados por um misticismo trágico e fatalista", segundo o diretor, "permaneciam escravizados [...], como se aquele destino de fome e analfabetismo fossem determinados por Iemanjá ou Xangô". Neste sentido, Glauber Rocha afirma que este filme colocar-se "contra candomblés, contra misticismos e, num plano maior, contra a permanência dos mitos" para que se pudesse superar a crença nos deuses africanos e com isso uma "eterna submissão à miséria", já que estavam em uma época que exigia dos sujeitos "lucidez, consciência crítica [e] ação objetiva". Reconhecendo que quando elementos das religiosidades são representados em imagens, como acontece em *Barravento*, há a possibilidade dos sujeitos mobilizarem identidades e alteridades a fim de atualizarem e reorganizarem suas percepções da realidade – e agirem nesta a partir daquelas –; percebemos que os posicionamentos do Glauber Rocha apresentados anteriormente dizem respeito "apenas" às disputas presentes no processo de construção das imagens cinematográficas, ou seja, das representações que foram apresentadas, mas ainda não gerou disputas externas a sua produção. Porém, longe de serem

meras representações, as imagens são dotadas de um poder de agência, como propõe o antropólogo britânico Alfred Gell, que levam os sujeitos a se portarem frente à sua existência com as imagens, o qual configura diversas práticas de significação e ressignificação. E é a partir dessa perspectiva que compreendemos a seguinte indagação do Glauber Rocha: "Não sei até que ponto consegui colocar todos esses problemas, pois o filme ainda não foi lançado e o público ainda não reagiu." Isso porque, tendo sido publicado antes do lançamento de *Barravento*, as representações e idéias lá contidas não haviam sido ainda "consumidas". Assim, sendo fruto do projeto de ações associadas *Imagens da Religiosidade Afro-Brasileiras: cinema e televisão de 1984 a 2009*, a presente pesquisa visa, a partir de uma correlação entre visualidade, religiosidade e identidade analisar o filme *Barravento*, explorando a questão das disputas entre os campos sociais e identitário-raciais, focando-se principalmente nas relações evidenciadas entre pobreza, raça e religiosidade negra. Portanto, analisamos, entre outras questões já referenciadas, as relações entre as práticas de significações agenciadas pelas imagens das religiosidades afro-brasileiras e o processo de criação das representações presentes nessa fita.

UMA OFICINA SILENCIOSA DE TRABALHO: A UTILIZAÇÃO DOS ARQUIVOS PAROQUIAIS NOS ESTUDOS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE IGREJA CATÓLICA E FAMÍLIAS NO BRASIL OITOCENTISTA.

Édson Augusto Leôncio de Araújo
Alberon de Lemos Gomes
edr120@hotmail.com

O presente trabalho é parte integrante de uma pesquisa sobre as ingerências da Igreja Católica no cotidiano familiar da pequena freguesia de Limoeiro-Pernambuco no século XIX. Empreenderemos aqui uma discussão a respeito do principal corpo documental por nós utilizado, a saber, livros de assentos de batismos, matrimônios e óbitos da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação do Limoeiro. Como não existiam ainda no século XIX instituições responsáveis pelo provimento de dados demográficos aqui no Brasil (o primeiro senso geral data de 1872), eram os registros originados pela Igreja Católica que abasteciam o Estado com informações que lhes garantiam conhecer e controlar a população, os registros paroquiais possuíam força de registros civis. No entanto, apesar de toda a abundância de informações desses registros, eles só vieram a ser valorizados por historiadores recentemente, em decorrência das inúmeras revoluções no campo da história, oriundas principalmente dos Annales, da Demografia histórica e da História social. Os livros de assentos paroquiais nos permitem analisar parte do cotidiano de uma sociedade, compreender as formas de administração dos sacramentos e interpretar os movimentos populacionais, além de outros aspectos culturais e rituais que envolviam as famílias católicas. Estes assentos seguiam um modelo determinado pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, no entanto, cada localidade buscava adequá-lo às diferentes realidades. Podemos extrair desses documentos uma enorme gama de informações tanto do que foi escrito pelos párocos quanto do que por eles foi, conscientemente, sonogado. Buscamos em nossa pesquisa extrair desses documentos as minúcias dos horários, dias e meses mais procurados para o recebimento dos sacramentos; a idade exigida para ambos

os sexos os receberem; as relações estabelecidas entre grupos sociais distintos na realização dos sacramentos; a igualdade ou não dos consortes; e ainda questões que envolvem a viuvez e a solidão, além de buscarmos elucidações acerca das burocracias envolvidas no processo para o recebimento dos sacramentos. Para a concretização de nossa empreitada, é necessário que entrecruzemos os livros de assentos com outras fontes primárias para darmos-lhes melhores significações, é então que nos surge a necessidade da leitura dos códigos sinodais que regiam os rituais católicos do período: O Sacrossanto e Ecumênico Concílio de Trento, e as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, que nos ajudam a reconstruir parte da trama social e do cotidiano da época.

Palavras-chave: Documentação, Igreja Católica, Família.

A ETNOGRAFIA DA MORTE NA RELIGIOSIDADE AFROBRASILEIRA NO SERTÃO PARAIBANO.

Alba Cleide Calado Wanderley
amoroma44@hotmail.com

Este artigo propõe apresentar a concepção e a vivência da festa da Irmandade do Rosário do sertão paraibano, considerando o ritual da morte. Para isso, discutimos à luz dos Estudos Culturais, tecemos algumas considerações sobre o conceito de identidade, na perspectiva de Stuart Hall e Muniz Sodré. A discussão centra-se na identidade cultural dos afrobrasileiros, construída e vivenciada nos espaços de festa e de morte dos afrobrasileiros. Metodologicamente, fizemos uso da pesquisa do tipo etnográfica, da história oral e da observação participante como forma de registrar, vivenciar e interpretar esses rituais afrobrasileiros. A observação

etnográfica significou a tentativa de nos aproximarmos do modo como os afrobrasileiros vivem a experiência da religiosidade, visto que se tratava de uma modalidade de pesquisa em que a compreensão dos fenômenos sociais, através da interpretação do seu sentido, na experiência humana, é o eixo central de seu desenvolvimento. O estudo apresenta uma das etapas da vida da cultura africana que denominamos de morte, assim, esse ritual – funeral - dividiu-se em três momentos: velório, enterro e luto. Consideramos, que a morte é percebida pelos afro-brasileiros na sua religiosidade, como membros da Irmandade do Rosário, como outra modalidade da vida. Com a morte, eles se encontram com os outros membros dos grupos e protegem os que ainda estão no plano físico, como também fazem da morte momento de festividade, de reconstrução dos rituais fúnebres africanos.

Palavras-chave: Etnografia da Morte. Religiosidade. Afro brasileiro.

A CRÔNICA COMO FONTE: ENTRE A "FÁBULA EUROPÉIA" E A "REALIDADE AMERICANA".

Williams Bartolomeu Baracho de Lima
Celso Gestermeier do Nascimento
williamsbartolomeu@yahoo.com.br

Durante muito tempo a historiografia brasileira vem deixando no silêncio a crônica enquanto gênero de documento histórico. Nos últimos anos as vertentes historiográficas vêm desenhando novas perspectivas quanto ao estudo da América colonial, e com isso, a emergência da crônica ao seu status de fonte vem instigando o historiador a traçar novas tramas através da revisitação destes documentos. Buscamos aqui a análise da

crônica enquanto ferramenta de estudo e fonte de pesquisa histórica no tocante à América do século XVI. Para tal, destacamos a importância destes documentos para o historiador moderno e a utilização dos mesmos enquanto possibilidade de fontes históricas para o estudo do período colonial. Neste sentido, faz-se importante o ato de revisitar a obra do frei franciscano Diego de Landa: "Relacion de las Cosas de Yucatán", trazendo a tona às representações, ações e as interpretações sob a óptica cristã e europeia que o mesmo faz acerca da cultura maia, pondo em relevo, ainda, o antagonismo da obra, os discursos ambivalentes e o conjunto de interesses em torno desta.

QUESTÕES DA IGREJA, QUESTÕES DO ESTADO: ANÁLISES E PERSPECTIVAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO E MANUTENÇÃO DO PODER DOS CLÉRIGOS NA PROVÍNCIA DA PARAHYBA

Naiara Ferraz Bandeira Alves
Cristiane do Nascimento Martins
naiara.clio@gmail.com

Baseando-se na perspectiva da História Cultural, sob a análise do processo de circularidade cultural difundido no campo da história por Ginzburg (2002), e aproximando-se das análises da História das Religiões que perpassam as temáticas trabalhadas neste artigo, juntamente com a análise de autores como Guilherme P. das Neves (2009), Carvalho (1996), Seixas (1987), Hoornaert (1977), analisamos documentos de solicitação de perfilação contidos no Arquivo ultramarino português, através do Projeto Resgate, além da participação do Sr. Joaquim Manuel Carneiro da Cunha na Assembleia Constituinte (1823), a favor da liberdade

religiosa, e discussões sobre o fim do celibato entre os clérigos seculares brasileiros, com o objetivo de compreender as práticas religiosas e os meios de atuação que compunham a intrínseca relação entre política e religião no recém formado império brasileiro. Relação, esta, fruto de uma das principais consequências o regime imperial português: o padroado. Em decorrência da atuação direta do chefe imperial nas questões da Igreja há analogamente uma intensa participação dos clérigos nas atividades políticas da administração brasileira. Procuramos, ainda, analisar a forma como alguns clérigos atuavam na política provincial paraibana, destacando, em especial, os meios e as instituições utilizadas, pelos mesmos, para a manutenção do poder e de seus domínios políticos. Atuações que perpassam, desde atividades diretas nos órgãos administrativos do império, como as Assembleias Legislativas provinciais, até a prática de uma política de parentela, que perpassaram, por casamentos irregulares, filhos ilegítimos e a utilização de recursos como a Santa Casa da Misericórdia, que acolhia e batizava os filhos de padres, entre outros filhos abandonados pelas mães. Como exemplo, destacamos o caso do P. Luis José Correia de Sá, político atuante em sua região de origem, sertão do Rio do Peixe, na vila de Sousa, que solicitou o reconhecimento de um filho, desta forma procuramos compreender como estes filhos ilegítimos podiam ser mais uma das formas utilizadas por estes homens de posses para a manutenção de seus poderes e uma prática representativa da forma como se realizava o culto Católico no Brasil Imperial.

METODOLOGIAS E FONTES: UM ESTUDO DA COMUNIDADE JUDAICA EM RECIFE NO SÉCULO XX.

Stéphanie Monick Zumba de Lima
Giselda Brito Silva
historiastephanie@yahoo.com.br

Este artigo propõe-se a realizar uma análise das fontes e metodologias que possibilitam um estudo da segunda comunidade judaica estabelecida em Recife. Os Judeus de origem asquenazitas que migraram para o Brasil, vindos principalmente da Polônia, Ucrânia, Alemanha a partir de 1910 e se estabeleceram formando uma comunidade, com vínculos sociais e culturais. Estes que praticavam o judaísmo inicialmente em aldeias européias, percebiam-se em um lugar totalmente distinto que lhes garantia liberdade religiosa, proporcionando-lhes uma vida social ativa, assim como seus filhos e netos, nascidos no Brasil que participavam de uma identidade judaico-brasileira. Esta comunidade judaica caracteriza-se em múltiplas definições referente ao que vem a ser um judeu (nascer judeu ou se converter, viver em comunidade ou não, praticar a religião ou não, pode-se destacar aqui que a religião é uma parte do todo que corresponde a ser um judeu e não a sua principal definição). Com base nestas inicialmente características discutidas por vários teóricos sobre o que vem a ser um judeu, é que propõe-se historicizar a comunidade judaica de Recife. Partindo em princípio das fontes históricas desta comunidade, encontradas no Arquivo Histórico Judaico de Pernambuco é possível destacar: documentos de identificação (carteira de identidade, passaporte); listas de presença em instituições judaicas (como: colégio, sinagoga, cemitérios, clubes, associações); revistas (judaicas e não judaicas); jornais; entrevistas orais (com os imigrantes e os filhos de imigrantes nascidos em Recife); etc. Procuramos expor também um estudo de fontes escritas, livros, artigos e periódicos produzidos sobre os judeus

recifenses do século XX. Em conformidade têm-se as fontes não-judaicas, as quais possibilitam perceber as relações desta comunidade com a sociedade local. Utilizando-se do método prosopográfico, pretende-se fazer um cruzamentos com as diferentes fontes e historicizar alguns dos principais membros desta comunidade judaica, partindo de um perfil social para se compreender seu arcabouço religioso, e como se deu a aplicabilidade desta religião na cidade de Recife. Este artigo gerará um conhecimento amplo e debates acerca de estudos direcionados para a Comunidade Judaica, em um âmbito geral para o Brasil e em um âmbito específico na comunidade estabelecida em Recife.

Palavras-chave: Judaísmo, cultura, história e fontes.

AS TÁTICAS FEMININAS NO MOVIMENTO SOCIAL E AS INFLUÊNCIAS RELIGIOSAS.

Jadson Pereira Vieira
Patrícia Cristina de Araujo Aragão
jadsonpv@gmail.com

Analisar o poder que a religiosidade tem sobre as pessoas que fazem parte de alguma denominação religiosa é algo pertinente a pesquisa do historiador, neste sentido, relacionar os aspectos ligados a esta vertente, com a utilização da mesma, como instrumento de integração entre a liderança social e as pessoas que os acompanham é algo bastante significativo de ser pesquisado. Deste modo, O presente trabalho, surge de questionamentos de pesquisas em andamento que têm como eixo problematizador, os diversos aspectos relacionados ao papel da mulher como liderança no movimento social do campo na Paraíba. Para tanto, utilizamo-nos como fonte a autobiografia a partir de relatos

autobiográficos de uma liderança feminina do movimento, em interface com a história oral, obtida nas entrevistas com esta representante das lutas camponesas nas décadas de 1970 e 1980, no município de Alagoa Nova-PB, para embasar e cruzar melhor as informações obtidas em seus relatos, utiliza remos outras fontes com as obtidas em jornais de épocas e documentos oficiais do governo que estão sendo pesquisados a medida que a pesquisa se desenrola. Esta mulher, responsável em grande parte pelos agenciamentos dos que fizeram parte do movimento de reivindicação pela terra na comunidade rural do Engenho Geraldo, utilizou-se muitas vezes do discurso religioso para obter com mais êxito seus objetivos de luta e reivindicação. Perceber nos seus relatos o papel histórico destes discursos religiosos é compreender o âmbito bem maior de poder que envolvia luta social camponesa. A mulher católica que em outrora tivera uma efetiva participação na vida social e religiosa de sua comunidade, mais que uma líder foi um instrumento de difusão de uma ideologia criada e perpetuada em sua época.

Palavras-chave: Religiosidade. Movimento camponês. Mulheres.

NO LABIRINTO DA DEUSA: A BRUXARIA COMO CONTRACULTURA E REPRESENTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE MODERNA

Kaline Ferreira Costa
Patrícia Cristina de Aragão Araújo
kferreiracosta@gmail.com

O movimento neo-pagão com toda a sua simbologia faz-nos refletir sobre o porquê de tal avanço em nossa era. Nesses tempos considerados líquidos por certos autores, as verdades e convicções de outrora diluem-se

no ar como gota d'água em solo quente, abrindo espaço para novas representações da realidade. É nesse contexto que a bruxaria moderna, mais especificamente a Wicca, se apresenta no palco da história como uma forma contra-cultural e, ao mesmo tempo, reflexo de um novo modelo de lidar com o sagrado e com a sociedade que vem se modificando na atualidade. Dessa forma, a presente pesquisa propõe adentrar nos signos e significados da Wicca nos tempos modernos a fim de desvendar suas características contestatórias e, nesse âmbito, realizar uma discussão acerca da questão de gênero, ou seja, como o feminino é visto, interpretado e atuado nesse contexto simbólico de práticas ritualísticas em consonância com a própria interpretação de mundo dos que nela são vinculados. Assim, mostraremos essa crença como sendo uma releitura das práticas pagãs européias anteriores ao cristianismo, com destaque para as de origem célticas, onde a figura da mulher ocupa um lugar de destaque e, por fim, abordaremos o conjunto de possíveis práticas teórico-metodológicas que podem oferecer ao historiador um caminho interessante na pesquisa das religiosidades.

Palavras-chave: Bruxaria. Feminino. Contracultura na Modernidade.

CANDOMBLÉ: IDENTIDADE E MEMÓRIA DA FAMÍLIA BAMBOXÊ.

Elaine Cristina Marcelina Gomes
Mary Del Priore
elainemarcelina@hotmail.com

A presente comunicação visa analisar a identidade do axé Bomboxê examinando a importância, o papel do Babalaô Bomboxê Obítico na formação do Candomblé na Bahia, suas viagens transatlânticas, a fim de buscar o "segredo" das práticas

religiosas na África e trazer para o Brasil, foi um processo ocorrido entre muitos escravos libertos no final do séc. XIX. Após a inserção do Babalaô Bamboxê Obitikó nas redes sociais do candomblé por Marcelina da Silva, no candomblé da casa branca no Engenho Velho da federação, sua família segue com o culto aos orixás, e vamos perceber mais a frente, a constituição do axé Bamboxê e sua tradição sendo trazida para o Rio de Janeiro pelo seu neto carnal Felisberto Bomboxê, e mantido por sua bisneta carnal, Regina Bamboxê. Compreender o processo de formação e consolidação da família Bamboxê e a herança africana nas religiões negras no Brasil e manutenção da memória no processo de formação do candomblé ketu na Bahia e a importância de diversos personagens na história do candomblé, é um dos objetos deste estudo. Discutiremos também sobre a importância dessas práticas religiosas, seus ritos e como essas tradições são mantidas e algumas vezes reinventadas, dando ênfase a sua contribuição para o candomblé em Salvador e no Rio de Janeiro. Pretendemos ainda, demonstrar a trajetória da família Bamboxê a fim de mostrar como a mesma imprime sua identidade no candomblé desde o final do séc. XIX e os mantém até os dias atuais. Esta família representa a tradição e estabelece as fronteiras desse grupo ou "nação" com outras comunidades de Candomblé, ao mesmo tempo em que têm fundamental importância na História cultural afro brasileira. Tendo por baseos depoimentos de membros da família Bamboxê e filhos de santo deste axé pretendemos investigar como a tradição da família Bamboxê mantém-se ao longo deste período e como se mantém no Rio de Janeiro permanecendo até os dias atuais.

Palavras-chave: Candomblé, Identidade, Bamboxê.

A RELAÇÃO ENTRE O SAGRADO E A NATUREZA REPRESENTADO NAS FESTAS DE CANDOMBLÉ EM JUAZEIRO, BA

Edivania Granja da Silva Oliveira
Roberto Remígio Florêncio
edivania.granja@gmail.com

Este estudo busca compreender como os adeptos do candomblé de Juazeiro, BA, constroem suas representações do sagrado e dos elementos da natureza através dos rituais festivos, com foco no campo da etnoecologia por possibilitar o diálogo com disciplinas diversas, como a antropologia, a história cultural e suas especificidades. Neste contexto podemos inserir o estudo do universo do candomblé na perspectiva da história cultural, na análise dos gestos e práticas dos "povos de terreiros". O estudo sobre os Terreiros de Candomblé de Juazeiro-Bahia centra-se na percepção e relação do simbólico representado nos rituais sagrados com as problemáticas vivenciadas pela comunidade, como a carência de infra-estrutura social, econômica, cultural e ambiental que sofrem a grande maioria das comunidades de terreiros desse município. A interdisciplinaridade é focada metodologicamente no campo da Etnoecologia, na qual o ser humano é percebido como integrante e construtor do meio ambiente, no campo da História Cultural a fim de perceber as representações que os homens estabelecem entre o passado, o presente e os símbolos culturais produzidos no tempo e por último as percepções da antropologia através da escrita etnográfica sobre o simbólico, os mitos e os rituais contidos nas manifestações dos rituais festivos do Candomblé. Sabendo que o ato reflexivo da própria escrita antropológica, está inscrita também numa determinada cultura (GEERTZ, 1978). Por fim, este trabalho

busca proporcionar a promoção de espaços de valorização da cultura, da afirmação identitária e do respeito às práticas religiosas afro brasileiras a fim de reconhecer "os povos de santos" como partícipes da sociedade.

A INTEGRAÇÃO DO NEGRO NA SOCIEDADE ATRAVÉS DA FÉ": IRMANDADES NEGRAS NA PARAÍBA DO NORTE SÉCULO XIX.

Cassiano José de Sales França
Joseano da Costa Barbosa
reginacoelilima@hotmail.com

O presente trabalho tem como meta mostrar como às Irmandades Negras contribuíram para a inserção dos negros na sociedade paraibana no século XIX. Em meio a uma sociedade escravista, os negros acabaram "conquistando o seu próprio espaço através de sua fé", visto que, ao participarem das chamadas "confrarias" acabavam usufruindo de direitos que antes só "pertenciam" aos homens brancos. A participação nas missas, nos enterros dos seus entes-queridos, nas solenidades festivas são exemplos destas conquistas e integração do negro nesta sociedade. Todavia, podemos afirmar que as irmandades negras da Paraíba do norte do século XIX, serviram como ponte de "interação" entre o negro e o branco, e que através delas todos "compartilhavam" as suas culturas sem deixar perder as suas essências. Portanto, para melhor desenvolvermos este trabalho através de um estudo bibliográfico, usaremos como suporte teórico os seguintes autores: Naira Ferraz Bandeira Alves, Claudia Cristina do Lago Borges, João José Reis, Mariza de Carvalho Soares e José Pereira de Sousa Junior. Com seu auxílio, procuraremos mostrar a importância das irmandades

negras nesta integração do negro à sociedade paraibana do século XIX.

Palavras-chave: Integração. Fé. Cultura.

NO ESCURO DA NOITE OUVEM-SE PASSOS ALIGEIRADOS. CONVERSAS SOBRESSAEM EM SUSSURROS. COM OS PRIMEIROS RAIOS DE SOL APARECEM OS ROMEIROS: CABISBAIXOS, VESTIDOS DE ROXO, SAINDO DE DIFERENTES PONTOS DE SERGIPE EM BUSCA DE UM SÓ DESTINO: A CIDADE DE SÃO CRISTÓVÃO. FINALMENTE CHEGARA O DIA DA PROCISSÃO DOS PASSOS

Magno Francisco de Jesus Santos
Martha Campos Abreu
magnohistoria@gmail.com

Neste trabalho temos como objeto de estudo a procissão do Senhor dos Passos em São Cristóvão, primeira capital de Sergipe. Trata-se de uma celebração religiosa que revive os últimos passos da vida de Cristo e o sofrimento a caminho do Calvário. A devoção ao Senhor dos Passos é uma das mais significativas do estado de Sergipe e a procissão realizada na velha capital atrai milhares de romeiros que tentam se caracterizar com a indumentária semelhante a da imagem alvo da devoção: túnica roxa, pés descalços, coroas de espinhos. Partindo deste ensejo, o propósito desse trabalho é analisar as diferentes formas de percepção da celebração religiosa pelos devotos e os conflitos inerentes a mesma. A tradicional festa de Passos em São Cristóvão envolve sujeitos de diferentes camadas sociais, que emergem no cenário festivo de ângulos diversos. Enquanto os segmentos abastados se abrigam nos velhos casarões, os humildes devotos perambulam pelas ruas estreitas e descansam embaixo das

árvores. Além disso, existia uma preocupação do clero local em controlar a festa religiosa, ou seja, de fazer com que a solenidade se tornasse mais próxima do modelo de religiosidade adotado pela Igreja. No entanto, no referido documento fica explícito o que teria provocado o afastamento entre o clero e os membros da Ordem Terceira do Carmo. Em alguns momentos o conflito parecia ser apenas uma questão de interesses sobre as esmolas deixadas pelos romeiros do Senhor dos Passos. Em alguns momentos o conflito parecia ser apenas uma questão de interesses sobre as esmolas deixadas pelos romeiros do Senhor dos Passos, como destaca o primeiro relato do vigário Martinho Fluanques a respeito da procissão dos Passos, logo após a sua chegada a paróquia.

Palavras-chave: procissão, romaria, Sergipe.

A RELAÇÃO ENTRE O SAGRADO E A NATUREZA REPRESENTADO NAS FESTAS DE CANDOMBLÉ EM JUAZEIRO, BA.

Edivania Granja da Silva Oliveira.
Remígio Florêncio
betoremigio@yahoo.com.br

Este estudo busca compreender como os adeptos do candomblé de Juazeiro, BA, constroem suas representações do sagrado e dos elementos da natureza através dos rituais festivos, com foco no campo da etnoecologia por possibilitar o diálogo com disciplinas diversas, como a antropologia, a história cultural e suas especificidades. Neste contexto podemos inserir o estudo do universo do candomblé na perspectiva da história cultural, na análise dos gestos e práticas dos "povos de terreiros". O estudo sobre os Terreiros de Candomblé de

Juazeiro-Bahia centra-se na percepção e relação do simbólico representado nos rituais sagrados com as problemáticas vivenciadas pela comunidade, como a carência de infra-estrutura social, econômica, cultural e ambiental que sofrem a grande maioria das comunidades de terreiros desse município. A interdisciplinaridade é focada metodologicamente no campo da Etnoecologia, na qual o ser humano é percebido como integrante e construtor do meio ambiente, no campo da História Cultural a fim de perceber as representações que os homens estabelecem entre o passado, o presente e os símbolos culturais produzidos no tempo e por último as percepções da antropologia através da escrita etnográfica sobre o simbólico, os mitos e os rituais contidos nas manifestações dos rituais festivos do Candomblé. Sabendo que o ato reflexivo da própria escrita antropológica, está inscrita também numa determinada cultura (GEERTZ, 1978). Por fim, este trabalho busca proporcionar a promoção de espaços de valorização da cultura, da afirmação identitária e do respeito às práticas religiosas afro brasileiras a fim de reconhecer "os povos de santos" como partícipes da sociedade.

**RELIGIÃO SUB-JUDICE. A
HERMENÊUTICA CONSTITUCIONAL DO
ART. 5º DA CONSTITUIÇÃO DO
IMPÉRIO DO BRASIL.**

Aline Guedes Ferreira
João Marcos Leitão Santos
alinehistoriadireito@yahoo.com.br

O campo da História das Religiões é bastante vasto e há muitas perspectivas que podem ser analisadas conforme o contexto, a época e o próprio objeto em questão, no caso a religião católica. Do

mesmo modo, há diversas metodologias, técnicas e fontes que podem ser utilizadas quando se opta pelo trabalho nesta área do conhecimento histórico. Como nosso objetivo no projeto de pesquisa foi explorar, identificar e analisar as interferências do catolicismo em certos setores sociais e, mais precisamente, no âmbito jurídico, no período imperial brasileiro, utilizamos algumas fontes específicas que nos foram de bastante valia para trazeremos à lume as formas de atuação da Igreja Católica, como instituição, na sociedade brasileira. Desta feita, serviram de base para nossa pesquisa as seguintes fontes: Atas do Conselho de Estado que datavam de 1856 a 1875 - que tratavam, entre outras coisas, sobre o casamento civil, jurisdição eclesiástica, sobre a prerrogativa do Estado em prover os benefícios eclesiásticos, sobre a suspensão de bispos e suas conseqüências e a reforma de dispositivos constitucionais - que nos ajudaram a perceber a prevalência de determinadas correntes hermenêuticas na interpretação das leis e nos mostraram como alguns dispositivos legais claramente foram influenciados pelos princípios cristãos que o catolicismo apregoava inclusive e, principalmente, o artigo 5º da Constituição de 1824 que legitimava a religião católica como a oficial do Estado brasileiro e limitava o proselitismo ao culto doméstico; e os escritos de juriconsultos da época, que nos deram base para analisar as diversas formas de interpretação de algumas leis então vigentes e que tinham importância para nossa pesquisa. Dessa maneira, percebemos que a Igreja Católica desde o período colonial até fins do século XIX, quando da laicização do Estado, exerceu influência ímpar nos diversos setores da vida social brasileira, impondo seus valores e lutando para que seus princípios e interesses prevalecessem, inclusive no que se refere ao âmbito

jurídico, no qual ela conseguia legitimar sua autoridade e poder.

Palavras-chave: História das Religiões, fontes, catolicismo .

DEVOÇÃO E FESTA EXPERIÊNCIAS DO CATOLICISMO NA ZONA RURAL DE AREIA-PB

Andrea Carla Rodrigues Theotonio
dealuis@hotmail.com

A região que compreende o espaço rural do município de Areia – PB é marcada pela vivência de experiências religiosas bastante variadas dentro do universo religioso católico. Dentre essas se destacam as festas dos padroeiros (as) de comunidades rurais marcadas por uma intensa circularidade cultural onde transitam práticas tradicionais e novos significados para a vivência da devoção aos santos (as). As comunidades adjacentes ao Distrito de Muquém (Tabuleiro de Muquém, Chã de Jardim, Gruta do Lino) e o Distrito de Mata Limpa mantém uma preparação e vivência de comemorações ao dia do padroeiro (a) que se consolidam como espaços de trocas simbólicas, partilha de devoções e práticas de religiosidade individuais e coletivas. Dessa forma o olhar do historiador deve estar atento a esses espaços, pois constituem momentos para entender a organização das comunidades, suas práticas cotidianas e sua história. As contribuições teóricas de Bakhtin (1993) se tornam imprescindíveis na discussão sobre circularidade cultural, onde as práticas culturais e religiosas do catolicismo se imbricam, assim como a produção de Roger Chartier (1990) sobre práticas e representações e também sobre cultura popular. No tocante ao conhecimento produzido sobre o catolicismo popular são relevantes as participações de vários

estudiosos: historiadores, sociólogos, antropólogos, dentre outros. Nesse artigo se destacam as produções de Carlos Rodrigues Brandão (1987) e Solange Ramos de Andrade (2006) que salientam a diversidade de olhares sobre o campo de estudos que é o catolicismo popular além de observar os aspectos culturais, sociais e teológicos do termo. É válido salientar que essa dinâmica religiosa não se restringe aos momentos de festa ou às cerimônias religiosas conduzidas pelos agentes oficiais do catolicismo, ela perpassa o cotidiano tecendo relações que vão além do âmbito religioso, fazem parte da história local.

Palavras-chave: Religiosidade, cultura, cotidiano.

CRIMES QUE CONSTRUÍRAM MILAGREIROS NO SERIDÓ POTIGUAR/CAICÓ-RN

Mary Campelo de Oliveira
Lourival Andrade Junior
mary.campelo@yahoo.com.br

A religiosidade não oficial se manifesta num conjunto de práticas que não estão de acordo com os parâmetros ritualísticos da oficialidade canônica. O Seridó Potiguar se consolidou desde muito tempo como um lugar destas devoções, onde há “milagreiros de cemitérios”, benzedeiras que passam a fazer parte das identidades e das representações do povo que aqui vive. E ser devoto de um milagreiro não oficial faz com que o fiel esteja mais perto de sua realidade e das práticas advindas dessa religiosidade. Dessa maneira, a pesquisa se propõe analisar e estabelecer relações entre crimes que ocorreram no Seridó Potiguar e onde os mortos, conforme seus devotos passaram a operar milagres. Buscaremos então crimes que vitimaram Dr. Carlindo de Souza Dantas no dia 28/10/1967 em Caicó

no Rio Grande do Norte e José Leão no dia 20/01/1877 na cidade de Flores, atual Florânia, também no Rio Grande do Norte. O primeiro, assassinado a tiros em frente ao Caicó Esportes Clube era um homem com uma popularidade imensa resultado de sua profissão como médico e ter se envolvido na política como Deputado Estadual. Hoje seu túmulo está repleto de ex-votos e de pedidos para que ele conceda graças e milagres aos seus devotos. O segundo crime se deu em uma fazenda e o morto além de ter sido assassinado, foi esquartejado e queimado. No lugar do crime está uma cruz e uma capela, onde devotos da região e até de outros estados acorrem para pedir e agradecer pela intercessão de Zé Leão. Portanto o nosso objetivo é analisar as possíveis semelhanças e diferenças entre essas duas devoções que levaram estes dois homens a tornarem-se milagreiros, e intercessores dos vivos no mundo dos mortos.

PROTESTANTISMO E LIBERDADE RELIGIOSA NO BRASIL DO PRIMEIRO IMPÉRIO.

Alisson Pereira Silva
João Marcos Leitão Santos
alissonkairo@gmail.com

Nosso trabalho pretende fazer uma discussão sobre as variantes ideológicas que envolveram a temática da liberdade religiosa no Brasil nos primeiros anos após a Independência. Nesse sentido, percebe-se que a resistência em se admitir a liberdade religiosa no Brasil deveu-se ao temor, por parte de alguns, de que o Brasil se transformasse em uma nação anárquica, sem valores morais e éticos. É importante frisar que tal postura é influenciada pela cosmovisão católica. Esta, por sua vez, se via enquanto portadora dos ideais legitimadores da verdadeira ordem social e política, tendo em vista que ela se colocava

enquanto mediadora da vontade de Deus aos seres humanos. Para legitimar o *status quo* mantido pela ideologia católica, fez-se necessário fazer resistência a tal projeto de liberdade religiosa – o que atendia aos interesses de quem queria continuar com as alianças entre Igreja e Estado no Brasil. O *corpus documental* que fizemos uso para estudar tal caso encontra-se nos *Diários da Assembleia Geral e Constituinte do Brasil de 1823*. Tal projeto de constituição nos levou a pensar no papel do protestantismo enquanto alvo dos debates concernentes a liberdade religiosa no Brasil, bem como a ameaça que o mesmo representava para a organização política e social proposto pela ideologia política católica. Este estudo nos ajuda a perceber como o protestantismo participou do cenário histórico brasileiro de uma forma bem diferente do que propõe alguns historiadores, que atribuem ao protestantismo do Primeiro Império – o chamado *protestantismo de imigração* – um papel coadjuvante, sem muita visibilidade na história do referido período.

Palavras-chave: religião, debates parlamentares, protestantismo.

AS MANIFESTAÇÕES DE DEVOÇÃO NAS IRMANDADES RELIGIOSAS NA PARAÍBA OITOCENTISTA

José Pereira de Sousa Junior
junioruepb@yahoo.com.br

Nosso objetivo é expor o sentimento religioso dos irmãos e irmãs que compunha as varias irmandades religiosas na Paraíba, seja de branco, pardos ou negros. A crença no poder das missas, enquanto prática salvacionista da alma, e os sentimentos religiosos encarnados nestas práticas, estão significativamente expressos nos compromissos religiosos que regiam estas irmandades. Utilizando como fonte

documental estes compromissos, observamos que as comemorações do santo ou santa de devoção era a data máxima do calendário das irmandades, quando irmãos e irmãs saíam às ruas em procissão, os aparatos utilizados davam um tom de pompa, grandiosidade, usando suas vestes de gala, opas (capas), carregando bandeiras, andores, cruzeiros e insígnias enfim, seguidas de danças e batuques, dando um colorido especial a este importante evento cultural, social e religioso das cidades, vilas e freguesias na Paraíba. Assim, temos o intuito de perceber a sensibilidade religiosa coletiva daqueles que participavam destas irmandades.

Palavras-chave: Irmandade, Religião, Devoção.

A RESPOSTA RABÍNICA: MULHERES MARRANAS NA PARAÍBA COLONIAL DO SÉCULO XVII.

Antonio Gutemberg da Silva
gutembergprofessor@yahoo.com.br

O problema em relação ao ante-semitismo não é recente, sendo uma questão milenar. E, é exatamente esse ódio que permitiu em grande parte que este povo com língua, religião, leis, moral e cultura não desaparecesse. Entretanto, é importante ressaltar, que além das perseguições, prisões, torturas e mortes postulados em nome do Tribunal do Santo Ofício é necessário apresentar a atuação do gênero feminino, um tanto "esquecido" na historiografia da Inquisição do Brasil colonial, as mulheres marranas atuando como líderes espirituais na intimidade dos lares. Sendo assim, o presente trabalho atuando na perspectiva da História Social e Cultural vem problematizar o lugar social que ocupou a mulher marrana com ênfase na Paraíba setecentista quanto a tentativa

de manter uma fé "oculta", deslocando dos eixos comuns de bruxaria e sodomia da Inquisição para problematizarmos a partir dos documentos Inquisitoriais dos Rol dos Culpados a participação doméstica no tocante a uma certa manutenção das Leis de Moisés ocultas nos lares coloniais. Contribuindo sobretudo, para dar voz a quem a Inquisição de uma maneira direta ou indireta procurou silenciar, além de fornecer subsídios para se entender com maior abrangência a História da Família e da mulheres no período colonial fora dos padrões observados pela historiografia tradicional, analisando estes sujeitos de modo plural, no sentido de perceber a heterogeneidade da população colonial bem como do enaltecimento da contribuição judaizante em nossa cultura. Legitimando assim a inserção da religião marrana no construto identitário do Brasil Colonial.

Palavras-chave: inquisição, mulher, memória.

GT 02: HISTÓRIA ORAL: EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS

MEMÓRIA, POESIA E RELATOS ORAIS: PRODUÇÃO, VENDA E CONSUMO DOS FOLHETOS DE CORDEL DE JOSÉ COSTA LEITE NAS FEIRAS DO NORDESTE DO BRASIL.

Geovanni Gomes Cabral
Severino Vicente da Silva
geocabral22@gmail.com

A presente comunicação, inserida na "História do tempo Presente", traz como objeto de análise os relatos orais do poeta popular José Costa Leite, os quais retratam as suas andanças e desafios nas feiras livres do Nordeste brasileiro, por onde passava vendendo seus folhetos de cordel. Sua memória, rica em fragmentos, rememora histórias de um passado que se entrecruzam com o presente, tecendo considerações que constituem o fio condutor da narrativa historiográfica. José Costa Leite não só narra a sua experiência, como traz outros poetas populares para o contexto. A feira é o cenário, com suas múltiplas histórias; a voz, o instrumento que arranca ao grito as palavras mediante a poesia, as mãos, a performance, fazendo o movimento do cordel que participa, junto com ele, desta rede de relações sociais. Em torno do poeta vão se aglomerando diversas pessoas, as quais se socializam, seduzidas pelas histórias rimadas, pelas leituras que as encantam, deixando-se levar no bailar das palavras e na sensibilidade poética. Sua descrição oral é permeada de vários tempos históricos, que confluem entre si, que se alinham em simultâneas teias da memória. Considerado "Patrimônio Vivo de Pernambuco", em 2006, por sua arte e produção de cordéis, este poeta, que nasceu em julho de 1927, na Paraíba, hoje reside em Condado, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Nunca foi à escola, aprendeu a ler ouvindo as histórias de folhetos passando a versificar seus primeiros exemplares por volta de 1947. Desde então, não mais deixou de produzir, versificar e divulgar sua poesia e literatura impressa como forma de representar e contar o social e suas práticas culturais. A importância da narrativa oral de José Costa Leite revela as fronteiras estabelecidas entre a oralidade e a escrita, entre o passado e o presente e entre as

possibilidades de um relato oral enquanto prática discursiva.

Palavras-chave: Folhetos de cordel, Memória, Narrativa oral, História.

ALFAIATARIAS DE MEMÓRIAS: O (ANTI)COMUNISMO EM PERNAMBUCO (1958-1964)

Erinaldo Cavalcanti
ericontadordehistorias@gmail.com

O presente artigo analisa alguns fragmentos de memória do alfaiate e comunista Amaro Costa, costurado as suas experiências praticadas em Garanhuns, espaço onde atuou como membro do PCB na cidade e vereador daquele município. Seus relatos permitem compreender certas nuances das práticas sociais que gestaram, em Pernambuco, e em Garanhuns, de maneira específica, o clima de insegurança, ameaça e medo que foi atribuído ao comunismo pelos grupos que compunham parte da chamada Direita, ou quem ao comunismo fazia forte oposição.

NARRATIVAS DE PICHADORES/AS E GRAFITEIROS/AS AOS "OUVIDOS" DA HISTÓRIA ORAL

Angelina Maria Luna Tavares Duarte
Marcos Ayala
angelinaduarte60@gmail.com

Este trabalho é um recorte da nossa tese de doutorado em sociologia que investigou a sociedade "secreta" de pichadores/as e grafiteiros/as, em Campina Grande - PB, a partir do entrecruzamento de três fios teórico-metodológicos: Etnografia, História Oral e Teoria Social do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Construimos o corpus analítico com os verbos: OBSERVAR e OUVIR - observação participante e

histórias de vida. Observamos sujeitos. Ouvimos cinco deles – três meninos e duas meninas. Observamos também textos e contextos reais e virtuais, além de imagens. Quanto à análise do discurso deles/as, utilizamos o procedimento metodológico da observação de excertos lingüísticos (textos da pichação e do grafite, e cinco narrativas das histórias de vida). Apesar de não atuarmos na área de história, decidimos dialogar com a história oral, em razão de necessitarmos apreender as narrativas de sujeitos que vivenciam as práticas da cultura de rua – pichação e grafite. Utilizando esse caminho metodológico, recorreremos as suas histórias de vida como fonte informativa, mas, sobretudo, como ferramenta para o entendimento do significado do discurso e da ação de pichadores/as e grafiteiros/as, das interfaces que se estabelecem entre eles/as e a sociedade, da instauração de suas redes de sociabilidade, enfim, das relações que se delineiam entre eles/as e o contexto sócio-histórico contemporâneo. Construir essas fontes documentais não foi um empreendimento dos mais fáceis, em virtude da dificuldade de acesso a esses representantes da cultura de rua, motivada pelo caráter de ilicitude das práticas da pichação e do grafite, como também pelo próprio estigma que ainda ronda tais práticas. Aproximamo-nos, portanto, da experiência significativa desses sujeitos, para “desvendar” nuances da sociedade formada por eles. Pudemos verificar que a cidade funciona como guardião do segredo que subjaz a essas práticas culturais juvenis, e que a sociedade “secreta” de pichadores/as e grafiteiros/as se constitui como um espaço híbrido de lazer, sociabilidade, rivalidade, liderança, subordinação, política e pertencimento, representando, para esses sujeitos, um locus identitário que lhes permite, paradoxalmente, uma visibilidade anônima,

já que, na periferia, essa projeção não se faz possível.

MEMÓRIA DE VELHOS: NARRATIVAS ORAIS E AS ARTES DE FAZER DOS TRABALHADORES DO SISAL EM CUBATI – PB (1950-1980)

Silvano Fidelis de Lira
Auricélia Lopes Pereira
silvanohistoria@hotmail.com

Como se tece uma lembrança? A partir de que referenciais podemos entender a dimensão subjetiva da construção das memórias de velhos? Como as artes de fazer do indivíduo são manifestadas pela narrativa? Este texto busca, através da memória de velhos, examinar possíveis dimensões que dão forma as narrativas tecidas pelos antigos trabalhadores dos campos e motores de agave, pessoas que conviveram com o auge e o declínio da produção sisaleira na cidade de Cubati durante as décadas de 50 e 80. A memória é uma construção que atende as necessidades do presente e a suas evocações, portanto ela é seletiva, variável e pode muito bem sofrer modificações, rasuras, nivelamentos, produzidos de acordo com a subjetividade do sujeito. Torna-se então uma impossibilidade a construção de uma narrativa linear, coerente e puramente verdadeira, aquela que busca na narrativa oral e na memória um subsídio para a sua construção. O trabalho do historiador, nessa perspectiva, é uma prática de fronteira, onde a escrita se pratica em territórios sedimentares, irregulares e muitas vezes de difícil acesso, a memória aparece em meio a cercas, a barreiras. Assim, as narrativas orais dos idosos estão localizadas geralmente entre a memória e o esquecimento e se articulam entre o dito e não dito. O esquecimento nesse sentido não pode ser negligenciado,

pois assim como nos diz Michel de Certeau, o esquecimento não é uma mera passividade ou uma perda do sujeito; ela é ação, uma frente opositora ao passado. De que falam essas narrativas? E de que não falam esses silêncios? Isso mostra o quanto a "História Oral" se encontra entre a possibilidade e a impossibilidade. As narrativas orais dos idosos buscam, através das lembranças, contar histórias, construir narrativas de vida, baseadas na experiência cotidiana... Falam das artes de fazer e de viver. Portanto, esse texto vai buscar nas possibilidades das narrativas orais, tecer um estudo sobre como a memória, articulada com a oralidade pode nos servir para a construção de uma História das artes de fazer no cotidiano de homens e mulheres que construíram uma nova forma de vida no ambiente de trabalho, desfibrando suas trajetórias de vida.

Palavras-chave: Memória, Narrativas orais, Velhos.

ENTRE FRAGMENTOS DE JORNAIS E RETALHOS DE MEMÓRIAS: A SECA NA REGIÃO JAGUARIBANA (1932-1933)

Aline Teixeira Peixoto
alinelions@hotmail.com

Digite o resumo do seu trabalho no espaço abaixo, de acordo com o EDITAL : O objeto central da pesquisa socializada através deste artigo é a comunidade de Feiticeiro, localizada no entorno do Açude Joaquim Távora, que foi construído como obra do governo federal para conter os sertanejos da região jaguaribana no período da seca de 1932-1933. O objetivo da pesquisa foi observar a partir de fontes diversas o contexto vivenciado na região jaguaribana através da obra federal, bem como, os desdobramentos por essa causados. As ações estiveram voltadas em especial, para

observações e reflexões das memórias de remanescentes a respeito de assuntos diversos do cotidiano vivido nos anos de 1932 - 1933: o relacionamento estabelecido entre governo e caçacos; os objetivos implícitos na decisão de realizar a obra neste local; e o processo de formação do espaço social que se originou na decisão de parte dos sertanejos de permanecer no entorno do açude público. O estudo ocorreu a partir do uso de jornais da época, em trabalhos com foco na seca como fenômeno socialmente construído, e principalmente, em depoimentos de caçacos que participaram da obra e fizeram parte da formação física e social da Comunidade na pós-seca em 1933. As leituras e análises de discursos publicados em jornais microfilmados do período serviram para compreender o contexto nacional e regional frente à realidade vivida na formação da comunidade local; as entrevistas e relatos de colaboradores que participaram ativamente da construção do açude foram os principais meios utilizados para a realização desta pesquisa. A abordagem deste tema influenciou na (re)interpretação da política pública de "combate às secas" e nas consequências inesperadas do período posterior a estiagem no entorno da obra. Outra relevante constatação é a existência de um discurso de seca voltado a beneficiar não as maiores vítimas das estiagens, mas, ao melhoram a infra-estrutura que são positivas somente aos que fazem parte de uma elite privilegiada. As memórias reveladas possibilitaram o acesso a aspectos do nascimento da comunidade de Feiticeiro que antes não eram conhecidos. As falas que muitas vezes encerraram um silêncio de décadas ofereceram informações para se compreender determinadas ações e reações vividas no presente pelos moradores de Feiticeiro.

Palavras-chave: Seca, Jornais, Memórias, Comunidade.

O ÚLTIMO SUSPIRO: AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM BREJO DO CRUZ-PB

Francimeire Gomes Monteiro
Marinalva Vilar de Lima
francimeiremonteiro@hotmail.com

Nosso principal objetivo neste trabalho foi perceber quais as práticas e representações da morte eram comuns em Brejo do Cruz-PB até meados do século XX. Para isso fizemos um estudo etnográfico, no qual realizamos algumas entrevistas com idosos que viveram a maior parte de suas vidas em Brejo do Cruz. Para desenvolvermos esse trabalho, nos baseamos no que diz Clifford Geertz sobre a etnografia. Realizamos entrevistas e depois buscamos fazer uma descrição densa do material selecionado, ou seja, fizemos uma leitura dessas entrevistas, pois entendemos que o material produzido através das entrevistas não é uma história pronta, mas uma fonte a ser analisada pelo historiador, estando este atento ao tratamento específico que as fontes orais requerem. Depois de termos feito algumas entrevistas com os idosos, passamos a analisar esses documentos, tentando entender como eram realizados os ritos fúnebres em Brejo do Cruz até meados do século XX e quais representações os brejocruzenses tinham da morte. Ao analisarmos as entrevistas notamos que até meados do século XX, as pessoas se preocupavam muito em realizar os ritos fúnebres, pois temiam que a alma daquele que havia partido não descansasse. Os cuidados tomados pela família para com o morto para que este descansasse em paz estava ligado ao medo de que a alma ficasse "penando", ou seja, algo relacionado a um imaginário religioso, algo diferente do

que percebemos em alguns rituais realizados atualmente em Brejo do Cruz nos quais as famílias parecem mais preocupadas em falar sobre o morto e da dor da despedida causada pela morte. Portanto compreendemos que, Aries se enganou ao afirmar no livro "História da morte no Ocidente", que no século XX em todo o Ocidente a morte foi interdita (silenciada), pois em Brejo do Cruz até meados do século XX não identificamos essas características. De acordo com os relatos orais entendemos que a morte nesta cidade do sertão paraibano até meados do século XX pode ser classificada como morte domesticada, termo criado pelo próprio Ariès para denominar a morte que acontece em casa na presença dos familiares e amigos.

Palavras-chave: Morte, Representação, História Oral.

UM PAÍS NO MEIO DO ATLÂNTICO: O ARQUIPÉLAGO DE SÃO PEDRO E SÃO PAULO COMO DESTINO DE RADIOAMADORES, (1989-1997).

Flávia Emanuely Lima Ribeiro
Raimundo Pereira Alencar Arrais
flavinha_emanuely@yahoo.com.br

Este trabalho trata de expedições radioamadoras ao Arquipélago de São Pedro e São Paulo, realizadas pelo DX-Group de Natal, entre 1989 e 1997. É um dos resultados das pesquisas realizadas no projeto intitulado De rochedo a arquipélago: a emergência do Arquipélago de São Pedro e São Paulo na história da pesquisa científica brasileira, coordenado pelo professor Dr. Raimundo Arrais, em andamento. Procuramos responder, entre outras, a seguinte questão: como as expedições dos radioamadores ligam-se a uma mentalidade de aventura típica desse

grupo? Utilizamos como fontes as entrevistas realizadas com o Radioamador Karl Leite, de Natal, e o livro Radioamadorismo com sabor de aventura, de autoria do Radioamador Pergentino Andrade, ambos membros do DX-Group. Para orientar a análise das fontes referidas, fizemos uso da História Oral, tomando-a como metodologia de pesquisa.

**MARIA DE FÁTIMA NOGUEIRA
APOLINÁRIO: PRÁTICAS DE
LETRAMENTOS EM NARRATIVAS DE
UMA EDUCADORA DO CAMPO.**

Josenildo Marques da Silva
Cezar José da Silva
jjossenildo@hotmail.com

Uma das inquietações que tem permeado os debates dos pesquisadores que se interessam pela área da Educação tem sido a percepção sobre as práticas de letramento, principalmente, quando direcionadas para o cenário brasileiro do século XX. Nesse período inúmeros fatores estiveram influenciando a Educação brasileira como, por exemplo, a presença do aparato tecnológico na sociedade que acabou direta ou indiretamente atingindo as Escolas. Assim, um dos casos que também nos chama atenção é a questão de educadoras do campo, quando passamos a questionar como suas práticas de letramento, quer orais, escritas ou digitais, influenciam no seu fazer pedagógico. Esse trabalho, fruto de discussões e pesquisa realizadas no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) "Práticas de letramentos em narrativas de Professoras do Campo: Repercussão no seu fazer pedagógico", coordenado pela Profa. Dra. Zélia M. de A. Santiago (DE/UEPB), tem como objetivo analisar a repercussão das práticas de letramentos em narrativas de uma educadora do Campo que atuou no

magistério nos anos 70, nas séries multisseriadas do antigo primário Juazeirinho, PB, assim busca-se conhecer que tipos de práticas de letramentos norteavam a sua atuação pedagógica em sala de aula. Metodologicamente dividimos esse artigo nas seguintes etapas: 1) apresentação de um embasamento teórico-metodológico que contempla e conceitua os principais temas tratados nos campos da História Oral, Memória, Letramento e Educação do Campo; 2) análise dos depoimentos retirados da entrevista realizada com a professora. Teoricamente embasamos essa discussão nos autores Alberti (2006), Burke (2000); Tfouni (2005); Dionísio (2002) e Caldart (2009) que discorrem sobre a temática focalizada ao longo do trabalho. A partir dos depoimentos narrados pela educadora do campo, verificamos que ela buscava uma formação continuada a partir dos programas radiofônicos, dentre eles enfatiza "A voz do Brasil", veiculado na mídia daquela época, além de participar de programas oferecidos pelos Governos Municipal e Estadual-PB.

Palavras-chave: Memórias, Letramentos, Prática docente.

**A CONTRACULTURA EM AREMBEPE
CAMAÇARI, BAHIA (1984 À 2011)**

Getúlio Cavalcante de Sousa
getulio.cavalcante@hotmail.com

A aldeia hippie de Arembepe, localizada em Camaçari, Bahia, na área metropolitana de Salvador é pretensamente uma comunidade hippie, herança da contracultura de 1960. De acordo com a documentação analisada até o momento, apesar da Afirmativa de Jonh Lenon de que "o sonho acabou" constatamos que muita gente resolveu ficar. Assim como confirmam as pesquisas

pelo Brasil onde Cesar Augusto de Carvalho ao pesquisar o movimento alternativo pelo País, declara que "as comunidades se foram, mas os alternativos ficaram". Arembepe ficou conhecida por abrigar a mais autêntica aldeia hippie do Brasil, surgida no final da década de 1960, quando os primeiros mochileiros começaram a chegar, "ainda entorpecidos pelos acordes psicodélicos das guitarras de Woodstock". As casas originais em palha e madeira foram sendo substituídas por casas de alvenaria, mas muitas foram preservadas. A aura da aldeia é a mesma: não há luz elétrica nem água encanada, nenhum conforto da vida moderna, mas quem mora ali pouco se importa com modernidades. Por ali não circulam carros, e o acesso da vila é a pé. Considero que o tema da contracultura em geral ainda não foi abordado com a relevância merecida. Ainda representa uma lacuna da historiografia e muitos aspectos do comportamento dos jovens que protagonizaram aquele momento histórico poderá ser melhor esclarecido pois como afirma Roszak: "Em minha opinião, o rompimento cultural que a rebelião da juventude está fazendo surgir entre ela e a tecnocracia tem exatamente essa dimensão, tão intensa em suas implicações (embora, obviamente, não em consequência histórica ainda), quanto à brecha que um dia se abriu entre o racionalismo grego-romano e o mistério cristão. É claro que nos últimos dois séculos, a sociedade ocidental incorporou várias minorias cujo antagonismo em relação a concepção cientificista do mundo tem sido irreconciliáveis". (ROSZAK, 1972: 62). Defendo a idéia de que a comunidade hippie é uma dessas minorias, relevantes pelas suas proposições que estudo incorpora e dimensiona. Os objetivos desta pesquisa são: - Conhecer a cultura hippie e buscar compreender sua dinâmica ao longo do tempo; - Avaliar a experiência coletiva

da aldeia hippie de Arembepe no contexto da contracultura; - Dimensionar a experiência da aldeia hippie de Arembepe em seu contexto social, político e cultural hoje. Para isto, trabalhamos com os conceitos de memória e de comunidade e como fontes documentais utilizamos, além de depoimentos orais, pesquisamos jornais, revistas, fotografias, filmagens e fontes oficiais.

ZEZÉ DA GALILÉIA: ANÔNIMO E PROTAGONISTA NAS LIGAS CAMPONESAS.

Raphael Henrique Roma Correia
Maria do Carmo Barbosa de Melo
raphaelromaczr@gmail.com

A Zona da Mata Pernambucana é uma região bastante destacada no âmbito da produção historiográfica brasileira. Durante a segunda metade do século XX, a região dos engenhos açucareiros sofreu mudanças estruturais, notadamente: implantação das usinas e expulsão dos antigos moradores dos engenhos. Neste contexto, ocorrerá um dos movimentos sociais mais importantes do mundo rural brasileiro que ficou conhecido como "Ligas Camponesas", que fornece exemplos e motivação aos movimentos rurais atuais. Esta pesquisa preocupa-se em estudar este ambiente de forma específica, isto é, a partir de histórias de vida dos moradores de engenho. Resumidamente, este estudo destaca, por meio privilegiado das fontes orais, a história dos camponeses/moradores do Engenho Galiléia, do município de Vitória de Santo Antão, estado de Pernambuco. Pretende-se explorar as trajetórias de vida dos populares, neste caso Zezé da Galiléia, do ambiente deste Engenho que se configurou como local de origem das Ligas Camponesas. Praticando uma revisão literária percebeu-se uma produção que

analisa bem os problemas e mudanças estruturais (político-econômico) deste contexto histórico, no entanto estes estudos não se preocupam com os militantes, a grande massa, das ligas camponesas. Por isto, este trabalho, oficializado pelo Programa de Fortalecimento Acadêmico da Universidade de Pernambuco – PFA/UPE, enfatiza a falta de destaque que a historiografia, e a produção acadêmica geral, fornecem aos “protagonistas anônimos” do movimento de contestação. Pois, Levando em consideração os aportes metodológicos dos estudos de caso, que trabalham com abordagens relacionadas à História Oral, História Regional, Micro-história, Nova História cultural, acredita-se que os micro-contextos fazem surgir novos problemas que não transparecem nas macro-análises. A trajetória de vida de José Francisco de Souza, o Zezé da Galiléia, serve como ilustração do cotidiano sofrido dos moradores de engenho, fator principal para a efetivação do movimento de contestação das Ligas Camponesas, bem como um instrumento de explicitação do Brasil Republicano das décadas de 1940 a 1960 marcado por desigualdades sociais. Metodologicamente, analisa-se o acervo de fontes orais da Fundação Joaquim Nabuco disponíveis no – Centro de Documentação de Estudos da História Brasileira; as produções da academia sobre o tema; e matérias de jornais da época estudada, principalmente as publicações do Diário de Pernambuco.

**ENTRE AS TEIAS DE SIGNIFICADOS:
HISTÓRIA ORAL E A PRÁTICA DA
CERÂMICA NA COMUNIDADE
REMANESCENTE DE QUILOMBO GRILO
EM RIACHÃO DO BACAMARTE-PB.**

Elane Cristina do Amaral
Rosilene Dias Motenegro

enale13@yahoo.com.br

Pensar sobre as práticas culturais buscando compreender suas teias de significado para aqueles que a praticam, tem sido um campo cada vez mais explorado pelos historiadores no âmbito de suas pesquisas. Deste modo, o presente artigo tem como objetivo principal problematizar a prática cultural no tocante a produção da cerâmica, na Comunidade Remanescente de Quilombo Grilo em Riachão do Bacamarte-PB, buscando refletir o sentido de tal prática e sua contribuição para a comunidade enquanto remanescentes de quilombo. Para realizarmos esta reflexão nos apoiamos em autores como Bosi, Geertz, Halbwachs entre outros. Metodologicamente lançamos mão das contribuições da pesquisa apoiada na história oral.

Palavras-chave: prática cultural, cerâmica, história oral.

**HISTÓRIA ORAL NAS PESQUISAS
SOBRE BAIROS E COMUNIDADES DE
NATAL PÓS SEGUNDA GUERRA: O CASO
DO BAIRRO ALECRIM.**

Thaiany Soares Silva
Raimundo Pereira Alencar Arrais.
thaianysoares@gmail.com

O bairro do Alecrim foi criado e oficializado em resolução municipal no dia 23 de Outubro de 1911 e logo recebeu a alcunha de “cais do sertão” por ser via de entrada dos imigrantes que vinham do interior do Rio Grande do Norte e de outros estados, oprimidos pelas secas e atraídos pelas possíveis melhores condições de vida que a cidade poderia oferecer. Ao chegar a Natal, o retirante via no alecrim uma opção de abrigo. O bairro do Alecrim foi marcado por inúmeras transformações físicas e simbólicas no período após a Segunda

Guerra, mudanças que foram bastante expressivas para Bairro. O trabalho utiliza-se da metodologia da história oral ao entrevistar moradores ou ex-moradores do bairro, já idosos, pessoas que viveram no Alecrim nos anos de 1945 e 1960, personagens que observaram e, mais ainda, que acompanharam as mudanças no Bairro. Ao estudar a memória do bairro do Alecrim, buscando repensar uma identidade construída ao longo dos anos pelos grupos e personagens dos "cenários urbanos" do Bairro, a pesquisa observará como era a relação entre os moradores e discutirá sobre o lugar do Alecrim na história da divisão dos bairros de Natal, no intuito de perceber as particularidades em relação ao restante da Cidade. A metodologia da história oral e a pesquisa documental em arquivos públicos e particulares serão cruciais para que haja um cruzamento de fontes da época com a versão narrada da história do Alecrim. A modificação na rede de transportes do bairro, o desaparecimento dos bondes, a intensificação dos transportes por ônibus, as praças de carros de aluguel, quais vias eram utilizadas por esses transportes e a paisagem urbana do Alecrim, bastante modificada nas décadas de 1940, 1950 e 1960 pela abertura de ruas e travessas e pela construção de casas e vilas serão fundamentais para compreender algumas das transformações no espaço urbano do Bairro e também no comportamento dos moradores.

**MEMÓRIAS, IDENTIDADES
BIOGRAFIAS: A PRODUÇÃO DOS
SUJEITOS NAS NARRATIVAS DE SI.**

Silêde Leila Oliveira Cavalcante
sileilaoc@hotmail.com

Nas três últimas décadas vivemos um verdadeiro "frenesi da memória",

irrompendo-se nos campos da historiografia, da antropologia, das ciências sociais como um todo, evidenciando-se uma revalorização das fontes orais como instrumento e caminho eficaz de revisitação, reatualização das lembranças e do passado vivido e meio de produção de saberes históricos. A crença do direito/dever da memória como caminho de reconhecimento social tem sido enfatizada por movimentos sociais e atitudes políticas de determinados grupos sociais marginalizados e silenciados sócio e historicamente em seus valores, demandas e desejos. Assiste-se a um acúmulo de falas e uma operacionalização com grau cada vez mais sofisticado e eficaz, demarcando territórios identitários como culturas afirmativas e inclusivas de grande fôlego, depurando uma questão sensível do reconhecimento social de indivíduos, grupos e tribos marginalizadas. Este trabalho tem como objetivo apresentar e problematizar algumas questões e desafios que envolvem o trabalho de historiadores na pesquisa com fontes orais, buscando problematizar as funções sócio-antropológicas das memórias, instrumentalizadas na investigação das memórias afetivas, das identidades sentimentais e dos códigos culturais de gênero e de geração, desenvolvidas no meu trabalho de doutorado em andamento. O estudo se insere no campo das oralidades e memória de idosos paraibanos que residem em instituições asilares em Campina Grande.

Palavras-chave: Memória, identidades e biografias

**RELATOS ORAIS SOBRE A PRÁTICA DA
UMBANDA NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE SÃO JOSÉ DA SERRA
-RJ.**

Ione Maria do Carmo
Anderson José Machado de Oliveira
ionedocarmo@gmail.com

A presente comunicação tem por objetivo apresentar alguns aspectos da religiosidade da Comunidade Remanescente de Quilombo de São José da Serra, onde a Umbanda se destaca como um dos elementos significativos na construção da identidade deste grupo. Localizada no distrito de Santa Isabel do Rio Preto, no município de Valença, estado do Rio de Janeiro, a comunidade é formada por famílias descendentes de escravos que trabalharam naquelas terras até o final do século XIX. Presente em São José da Serra e no cotidiano das diversas comunidades negras do Sudeste brasileiro na atualidade, o jongo representa um dos elos entre os descendentes de escravos e seus antepassados, sendo um dos referenciais para a reafirmação das identidades destes grupos. Enquanto as lideranças de determinadas comunidades jogueiras afirmam que o jongo é apenas uma diversão, negando a existência de uma ligação com as religiões de matriz africana, outras tendem a assumir essa relação, como é o caso da comunidade remanescente de quilombo de São José da Serra. O Centro de Umbanda São Jorge Guerreiro e Caboclo Rompe Mata, fundado pela matriarca Zeferina Fernandes na década de 1970 em São José da Serra, é um espaço que reúne moradores da comunidade e visitantes de áreas vizinhas até os dias atuais. Além de líder espiritual, atuando como mãe de santo e rezadeira, Dona Zeferina também se destacou como líder jogueira, organizando as rodas de jongo e as festividades da comunidade. Com seu falecimento em 2003, sua filha Terezinha Fernandes assumiu a herança religiosa, dando continuidade às práticas religiosas da Umbanda. Utilizando a

metodologia da História Oral, reunimos e analisamos entrevistas com os moradores da comunidade quilombola, buscamos compreender esse universo religioso, destacando seu diálogo com o catolicismo e com uma das principais manifestações culturais do grupo, o jongo.

DO ORAL AO ESCRITO AS ARTES DO FAZER ETNOGRÁFICO.

Sandreylza Pereira Medeiros
Sandreylza@hotmail.com

Comunidades rurais negras no estado da Paraíba têm passado por um processo de reconhecimento da condição de pertencimento a uma ancestralidade escrava, fato este que lhes viabiliza a revalorização das suas culturas, tal como a reconstrução das suas histórias dessa vez não mais sob a ótica do branco colonizador, mas a partir das suas próprias oralituras. Este acontecimento é um reflexo do que vem ocorrendo com outras comunidades rurais negras no país, tituladas pela Fundação Cultural Palmares como terras remanescentes dos quilombos. Dentro deste contexto e dessa nova realidade em que se apresenta o quilombo é que propomos discutir a partir da História Oral, sobre o fazer etnográfico no âmbito desses territórios, tomando este tipo de História como um método proporcionado pela técnica da entrevista. A comunidade rural selecionada para a pesquisa está situada no município do Ingá, estado da Paraíba. O quilombo Pedra D'água, já foi oficialmente reconhecido enquanto remanescente dos quilombos desde o dia 19 de abril do ano de 2005.

Palavras-chave: História Oral, etnografia, comunidades negras.

**MEMÓRIAS DA DITADURA MILITAR: O
MOVIMENTO ESTUDANTIL EM
CAMPINA GRANDE – PB.**

Erica Lins Ramos
Paulo Giovani Antonio Nunes
lins.eric@yadoo.com.br

Em 1964, o Brasil presenciou a instauração de uma cultura política voltada a padrões ditatoriais, rompendo com os princípios “democráticos”, muito embora, camuflem-se sobre este. Esta política obteve o apoio da maioria da população brasileira, isto porque, alguns brasileiros acreditavam que a intervenção dos militares seria do tipo transitória, ou seja, após solucionar os problemas as Forças Armadas se afastariam do Poder, pensamentos estes que levaram alguns a depositarem nos militares a esperança de solucionar as crises pelas quais o país vivenciava, e a creditarem que os civis logo retornariam a administração do Poder Estatal. Mas, por outro lado, existiam aqueles que não acreditavam nas promessas dos militares iniciando-se uma serie de movimentos em resistência ao modelo político adotado por estes. Assim, dentre as múltiplas contestações ao regime em vigência, destacam os movimentos estudantis. Partindo deste pressuposto, a presente comunicação tem por objetivo pesquisar o movimento estudantil na cidade de Campina Grande – PB, entre os anos de 1964, momento em que os militares assumem o Poder, percorrendo até 1968, ano em que a ditadura militar de fato se edifica com a publicação do Ato Institucional de Número Cinco (AI-5). Portanto, interessados nas representações dos estudantes campinenses, adotamos como aporte teórico a Nova História Cultural, que sobre o olhar de autores como Roger Chartier e Sandra Pesavento nos possibilitam analisar as representações dos estudantes que militaram entre os anos de

1964 a 1968. As fontes para a realização desta pesquisa se lançaram ao teor empírico por intermédio das memórias dos estudantes. Sabemos das subjetividades que permeiam sobre a história oral, todavia, não temos a pretensão de questionar a veracidade das narrativas, mas, discutir e respeitar as singularidades de cada representação dos militantes. Todavia, esta pesquisa se encontra em curso, estando desta forma, aberta a novas contribuições, uma vez que, as questões aqui apresentadas fazem parte de uma discussão que ainda estar sendo desenvolvida na dissertação.

Palavras-chave: Ditadura Militar, Movimento Estudantil, Campina Grande – PB.

**SEDUZIDOS PELAS POSSIBILIDADES: A
MÚSICA E A HISTÓRIA ORAL
INTEGRANDO A ESCRITA DA HISTÓRIA**

Paulo Roberto Souto Maior Júnior
Janaína dos Santos Maia
janainamaiajd@hotmail.com

Há tempos atrás, mais especificamente no início do século XIX, percebemos que a metodologia do estudo histórico desta época tinha como forte característica o grande apego ao documento escrito, que para os historiadores do período se constituía como a fonte principal para qualquer análise histórica que viesse a ser idealizada. Contudo, após a criação da Escola dos Annales, em 1929, notamos que o estudo histórico passou a ganhar novas configurações, não mais sendo arraigado unicamente ao documento escrito, havendo a partir daí a possibilidade de se fazer uma série de questionamentos a respeito de um determinado fato histórico interrogado fontes de outras naturezas numa “revolução documental”. Dessa forma,

passa a ser idéia norteadora deste estudo analisarmos a importância de se interrogar como estas outras fontes, no caso a história oral e a música, nesta última mais precisamente a letra da canção do que seu próprio arranjo, que ultrapassam a barreira do documento factual, podem ser consideradas como uma poderosa ferramenta para o estudo da história. Neste caso, nos deteremos em analisar as contribuições que o discurso oral e a música podem trazer para o historiador que busca selecionar as fontes que poderá auxiliar nos caminhos de sua pesquisa. Para isto, a experiência de apresentar o mini-curso intitulado Escrita da História, organizado pelo grupo PET de história da Universidade Federal de Campina Grande, e as leituras que por nós foram feitas sobre este tema, funcionará como suporte teórico para as reflexões que serão dadas a pensar, isto é, por que um curso de música e história oral nos meandros da escrita da história, como constituiu a experiência da pesquisa, de que forma selecionamos o material, por que pensar novos caminhos no ofício historiográfico, por que a preocupação com as possibilidades de escrita e exercício historiográfico são fundamentais para a realização das atividades desse grupo PET desde a sua fundação há dois anos? Eis alguns questionamentos que pretendemos discutir ao longo deste breve texto que não seria possível sem as colaborações acerca do ensino de história nas discussões de Regina Nascimento, relação história e música com Marcos Napolitano e história oral através de Verena Alberti e José Carlos Bom Meihy.

Palavras-chave: História, Música, História Oral, Extensão.

"MEU PAI BATIA BUMBO": UMA LEITURA DAS PRÁTICAS CULTURAIS

AFRO BRASILEIRA NO ENGENHO BURACO D'ÁGUA (ALAGOA GRANDE-PB)

Maria Regina Alves dos Reis
Josemir Camilo de Melo
reginareishistoriadora@gmail.com

O presente artigo se propõe a analisar as práticas culturais afro brasileiras que se configuravam e se resignificavam no cotidiano do engenho Buraco D'água, a partir das primeiras décadas do pós-abolição, através das memórias de uma descendente de escravos que viveu neste engenho. Nesse sentido as práticas culturais que eram vivenciadas em meio a um trabalho árduo e continuo tornavam-se formas de sobrevivência em uma sociedade que continuava vendo-os como escravos. A espiritualidade e as práticas religiosas consistiram em uma das formas mais significativas de manutenção de uma identidade cultural. Os saberes e produções culturais dos afros descendentes foram constituídos no cotidiano da história, através de valores adquiridos na tradição oral, de modo que, em diferentes temporalidades estes povos desenvolveram conhecimentos que foram perpassados através do tempo a diferentes gerações, e estas foram resignificando suas práticas e produzindo assim, um rico patrimônio histórico cultural material e imaterial que os representa, mostrando a sua diversidade cultural. A partir dos relatos orais de um afro descendente os fios da memória vão sendo tecidos, evidenciando uma relação dicotômica entre as tentativas de estratégias de controle e as táticas de sobrevivências (CERTEAU, 1994). Usaremos da história oral (ALBERTI, 2005), como história de vida, tendo em vista que as narrativas contribuem para uma (re) leitura das práticas e das memórias dos afros descendentes.

Palavras-chave: memória, práticas culturais, afro descendentes.

O NÃO DITO: LEMBRANÇAS DE EX-MILITANTES ENTRE A MEMÓRIA E O RESSENTIMENTO

Lucélia Nárjera de Araújo
Regina Coelli Gomes Nascimento.
lu_narjera@yahoo.com.br

Considerando a história oral enquanto abordagem metodológica que permite o registro de representações da memória e que consiste, conforme nos ensina Verena Alberti (2010), na realização de entrevistas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos do passado, possibilitando o conhecimento dos modos de vida de atores de uma geração, e se constitui como fonte histórica intencionalmente produzida. Desta forma, faremos uso dessa fonte com o objetivo de analisar relatos orais de memórias de determinados sujeitos que compunham uma parcela da juventude teresinense que vivenciou transformações na política e nos costumes nas décadas de sessenta e setenta. Abordaremos a memória na perspectiva de Nora (1981), que a vê carregada por grupos vivos e, em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento. Buscando assim, perceber quais memórias prevaleceram nas narrativas desses atores que em sua juventude vivenciaram seus "anos rebeldes" como militante e ao mesmo tempo sujeitos receptores de uma revolução cultural; se uma "memória saudosista"- permeada por lembranças de um período marcado pela crença juvenil em mudanças e transformações políticas e sociais no mundo, caracterizado por grandes manifestações protagonizadas pelos jovens nas ruas que clamavam por liberdade e democracia, que marcou

significativamente a época e consistiu em alterações de costumes e emergência de novos valores. Ou se estes conservam uma "memória ressentida", causada por suas experiências traumáticas vivenciadas enquanto militantes engajados na luta contra a ditadura e originada pelas perseguições políticas cometidas pelas instituições repressivas impostas pela conjuntura histórica de repressão, instituída a partir de 1964 com os governos militares. Analisando o ressentimento de acordo com a concepção de David Konstan (2004), que o compreende como um sentimento duradouro, persistente, e que na perspectiva de Pierre Ansart (2004) resulta de um sentimento associado à lembrança de uma humilhação, experienciado pelo amor-próprio ferido, que provoca o desejo de vingança e se dissimula atrás do rancor.

Palavras-chave: Memória, Oralidade, Ressentimento.

A HISTÓRIA CONTADA: O CASO DA FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO DISTRITO DE CACHOEIRA DO SAPO, MUNICÍPIO DE RIACHUELO-RN.

Rodrigo Wantuir Alves de Araújo
rodrigowantuir@yahoo.com.br

Este é um trabalho de resgate histórico e de valorização da educação no distrito de Cachoeira do Sapo, município de Riachuelo - RN, a partir da história de duas professoras deste município do interior potiguar. A busca pela formação das origens da educação do distrito possibilitou compreender que a história da educação se entrelaça com a história da Escola Municipal Francisquinho Caetano, atualmente a única instituição do distrito de Cachoeira do Sapo. Isto aconteceu devido à pesquisa da história da escola para comemoração do seu 35º aniversário. Percebendo que não

constava nenhum registro ou fonte documental escrita, mas havia histórias contadas e depoimentos de ex-professoras, ex-diretores, ex-alunos e demais membros da comunidade, contendo informações relevantes para compreensão dessa História. Assim, trabalhou-se com a perspectiva de organizar e construir com as "pioneiras da educação" Alzira Câmara Andrade e Laura Ribeiro Silva a história da educação e da escola com a utilização da História Oral, enquanto metodologia de pesquisa, entrevistando-as, trabalhando com a produção de vídeos, transcrição das entrevistas e análise dos relatos orais para a produção desta história

O CEMITÉRIO, O TÚMULO E A FÉ: MEMÓRIA E ORALIDADE NAS DEVOÇÕES AO CANGACEIRO JARARACA EM MOSSORÓ.

Marcilio Lima Falcão
limafalcao34@gmail.com

Esse artigo tem por finalidade historicizar as memórias em torno das devoções realizadas no túmulo do cangaceiro Jararaca em Mossoró. Para tal, utilizamos o cruzamento das fontes escritas com a oralidade, presentes tanto nos documentos escritos como nos relatos dos devotos de Jararaca. Esses relatos apresentam narrativas que possibilitam tencionar as memórias sobre a trajetória do cangaceiro Jararaca em Mossoró (principalmente sua trágica morte, em 19 de junho de 1927, no cemitério São Sebastião, em Mossoró) e nos levam a pensar na circulação e apropriação dessas narrativas, e sua importância para a fabricação, transformações e ressignificações das memórias sobre Jararaca.

Palavras-chave: Oralidade, Memória, Religiosidade, Narrativa

O ENTRELAÇAMENTO ENTRE MEMÓRIA, ORALIDADE E NARRATIVA: DISCUSSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.

Pollyana Cardoso Dantas
Antonio Clarindo Barbosa de Souza
polydantas@hotmail.com

No presente artigo, abordaremos dentre os vários métodos de pesquisa e abordagens que a história possui a metodologia da História Oral, fazendo as devidas conexões entre memória e oralidade. Aqui, a História Oral será identificada como uma metodologia de trabalho, conforme apresenta Ferreira & Amado (1988) em consonância com outros autores, que se constitui enquanto fonte fecunda para o historiador pelo caráter subjetivo que possui, trazendo consigo informações que outras fontes não lhe trariam com tanta precisão e consistência, porque parte do vivido e é construtora da memória dos depoentes. Deste modo, a história oral possibilita ao historiador aproximar-se da realidade das pessoas, que através da entrevista compartilham suas memórias, atribuindo neste processo de rememoração, sentido e significado a acontecimentos remotos no tempo presente. Tornando viável a reconstituição da história por meio dos relatos individuais ou coletivos, além de apresentar uma valiosa contribuição aos estudos históricos, auxiliando-os no desvendamento de aspectos que outros métodos de investigação não alcançariam. Assim, com o objetivo de tornar essa discussão mais compreensível, buscaremos ainda analisar teoricamente a memória na perspectiva de Maurice Halbwachs (1990), quando este trabalha conceitualmente a "memória coletiva" estabelecendo as devidas distinções e aproximações entre memória individual e memória social; Eclea

Bosi (1999), que trata da pertinente relação entre “passado e presente”, afirmando que o presente interfere de modo significativo na constituição das lembranças, além de Pierre Nora (1981) com seu estudo emblemático sobre “os lugares de memória” e Paul Ricoeur (1994; 2007), que ao pensar sobre a “memória e o esquecimento”, chama nossa atenção para o processo de narrativização das lembranças, aproximando memória, história e narrativa.

Palavras-chave: História Oral, Memória, Narrativa.

A FACULDADE DE MEDICINA DE CAMPINA GRANDE REPRESENTADA NOS RELATOS ORAIS DE MEMÓRIA.

Romerino de Souza Andrade
Keila Queiroz e Silva
romerinoandrade@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar a Faculdade de Medicina enquanto um espaço produtor de um novo saber e práticas médicas na cidade de Campina Grande nas décadas de 60 e 70 do século XX. Para isso, além dos discursos dos jornais, recorreremos à história oral como fonte de pesquisa, uma vez que nem sempre os documentos escritos conseguem responder determinadas questões e, com isso, buscamos na história oral respostas para o nosso objeto de estudo. Dessa forma, os relatos orais de memória foram de extrema importância para conhecermos a história da Faculdade de Medicina de Campina Grande e como a instalação desta instituição repercutiu na “Rainha da Borborema” em uma época em que a educação e a tecnologia eram elementos necessários para o progresso das cidades. Neste sentido, nos apropriamos dos relatos orais de memória de alguns sujeitos que

vivenciaram a época estudada, como os funcionários da instituição em análise e os médicos que foram professores e alunos da Faculdade de Medicina durante as décadas de 60 e 70.

Palavras-chave: Faculdade de Medicina, Campina Grande, História Oral.

HISTÓRIA ORAL E CULTURA POLÍTICA PIEMONTESE DURANTE A II GUERRA MUNDIAL

Francisco Fagundes de Paiva Neto
Marilda Aparecida Menezes
chicofagundes@gmail.com

Através de narrativas, procuramos responder a questão de como o catolicismo relacionou-se com a cultura política dos trabalhadores da cidade de Canale D’Alba (Cuneo-Piemonte) durante o período da IIGM. A área do Piemonte foi um dos principais espaços de resistência ao fascismo, contando com diversos grupos em arma, inclusive com associações com religiosos católicos, que sofreram repressões violentas, a exemplo dos fuzilamentos sumários ou das mortes em campo de concentração. O nosso objetivo tem enleios com a percepção dos níveis de interação entre duas perspectivas aparentemente antagônicas: o catolicismo e o socialismo, que em termos práticos se associaram em virtude das condições específicas do espaço social em análise. No caso da Diocese de Alba, D. Grassi tornou-se um importante mediador entre os fascistas e os grupos partigiani (os militantes contrários a Mussolini, cuja atuação se deu através de grupos civis com formações guerrilheiras com uma diversidade de influências políticas, que passavam por grupos vinculados a Pietro Badoglio até os comunistas e os diretamente apoiados pelos Aliados).

Embora fosse visto com reservas pela sua aproximação com os guerrilheiros, D. Grassi (politicamente monarquista) conseguiu estabelecer relações diplomáticas junto aos fascistas na Província de Cuneo. Procuramos visualizar a noção de cultura política por meio da sua relação com as contribuições de Pierre Bourdieu, tendo em conta a dinâmica do campo político, as disputas simbólicas, os conflitos entre classes e de representações, que demonstram diversos níveis de conflitividade no campo de força societal. Ademais, a contribuição micro histórica, quanto ao uso das escalas, nos permitiu perscrutar as fontes disponíveis. Utilizamos fontes orais e bibliográficas nessa pesquisa, dentre elas o Diário do Bispo da Diocese de Alba (Cuneo-Itália).

Palavras-chave: Política, Memória, Oralidade.

HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: REGISTRO DA SEGUNDA TURMA DE HISTÓRIA UFPB/PEC-MSC

Carla Maria de Almeida
Henny Nayane Tavares de Araújo
henny_tavares@hotmail.com

O presente trabalho visa apresentar resultados parciais do projeto "História, Memória e Documentação Visual: Programa de Educação Continuada - Movimentos Sociais do Campo (PEC-MSC)", financiado pelo CNPq, cujo objetivo é acompanhar e produzir registros históricos acerca da segunda turma do curso de Licenciatura Plena em História para Movimentos Sociais do Campo, criado na Universidade Federal da Paraíba por meio da Resolução 16/2004, de 27 de maio de 2004, dentro do Programa Estudante Convênio, por meio de uma parceria entre o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma

Agrária), o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), a Fundação José Américo e a UFPB. A História Oral tornou-se, com a modernidade, um recurso paralelo à documentação escrita. Apresentando a forma de captação através do áudio, é utilizada, principalmente, para o registro da vivência de grupos. A escolha dessa metodologia para o projeto foi feita por seu caráter mais democrático, estando relacionada ao movimento conhecido como "história vista de baixo" ("O Manual de História Oral", de José Carlos S. Bom Meihy) a história oral e sua metodologia permite que aqueles que participaram da vivência histórica considerada expressem seus pontos de vista, permite que suas palavras, memórias e interpretações sejam incluídas nos registros históricos e nas produções historiográficas. Adotando os métodos da história oral, através de entrevistas e registros audiovisuais, de um acompanhamento da turma de monitores bolsistas com a turma, nos mais diversos momentos, sejam eles em sala de aula ou em reuniões dos núcleos de base, acumulamos um acervo audiovisual da experiência cotidiana dos alunos desta turma, nos quatro anos de duração da licenciatura. O material registrado, além de constituir este acervo, também será utilizado para a produção de um curta-metragem que terá como tema principal a vivência da turma. O intuito do projeto foi contribuir na construção da Memória do curso e da Universidade e também dar historicidade ao processo de luta dos movimentos sociais do campo no âmbito da educação.

A HISTÓRIA ORAL E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POSSIBILITADORAS DA COMPREENSÃO DE UMA HISTÓRIA DA VELHICE EM CAMPINA GRANDE- PB

Fernanda Pinto
Maria Freitas Lima Santiago
donnafernanda@hotmail.com

Este artigo objetiva analisar a influência da Extensão Universitária em Campina Grande-PB como possibilitadora do conhecimento sobre uma História da Velhice em Campina Grande, considerando o caso do Programa Interdisciplinar de Apoio a Terceira Idade - PIATI, coordenado pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Analisaremos os anos de 2007 e 2008, para isso, utilizaremos entrevistas realizadas com pessoas ligadas de algum modo a esse programa - seja idosos que participaram dos projetos, coordenadoras, bolsistas e voluntários - tendo assim a História Oral como fonte instrumentalizadora do conhecimento sobre uma história da velhice entendida a partir da experiência da extensão universitária, analisada a partir do funcionamento desse programa na instituição citada.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Velhice. História Oral.

EXPERIÊNCIAS MODERNAS EM SOUSA: O TREM DE FERRO E A CIDADE NA MEMÓRIA DE VELHOS

Rivaldo Amador de Sousa
riamaso@yahoo.com.br

Este trabalho discute como a presença do trem de ferro na cidade de Sousa, no oeste paraibano, durante as décadas de 1940, 1950 e 1960, alterou significativamente o cotidiano local, inferindo novo conceito de espaço-tempo. As experiências com esse moderno meio de transporte vivenciadas pelos habitantes da urbe sousense nos revelam a constituição de um espaço urbano que vivia em função das viagens cotidianas do trem de ferro. Para pensar as

representações das novas sensibilidades e sociabilidades constituídas a partir desse denominado signo do moderno utilizamos basicamente a fonte oral, além de outros documentos como a memória escrita.

Palavras-chave: trem de ferro, memória, cotidiano, cidade.

HISTÓRIA,TEMPO,ORALIDADE:MIGRAÇ ÕES DE RETORNO NA COMUNIDADE NEGRA RURAL DE TAPUIO E A REPRESENTAÇÃO DE TEMPORALIDADE.

Claudio Rodrigues de Melo
Isabel Ibarra Cabrera
Eclaudiomelo02@gmail.com

A proposta deste estudo é analisar a migração de retorno de moradores migrantes da comunidade negra rural de Tapuio em Queimada Nova - PI, enfatizando especialmente a representação de tempo que estes moradores constroem. Ao nos reportarmos sobre o tempo, definimos um tempo de partida e um tempo de retorno. Situamos nossa pesquisa na década de 70 e 80, momento de intensa migração, especialmente da região nordeste em direção a região do sudeste do Brasil. Tal fenômeno não foi exclusivo do meio urbano, atingindo também o meio rural, no caso, a comunidade negra rural de Tapuio. Como os moradores que migraram e retornaram entendem as relações entre o meio rural e o meio urbano? Como pensam sua condição social ao partir e ao retornar a comunidade? Que avaliação fazem de possíveis mudanças ocorridas no tempo passado fora da comunidade? Estas são algumas questões motivadoras desta pesquisa. Para isso a história oral de vida de cada um dos migrantes o meio pelo qual acredito ser possível atingir estes objetivos.

Palavras-chave: memória, tempo, comunidade negra .

**"ARROCHA O BUMBA NEGADA":
COTIDIANO E MEMÓRIAS DAS
CIRANDEIRAS DE CAIANA DOS
CRIoulos**

Janailson Macêdo Luiz
Maria Lindaci Gomes de Souza
janailsonmacedo@gmail.com

Caiana dos Crioulos é uma comunidade remanescente de quilombos localizada na zona rural do município de Alagoa Grande - PB. Nos últimos anos, surgiu no local um grupo de ciranda e coco de roda, formado principalmente por mulheres, que vêm se destacando no cenário cultural paraibano. O presente estudo objetivou compreender, através de relatos orais das "cirandeiras de Caiana dos Crioulos", relativos à prática de "brincar" ciranda e coco de roda, a importância dessas manifestações nos seus cotidianos e histórias de vida; bem como perceber suas representações com relação às mudanças e continuidades entre a ciranda e o "coco" do presente e as cirandas e os "cocos" do passado da comunidade. Do ponto de vista metodológico, o estudo esteve alicerçado, principalmente, nas técnicas da "História Oral". A pesquisa constatou que as brincadeiras da ciranda e do coco de roda é tão intrinsecamente relacionadas às histórias de vida e à formação identitária dos moradores em geral de Caiana dos Crioulos. Todavia, observou-se que essas práticas recebem uma significação ainda maior por parte das integrantes do grupo de cirandeiras, visto que essas mulheres vêm a manutenção da ciranda e coco de roda, através de suas participações no grupo, como – entre outros fatores – um espaço de reconhecimento e valorização das suas identidades culturais e modo de se

religarem a um passado que é representado como "mais valoroso", através da manutenção e (re)invenção de certas práticas culturais. Desse modo, as cirandeiras de Caiana dos Crioulos reinventam o seu cotidiano e fortalecem suas identidades étnico-raciais, religiosas, de gênero, espaciais, entre outras, por meio de suas participações no grupo. Além disso, ao viajar para se apresentar ou ao "brincar" ciranda e "coco" dentro da própria comunidade, essas mulheres evadem por algum tempo das situações de dificuldade e se religam a um passado que no dia-a-dia não pode mais ser sentido, mas que é revivificado em suas práticas e lembranças.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Comunidades Remanescentes de Quilombos.

**GT 03:
ANTIGUIDADE,
MEDIEVALIDADE,
RECEPÇÕES: FONTES
E METODOLOGIAS**

**A PRESENÇA DE UMA CONCEPÇÃO
MODERNA DE HISTÓRIA NOS
"COMENTÁRIOS" DE MAQUIAVEL
SOBRE A I DÉCADA DE TITO LÍVIO.**

Michelly Pereira de Sousa Cordão
Marinalva Vilar de Lima
michellycordao@gmail.com

Para R. Koselleck, a concepção moderna de história pode ser encontrada apenas no séc. XVIII quando surge a noção de filosofia da

história cuja marca central era a ideia de progresso. Conceito que, para ele, fundou um novo “regime de historicidade” caracterizado por uma perspectiva temporal voltada para o futuro e, desse modo, inaugurou-se uma forma moderna de compreender a história. Ocorre aí, segundo F. Hartog, uma separação entre o conceito antigo e o conceito moderno de história. De tal forma, que o traço principal da historiografia passou a ser o eixo do progresso e não mais a noção de exemplum que teria marcado a história por mais de dois mil anos e que estava presente em Maquiavel que se apropriou da noção antiga da história como “mestra da vida” e articulou a um pensamento empírico. De acordo com essa visão, o séc. XVIII foi o ponto de viragem de uma concepção antiga para uma concepção moderna de história, especialmente pelo uso da noção de “filosofia da história” que teria aparecido pela primeira vez em obra de Voltaire que, aliás, comentava sobre a “literatura histórica francesa pré-iluminista” como sendo marcada pela superstição e pelo obscurantismo. Podemos falar na presença de uma concepção moderna de história no séc. XVI ou esta se constituiu apenas a partir do séc. XVIII quando houve, como nos diz Koselleck, a passagem da *historie* (narrativa dos acontecimentos) para a *geschichte* (“história em si”) e, por extensão, para a filosofia da história com seu valor ao progresso? Como conceituar, pois, a produção maquiaveliana, considerando que, por um lado, apresenta uma série de noções que marcaram a historiografia antiga/latina, tais como, *exemplum*, *historia magistra vitae*, imitação, conhecimento verdadeiro e, ao mesmo tempo, sinaliza traços que nos permite introduzi-la no âmbito da concepção moderna de história: crítica às fontes antigas que utilizou, especialmente a obra de Tito Lívio; esquecimento

interessado de lendas e fábulas, narradas por Tito Lívio; análise secularizada da religião, pensada enquanto um instrumento político? São argumentos e conjecturas que nos parecem relevantes para uma reflexão sobre a constituição da moderna concepção de história no contexto “renascentista”, particularmente, na obra de um escritor mais reconhecido por ter construído uma noção moderna de política.

“JUS COMMUNE EUROPAEUM”: AS RAÍZES MEDIEVAIS DO DIREITO DA INTEGRAÇÃO.

Henrique Lenon Farias Guedes
Marciolio Toscano Franca Filho
hlfguedes@gmail.com

Com o advento de blocos regionais, como a União Européia, a produção do direito hoje deixa de ser exclusivamente nacional, para se tornar uma experiência, cada vez mais, internacional, permitindo a aplicação de diferentes ordenamentos em um mesmo território. Esse fenômeno, no entanto, não é inédito, pois, na Idade Média, o direito europeu era uma experiência continental e unificada, e os direitos locais aceitavam, por exemplo, influências do direito romano e do direito canônico, formando-se, a partir de uma comunidade de juristas e de formas jurídicas, o “*ius commune*”. Nesse contexto, o presente trabalho, em uma comparação entre o direito europeu medieval e o atual, busca demonstrar que a unificação das culturas jurídicas, bastante característica do direito da integração contemporâneo, tem raízes históricas no Medievo ocidental.

Palavras-chave: “*ius commune*”; história do direito; história medieval.

SÊNeca E O TRATAMENTO DOS ESCRAVOS

France Yvonne Murachco fymurach@usp.br

Sêneca, filósofo estóico do primeiro século de nossa era, viveu sob o reinado de Nero. Nas Epístolas Morais endereçadas a seu amigo Lucílio, alude a toda classe de situações na vida em Roma afim de sublinhar a atitude correta que se deve assumir quando se ambiciona viver de modo moralmente conveniente. Na epístola 47, elogia seu amigo por sua humanidade em relação a seus escravos, opondo essa benevolência aos abusos cometidos pelos seus ricos contemporâneos. A situação de escravo é um acidente que pode sobrevir a qualquer um: depende do acaso do nascimento ou da guerra e não atinge o verdadeiro valor moral de uma pessoa. Esse texto é um precioso documento da vida em Roma no 1º século depois de Cristo assim como da evolução do pensamento depois do desenvolvimento da filosofia estóica que seduziu muitos romanos.

Palavras-chave: escravidão, Sêneca, estoicismo.

REFLETINDO SOBRE PERMANÊNCIAS E RUPTURAS MEDIEVAIS: ARTES DE SABERES E FAZERES NORDESTINOS NUM "MUSEU VIVO DO NORDESTE"

Francinilda Rufino de Souza
Co-autoria: Robson de Oliveira Silva
francinildarufinouepb@hotmail.com

Este trabalho é fruto de estudos realizados no projeto de extensão "Museu Vivo do Nordeste", da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, que se encontra em fase de andamento sob a coordenação do professor Esp. Adonhiran Ribeiro dos Santos. Deste modo, partindo da proposta desenvolvida neste projeto que é de conhecer e valorizar as culturas nordestinas, nossa proposta visa com a elaboração deste texto ressaltar

como as realidades nordestinas, em especial, as do homem do campo estão cheias de rupturas, mas principalmente de permanências medievais em suas artes de saber e fazer cotidianos, pois, faz parte do seu modo de viver, seja pela forma como cultiva a terra para plantar, seja pela apropriação da terra onde se vai plantar. Assim, a partir da visualização das peças de "ofícios" da realidade estudada, mediante um vasto acervo disponibilizado no projeto, bem como mediante confronto com textos teóricos lidos é possível estabelecer alguns pontos entre nosso campo de reflexão que abrange o nordestino e o nordeste, e o período medieval. Todavia, vale destacar que apesar deste estudo frisar as rupturas e permanências, nosso principal intuito através deste é versar sobre as continuidades que muitas vezes passam despercebidas em meio ao mundo regido por novidades, rapidez e aceleração, de forma que sejam visualizados os aspectos herdados do período medieval que por sua vez continua a garantir a sobrevivência, em especial, do homem do campo e que no entanto, não são valorizadas, pelo contrário, são alvos constantes de ataques para se modernizarem, ou como falam atualmente, se atualizarem. Enfim, o que objetivamos com estas reflexões não é estabelecer o que é certo ou errado, apenas demonstrar que cada prática tem seu valor e merecimento e, portanto merece ser respeitada, e para, além disso, demonstrar que por trás de certos saberes poucos valorizados existe uma riqueza de detalhes e especificidade inimagináveis que precisam ser divulgados.

Palavras-chave: "Museu Vivo do Nordeste", Artes de saber e fazer, Homem do campo.

MITOLOGIA E LITERATURA MEDIEVAL: TRISTÃO E ISOLDA E A SUBVERSÃO DO AMOR-CRISTÃO NO OCIDENTE MEDIEVAL

Everton Demetrio

Co-autoria: Marinalva Vilar de Lima
evertondemetriopb@yahoo.com.br

A história de Tristão e Isolda é originária de uma tradição oral popular. Esse romance entra na história da literatura no século XII, quando esta deixava de ser exclusivamente em latim, que poucos compreendiam, e começava a ser escrita nas línguas ditas "vulgares". Nesse período tivemos um tipo de narração intitulada literatura cortês, caracterizada, entre outros, pelo "amor cortês" que, apesar da oposição, não deixava de possuir alguns traços do "amor dionisíaco". Amor cortês foi um conceito europeu medieval de atitudes, mitos e etiqueta para enaltecer o amor, e que gerou vários gêneros de literatura medieval, incluindo o romance. Ele surgiu nas cortes ducais e principescas das regiões onde hoje se situa a França meridional, em fins do século XI. Em sua essência, o amor cortês era uma experiência contraditória entre o desejo erótico e a realização espiritual, "um amor ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passional e auto-disciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente" (pt.wikipedia.org). A princípio, este texto tem como meta reconhecer a trajetória de transformação daquele cavaleiro, Tristão, leal às regras do jogo, hábil guerreiro e fiel a seu senhor, em um herói mitológico verdadeiro, que rompe com os costumes e valores estabelecidos pela sociedade, rompe com as barreiras ideológicas vigorantes e decide partir em busca da sua bem-aventurança, daquilo que dará sentido a sua experiência de vida, ou seja, seu amor-paixão por Isolda. Percebendo a especificidade do relato mítico de amor de

Tristão e Isolda como fuga à regra social vigente em contraposição ao que estabelecia o amor cortês e a cultura oficial da igreja, caracterizando-se de tal forma, como momento de ruptura como estes dois tipos de sistemas, entendemos que a figura do herói Tristão representa, dentro do universo mitológico medieval, o reflexo arrebatador daquele mito público, mas não revelado – mantido fora do alcance dos poderes eclesiásticos – do amor-paixão, da interação completa entre um homem e uma mulher. A sociedade recebe e vive esse mito, interage com ele e o mantém presente em seu imaginário; permanece para alimentar os sonhos daqueles que se colocavam a favor de um movimento anticlerical mais amplo, a chamada reação folclórica.

Palavras-chave: Mito; Tristão e Isolda; Ocidente medieval

TRÊS CONCEITOS PARA O ESTUDO DOS RITUAIS DO DEUS ASCLÉPIO EM EPIDAURO.

João Vinícius Gondim Feitosa
Marcia Severina Vasques:
vinicius_gondim@hotmail.com

O artigo se propõe a delinear uma possibilidade de interpretação dos rituais de cura presentes no culto do deus Asclépio no final do Período Clássico na Grécia Antiga, mais especificamente na região de Epidauro. Graças ao caráter votivo da antiga religião grega, temos uma gama de inscrições, relevos e estátuas que, de alguma maneira, narram as histórias milagrosas ocorridas nos Santuários do citado deus. Antes de nos debruçarmos sobre estas fontes, porém, faz-se necessário compreender e conceituar idéias básicas como as de imaginário, de rito e de catarse, por exemplo, para que os milagres

descritos não sejam subjugados, já que de algum modo eles revelam uma importante faceta da vida grega, mas relativamente pouco explorado e estudado, as estratégias de sobrevivência diante das doenças.

Palavras-chave: Asclépio, rito, imaginário.

O ENSINO DE HISTORIA MEDIEVAL: CIVILIZAÇÃO E HISTÓRIA DO PRESENTE

David Glasiel Azevedo Marinho
José Ernesto Pimentel Filho

A presente comunicação visa expor uma proposta pedagógica executada a partir do estabelecimento de uma linha de pesquisa sobre a Europa Medieval (século III - XVI). A atual proposta foi desenvolvida por David Glasiel Azevedo Marinho, monitor da Disciplina História Medieval I, semestre letivo de 2011.1, e pelo professor da referida disciplina, José Ernesto Pimentel Filho. Do ponto de vista da construção do conhecimento e desenvolvimento da pesquisa, foi preciso passar por um processo de aprendizagem, sobretudo, metodológico, teórico e prático, para poder estabelecer de maneira mais adequada um diálogo com as fontes, os conhecimentos específicos da área e a execução da presente proposta. No intuito de estruturar a um processo contínuo de aprendizagem semestral, foram selecionados os textos adequados à execução do plano de curso de História Medieval 1 (Anexo I). Os textos objetivam contribuir na formação analítica do discente, proporcionando sua utilização com sensibilidade e cuidado adequados. A capacidade de levantar debates, estabelecer diálogos, estimulando o discente da disciplina, tanto quanto o discente-monitor, a buscar, construir e desenvolver o conhecimento foram

aspectos essenciais, tanto para a linha de pesquisa do grupo Direito e Justiça na Europa Medieval (UFPB/CNPq), quanto para a própria formação crítica, individual e coletiva, dos futuros pesquisadores e/ou docentes. No entanto, rigorosamente, não significa que apenas a presença física do professor bastou para suscitar a vontade de participar efetivamente deste processo. Foi importante também, o devir da sala de aula, a busca frequente dos alunos, do monitor e do professor, para estabelecermos leituras não só complementares, no limiar do direcionamento, mas leituras introspectivas escolhidas pela própria necessidade intelectual do aluno. Todo esse processo tornou ainda mais rico e eficiente à investigação, não obstante, a internalização desse conhecimento, que nos permitiu desenvolver as potencialidades, contudo, evidentemente, cada um com sua especificidade. Por isso, ao longo do desenvolvimento do projeto pedagógico, foi possível mostrar que se pode estabelecer um diálogo entre o passado e o presente sem que isso seja prejudicial, do ponto de vista do conteúdo do ponto de vista cronológico e analítico. A partir dessa abordagem não apenas compreender a história, mas interagir com ela de forma satisfatória. "A ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação" (BLOCH, 2001). E que passado seria esse? Para circunscrever o espaço e o tempo, utilizamos como referência a Europa medieval e como ponto de projeção a sociedade contemporânea. É imprescindível que na relação de aprendizagem se tenha a consciência de que deve estimular que o trabalho em sala de aula não se limite na tentativa de decifrar o passado histórico em função do estabelecimento de uma relação crítica com o presente. Na tentativa de proporcionar

uma experiência mais próxima da prática docente, monitor e professor da disciplina debateram os aspectos mais importantes que conferem legitimidade as argumentações postuladas. No entanto, antecipadamente, foi preciso esclarecer que todas essas categorias estão interligadas: analisar os textos trabalhados e interpretá-los, estabelecer um diálogo entre o passado e o presente, ser atento quanto a orientação do professor e, sobretudo, exercitar a prática (projeção material) do conhecimento adquirido, para que não fiquemos confinados numa verdadeira prisão teórica. A proposta apresentou várias atividades práticas, além das aulas expositivas com o contínuo acompanhamento do professor e do monitor em todo esse processo. Trata-se de pensar a Europa medieval não enquanto uma coisa morta, mas uma cultura viva e enfrentar diálogos pertinentes entre passado e presente. O acompanhamento do discente em seu desenvolvimento intelectual na disciplina fez por meio de: um relatório, seminário em grupo, oficinas, prova, atendimentos durante a semana, com utilização dos recursos online (blog criado pelo monitor David Glasiel) para acompanhar mais de perto o desenvolvimento das temáticas.

Palavras-chaves: Europa medieval; Ensino de História; História do presente

GT 04: HISTÓRIA, MEIO AMBIENTE E QUESTÕES ÉTNICAS.

"PHELIPE GUERRA CONTRA AS SECAS": AÇUDAGEM, INSTRUÇÃO SERTANEJA E AS SECAS NAS CRÔNICAS DE UM POTIGUAR

Francisco Ramon de Matos Maciel
ymt_bbr@hotmail.com

As narrativas das secas no Nordeste são amplas. Suas imagens percorrem toda uma memória de um espaço social, reinventando – o, a cada nova aparição. Assim, essas figurações das secas, criadas pelos homens, vão construindo um corpo social complexo que representam a relação direta entre meio ambiente e sociedade. Esse artigo traz mais uma dessas narrativas históricas sobre as secas, que emergem elementos do convívio entre homens e o seu meio natural. Debruçar-nos-emos a um livro de 1909, "Secas contra as Secas", escrito pelo político e intelectual do Rio Grande do Norte, Phelipe Guerra. Nessa obra encontraremos características e aspectos importantes apontados pelo autor sobre a vida do homem sertanejo e seus costumes, a história das secas no Norte, as idéias sobre açudagem e irrigação na região, entre outros assuntos, dos quais, iremos abordar nesse artigo. Portanto, temos um livro e documento histórico, que tece em sua trama a construção de um objeto (seca), através de uma série de discursos políticos recheados de crônicas do próprio autor e de sua família sobre as secas, e ao mesmo tempo, representa a preocupação

do desenvolvimento cultural - material dos sertanejos e de sua Região, por meio da apologia dos projetos de "açudagem e instrução". Desse modo, aspectos raciais sobre a "cultura de vida" do sertanejo e o rigor do pensamento técnico - científico do período (naturalismo, evolucionismo darwinista...), estarão intrínseca na relação sociedade norte rio grandense com o fenômeno das secas. Nossa metodologia, além de analisarmos aspectos do livro de Phelipe Guerra, também utilizará como outras fontes históricas, crônicas (próprias do autor), matérias de jornais, e uma bibliografia referente à temática das secas e história ambiental. Pretendemos com esse artigo, trazer Phelipe Guerra e seu livro "Secas contra a s Secas", como um autor e documento importante sobre a temática das secas no início do século XX, especificamente no Estado do RN, como ainda, explorar as possibilidades de diálogos conceituais e metodológicos da História Ambiental com esse tipo de material.

Palavras-Chave: Secas, Phelipe Guerra, Instrução e açudagem.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE AFRICANA, E AS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA SOCIEDADE E CULTURA BRASILEIRA, ATRAVÉS DO TRÁFICO DE ESCRAVOS PARA A AMÉRICA.

Marciane Silva Ambrosio Benicio
Dr^a. Maria Lindaci de Souza
marcianeambrosio@hotmail.com

O presente artigo se constitui em apresentar uma releitura sobre a construção da identidade africana e as transformações ocorridas na sociedade e cultura brasileira através do tráfico de escravos para a América. Esta pesquisa

visa esclarecer de que forma a África é construída pelos os europeus e que consequências resultou dentro da sociedade e cultura brasileira, em uma época de hábitos e modos tradicionais e principalmente com uma forte influência religiosa. Minha proposta tem como objetivo trabalhar de que maneira o povo e o continente africano era visto pela a sociedade europeia, e como se constituiu esse olhar eurocêntrico em relação aquele continente considerado por muitos, um continente pobre, de pessoas incapazes de se desenvolverem, estereotipados como "primitivos", "bárbaros" e sem cultura, onde os negros representavam de certa forma a anti-humanidade , a barbárie diante de uma civilização que se justificava detentora do conhecimento e poderio. Não levando em conta grande diversidade, religiosa, cultural e étnica existente naquele continente, onde tudo o que possuía era menosprezado pelo homem "branco" considerado civilizado, desenvolvido e industrializado. O embasamento teórico deste trabalho pode ser classificado como exploratório, pois busca o esclarecimento e ideias e discursos que mostram uma visão deturpada sobre o continente africano. Quanto aos procedimentos de coleta tem um caráter bibliográfico, constituído a partir de análises contextuais, enfatizando a forma de alteridade, ou seja, um olhar sobre o outro e seu constante movimento de se reconstruir de fazer e de (re) (des) fazer sua própria identidade.

Palavras-chave: África, Escravidão, Brasil.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DO MOVIMENTO AMBIENTALISTA DA PARAÍBA: O LUGAR DA APAN NA LUTA PELO FIM DA ATIVIDADE BALEEIRA (1978-1987)

Francisco Henrique Duarte Filho
José Otávio Aguiar
henrique.bj@ibest.com.br

Até meados da década de 1970, a caça à baleia, atividade de extrativismo animal, permaneceu como parte constituinte da economia, da cultura e da paisagem de Lucena, litoral norte da Paraíba. O esquiteamento e o corte das baleias capturadas chegaram a ser explorados como uma espécie de turismo, atraindo anualmente centenas de pessoas para a região. Mais tarde, a partir do início dos anos de 1980 com o fortalecimento de entidades que lutavam em defesa do meio ambiente, a continuação da exploração desse recurso natural no litoral paraibano foi objeto de denúncias e questionamentos em matérias jornalísticas, artigos acadêmicos e reportagens de revistas. Entidades ligadas às questões ambientais deflagraram uma intensa campanha contra a atividade baleeira na Paraíba. Entre as várias entidades que participaram desse movimento, estava a recém-criada Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (APAN). Fundada em 1978, a entidade tinha como uma de suas metas sensibilizar a população paraibana e as autoridades à causa preservacionista e assim pressionar o governo brasileiro para aprovar uma legislação federal que proibisse imediatamente a caça à baleia nos mares do Brasil. O trabalho proposto discorre sobre a trajetória dos principais membros da APAN, na luta pela instituição da Lei Federal 7.643/87 que proibiu definitivamente a atividade baleeira no Brasil.

**PRÁTICAS EDUCATIVAS
INTERCULTURAIS COMO INOVAÇÃO
PEDAGÓGICA NA ESCOLA INDÍGENA
KAMBIWÁ PEDRO FERREIRA DE**

QUEIROZ – IBIMIRIM/PERNAMBUCO-BRASIL

Maria de Fátima Souza de França Cabral
mfranca5ster@gmail.com

Esta comunicação constitui um recorte de uma pesquisa de doutoramento que está sendo realizada na Universidade da Madeira-Portugal. A questão que rege este estudo se instaura no contexto da institucionalização de uma educação intercultural como inovação pedagógica na comunidade indígena KAMBIWÁ. Assim sendo, esta investigação tem por objetivo precípuo, analisar a efetivação e o caráter de práticas educativas interculturais como inovação pedagógica em contextos de aprendizagens específicos como o das escolas indígenas, nomeadamente da Comunidade KAMBIWÁ, em Pernambuco/Brasil. Trata-se, pois, de uma pesquisa etnográfica que se instaura no âmbito da institucionalização da Educação Escolar Indígena, diferenciada, num mundo globalizado, em que os saberes constituídos na escola têm sido vistos, pelos povos indígenas, como componentes de valorização da cultura local, sendo que esses saberes têm sido colocados como referência para a educação intercultural indígena e como um invariante cultural no que se refere à inovação pedagógica das práticas educativas na comunidade atrás referida. Até o presente momento pode-se constatar que a discussão sobre o consenso quase unânime de que a escola indígena deve ser intercultural, está na pauta das lutas sociais contemporâneas pela valorização da diversidade, na qual se inclui o movimento indígena e sua respectiva demanda educacional. Com base nessa constatação a pesquisa aponta como resultados parciais que, no aspecto administrativo, as normas e os regulamentos da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco e que regem o

sistema educativo na Rede Pública, estão sendo revistos, considerando as especificidades das escolas indígenas, que, apesar de estarem nesse sistema, não poderão ser regidas pelas normas gerais do mesmo. Contudo, apresentam-se, ainda, inúmeros desafios, como por exemplo, quanto à adoção de metodologias e processos de avaliação que apoiem e reforce práticas educativas interculturais como inovação pedagógica nas escolas indígenas regidas pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco.

Palavras-chave: Práticas educativas interculturais. Educação escolar indígena.

**CONFINAMENTO AMBIENTAL,
DEMOGRÁFICO E ÉTNICO: A QUESTÃO
INDÍGENA NA BAHIA DO SÉCULO XIX –
REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA E O
TRABALHO COM FONTES**

André de Almeida Rego
Maria Hilda Baqueiro Paraíso
almeida_rego@yahoo.com.br

O presente trabalho busca apresentar as possibilidades de pesquisa com fontes da Bahia do século XIX, com vistas a desenvolver estudos no campo da história indígena, sob o viés da história étnica e ambiental. A dinâmica das questões referentes ao trato com o índio na província baiana do século XIX gerou o que se pode denominar de política de confinamento, marcada pela usurpação de terras e pela extinção de muitos aldeamentos, bem como a compulsão da mão-de-obra indígena e a tentativa de imposição cultural por parte dos colonos. Para os grupo não-contatados, a política de confinamento significou um processo de invasão do seu ambiente social e cultural. Fontes e massas documentais como as correspondências da Diretoria Geral dos Índios, da Conservatoria das

Matas, das Câmaras Municipais – todas elas remetidas à presidência da província e encontradas no Arquivo Público do Estado da Bahia (APEBA) -, além de documentos existentes no Arquivo Nacional, na Fundação Biblioteca Nacional (ambos no Rio de Janeiro) e no Arquivo Histórico de Nossa Senhora da Piedade (arquivo da congregação da ordem capuchinha, em Salvador), mediante um tratamento crítico e qualificado, podem revelar um universo rico e complexo envolvendo processos e fenômenos vinculados a reconstruções étnicas e alterações ambientais ocorridos em diversas sociedades indígenas naquele período.

**HISTÓRIA, ETNOECOLOGIA E
EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA BARRINHA DA
CONCEIÇÃO, JUAZEIRO/BA**

Carlos Alberto Batista dos Santos
Roberto de Oliveira
cacobatista@yahoo.com.br

O presente estudo trata dos impactos ambientais causados pelo 'lixão' da cidade de Juazeiro-Bahia, no riacho Maria Preta, que tem sua foz na Comunidade Quilombola Barrinha da Conceição, o riacho Maria Preta está impregnado de saberes e lembranças que escorrem por suas águas. Estudar a relação do riacho com as questões históricas, sociais, econômicas e culturais da comunidade é primordial para a valorização indenitária deste grupo, utilizando-se da Educação Ambiental como instrumento fundamental na construção da cidadania. Outros aspectos importantes para a comunidade também serão focados, como o levantamento da formação do povoado e sua história, sua identidade étnica e cultural, visando a sua resignificação. O projeto pensa a educação como instrumento que irá propiciar aos

membros da comunidade embasamento para as discussões sobre a formação de sujeitos históricos, dentro de um contexto histórico real, ciente da história de seu povo e de suas possibilidades de construir a realidade, da transformação social e da luta permanente por dignidade e justiça. O estudo possibilita a pesquisa interdisciplinar com "povos tradicionais", no sentido utilizado de saber local (Geertz, 1996), numa construção de interfaces entre a história e as etnociências. Destaca-se o papel da história na relação entre os homens e a natureza, e as etnociências como campo propiciador aos estudos das comunidades quilombolas. Nesse sentido a inter-relação entre sociedade e natureza está na percepção da importância do espaço e dos aspectos ambientais para valorização das comunidades tradicionais. A metodologia utilizada conta com levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, discussões e análise pertinentes às questões históricas, educacionais e etnoecológicas com vistas à maior compreensão da comunidade. Espera-se que este estudo possa dar subsídios para a elucidação dos problemas que ocorrem na comunidade e desta forma contribuir para a melhoria da qualidade de vida de seus moradores, assim como do meio ambiente, e principalmente promover a resignificação identitária, criando no grupo a noção de pertencimento.

ARTE RUPESTRE E PAISAGEM: O REGISTRO RUPESTRE COMO FONTE DE ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE POPULAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS E O MEIO AMBIENTE NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO

Francisco de Assis Soares de Matos
Thiago Fonseca de Souza
fsmatos19@yahoo.com.br

O conceito de fonte histórica sofre uma considerável expansão com o advento da escola dos Annales. Nesse momento, as fontes históricas são consideradas para além das fontes textuais e dos arquivos. Nessa perspectiva a paisagem e a cultura material passam a serem consideradas como produtos de trabalho do historiador (FUNARI, 2005), percebe-se, com isso, o diálogo da história com outros campos de estudos, a exemplo da arqueologia que trabalha diretamente com a cultura material. Com o advento dos anos de 1990, temos a emergência da arqueologia da paisagem, a qual passa a abordar a natureza/paisagem não como um conjunto de elementos que os grupos humanos dependiam aos quais se adaptavam ou que aprendiam a gerir, mais sim, como um conjunto de elementos resultantes do relacionamento entre homem e meio (LINKE, ISNARDIS, 2007). Essa perspectiva coaduna com as da história ambiental, onde a relação entre homem e natureza passa a ser tratada sobre duas vias, como o homem tem sido afetado pela natureza no decorrer do tempo e, inversamente, como ele tem afetado a mesma. Como vem sendo discutido na antropologia, quanto ao rompimento da dicotomia entre natureza e cultura, já que o homem enquanto fruto de uma cultura, interage com o mundo através dela, como é colocado pelo perspectivismo (CASTRO, 2002). O tratamento da cultura material, por parte da arqueologia da paisagem, especificamente a arte rupestre, pode ser tomada como fonte de abordagem de populações pré-históricas, num sentido de perceber as relações das mesmas com o meio ambiente em que estavam inseridas. Nessa ótica, o registro rupestre é entendido como manifestações que se configuram como uma fonte de informação de estruturas e comportamentos socioculturais e cognitivos (AZEVEDO NETTO, 1998), e que trazem informações substanciais sobre

o relacionamento do homem com o seu meio ambiente, sejam simbólico, delimitação de territórios, entre outros. Com isso, o registro rupestre evidenciado no Cariri Ocidental paraibano, o qual já vem sendo trabalhado, de um modo sistemático, desde o ano de 2004, se configura como fonte de abordagem das populações indígenas que habitaram aquela região em tempos pretéritos, revelando informações substanciais sobre as mesmas.

TECENDO DIÁLOGOS: PRIMEIRAS PERCEPÇÕES ENTRE LIMA BARRETO, EUCLIDES DA CUNHA E MANOEL BOMFIM.

Jomar Ricardo da Silva
Diego de Sousa Santos
Jerferson Joyly dos Santos Medeiros
jomarricardosilva@hotmail.com

Este trabalho tem como objeto de estudo as representações acerca das concepções de etnia e ciência nas obras de Lima Barreto, Manoel Bomfim e Euclides da Cunha, bem como suas reflexões realizadas a partir dos conhecimentos vivenciados pelo contexto social e devidamente discorridos em suas obras, como a percepção da literatura e a repulsa do negro e do ideário de mestiçagem predominante na sociedade do início do século XX. As obras de Lima Barreto, Manoel Bomfim e Euclides da Cunha emergem da consciência étnica e social ou da subjetividade em que estes emergiam, seja, no âmbito da realidade que dela se inseriam e que com estas dialogavam. Seus escritos registram os acontecimentos sociais resultantes das redefinições sucedidas no país e no mundo, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. A partir de 1870, houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à

produção industrial, no continente europeu, o que refletirá nas relações sociais cotidianas da recente República do Brasil. A análise comparativa entre os três escritores do início da República vem trazer a concepção de uma realidade que estava sendo constituída em meio à euforia da dita "modernidade". Eram pensadores da realidade brasileira, na acepção de conferirem a escrita um caráter emancipatório, intencionando a provocar uma mudança de atitude em seus contemporâneos, com intuito de instigar uma transformação social.

Palavras-chave: Ciência, Literatura, Etnia.

"ENSINAREI O MUNDO A CONQUISTAR PELA BONDADE, NÃO PELA MATANÇA"

Gleydson Farias Rodrigues
Celso Gestemeier
gleydsoncgnet@hotmail.com

O trabalho propõe uma análise a respeito da temática que compõe o processo da conquista da América espanhola, que se desenvolve durante os séculos XV e XVI. Enfocaremos especialmente a atuação de dois conquistadores na atual região do México durante a primeira metade do século XVI, e as relações entre os nativos e europeus; numa perspectiva a contra pelo, visando efetuar uma comparação de dois modelos de colonização reproduzidos por Hernan Cortez e Álvaro Núñez Cabeza de Vaca respectivamente, com o intuito de mostrar que este processo de conquista é algo múltiplo e que deve ser entendido de forma plural. Nossa proposta é refletir sobre uma maneira diferente de conquistar que se opunha aos modelos baseados na crueldade e desrespeito para com os Indígenas. Utilizaremos os confrontos ideológicos arraigado nas práticas e ações de Cortez e De Vaca. Faremos uso de

crônicas como fonte para analisar o processo recortado mais especificamente nas leituras das chamadas "Cartas De Relato De Hernan Cortez" que escreveu ao rei da Espanha Carlos V na época da conquista da civilização Asteca (1519) e posteriormente (até 1526); bem como o relato da viagem malfada que pretendia conquistar e explorar a Florida em 1527, "Naufrágios e Comentários", que resultou na pior expedição feita pela Espanha, financeiramente falando, devido ao fato de ocorrer o naufrágio fazendo com que o relatante, um dos quatro sobreviventes da expedição, caminhasse descalço e nu dezoito mil quilômetros até o México levando dez anos para efetuar esse trajeto, sem alcançar nada do planejado. Embasaremos nossa pesquisa com os conceitos de alteridade elaborados por Tzvetam Todorov, estratégias e táticas de Michel de Certeau, para que possamos mostrar que uma proposta baseada no diálogo e respeito buscando a admiração dos nativos, postulada e implantada por De Vaca, se encaixava de forma plausível no contexto da conquista do "Novo Mundo" desconstruindo a visão de que o conquistador tem por essência em seu caráter a crueldade.

Palavras-chave: Conquista da América, Confronto Ideológico, Respeito.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E MÍDIAS: UM OLHAR SOBRE OS "MODOS DE VER" DO POVO XERENTE ACERCA DE SUA CULTURA

Rosemary Negreiros de Araújo
Edna de Mello Silva
rosemarynegreiros@hotmail.com

O texto relata as primeiras experiências do projeto de pesquisa e extensão: "Modos de

Ver: O Olhar Xerente sobre sua Cultura", desenvolvido sob uma proposta transdisciplinar entre o Grupo de Trabalho Indígena - GTI e o NEPJOR - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Jornalismo e Multimídia, ambos da Universidade Federal do Tocantins. O propósito fundamental do estudo é o de articular os estudantes indígenas da etnia Xerente do Campus de Miracema (UFT), em torno do uso das tecnologias de informação e comunicação, em prol da preservação da cultura e da memória de seu povo. Sendo assim, o objetivo geral do projeto é criar um espaço de estudo, discussão, coleta e socialização de produções audiovisuais e textos escritos, em diferentes suportes midiáticos, visando especialmente, equalizar a interface da história, da memória e das mídias com a apropriação consciente e cidadã de espaços comunicacionais na contemporaneidade. A metodologia de trabalho do projeto envolve tanto a pesquisa científica, no que se refere à experimentação e à discussão de formatos e linguagens audiovisuais que possam traduzir os "modos de ver" próprios da cultura indígena Xerente, quanto a promoção de atividades de extensão desenvolvidas na própria comunidade, com o intuito de desenvolver as habilidades e técnicas necessárias ao domínio do registro audiovisual em vídeodocumentário, bem como o uso articulado da Internet e das redes sociais; tudo isto a partir de um olhar referenciado pelas necessidades de comunicação do próprio povo Xerente. Em fase de implantação na comunidade Xerente da Aldeia Porteira, na cidade de Tocantínia, tem-se a expectativa de que a equipe (formada por estudantes indígenas e não-indígenas dos cursos de Serviço Social, Pedagogia e Comunicação Social), seja capacitada para atuar em processos comunicativos os quais favoreçam a interação com outras realidades. A meta final é obter resultados que propiciem ao

grupo a oportunidade de produzir conteúdos multimidiáticos, capazes de promover o resgate de aspectos históricos e culturais do povo Xerente. Este povo, visivelmente, começa a apresentar influências da cultura hegemônica dos grandes meios de comunicação, no que se refere à assimilação de comportamentos e hábitos de consumo disseminados notadamente pela televisão - que chegou à Aldeia Xerente na primeira década do século XXI- e vem se constituindo numa perceptível ameaça à preservação da cultura indígena no espaço em questão.

Palavras-chave: história e cultura indígena Xerente; produção consciente de conteúdos midiáticos; história e memória.

DO ENLACE ENTRE SENSIBILIDADES E MEMÓRIAS: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADES E HISTÓRIA AMBIENTAL.

Janielly Souza dos Santos
Elane Cristina do Amaral
janiellysouza@yahoo.com.br

Na busca de problematizarmos a construção identitária dos sujeitos que praticam os espaços em nossas pesquisas adentramos o campo das sensibilidades e da memória e sua relação com o espaço. Neste âmbito, percorremos caminhos reflexivos em parceria para discutirmos como em temáticas, espaços e temporalidades diferentes, identidades podem ser construídas. Para produção deste trabalho dialogamos com alguns autores, a exemplo de Certeau com suas reflexões sobre os conceitos de espaço/lugar, táticas/estratégias; no que concerne às sensibilidades trabalhamos com Pesavento; no campo das identidades Cuche e Ricouer nos norteiam; também nos

aproximamos dos estudos de Alberti, Delgado, Catroga acerca da memória e seus usos.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Sensibilidade e História Ambiental.

A CAÇA NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: BREVES CONSIDERAÇÕES ETNOHISTÓRICAS E ETNOZOOLOGICAS

José Aécio Alves Barbosa
José Otávio Aguiar
aecio@windoeslive.com

Os múltiplos usos dos recursos faunísticos fazem da caça uma das mais antigas práticas ligadas à sobrevivência humana. Mesmo com a caça sendo considerada uma atividade ilegal no Brasil, segundo a Lei Federal Nº 5.197/ 1967, várias espécies continuam sendo abatidas em várias partes do país. Internacionalmente, o tema mereceu trabalhos já clássicos elaborados por historiadores ingleses como Keith Thomas e Edward Palmer Thompson, sendo então preciso notar que, historicamente, se elaboraram formas diversas e ambíguas de relacionamento entre os homens e os animais. Em função disto, entre os meses de agosto de 2008 e junho de 2009, através de entrevistas livres e aplicação de formulários semi-estruturados a 94 entrevistados, levantamos dados acerca da caça de animais silvestres na zona rural dos municípios de Queimadas e Fagundes, ambos no agreste da Paraíba. Os entrevistados citaram um total de 46 animais silvestres que são caçados na região por servirem de alimento ou por representavam (na opinião dos entrevistados), algum risco para os seres humanos e / ou criações domésticas. As espécies citadas podem ser agrupadas em seis grupos zoológicos – mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e artrópodes. As

técnicas de caça utilizadas pelos entrevistados incluíram: o uso de um tipo de espingarda recarregável pela boca e de cães de caça; o uso de armadilhas ("arapuca", "quixó" e "alçapões"); a utilização de tochas ou lanternas à noite ("facheado"), para que sua luz ofusque os animais (geralmente pequenas aves) e esses possam facilmente ser colhidos enquanto dormem. A caça de subsistência nas comunidades estudadas foi amplamente direcionada às aves e aos mamíferos. Segundo os entrevistados, estes dois grupos de animais são muito valorizados devido a dois fatores principais: sua abundância relativa em comparação a outros grupos de vertebrados, e seus maiores tamanhos, o que implica em uma maior quantidade de proteína obtida das carnes. Para residentes de ambas as comunidades estudadas, a possibilidade de alguns elementos da fauna local atacarem seres humanos (ou seus animais domésticos) também motiva a captura e a morte de um grande número de diferentes espécies. Filósofos atuais como Peter Singer escrevem sobre a necessidade de minorar o sofrimento dos animais, garantindo-lhes direitos de existência independente e libertando-lhes de uma escravização domesticadora e extinguindo a trajetória histórica de submissão preconceito contra os animais (especeísmo). Trabalhos como este auxiliam no entendimento dessas questões por abordarem o atual cenário ambiental, também por uma óptica etnohistórica.

Palavras-chave: Caça, Etnohistória, Etnobiologia

GT 05: A HISTÓRIA/GEOGRAFIA LOCAL E OS ESPAÇOS- TEMPOS DA CIDADE COMTEMPORÂNEA

AS RELAÇÕES ENTRE MEDICINA E GEOGRAFIA NA VIA CRUCIS DO ESPAÇO NOSOCOMIAL JUVINO BARRETO (1856-1909).

Rodrigo Otávio da Silva
Raimundo Nonato
rodrigootviodasilva@yahoo.com.br

Neste trabalho, buscamos compreender a relação entre Geografia e Medicina na construção do espaço hospitalar do Juvino Barreto, isto é, como as diversas teorias médicas correntes na época influenciaram na escolha da localização geográfica do hospital. Estudamos o processo de instalação de uma assistência hospitalar na cidade do Natal, iniciado com a construção do Hospital de Caridade, na segunda metade do século XIX (1855), pelo presidente de província Bernardo Pereira Passos. Acompanhamos a trajetória desse nosocômio, através dos documentos oficiais produzidos pelo governo, investigando sistematicamente as relações entre as práticas médicas e o espaço do hospital e da cidade. Depois de muitas críticas ao Hospital de Caridade, culminando com seu fechamento em 1906, preparou-se um outro espaço para o novo hospital, que acabou por se instalar no extremo norte do Monte Petrópolis, nas proximidades da praia de Areia Preta em 1909. Por que se deu o deslocamento do antigo nosocômio da Salgadeira, no Bairro da Ribeira, para a região da Cidade Nova, espaço de plena

expansão da cidade do Natal? Que fatores médicos e geográficos participaram de tal escolha? Concentrando-nos no discurso de salubridade, que vinha sendo gestado desde 1835, na fala do presidente Quaresma Torreão, acreditamos que a geografia médica do Hospital de Caridade Juvino Barreto relacionou-se intimamente com certa concepção do espaço urbano e da doença, que viam nas teses médicas (os "bons ares", a teoria dos miasmas) a solução dos problemas de insalubridade do meio urbano. Tal discurso fora apropriado pelas elites natalenses para justificar sua intervenção no espaço urbano, reordenando-o segundo seus interesses de criar uma "cidade moderna", de "civilizar" os natalenses, tomando como modelo as cidades européias, como a Paris do Barão de Haussmann. Partimos da hipótese de que o deslocamento espacial do Hospital de Caridade, saindo do bairro da Ribeira, na Rua da Salgadeira, posterior 2 de Julho, e dirigindo-se para o Monte Petrópolis, acompanhou um plano de expansão da cidade, devendo ser compreendido a partir da produção de um discurso higienista sobre a salubridade do meio urbano e seus inconvenientes para a saúde da população. Medicina e Geografia se entrecruzaram numa politicamente eficaz topografia médica, que serviu de matriz ideológica para os rearranjos espaciais que foram produzidos no interior da cidade.

Palavras-chave: Hospital de Caridade Juvino Barreto, teorias médicas, localização geográfico-espacial.

O LABORATÓRIO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DO CERES/CAICÓ: UMA POSSIBILIDADE DE TRATAMENTO DE ACERVO HISTÓRICO.

Ubirathan Rogerio Soares
Edilson Pedro Araújo da Silva

ursoares@portoweb.com.br

O LABORDOC – Laboratório de Documentação Histórica CERES/UFRN Campus de Caicó, constituído em 1998 e formado por fundos arquivísticos em suporte papel e digital, funciona como ambiente de apoio ao público pesquisador, e como espaço de pesquisa científica em seus diversos níveis. Atualmente o acervo do Labordoc é constituído basicamente pelo: Fundo da Comarca de Caicó dos séculos XVII, XIX e XX (Processos-crimes séculos, Inventários, Ações Cíveis e Habilitações de Casamento), Fundo da Diocese de Caicó (Jornal "A FOLHA" dos anos de 1954, 1955, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964 e 1967), Habilitações de nascimentos, casamentos e óbitos dos séculos XVIII e XIX), Fundo do Curso de História (Monografias, Dissertações e Teses), Fundo Jornalístico (O Binóculo, Jornal Diário de Natal, Jornal das Moças, O Seridoense e Tribuna do Norte), dentre outros arquivos relevantes. Devido a essas características e, na intenção de democratizar e facilitar o acesso, o Labordoc iniciou o processo de catalogação e digitalização do seu acervo. Todos estes documentos que estão sob custódia do Labordoc, onde são tratados, preservados e catalogados objetivando conservar, preservar e garantir a democratização do acesso ao a cervo para a pesquisa acadêmica bem como para a comunidade em geral. O processo de catalogação consiste em colocar as informações mais importantes dos documentos em folhas padrão, onde, em seguida, tais informações são transportadas para um software específico (Microsoft Office Access), o qual permite o acesso rápido e fácil e remoto a estes documentos. Já o processo de digitalização caracteriza-se pela conversão de imagens (todo ou parte) em formato analógico para o formato digital. Tal ação

visa à preservação e conservação do acervo para gerações futuras, além de dinamizar o acesso e a disseminação das informações para o público pesquisador. Tais ações almejam facilitar a consulta e a pesquisa, ampliando assim, a disseminação da História do Nordeste Brasileiro, do Rio Grande do Norte e particularmente da Região do Seridó.

A LENDA DE CATURITÉ: MEMÓRIA E IDENTIDADE

Rosely Bezerra de Queiroz
Keila Queiroz e Silva Ramos
roselybq@yahoo.com.br

Caturité é uma cidade do cariri paraibano que obteve sua emancipação política do município de Boqueirão em 1994, quando passa a existir administrativamente enquanto município. A partir desse momento, começa organizar sua burocracia administrativa que a caracterizem como uma cidade. Simultaneamente a isso, é preciso criar uma história para a cidade, dar legitimidade histórica e cultural ao que acabara de nascer. O poder público municipal começa então a divulgar o texto intitulado a lenda de Caturité, de criação do historiador Irineu Jóffily divulgado no periódico a Gazeta do Sertão em 1889. O texto fala a respeito do nativo Caturité, chefe da tribo indígena Bodopitá, que tem sua aldeia e seu povo conquistado pelos colonizadores europeus no rastro da dominação do século XVII na região. Além da aldeia, os conquistadores rap taram a filha do grande guerreiro, Potira, que foi levada para o Arraial da Serra de Carnoió. O nativo vai até o Arraial e resgata sua filha, mas sofre grande perseguição e após ver a jovem acertada, resolve se jogar no abismo da serra que hoje é chamada Serra de Caturité. O texto de Jóffily passa então a ser divulgado nas escolas de Caturité como

a história oficial do município através de várias formas de divulgação do texto como cordéis, texto em materiais divulgados pelo governo municipal, além do próprio hino municipal, que é baseado no texto recontado por Jóffily. Assim o que vemos é uma tentativa de criação de um passado, de uma identidade para o município que fora criado para os seus habitantes, que deveriam ter uma referência para a história da comunidade. No entanto, alguns questionamentos podem ser feitos para o uso de tal texto, pois o mesmo não explica a origem do município, apenas o nome da cidade, então por que usá-lo? Será que a população se reconhece como caturiteense a partir do texto de Jóffily? Essas e outras perguntas deverão ser respondidas a partir de pesquisa bibliográfica e entrevistas com moradores da cidade.

Palavras-chave: História, Caturité, Memória.

A ESTAÇÃO DE TREM DE DUAS ESTRADAS-PB: POTENCIALIDADES E CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA LOCAL DO MÉDIO CURIMATAÚ

Danilo Pereira da Costa
José Hildemárcio Mendes Soares
danilopc115@gmail.com
marcio.017@hotmail.com

Nosso trabalho remete a um recorte do primeiro capítulo da pesquisa monográfica que estamos desenvolvendo intitulada "Lugar da Memória, Progresso e Vicissitudes: a Estação Férrea Duas Estradas - PB". Os trens que aportaram na estação em estudo – trazendo ou levando pessoas e objetos, cargas, além de boas ou más notícias, não esquecendo de sonhos a realizar ou desfeitos – tornaram a Estação, assim como tantas outras, em espaço de intensa sociabilidade, convergindo para ela

praticamente todos os interesses da coletividade em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos, culturais, dentre outros. Neste sentido, intencionamos com esta proposta de trabalho discutir sobre o trem e a Estação Duas Estradas enfatizando as suas múltiplas possibilidades para o estudo da História Local do Médio Curimataú, região esta que, em meados do século XX foi grande produtora de algodão e sisal do Estado da Paraíba e servindo-se dos "trilhos redentores" para o escoamento desta produção. Problematizaremos, também, a situação atual da Estação Duas Estradas, a qual se encontra abandonada e sem conservação, vítima do vandalismo e deprecação. Requeremos com nossa pesquisa um reconhecimento dos habitantes e das autoridades locais acerca da importância e preservação da Estação Duas Estradas enquanto Patrimônio local. As análises iniciais da pesquisa possibilitam-nos concluir que, além de sua contribuição para o desenvolvimento econômico local na região do Médio Curimataú, a Estação de Trem Duas Estradas constituiu-se em um espaço de encontros, tornando-se um lugar de identificação e de produção de memórias individuais e coletivas, contribuindo para a construção da identidade do cidadão, onde as sociabilidades e as comunicações adquiriram feições modernas. Para a elaboração da pesquisa, dialogamos com historiadores que trabalham com a História Local e Regional, Modernidade e Cotidiano, além de utilizarmos da história oral.

Palavras-chave: Estação Duas Estradas. História Local. Patrimônio.

**ENIGMAS DOS SERTÕES: UMA
ABORDAGEM PARA ALÉM DAS
PERSPECTIVAS EUCLIDIANAS**

José Jaime do Nascimento
Ivone Agra Brandão
jaimehistoriador@hotmail.com

O presente estudo tem como objeto norteador o "Sertão" e suas várias facetas, esta foi uma temática bastante discutida no Brasil, especificamente nos fins do século XIX e início do XX. Os Sertões é um livro de Euclides da Cunha de 1902. Esta obra foi reconhecida por alguns intelectuais como um marco das ciências sociais no Brasil e estava inserida num contexto de transição do sistema político, momento em que o Brasil saía do período Imperial para o regime Republicano. O Sertão decantado por Euclides da Cunha e outros intelectuais da época teve várias conotações distintas. Inicialmente, o Brasil era dividido em dois espaços, o Litoral, local da civilidade e do progresso e todo o resto do território era o Sertão, local do atraso. Depois foram construídas outras perspectivas do que seria sertão: espaço de deserto, de seca, da barbárie e da incultura. É importante lembrar que, o sertão construído por alguns intelectuais como lugar de incivilizados não representava a realidade. Neste ambiente existia uma cultura pulsante, tanto é que estudiosos passaram a observar o sertão, os sertanejos e os elementos que o cercavam de forma detalhada. A 3ª geração do romantismo enaltece a figura do sertanejo, os seus valores autênticos e a sua honradez. Capistrano de Abreu foi mais um escritor que colaborou com a construção da identidade do povo brasileiro a partir de observações do sertão e do sertanejo. Ele via o sertanejo como protagonista de sua própria história. Por sua vez, contrapunha-se a formação da história brasileira a partir de elementos advindos da Europa. Tomando por base estes levantamentos sobre o sertão, buscou-se mostrar as várias concepções e as divergências daquele, com o litoral.

Euclides da Cunha, em sua obra máxima, tentou eternizar a figura do sertanejo robusto, transformando-o em um dos agentes centrais das mudanças sociais do país. Diante dessa construção imagética discursiva, pode-se notar que, o homem do sertão passou a ser considerado como rocha firme da identidade nacional.

Palavras-chave: Sertões, Sertanejo, Euclides da Cunha.

A ESTRUTURA FUNDIÁRIA DAS RUAS DA CIDADE DA PARAHYBA NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX: RUA DAS TRINCHEIRAS

Felipe Roque Vicente
Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá
nirvanadesa@gmail.com

O presente artigo se origina de um projeto maior, intitulado "A rua e a cidade: Geografia Histórica, Morfologia Urbana e Cotidiano" e tem por finalidade abordar a dinâmica da estrutura fundiária da Cidade da Parahyba (atual João Pessoa), dando principal enfoque aos anos de 1850 a 1930. A escolha do ano de 1850 como marco inicial do recorte temporal se deu por ter sido este o momento de promulgação da Lei de Terras, a qual impôs mudanças na aquisição de terras nacionalmente ao instituir a propriedade privada e atribuir preço de compra, venda e troca, seja esta porção de terra localizada na área rural ou urbana. A análise encerra-se na década de 1930 por considerarmos um momento importante na constituição da modernidade na referida cidade, visto ter sido neste período que se dão as principais implementações de caráter modernista no espaço urbano da mesma. A rua escolhida para o estudo da estrutura fundiária foi a Rua das Trincheiras por ser considerada como um importante eixo de expansão da

Cidade da Parahyba na direção sul. A análise deu-se sobre as principais modificações executadas por ordem dos presidentes da Província da Parahyba do Norte neste período. Entre estas mudanças, destacam-se: o embelezamento de ruas e praças, cuidados e controle da salubridade, abastecimento de água, energia elétrica e transporte. Para se entender de forma mais clara todas essas mudanças ocorridas na estética da cidade foram resgatadas informações das primeiras reformulações urbanísticas ocorridas no Brasil, como as da cidade do Rio de Janeiro e a influência que a vinda da Família Real teve para um novo olhar na organização das cidades no país. A estrutura fundiária foi analisada a partir da identificação das escrituras de imóveis ou terrenos coletados no Cartório de Registro de Imóveis Carlos Ulisses, localizado nesta cidade. Foi feita a leitura e a digitação de cada escritura e logo após foram extraídas informações, como data, rua, tipo de documento, tipo de imóvel, vendedor, comprador e valor, possibilitando desvendar a origem da dinâmica das negociações imobiliárias na Cidade da Parahyba, sobretudo na rua estudada.

Palavras-chave: Rua, Cidade da Parahyba, Estrutura Fundiária.

DA INDÚSTRIA CULTURAL À CIBERCULTURA – PROCESSOS DE SUBJETIVIDADE E IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE.

Eliana Figueiredo da Silva
Maria José Oliveira
nanona_eli@yahoo.com.br

Mediante as novas formas de comunicação os sujeitos desenvolvem formas de subjetivação diferenciadas, buscando marcar suas identidades num contexto em que vão se tornando cada vez mais flúidas.

Objetivamos neste trabalho, compreender as discontinuidades nos processos de subjetivação e produção de identidades, em frente as culturas tornadas públicas, através dos meios de comunicação, seja de difusão ou interação comunicacional. Buscamos ainda, entender os processos de sociabilidades e construção, remodelamento de identidades, nas redes sociais, por meio das narrativas dos sujeitos nas comunidades virtuais, acerca de suas preferências e exclusões que marcam suas identidades. Pretendemos também compreender como é aproveitado pelos sujeitos os espaços de visibilidade virtuais; queremos verificar como a cultura ciber se insere no processo de subjetivação dos sujeitos e queremos analisar as contribuições dos sujeitos na composição do Hipertexto. Para tanto, são utilizadas as teorias de Pierre Lévy, pesquisador de cibercultura, assim como Ecléa Bosi pesquisador da cultura de massa, e Fernanda Bruno que pesquisa identidades no ciberespaço. Concluímos, ainda que preliminarmente, que a necessidade de afirmação identitária na contemporaneidade é sintomática, é uma forma de se localizar os sujeitos num universo aberto. Vivemos cada vez mais, a realidade das representações, somos reais simulacros, resultantes de identidades forjadas no espaço virtual. A cibercultura é uma reação ao domínio da indústria cultural e se apresenta como a alternativa às identidades que tendem a ser massificadas, por isso os sujeitos se esforçam em demarcar-las no espaço virtual, sendo elas mesmos responsáveis pela construção de suas imagens, como também, por sua afirmação identitária.

Palavras-chave: Indústria Cultural; Cibercultura; Identidades.

JOSÉ LINS DO REGO E O USO DOS SENTIDOS NA APREENSÃO DO CAMPO.

André Luiz Almeida Ouriques
andreourix@gmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar as configurações espaciais da Várzea do Paraíba – situada na mesorregião da mata paraibana, portanto, um espaço campesino – a partir da obra Menino de engenho (1932), de José Lins do Rego. Partindo, de um lado, da análise da literatura enquanto uma fonte sensível, pretendemos entender como o campo é significado através das percepções e dos sentidos, marcado, desta forma, pelas subjetividades do autor em questão. Por outro, entendendo a literatura como uma forma particular de configurar o mundo e sua existência, almejamos aqui uma compreensão de como os espaços são poetizados, metaforizados e sentidos, levando em consideração a noção de “cultura sensível” que lhe confere, desta forma, a sua historicidade.

ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO ESPAÇO ASSUENSE/RN A PARTIR DA ESCRITA DE FRANCISCO AMORIM

Roberg Januário dos Santos
Lucilvana Ferreira Barros
Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador)
roberg.assu@hotmail.com

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa mais amplo que investiga as representações identitárias de Assu/RN, a partir das estratégias discursivas situadas nas produções dos escritores locais da segunda metade do século XX. Particularmente nesta comunicação, objetivamos problematizar a construção identitária de Assu/RN mediante os escritos de Francisco Amorim, publicados entre as

décadas de 1960 e 1980. Os escritos históricos, memorialísticos e literários desse escritor assuense, traduzem narrativas que apresentam rastros de uma influência modernista, pautada nos ideias civilizatórios e progressistas, mas, estes atributos estão perpassados por um forte apego ao passado, ao local, e ao tradicional, de modo que o esforço em valorizar as raízes históricas do lugar construiu uma identidade local positiva tanto no passado, quanto no presente e no futuro. Assim, a escrita de Francisco Amorim se coaduna para delinear uma ideia de tradição assuense, pois reforça a concepção de uma cidade que herdou do passado suas tradições, notadamente ancoradas na concepção de Atenas Norte-Riograndense, terra dos poetas, do teatro, dos carnaubais, terra religiosa, dos heróis, de festejos populares, entre outros. Desse modo, acerca da discussão sobre leitura e escrita, este trabalho toma por base as contribuições teóricas de Lajolo e Zilberman (1998), Chartier (2007), Gomes (2004), Hall (2006) e Broca (2004). Além disso, nossa produção perpassa os campos discursivos das estratégias de leitura, da escrita de si, das representações e das identidades espaciais. Assim, podemos perceber que a partir de seu lugar de produção, consubstanciado a uma instituição de propagação e divulgação dos saberes: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, este escritor canalizou esforços para situar Assu como berço da cultura potiguar. Ele fez parte de um grupo de intelectuais que contribuíram para elaboração de uma imagética do espaço local voltada para construção de uma identidade harmoniosa, por sua vez, pautada nas raízes históricas, patrimoniais, heróicas e lendárias do lugar.

Palavras-Chave: Assu, Tradição, Modernidade.

GT 06: CIDADES MÚLTIPLAS: TRABALHO, COTIDIANO, SENSIBILIDADES, CULTURA E RESISTÊNCIA

CIDADE DE ALCÂNTARA NO SOAR DE NEGRAS CAIXAS

Alionália Sharlon Maciel Batista Ramos
Lopes
alionalia@gmail.com
Severino Cabral Filho

Falar de cidade negra é algo que no primeiro momento remete a tradição, a cultura e a herança deixada como legado a sociedade brasileira. Para entender, historicamente, o funcionamento desses espaços é necessário aprofundamento em suas práticas sociais e culturais. O estado do Maranhão, em especial a Cidade de Alcântara foi escolhida para este estudo por ser uma cidade que experimentou um grande apogeu econômico e no final do século XIX vivenciou uma quebra financeira que desestruturou a cidade, deixando suas heranças enraizadas com os casarões, comunidades quilombolas e na Festa do Divino Espírito Santo, que estão intimamente ligadas no contexto da localidade abordada. Para entender a historiografia desta cidade fez-se necessário um levantamento dos principais acontecimentos da mesma, dentre os quais podemos destacar a Festa do Divino, acontecimento anual do município, organizado e conduzido por caixeiras (sacerdotisas do evento), que tocam durante toda a festividade suas caixas (instrumento revestido de couro), cantam ladainhas e acompanha todo o ritual do

começo ao fim, apresentando aos participantes a fé, o amor e a devoção ao Divino Espírito Santo, bem como uma forma de resistência e sobrevivência cotidiana. Para entender tal percurso dialogamos com os autores: Sílvia Hunold Lara, Marcus J. M. de Carvalho, Marise Barbosa, Martha Abreu. Recorrendo também a relatos orais, a fim de contribuir para um levantamento histórico relacionado à memória da cidade de Alcântara e a experiência dessas mulheres. Ao longo deste trabalho foi possível observar a importância das caixeiras e entendendo que, como sacerdotisas, elas exercem uma função social estreitamente conectada com sua devoção e compreensão do ato de partilhar e compartilhar. Pois essas mulheres desenvolveram, ao longo do tempo, táticas com as quais puderam construir espaços próprios, como caixeiras, conduzindo todo ritual com o som de suas caixas, se tornando parte fundamental na rotina da festa, manifestação cultural importante para o município de Alcântara.

Palavras-chave: Alcântara, Caixeira, Cidade Negra.

ENTRE CRENDICES E FOLGANÇAS: CANTAROLANDO AS PRÁTICAS CULTURAIS NO COTIDIANO (URBANO) DO NORDESTE

Ana Luiza de V. Marques
aniinha@msn.com
Raimundo Barroso Cordeiro Junior

Este trabalho é parte integrante do meu projeto de Mestrado **Canções e cores da nação brasileira:** Uma análise historiográfica das obras de Rodrigues de Carvalho (1928-1934), que está em andamento, cuja proposta é analisar a formação da nação brasileira, com a finalidade de perceber como o Nordeste se

insere dentro do projeto de nação apresentado por José Rodrigues de Carvalho (1867-1935), tomando como objeto de análise as obras **Cancioneiro do Norte** (1928) e **Aspectos da influência africana na formação social do Brasil** (1934), do já referido autor. Examinando minuciosamente tais publicações, observa-se o quanto as suas narrativas estão delineadas em reflexões acerca do folclore e do regionalismo nordestino, bem como engendram os aspectos culturais conjugados no Nordeste na dita República Velha (1889-1930), sobretudo, atentando para as representações de portugueses, índios e negros retratadas por ele. Neste sentido, este artigo terá como objetivo abordar, através do viés da cultura histórica, as práticas culturais vivenciadas no cotidiano narrado por Carvalho, tendo como finalidade indicar as resistências e peculiaridades do Nordeste na virada do século XIX para o XX, destacando os costumes, lendas e superstições em torno dessa região, a partir do uso de repentes, folguedos e canções, haja vista que a preocupação com o trabalho e rotina diária na cidade é motivação para cantorias e do lirismo em versos. Para tanto, recorrerei a estudiosos que se debruçaram na exegese do folclore brasileiro, como Câmara Cascudo (1898 - 1986) e Mário de Andrade (1893 - 1945), além da contribuição de pesquisadores como Michel de Certeau (1982), Stuart Hall (1998), Roger Chartier (1990), Angela de Castro Gomes (2007), Antônio Candido Mello e Souza (1997), Rosa Maria Godoy Silveira (1984), Durval Muniz de Albuquerque Junior (2001) e outros estudiosos que se fizerem pertinentes a essa discussão.

Palavras-chave: práticas culturais, cotidiano, Nordeste.

APONTAMENTOS SOBRE AS TRAMAS DA FAMÍLIA ESCRAVA NO CRATO/CE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Antonia Márcia Nogueira Pedroza
marciahistoria@bol.com.br
Muirakytan K. de Macêdo

A família escrava negra já foi tida nas Américas como um problema historiográfico quase que inexistente. Percebidos como mercadorias, não raro os escravos foram interpretados de modo reducionista como coisas. A partir da década de 1970 e 1980 os debates travados a respeito da escravidão passaram a perceber os escravos como sujeitos ativos, construtores de suas histórias, produzindo-se na historiografia internacional e brasileira, inúmeros estudos originais, dando vitalidade a esse campo de pesquisas. Entrava em cena um novo olhar que considerava a atuação dos escravos na história explorando novas temáticas, examinando novas fontes, adotando referências teóricas novas. É neste âmbito que se inscreve este artigo ao propor uma reflexão sobre a família escrava na cidade do Crato na segunda metade do século XIX. Estudar a família escrava nessas novas perspectivas significa analisar um mundo que vai além daquele do trabalho, no qual os homens negros eram circunscritos pela historiografia tradicional, é perceber os enredos do amor, do ódio, dos laços de amizade, dos relacionamentos negociados tendo como horizonte humano a separação de parentes. Impera o tipo de família nuclear e patriarcal, mas uma tipologia que foi bastante presente no período escravocrata foi a matrifocal, que tem a mulher como a chefe de família. Até pelas inúmeras dificuldades encontradas pelos casais de escravos para permanecerem juntos, não raro a responsabilidade de criar e cuidar dos filhos coube somente a mãe, mulher e escrava. A família escrava na

categoria matrifocal tem se revelado bastante presente na cidade do Crato, na segunda metade do século XIX. Na perspectiva da história social da escravidão, fundamentada aqui por séries documentais paroquiais (livros de batismos, livros de casamentos e livros de óbitos), buscaremos realizar alguns apontamentos teórico-metodológicos e esboçar problematizações em torno da vivência familiar dos escravos, levando em conta suas tensões, seus conflitos, possibilidades de identificações, alianças e pactos entre os indivíduos, na cidade do Crato na segunda metade do século XIX.

Palavras-Chave: Família, escravidão, Crato

A FRUTEIRA DE CRISTINO PIMENTEL: BOEMIA E BOEMIA LITERÁRIA EM CAMPINA GRANDE (1928-1953)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
gaudencio_bruno@yahoo.com.br
Severino Cabral Filho

Entre os círculos intelectuais informais que atuaram na cidade de Campina Grande, Paraíba, na primeira metade do século XX, um dos mais importantes, sem nenhuma dúvida, foi a "Fruteira de Cristino Pimentel". Localizado no "Beco 31", centro da cidade, o espaço se tornou um bar ao longo dos anos, reunindo em encontros diários, os principais nomes da intelectualidade campinense durante os seus 25 anos de existência (1928-1953). Desta forma, o objetivo desta comunicação é investigar como se deu a formação de uma boemia e de uma boemia literária (tipo específico) no ambiente urbano de Campina Grande, compreendendo as práticas e as representações evidenciadas sobre a Fruteira de Cristino Pimentel.

Palavras-chave: Boemia, Literatura, Campina Grande.

ENTRE A RUA E O QUINTAL: PROCURA-SE UM LUGAR PARA O LIXO NA CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE - 1911/1914

Chyara Charlotte Bezerra Advíncula
chyaraufcg@hotmail.com

Ao analisar algumas documentações do início do século XX, tais quais: artigos publicados no jornal A União, Mensagens Presidenciais e o Regulamento do Serviço Sanitário do Estado da Parahyba, o pesquisador se depara com uma imensa gama de representações do que viria a ser naquele momento, higiene pública. Seguindo este viés da higiene, observa-se que várias medidas sanitárias estavam sendo colocadas em prática naquele período como, por exemplo, o abastecimento de água e o esgotamento sanitário. Mas, essas ações não foram suficientes para eliminar os espaços insalubres. Por isso, os médicos e engenheiros passaram a apresentar as consequências, sofrida pela cidade, por falta de um serviço de limpeza pública eficiente. Na visão dos letrados, a urbs estava repleta de lixo, tanto nas ruas quanto nos quitais, o qual era revolvido por animais ou servia de criadouro de insetos. Ao que parece, a Diretoria de Higiene estava sempre alerta às denúncias de amontoados de lixo nos quintas, pois de acordo com as notas de prestação de contas desta repartição, expostas no jornal A União, os inquilinos eram intimados a eliminarem os focos de insalubridade, do contrário, seriam multados. Desse modo, nosso trabalho busca analisar as representações construídas a cerca do serviço de coleta de resíduos na Capital paraibana nas primeiras décadas do século XX. Este era o momento da gestação de

novas sensibilidades, as quais, segundo os letrados, nem todos estavam aptos gestá-las e por esse motivo os conflitos se avolumavam entre carroceiros, empregados no serviço de remoção do lixo, e a população.

Palavras-chave: Cidade; Lixo; Higiene.

PARA ALÉM DOS MUROS DA FÁBRICA: COTIDIANO, CRIMINALIDADE E LAZER OPERÁRIO EM RIO TINTO (PARAÍBA, 1924-1950)

Eltern Campina Vale
elterncampinavale@hotmail.com

Ao projetar o estabelecimento de uma fábrica de tecidos na região da aldeia da Preguiça em 1917 (que logo depois vinha a se chamar de Rio Tinto) os Lundgren, indubitavelmente transformaram a geografia da região. Inaugurada efusivamente em dezembro de 1924, Rio Tinto de pronto ganhou contornos de uma cidade-fábrica, onde o espaço citadino contava com uma considerada estrutura: farmácia, escolas, hotel, restaurante, padaria, praças, vila operária, campos de futebol, cinema e clubes recreativos. Mas os Lundgren “em nome do progresso econômico e industrial da Paraíba”, modificam não apenas a paisagem, mas também os antigos moradores (pescadores, índios e homens do campo), convertendo-os em tecelões, mecânicos, motoristas, enfim, transformando-os em operários de fábrica. Estes trabalhadores, que passavam horas a fio nas seções dentro e fora da tecelagem, possuíam alguns espaços de lazer. Partes destes espaços eram patrocinados pela fábrica, como forma de disciplinar até mesmo o tempo do descanso operário, tais como: cinema, programações na praça com bandas de música, circos, clubes e passeios de batelões aos

domingos. Contudo, para ir a busca de outras formas de lazer e que nos proporcionassem conhecer os meandros do cotidiano dos trabalhadores, uma fonte de acesso primordial, foram os processos-crimes. Pesquisados no arquivo do Fórum de Mamanguape (da qual Rio Tinto é distrito até 1956), ao entrar em contato com considerada massa documental, percebe-se outra cidade e que ia à contramão da disciplina posta pela direção da tecelagem. Ou seja, a constatação de outras formas de lazer praticadas no cotidiano operário e que, de todo modo, não eram concedidas pela fábrica, como: sambas, jogos-de-azar e outros. Deste modo, estes processos, evidenciam que entre os anos de 1924 a 1950, parte do cotidiano dos trabalhadores, foi marcado por elevada quantidade de crimes provenientes destes momentos de lazer, destes espaços de sociabilidade. Esta criminalidade salta aos olhos de qualquer pesquisador à medida que se debruça nas dezenas de maços de processos-crimes. Neste sentido, pensar os trabalhadores para além dos muros da fábrica e para além do lazer custeado pela fábrica, concomitante a compreensão do cotidiano é o que objetiva-se esta comunicação.

Palavras-chave: Cidade-fábrica Rio Tinto; Criminalidade; lazer operário.

ASCENSÃO E OCASO DAS PRAÇAS PIO X E PEDRO VELHO EM NATAL-RN

Frederico Augusto Luna Tavares
augustoluna@hotmail.com
Helder do Nascimento Viana

Símbolos deste planejamento urbano, os bairros de Tirol e Petrópolis, nascidos ainda no início do século XX como Cidade Nova, é a testemunha maior de como um espaço criado para atrair um público abastado.

Fazemos referência ao espaço comparando Natal a um sistema de signos, cuja urbanização se concretizou num crescente, ora lenta, com a ocupação da Cidade Nova, ora acelerada, com a Segunda Guerra Mundial. Uma das mudanças mais importantes nesse contexto foi a ascensão e o declínio do caráter elitista de alguns logradouros, como a Praça Pedro Velho, ambiente bastante frequentado pelos habitantes da cidade, em especial pelos moradores de Petrópolis. A Praça Pedro Velho testemunhou as transformações que iam modificando Petrópolis, seja pelo passar dos anos ou pela negligência da administração da prefeitura local. Os problemas eram diversos, como a falta de infra-estrutura básica relacionada ao fornecimento de energia, chegando a ficar longos períodos às escuras, excedendo um ano inteiro de breu. Símbolo do planejamento urbano da cidade, entretanto, a Pedro Velho era a única grande praça da cidade. Muitas vezes esquecida, quase abandonada. A interrupção do fornecimento de água, vital para manter vivas as tartarugas nos tanques e regar as plantas e árvores, que formavam um belo conjunto ao lugar, era outra prova do descaso com aquele logradouro, orgulho dos moradores. O parquinho infantil era um dos mais procurados pelas crianças, principalmente nas tardes dos fins de semana. Tinha balanços, gangorras, escorregos, trapézios, círculos e árvores. Mas esta pujança não era contínua. O mato crescia e começava a ocupar a área dos brinquedos. As tartarugas, que faziam a alegria e a curiosidade da criançada, jaziam abandonadas entre lodos, galhos de pés de ficus benjamina e outros rejeitos. Da mesma forma, a Praça Pio X foi outro logradouro importante da cidade, que dividia com a Pedro Velho a preferência dos (novos) moradores. Entretanto, a falta de manutenção e até a extinção de uma delas,

mostra uma cidade que esquece seus importantes lugares de lazer. Este quadro foi acompanhado por um processo de decadência dos serviços e da manutenção do logradouro. Apesar de ser a preferida para sediar grandiosos eventos reunindo multidões e servindo de lugar para outras manifestações, o aspecto físico da Praça Pio X nem sempre mereceu cuidados da administração pública. A fase de abandono culminava com a efetivação da apropriação do espaço por conta do seu verdadeiro dono. A Igreja católica buscava reaver um bem que era seu, mas que por muito tempo sua legitimidade foi dada por outros personagens. Dela, o que se salvaram foram as lembranças, as fotografias e as histórias de quem lá viveu momentos importantes da cidade, antecipando o futuro cujo ladrilho voltaria a ser composto por simples quadra dos de areia e mosaico.

Palavras-chave: Natal, Praça Pio X, Praça Pedro Velho.

UM PASSEIO PELA CIDADE: EXPERIÊNCIAS URBANAS, POPULARES E HISTORIOGRÁFICAS

Hilmária Xavier Silva
hilmariax@yahoo.com.br
Luciano Mendonça de Lima

A cidade, enquanto espaço de sociabilidades compõem um tecido sempre renovado de relações sociais. É esse tecido de relações que vamos trabalhar neste artigo. O tecido específico que cobrirá essas páginas terá como locus a cidade de Campina Grande. Os escritos sobre essa cidade tem se mostrado sob vários olhares e perspectivas historiográficas, que vem sendo (re)vistos e (re)significados ao longo do tempo. Neste texto, pretendemos apontar algumas daquelas visões e significações sobre Campina Grande, no

entanto sem pretender hierarquizar saberes. Para nós, a importância da revisão historiográfica é ímpar, primeiro porque ela permite o reconhecimento do campo no qual se vai trabalhar e produzir. Segundo, porque permite que o pesquisador estabeleça os recortes que deseja fazer dentro do campo, criando assim seus deslocamentos. Terceiro, porque permite nosso reconhecimento perante nossos pares, visto que o que nós escrevemos diz aos nossos pares quem nós somos. Para nós, no processo de leitura e construção de um pensamento para este artigo, é de suma importância o trabalho que alguns historiadores já desenvolveram acerca das cidades no que se refere a modernidade, aos símbolos modernos, as reformas urbanas, e mesmo de questões diversas sobre a história das cidades como um todo e de Campina Grande especificamente. Esse será o passeio historiográfico que faremos neste artigo. Num outro momento, passaremos pelas experiências urbanas de alguns populares na cidade. O recorte do tecido aqui exposto tem a preocupação de estudar como se deu o processo de formação da favela da Cachoeira. Entendemos que esse processo foi construído historicamente, desde o ano de 1959, quando da origem da favela. Para tanto, problematizaremos as questões urbanas e as experiências populares que levaram a tal construção histórica. Acreditamos que à medida em que levantamos questões sobre como pensar a cidade, a historicidade dos sujeitos, as práticas cotidianas dos moradores da Favela da Cachoeira, as condições de vida, aspectos sociais dos moradores da comunidade, sobre o papel ou o lugar dos populares enquanto agentes e produtores de uma cultura, estamos contribuindo com os debates que vem sendo realizados na academia que versam sobre as relações e conflitos sociais, sobre o cotidiano, sobre as

reformas urbanas e as tramas políticas e econômicas que estão atreladas.

Palavras-chave: Cidade, Campina Grande, Favela da Cachoeira.

ARTE DE (SOBRE)VIVER E UMA POÉTICA DOS SENTIDOS PARA NÃO MORRER: LAVRA DO CAULIM EM JUNCO DO SERIDÓ-PARAÍBA E AS SENSIBILIDADES GARIMPEIRAS.

INAIRAN CRISTINO CUNHA
inairancunha@gmail.com
Iranilson Buriti

O trabalho com as sensibilidades é sutil – ler como as emoções e os sentimentos são subjetivados pelo ser humano e representá-los em “materialidades”, historicizá-los e socializá-los é encontrar mais dúvidas do que certezas. É adentrar em um universo construído tanto pelo conhecimento intelectualizado e científico, quanto pela “animalidade” e a “irracionalidade”. Nesse sentido, mensurar sentimentos e emoções e representá-los não são tarefas fáceis, pois, como quantificar o gosto, o prazer, o medo, enfim, as emoções? A escolha da História das Sensibilidades para dar visibilidade e dizibilidade à extração de caulim em Junco do Seridó e àqueles que a praticam, nessa comunicação, procura fugir dos silêncios das fontes que os liam como parte de um processo econômico e de degradação ambiental, e, dar um olhar sensível aos dois modos de lavra caulínica existentes no município, as banquetas e os banquetões, dois binômios para uma mesma atividade, bem como, àqueles que a praticam, os banqueteiros. Sensibilidades produzidas sobre e nesse espaço pelos seus trabalhadores, situações onde a mineração do caulim impõe-se com destaque no mercado financeiro, alterando a cartografia social dos que dependem dessa atividade,

embora, essa valorização e arrecadação não sejam sentidas pelos garimpeiros das banquetas, uma vez que, além das despesas inerentes ao garimpo, eles têm que pagar ao dono da terra para explorá-la. Portanto, as banquetas de caulim são a sobrevivência daqueles que não têm condições sociais, materiais, educacionais, entre outras, de procurar atividades melhores. Ainda que o trabalho seja difícil e perigoso, o dinheiro é certo, sendo assim, sonhos de um futuro melhor alternam-se e se misturam com os presságios de medo e de insegurança produzidos na extração do caulim em banquetas. Visibilidades e dizibilidades de um espaço emocionalmente ambíguo, visto e lido como posicional, fruto das subjetividades fabricadas em um cenário no qual há uma arte de (sobre)viver e uma poética dos sentidos para não morrer.

Palavras-chave: Sensibilidades. Banquetas. Banqueteiros.

TRABALHO ESCRAVO NA CIDADE DO CRATO - CE (1850-1870)

Iris Mariano Tavares
irismarianotavares@hotmail.com
Solange Pereira da Rocha

Neste trabalho, objetivo analisar alguns aspectos do trabalho escravo na cidade do Crato, localizada ao sul da província do Ceará. Minha atenção se volta para a distribuição da posse de escravizados na dita localidade, procurando identificar a participação destes na economia da cidade, as atividades nas quais sua mão-de-obra foi utilizada, o valor de sua mão-de-obra naquela sociedade, suas idades e sexos, o tamanho das posses, bem como as condições de trabalho, nos anos de 1850 a 1870. Período marcado pela abolição do comércio transatlântico de escravizados e o

consequente recrudescimento do tráfico interprovincial, com a venda de escravizados do norte, principalmente, para as zonas cafeeiras de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Esse período é, ainda, um período privilegiado da história da escravidão no Brasil no que se refere à estrutura de posse de indivíduos escravizados, por estar situado antes das mudanças nos padrões de distribuição da propriedade cativa decorrentes da Lei 2040, de 1871, e da Lei dos Sexagenários, de 1885. Para a realização do trabalho, valho-me de inventários dos proprietários cratenses do período – disponíveis no Centro de Documentação do Cariri (CEDOC), do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri. Como esses documentos são seriais, recorro à seriação e quantificação dos dados a partir deles coletados. Não me apegarei tão-somente aos dados quantitativos. Buscarei problematizá-los e colocá-los em diálogo com a historiografia, a fim de inseri-los no contexto histórico que os geraram. Acredito que o estudo das especificidades da localidade acima referida, quanto à utilização da mão-de-obra escravizada, ao tipo de atividades econômicas desenvolvidas e ao perfil demográfico das posses, constitui-se no primeiro momento em direção a um melhor entendimento das relações que esses indivíduos escravizados foram capazes de estabelecer entre si e com pessoas de estatutos jurídicos diferentes do seu – libertas e livres, sejam estas últimas as pessoas que escravizavam seus corpos ou não –, bem como do grau de estabilidade dessas mesmas relações. Viso, portanto, contribuir, através de pesquisa arquivística, para mais uma perspectiva de conhecimento acerca da sociedade e da economia da cidade do Crato, no Oitocentos.

O NEGRO NO ESPAÇO DAS RUAS DE CAMPINA GRANDE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

João Paulo França
joaopaulo_franca@yahoo.com.br
Roberval da Silva Santiago

O presente trabalho se propõe a recompor os passos de personagens e territórios identificados nas fontes de pesquisa como sendo negros. Tendo por recorte espacial e temporal as Ruas centrais de Campina Grande na primeira metade do século XX, primeiramente pretendo inserir o espaço da rua nos estudos e análises sobre a cidade moderna. Compreendendo o espaço urbano como um espaço plural, marcado pela diversidade de pessoas e grupos sociais que cotidianamente transitam e voltam sua atenção para tal ambiente, procuro apresentar os diferentes olhares e percepções sobre este espaço, que acaba sendo criado não só arquitetonicamente, mas também simbolicamente. Assim, apresento através das fontes alguns percursos pelas ruas da cidade, e busco compreender os diferentes territórios que são formados a partir das particularidades dos seus habitantes, que mais das vezes com seus usos e costumes acabam por redimensionar o espaço urbano. Por meio das fontes pesquisadas procuro identificar os “Territórios negros” que são construídos no cotidiano da cidade de Campina Grande na primeira metade do século XX: clubes carnavalescos, times de futebol, ambientes frequentados, etc. Ao mesmo tempo questionamos como a memória deste território negro mais das vezes é, deliberadamente ou não, esquecida. De forma indireta os memorialistas nos levam a perceber que no período pós-escravidão e início do século XX a cidade tem também suas preferências raciais, o que mais das vezes significa esquecer, ou relegar a um plano secundário, a memória do passado de

escravidão e segregação do negro no espaço urbano. Para a realização deste trabalho, lancei mão de diferentes fontes, tais como: jornais de época, fotografias, memórias e crônicas, bem como toda uma bibliografia que se reporta a análise da cidade moderna e da "cultura" ou "culturas da cidade", em especial a "cidade negra".

CIDADES (IN) VISÍVEIS: CAMPINA GRANDE E OS ANSEIOS POR UMA NOVA ESTÉTICA (1930-1940)

Juciene Batista Félix Andrade
jucieneandrade@yahoo.com.br

A cidade de Campina Grande, localizada no interior do Estado da Paraíba, passou, no período de 1930 a 1940, por uma ampla redefinição de seu traçado urbano. Tal mudança, presente no investimento simbólico da noção de "grandeza", como a própria nomeação da cidade, vem reforçar as imagens construídas como cidade pólo da região, destacando-se, inclusive, em relação à capital do Estado, João Pessoa. Pólo exportador do algodão produzido na região, a cidade se depara com um intenso poder de mobilidade, de fluxos e de consumos. Desta feita, a análise de alguns periódicos (*Voz da Borborema* e *Brasil Novo*) da época em estudo, permitir-nos-á acompanhar e perceber as ressonâncias dos discursos e as imagens que se construíram sobre a cidade. Uma cidade que se confronta com os anseios do moderno e do progresso técnico e que, ao mesmo tempo, depara-se com uma ampla defasagem entre o discurso e a prática refletidos na morosidade e na precariedade do planejamento da municipalidade. Assim, a nossa abordagem enfatizará a problemática da "luz", das campanhas de caridade e o abastecimento de água como exemplos significativos destas tensões e desejos.

Palavras- Chaves: Campina Grande; Imagens; Jornais

ZEFA E NESTOR: PERSONAGENS DA MODERNIZAÇÃO URBANA EM CAMPINA GRANDE (PB), UNIDOS PELAS TRAMAS DE UMA HISTORIADORA-COSTUREIRA

Katyuscia Kelly Catão de Sousa
(kelly_catão@yahoo.com.br)

Em 1907 Campina Grande recebeu alguém que se tornaria uma das personagens mais lembradas pela memória campinense: a menina Josepha, na idade adulta nomeada como Zefa Tributino, senhora do Cassino Eldorado. Muitos anos depois, em 1939, chegou à cidade Nestor Bezerra de Melo, que assumiria o papel de alfaiate destacado. Três elementos da modernidade urbana se apresentam: a prostituta-cafetina, o responsável pelo bem-vestir e o trem, que trouxe a ambos para a cidade em crescimento. O objetivo deste artigo é o de propor uma história da modernização urbana em Campina Grande, referente à década de 1940, problematizando memórias que registram códigos e práticas do vestuário do período. Isto se fará mediante o entrelaçamento de fragmentos de histórias daqueles dois personagens trazidos pelo trem. Para tanto será acionada a condição do historiador-costureiro. Assim como o costureiro de tecidos, o historiador – o costureiro de vidas – é, segundo Certeau, "produto" do lugar sócio, cultural, político e econômico do qual faz parte, lugar esse que ao mesmo tempo em que permite dizer, amordaça tantas outras possibilidades de serem ditas. O prestígio do costureiro depende, quase sempre, da sua capacidade de fabular, de criar recriando, de fazer arte com os tecidos, que são tramas entrelaçadas por caminhos permitidos, outros interrompidos,

transpassados, cortados e reinventados. Conseguir fazer a partir dos tecidos comuns a todos os outros costureiros, novas tramas, novos modelos, para que enfim assumam a forma desejada, é uma arte, uma operação. Tal intervenção precisa de métodos e técnicas, que às vezes são comuns a todos, mas que cada um precisa achar suas próprias, abrir novos modelos, fundar novas possibilidades de costurar velhos tecidos. Tentaremos, portanto, aqui, dar uma nova pertinência ao período, já tão estudado na história de Campina Grande. Atentando para a singularidade da prática de vestir, percebemos algumas dimensões de como as práticas são construídas historicamente e que vão sendo inventadas e reinventadas no cotidiano e nos desejos de determinadas épocas e espaços, vão adquirindo múltiplos sentidos. Assim será contada a história da cidade vivida por Zefa e Nestor, destacando-se como os dois, cada um ao seu modo, conviveriam com corpos os quais não lhes pertenciam, precisavam de corpos estranhos para sobreviver, teriam que agradar os corpos de seus clientes, satisfazer-lhes ao máximo prestando um bom serviço para que saíssem satisfeitos com seus próprios corpos.

Palavras-Chave: modernização urbana; práticas de vestuário; história das sensibilidades.

“O QUE HÁ DE MAIS CHIC E MODERNO”: A CIRCULAÇÃO DE NOVAS MERCADORIAS EM NATAL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.

Khalil Jobim
(khaliljobim@hotmail.com)
Fagner David da Silva

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade do Natal vivenciou um intenso

processo de modernização. Neste momento, a partir das reformas realizadas no seu porto, a urbe pôde intensificar suas relações comerciais com outras partes do Brasil e do mundo, rompendo o isolamento comercial a qual esteve confinada até o final do século XIX. Este isolamento se dava, em grande parte, devido às precárias condições do seu porto, que não permitia a entrada de navios de maior porte em seu ancoradouro. Com as obras de melhoramento deste espaço, iniciadas em 1893, navios que antes não chegavam à capital potiguar começaram a atracar em seu porto, trazendo grandes carregamentos de mercadorias dos mais variados gêneros. Estas mercadorias vinham de diversas regiões do país, bem como de outros continentes, trazendo consigo não só produtos, mas valores, sentimentos e a adoção de novas práticas sociais. O objetivo deste trabalho é entender as possíveis mudanças provocadas na vida de uma parte dos moradores da cidade, com a intensificação da entrada e da circulação de mercadorias no período compreendido entre 1900 e 1930. Buscou-se compreender as relações entre o consumo de novos produtos e a adoção de novos valores e ideais, num período da história da urbe caracterizado pelas manifestações da modernidade em seu espaço. O título deste trabalho, com a frase de publicidade dos anos 1920, sugere um mundo de relações que pretendemos estudar. Para tanto, analisaremos os anúncios e as propagandas de produtos publicados nos principais jornais da cidade da época, destacando-se os jornais A Republica e o Diário do Natal. Também recorreremos aos anúncios publicados na revista Cigarra.

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE CAMPINA GRANDE(1950/1960): AS FONTES DOCUMENTAIS

Kledna Sonalle B. de Sousa
(klednasonalle@hotmail.com)
Iranilson Buriti

O objetivo dessa comunicação é promover uma discussão acerca das representações da cidade de Campina Grande nas décadas de 50 á 60, veiculadas em jornais e semanários oficiais. Na referida temporalidade Campina Grande sofria um processo de modernização do espaço urbano, mudanças de costumes dos seus habitantes, criação de novos bairros, escolas, faculdades, hospitais. Diante disso, procuramos analisar os discursos sobre a cidade, atentando sobre o lugar social dos autores, o uso e a forma desses discursos. Intelectuais como Lopes de Andrade e Stênio Lopes, veicularam em jornais e semanários oficiais discursos que idealizavam ou conclamavam necessidades mais urgentes dos campinenses. As fontes oficiais nos ofereceram varias possibilidades de ver e dizer a cidade no campo político, educacional e médico. O discurso higienista que coloca saúde e educação, como provedora de uma disciplina dos corpos e das mentes, que instituem novos hábitos e valores nos campinenses foi priorizado. Mas, não podemos esquecer-nos das formas de apropriação e uso que os habitantes faziam dos discursos modernizantes. As conquistas materiais e simbólicas de Campina Grande atraíram um grande número de forasteiros, destinados a amar a urbe e fazê-la progredir. No entanto foram repelidos do centro urbano, acomodados em condições precárias em casebres e cortiços, deixados de fora de um plano assistencial dos médicos, (um pouco menos da metade da população morava em área considerada rural), despertando a atenção do Estado, que providenciou

medidas de controle social. A política assistencialista em Campina, também passava por modificações, na virada da década de 50 para 60, a disputa eleitoral entre Milton Rique e Severino Cabral apontava outra forma de fazer política, e novos projetos de cidade. Sendo assim, a metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, pesquisa em semanários oficiais do município e alguns jornais da época. O nosso aporte teórico baseou-se nas contribuições de Certeau (2007), Foucault(1979, 1987), Chartier (1998), bem como a historiografia local com Agra do Ó e as disputas eleitorais de 1959, Souza (2002) com as formas de lazeres e as proibições de certos prazeres na cidade nos anos 60. Dessa forma, novos modos de ver e dizer a cidade foram construídos, a partir de um jogo de representações sobre a Rainha da Borborema.

EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO COMUNITÁRIO EM CAMPINA GRANDE: UM ESTUDO DA UNIÃO CAMPINENSE DAS EQUIPES SOCIAIS – UCES

Liélia Barbosa Oliveira
(lieliapb@hotmail.com)
Luciano Mendonça de Lima

Memórias e experiências são vagamente esquecidas e/ou silenciadas no percurso do tempo histórico. Para tanto, o ofício do historiador nos possibilita rememorar lugares e pessoas através dos relatos de memórias que vem a constituir para a história de uma cidade. Desta maneira nos propomos compreender o desenvolvimento do movimento comunitário em Campina Grande-PB através da União Campinense das Equipes Sociais (UCES), que atua há 47 anos coordenando as Sociedades de Amigos de Bairro (SAB's) demonstrando seu papel na sociabilização territorial da cidade, dando visibilidade as melhorias sociais requeridas para a sociedade. Para esta

proposta, dialogaremos com o conceito de experiência e consciência de Thompson, para a compreensão da atuação popular no campo da participação social.

Palavras-chave: Cidade, SABs, UCES.

**POR ONDE SE ESCREVE A HISTÓRIA:
FONTES, HISTÓRIA E COTIDIANO
URBANO NO PIEMONTE DO PARAGUAÇU
E CHAPADA DIAMANTINA - BA**

Lígia Conceição Santana
ligia_santana@hotmail.com

Esta pesquisa está inserida no projeto de catalogação de fontes do NHL/CEDOC que buscou identificar, higienizar, acondicionar e digitalizar de fontes para a história dos municípios de Itaberaba, Andaraí e Lençóis, inscritos no Piemonte do Paraguaçu e na Chapada Diamantina. Esta comunicação pretende apresentar a necessidade deste tipo de ação para a disseminação de estudos, especialmente que versem sobre o cotidiano citadino e suas memórias. Também pretendemos aqui apresentar as pesquisas oriundas desta iniciativa.

**BAÚS, ÁLBUNS E CAIXINHAS:
REPRESENTAÇÕES DE SENSIBILIDADE
E DE AFETO EM CAMPINA GRANDE**

Maria Aparecida Barbosa De Figueiredo
aparecidabf@hotmail.com
Severino Cabral Filho

Com este artigo procuramos refletir sobre como as imagens fotográficas contidas nos álbuns de família podem revelar fragmentos de experiências de setores das elites campinenses entre os anos de 1950 e 1970. Por meio desse acervo imagético, buscamos identificar as mais diversas manifestações de afetividade apresentadas não apenas nas fotografias, mas em outros

materiais encontrados nas caixas que abrigam os álbuns de família: rosas, bilhetes, cartões postais com dedicatória, entre outros elementos que remetam a aspectos da memória daquelas pessoas. Para tal discussão, entendemos ser fundamental o contato com a chamada vertente da Nova História Cultural, onde encontramos amparo para tratarmos de temas tão emergentes na historiografia.

Palavras-chave: Fotografia, Álbuns de Família e Afeto.

**USOS E TRAUÇOS DO "CALÇADÃO":
UMA LEITURA DO ESPAÇO PÚBLICO EM
CAMPINA GRANDE (PB)**

Maria Jackeline Feitosa Carvalho
mjacfc@uol.com.br

O presente artigo surge em continuidade à perspectiva iniciada quando da elaboração de tese de doutoramento e tem por objetivo analisar a relação entre cidade e espaço público e, nesse sentido, pensar as ideias-chave que articulam o uso e apropriação do espaço público em Campina Grande (PB) a partir de um território específico: o seu centro principal. Permite assim perceber como se coloca o uso do mais interessante espaço público de Campina, fundamental as sociabilidades e formas de entretenimento locais: o Calçadão da Cardoso Vieira. Inaugurado em 1975, como "Calçadão Jimmy de Oliveira", este espaço é descrito como relevante e emblemático no cotidiano da cidade. O espaço fora pensado como uma forma de consolidar o centro principal como espaço público, reservado às possibilidades de acesso e usufruto da urbe. É notório que a partir dos anos 1970-1980 a centralidade, a urbanidade e os modos de vida modernos passam a ser incorporados, de fato, como referências simbólicas de Campina Grande;

referências essas em parte definidas a partir do seu centro principal. Pois, a ocupação mais intensiva do centro de Campina Grande é introduzida no planejamento urbano oficial com a inserção de uma incipiente política voltada a construir, urbanizar e definir usos específicos de determinados equipamentos de lazer instalados no centro. Passa-se a priorizar, por exemplo, intervenções que visavam preparar o centro dotando-o de toda a infraestrutura necessária, pela imediata requalificação e construção dos então principais equipamentos e logradouros públicos - Pátio da Estação Velha, Açude Velho e Açude Novo (Parque Evaldo Cruz). Propunha-se projetar a cidade como expressão de lazer, recreação e cultura onde, em termos mais gerais, as intervenções irão operar pelo intuito de produzir a (re) inserção de Campina sob o ponto de vista simbólico. A cidade passa a ser pensada pelo propósito de renovar seus usos, ou mesmo criá-los, de modo a organizar e potencializar seu centro principal. Tudo isso empreendido sob uma imagem dos tipos de usos que deveriam se voltar ao comércio, à diversão e ao turismo. Por outro lado, tais mudanças trazem à tona a hierarquização socioespacial, em torno da qual se coloca a tensão entendida pela composição do espaço da rua constituída pelas disputas, conflitos e contrausos gerados sobre o Calçadão. Compreensão essa que nos possibilita analisar como o Calçadão se constitui em espaço público e, perceber de que maneira o uso do mesmo explica as transformações recentes do centro.

Palavras-chave: cidade, espaço público, contrausos.

SOBREVIVENDO EM CAMPINA GRANDE: COTIDIANO E CULTURA MATERIAL (1930-1950)

Severino Cabral Filho
cabralf@terra.com.br

Pretendemos, com a presente comunicação, abordarmos aspectos da cotidianidade campinense a partir de algumas experiências de consumo – sobretudo de pessoas pobres – dadas a ver em imagens fotográficas assim como em textos que herdamos de memorialistas, filhos da cidade ou não. Pensar sobre delineamentos da cultura material vivenciada nesta cidade se configura como um importante desafio a ser aqui enfrentado. Estamos convencidos que vida cotidiana e cultura material são experiências inseparáveis, e que o estudo de apenas uma destas experiências resultaria lacunar dado à complementaridade indispensável que o estudo da outra pressupõe. Tomamos estas experiências de consumo para refletirmos sobre algumas transformações de natureza social, econômica e mental vividas ao longo deste percurso; acreditamos que a vida cotidiana expressa os agentes sociais em sua plenitude, em suas formas de relacionamento com o mundo em que vivem, os seus desejos, suas angústias e seus prazeres, elementos indispensáveis para se compreender o seu viver o cotidiano.

A HISTÓRIA DO TRABALHO NO BRASIL: UM BREVE BALANÇO E PERSPECTIVAS DE PESQUISA PARA O NORDESTE

Tiago Bernardon de Oliveira
tiagobernardon@gmail.com

A história do trabalho tem se mostrado um campo bastante consolidado na historiografia brasileira, com crescente

notoriedade internacional. Como em outras partes do mundo, ela surgiu, inicialmente, fora das academias, fruto direto de questões políticas próprias do movimento operário. Grosso modo, por muito tempo, essa história, também no Brasil, restringia-se, basicamente, à história de trabalhadores urbanos, preferencialmente fabris, e que conseguiram construir formas clássicas de organização coletiva, como sindicatos e partidos, motivados por correntes políticas auto-proclamadas revolucionárias. No entanto, há cerca de duas décadas, isso tem se alterado substancialmente, com a ampliação de perspectivas teóricas e a construção de objetos de pesquisa para além da tradicional fórmula que, frequentemente, confundia a classe operária com seu movimento organizado. Assim, historiadores têm se esforçado para romper com os limites das dicotomias tradicionais, que, apesar de terem tido sua importância, traçaram fronteiras analíticas, por vezes, estanques em aspectos de experiências dinâmicas dos trabalhadores brasileiros, tais como o trabalho escravizado / trabalho "livre", trabalhadores rurais / trabalhadores urbanos, Primeira República / pós-1930, centros/periferias, revolucionários / reformistas, entre muitos outros. Em meio a essas questões temáticas, historiadores, no Brasil e no exterior, discutem possibilidades que possam superar limites impostos por recortes espaciais que submetem processos regionais, considerados periféricos, a processos regionais tidos por nacionais, ou ainda, se desenvolvem a partir do chamado nacionalismo metodológico. Esta comunicação tem por objetivo, portanto, discutir um breve panorama da história e da historiografia do trabalho no Brasil, desenvolvida, sobretudo, nas regiões Sudeste e Sul, a fim de apresentar algumas questões que vêm sendo desenvolvidas no

país e instigar o interesse para a pesquisa, sobretudo, referente aos casos nordestino e paraibano, pensando-os, também, em perspectiva nacional.

EXPERIÊNCIAS DE RESISTÊNCIA ESCRAVA NA CIDADE DA PARAHYBA OITOCENTISTA

Iany Elizabeth da Costa
ianyelizabeth@hotmail.com

Este trabalho é parte integrante das reflexões desenvolvidas no Grupo de Pesquisa "Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista" e ao projeto de pesquisa intitulado "Escravidão urbana, Cotidiano e Resistência na cidade da Parahyba, 1800-1850". É uma pesquisa que se encontra em estágio inicial a qual tem objetivo de fazer um estudo sobre a resistência escrava, a partir da negociação, que se davam quando os escravos negociavam com seus senhores, para obterem a liberdade parcial (tempo pra festejar), ou através do conflito, ou seja, que se davam por diversas formas, como, as fugas, as infrações, agressões, ajuntamentos ilícitos, homicídios, dentre outros. Por meio, principalmente, da análise da documentação produzida por órgãos oficiais da administração Colonial e Imperial, como as correspondências de chefe de polícia, tais documentos consistem em Correspondências policiais, Instruções e Posturas Municipais, pesquisadas nos acervos do Estado. Especialmente no Arquivo Histórico Público da Paraíba, localizado na Fundação Espaço Cultural, em João Pessoa. Pretendemos desta forma, analisar através das fontes documentais as ações empreendidas por mulheres e homens escravizados como sujeitos históricos e sociais de suas próprias vivências, no sentido de resistirem ao sistema escravista na cidade da Parahyba, capital paraibana, procuramos entender

como esses cativos souberam aproveitar-se das brechas do sistema, empreendendo uma resistência cultural e social, através dos momentos de sociabilidade, dentro dos espaços de encontros sociais na cidade da Parahyba, quer seja no momento do trabalho nas feiras, ruas e vielas, ou nos momentos de lazer, nos sambas e coco de roda, na Rua da Matinha ou na Rua do Grude, espaços das sociabilidades da população negra de diferentes condições jurídicas. Neste sentido, buscaremos traçar olhares na forma como o Estado via esses ajuntamentos, e como agiam para controlar e reprimir a população escrava, através das rondas policiais. Procuramos, assim, demonstrar que os cativos da cidade da Parahyba, não estiveram passivos dentro do sistema que lhes oprimia, souberam resistir, que seja através de sua cultura, de seus laços de sociabilidades ou nos embates sociais travados com seus senhores ou com os órgãos de repressão do Estado.

EQUIPAMENTOS MODERNOS E ALTERAÇÕES NA MORFOLOGIA E COTIDIANO DO/NO URBANO: OS BONDES ELÉTRICOS NA CIDADE DA PARAHYBA – INÍCIO DO SÉCULO XX

Loester Figueirôa de França Filho
loesterf3@gmail.com

O presente artigo resulta da pesquisa intitulada "Equipamentos modernos e morfologia urbana: os bondes elétricos na Cidade da Parahyba – início do século XX", a qual tem por finalidade: analisar como se deu o processo de implementação do serviço de Bonde Elétrico na Cidade da Parahyba do Norte, atual João Pessoa – PB, no período supracitado; determinar as alterações na morfologia urbana a partir da instalação dos bondes elétricos na cidade; sistematizar o levantamento e classificação

das normativas referentes à contratação e implementação do serviço de Bonde Elétrico; bem como, caracterizar as implicações dessas normativas na conformação urbana e no cotidiano da cidade. Para tanto foi necessário compreender como o Movimento da Modernidade atingiu tanto o ideário Brasileiro como o local, resultando numa série de esforços os quais implicaram em mudanças na forma de pensar, observar e construir as cidades. Estas, foram de fato, o espaço de intensas transformações que tinham como propósito torná-las símbolos do progresso e da civilidade. O recorte temporal da pesquisa abrange os anos de 1914 a 1923, compreendendo o período de instalação e de prestação do serviço de bondes movidos à tração elétrica, servindo assim como base para definir o levantamento documental, que se deu principalmente no Acervo do Jornal "A UNIÃO" do Arquivo Histórico Waldemar Duarte. A pesquisa pauta-se na Geografia Histórica Urbana, a qual busca entender a dimensão histórica da cidade e suas transformações no decorrer do tempo. Segundo Carlos (2001, p. 57) "Essa dimensão histórica é fundamental para a compreensão da natureza da cidade [...] e não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado, pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico [...]". Portanto, compreender a dinâmica histórica através das mudanças no cenário urbano auxilia na construção da realidade definida pelo objeto de estudo, nos aproximando desta forma, da realidade social referente à época abordada. Assim, através da pesquisa, notou-se como a situação financeira do Estado retardou a contratação da empresa responsável pela instalação do Bonde Elétrico, além de revelar como esta se mostrou pouco eficiente às necessidades da população da referida cidade, provocando

assim uma série de transtorno devido à má prestação de seus serviços.

HIGIENIZAR É PRECISO: INSALUBRIDADE E MEDICALIZAÇÃO NA PARAHYBA IMPERIAL

Maria da Penha Silva
(penhasilva1@gmail.com)

No presente pôster apresentamos uma visão panorâmica sobre as doenças e epidemias que grassaram a cidade da Parahyba na segunda metade do século XIX, a exemplo das moléstias interiores, espasmos, diarreias, tísica pulmonar, febre amarela, varíola e o cholera morbus, com objetivo de recuperar o impacto dessas doenças nas vidas das pessoas e a institucionalização de práticas higienistas, a partir da elaboração do perfil dos indivíduos mais afetados pelas moléstias e destacando as principais causas do adoecer e morrer na capital da Paraíba no contexto oitocentista. Nesse sentido, nos apoiamos em estudiosos como Irineu Pinto com seu trabalho intitulado "O Cholera Morbus na Parahyba" da Revista do IHGP(1910) , do médico Oscar Oliveira de Castro (1945), José Américo de Almeida (1980) e Lenilde Duarte de Sá (1999), que nos revelam aspectos políticos, sociais e culturais da cidade, contribuindo para reforçar a necessidade de lançarmos novo olhar sobre o assunto e atribuir-lhe novos sentidos. A documentação utilizada para desenvolver esse trabalho foram os assentos de óbitos da Freguesia de Nossa Senhora das Neves, disponíveis no Arquivo Eclesiástico da Paraíba (AEPB), estes nos forneceram informações sobre o morrer no período oitocentista. Outras fontes primárias, como Relatórios de Presidentes de Província e os registros de prontuários médicos, nos permitiram observar o perfil das pessoas que adentravam a Santa Casa da

Misericórdia, possibilitando-nos analisar a condição social e jurídica dos mesmos e acesso a visão das autoridades imperiais, estes eram responsáveis pelo controle social nos mais diversos aspectos, inclusive nos assuntos relacionados à salubridade pública. Esta última questão contribuiu para a formulação de ideias do Brasil como um país doente e, gradualmente, legitimou as ações de "homens da ciência" que passaram a defender práticas higienistas no intuito de controlar as ações dos indivíduos e controlá-los, resultando na institucionalização da presença médica e, portanto, na interferência do médico na vida civil, criando leis e regras que as pessoas deveriam obedecer.

GT 07: CIDADES E VIOLÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA E DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA NO BRASIL

IMPrensa, VIOLÊNCIA E VELHICE: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PARA A EXPERIÊNCIA URBANA

Alarcon Agra do Ó
velhice@gmail.com

Não sendo apenas um texto, nem mesmo um conjunto deles, a cidade se faz e se refaz no intervalo aberto pelos jogos de linguagem que a tematizam. As palavras e os silêncios são, também, materiais empregados na sua construção incessante, tanto quanto as pedras, os fios, as tintas, as luzes, os corpos, as naturezas inventadas e tudo o mais. Na minha

pesquisa, exploro matérias do Jornal da Paraíba que registram, entre 1994 e 2005, situações de violência em que se viram envolvidas pessoas socialmente classificadas como idosas. Nos textos pesquisados encontra-se uma espécie de geografia urbana singular, caracterizada pela afirmação de que há zonas e modalidades de ocupação do espaço potencialmente mais arriscadas. Há, ainda, articulada a isso, uma hierarquização de modos de ser, a partir da indicação de condutas e hábitos mais ou menos comprometidos com a vulnerabilidade das pessoas idosas em face de situações de violência. O que se diz, ali, em linhas gerais, é que a cidade é o espaço de habitação natural das pessoas idosas, de acordo com o corpus da pesquisa. Morar fora dela é uma experiência ainda comum, mas plena de riscos, dada a especial vulnerabilidade dos membros daquele grupo etário. No entanto, diz ainda a imprensa, mesmo estar na cidade não é de todo confiável. É preciso que o homem velho e a mulher velha, habitantes da zona urbana, cerquem-se de cuidados – cumpre dividir o teto com alguém próximo, familiar ou empregado, capaz de amparar e proteger; ainda mais, deve-se guardar, quando em público, grande discrição em relação ao patrimônio; por fim, nos deslocamentos pela cidade, que devem ser raros, rápidos e nunca pelos mesmos caminhos ou nos mesmos horários, cabe observar que o dia é mais seguro que a noite tanto quanto o transporte privado é mais seguro que o público. É um cenário de pânico, portanto, o que se tece, ali. Não há escapatória para quem já caiu, presa da velhice. E isto se torna ainda mais dramático, cabe acentuar isto aqui, na medida em que os textos a partir dos quais aquelas imagens se difundem são construídos entremeando o registro de situações de violação dos direitos de

pessoas idosas (no mais das vezes, isto se dando sob a forma de atos de violência) com fragmentos de falas de atores do drama referido na matéria.

Palavras-Chave: Velhice, Violência, Mídia.

A LEI MARIA DA PENHA E SEUS EFEITOS JURÍDICO-SOCIAIS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE - PB

Cleoneide Moura do Nascimento
clepsyque@hotmail.com

Este trabalho é um exercício de reflexão sobre a violência contra a mulher, no contexto da implementação da Lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha) e os seus efeitos jurídico-sociais no âmbito da cidade de Campina Grande/ Paraíba. Trata-se de um trabalho que teve por objetivo analisar quais as transformações sociais e jurídica foram possíveis de se observar a partir da normatização de lei, para tanto realizou-se uma pesquisa bibliográfica extensa como também a visita a delegacia da mulher e aos núcleos de apoio as vítimas de violência doméstica, com o intuito de buscar respostas aos questionamentos sociais sobre a eficácia de tal Lei. Consideramos que mesmo após a implementação da Lei Maria da Penha algumas mudanças significativas ocorreram, contudo ainda há muito a se fazer como a conscientização das vítimas em relação aos seus direitos e com isso aumentar as denúncias e punições em casos como esses.

Palavras-chave: Violência, mulher, Lei Maria da Penha.

DENÚNCIAS DAS RODAS DE BAMBA: AS REPRESENTAÇÕES DA CRIMINALIDADE DOS E NOS MORROS CARIOCAS NOS SAMBAS DE BEZERRA DA SILVA

Elisângela Cabral Moço
mococabral@hotmail.com

O tema da violência dos e nos morros cariocas se tornou recorrente nos noticiários brasileiros como um problema social e político do século XXI. Porém, ao analisarmos o conteúdo das músicas interpretadas pelo sambista Bezerra da Silva, podemos notar que este quadro de violência civil se contornava e ganhava cores já nas décadas de 1970, entre os becos e vielas das comunidades cariocas, onde a população convivía com a fácil comercialização de drogas, resultado da conivência e corrupção policial perante a criminalidade, o descaso público perante seus moradores, assim como a discriminação social que impunha uma barreira entre o "asfalto" e o "morro". Mostrando que o detonador social e político já se encontrava acionado desde as primeiras décadas da segunda metade do século XX, e que a explosão da violência no Rio de Janeiro aconteceu pela inércia do poder público e pelo descaso social perante o morro. Desta forma, entendemos os sambas de Partido Alto como crônicas cantas do cotidiano destas comunidades que desde seu surgimento, no final século XIX, vem sendo desprezadas e reprimidas pelos poderes públicos.

Palavras-chave: Samba. Cotidiano. Violência.

E A BATALHA COMEÇOU: CIGANOS E VIOLÊNCIA NA IMPRENSA CAMPINENSE

Gilmara Tavares Batista
eng@hotmail.com

Esta exposição é parte constituinte da pesquisa que está sendo desenvolvida para o Trabalho de Conclusão do Curso de

História e propõe refletir como a imprensa local apresenta os ciganos que tiveram suas vidas marcadas pela violência na cidade de Campina Grande, na década de 1980. A análise recai sobre a importância da imprensa local na construção de imagens sobre os ciganos nesta cidade, uma vez que as histórias delineadas pelos jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba elaboraram um discurso que articula os crimes praticados pelos ciganos no seio de seu grupo e o contexto de violência marcante no Estado da Paraíba. Nesse contexto, existiu uma preocupação por parte da polícia, enquanto agente de controle social, em manter a cidade livre de problemas relativos à criminalidade e violência, passando a montar esquemas de procura a ladrões e pistoleiros, com objetivos de manter a ordem pública. Dessa forma, por um lado, os discursos e as representações construídas sobre os ciganos através dos jornais refletiram a desconfiança e a vontade de manter a ordem na cidade moderna, por outro, explicitam os problemas enfrentados pelas autoridades face a locomoção dos ciganos e as dificuldades para a operacionalização das medidas repressoras por parte da polícia local. Portanto, a partir da imprensa é possível investigar como os ciganos foram vistos em sua trajetória pela cidade moderna, assim como perceber como eles foram descritos em suas redes e códigos de sociabilidade, tanto no que se refere às relações entre os próprios ciganos, como com os não ciganos, considerando um contexto de violência mais amplo. Para tanto, a análise da questão será especialmente norteadada por alguns aportes teóricos como: Michel de Certeau, Roger Chartier. P. Thompson.

Palavras Chave: Ciganos, História da Paraíba, Imprensa.

O BULLYING NO UNIVERSO ESCOLAR PARAIBANO

Gláucia Santos de Maria
gluciavince@gmail.com
Lara Lanny de Oliveira Silva
lannybomsucesso@hotmail.com
Rennata Kelly Muniz Alves
rennatamuniz@hotmail.com)
Vanderlan Francisco da Silva
vanderlansilva@uol.com.br

Este trabalho procura discutir um tipo específico de violência no âmbito escolar, a saber, o bullying. Diferentemente de outras formas de violência, o bullying se caracteriza por traços bastante específicos, quais sejam: atos violentos físicos e/ou simbólicos, praticados de maneira recorrente no universo escolar, envolvendo indivíduos que se encontram na infância e adolescência. Diferentemente de qualquer violência casual que ocorra entre esses indivíduos na escola, por alguma indiferença momentânea, o bullying é um fenômeno onde as agressões físicas, as ameaças, os insultos, os apelidos, os constrangimentos, e por vezes o terror, são as armas utilizadas pelos agressores para inibirem as vítimas, de modo que essas se sintam acuadas diante de todo um repertório de atos e de visões preconceituosas que os tornam reféns de conflitos constantes, com a imposição do uso da força física, que não apenas os machucam fisicamente e psicologicamente, mas que podem deixar marcas profundas na sua psique, com conseqüências para a vida adulta. O nosso trabalho desenvolve um estudo sobre a emergência do bullying em duas escolas públicas, ambas situadas na cidade de Campina Grande-PB. O foco da presente pesquisa são alunos dos turnos matutino e vespertino, que tem entre 10 e 14 anos e que estão cursando entre o 6º e o 8º ano do ensino fundamental.

Metodologicamente fazemos uso de metodologia qualitativa, o que nos possibilitará uma compreensão bastante relevante quanto ao objeto de pesquisa proposto, juntamente com a pesquisa etnográfica, além da observação participante no universo da escola. A partir da análise do cotidiano escolar dessas crianças e adolescentes procuramos obter dados que nos possibilitem a construção de análise aprofundada da especificidade do bullying no universo escolar paraibano. Além disso, através da técnica do grupo focal buscamos perceber as visões e práticas dos alunos diante de atos recorrentes de violência produzidos no universo da escola.

Palavras-chave: Violência, Bullying, Universo Escolar.

“LOUCOS” PELA RUA: A CIDADE MODERNA E O ORDENAMENTO DOS CORPOS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX (POMBAL-PB)

Helmara Giccelli Formiga Wanderley
helmaragiccelli@hotmail.com

A cidade moderna, por ser considerada o lugar das virtudes e atendendo as exigências dos senhores do saber, médicos, enfermeiros, urbanistas, juristas, arquitetos, entre outros, expurga, para longe do espaço citadino centralizado, os tipos, ditos, destoantes, dentre os quais ganha [in]visibilidade o louco, que torna-se incompatível à norma disciplinar vigente. Neste sentido, o nosso trabalho tem como escopo analisar como se deu a constituição da loucura enquanto “questão urbana” e as práticas de enclausuramento dos homens e mulheres considerados como loucos, numa cidade do Alto Sertão da Paraíba, Pombal, na primeira metade do século XX. Neste estudo de História Social e Cultural da

Loucura, além da aproximação com os conceitos de práticas e representações de Roger Chartier, assim como, de usos e invenções de Michel de Certeau, são fundamentais para entendermos as experiências dos habitantes de Pombal acerca da loucura, do louco e do saber psiquiátrico no contexto de modernização das cidades, será pertinente também o conceito de sensibilidade de Maria Stella M. Bresciani, este nos possibilitará analisar as mudanças de atitude dos pombalenses em relação à loucura que habitava as ruas da cidade de Pombal, o que consideramos tratar-se de um violência contra aqueles homens e mulheres, nomeados pelo saber médico como loucos, antes considerados parte da paisagem citadina; consideramos ainda essencial o diálogo com autores que tomam estes temas como objeto de estudo, a saber: Michel Foucault, Robert Castel, Roberto Machado et. al., Magali Engel, Maria Clementina P. Cunha, Sérgio Carrara, entre outros. Quanto às fontes, faremos uso da Metodologia da História Oral, por meio da qual utilizaremos os relatos orais de memória dos antigos moradores de Pombal; para atingirmos os nossos objetivos será necessário também compulsar os documentos do arquivo do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, assim como, do Jornal A União e a bibliografia local existente sobre o tema.

Palavras-chave: modernização, loucura, psiquiatria.

POLÍCIA, LADRÃO E "A REPÚBLICA": ESTUDO DE CASOS DE VIOLÊNCIA EM NOTAS DE JORNAL NA CIDADE DO NATAL EM TRANSIÇÃO PARA O SÉCULO XX.

Ildegarde elouise Alves
ildegarde_elouise@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo analisar os estudos de caso de violência, as ocorrências policiais que aconteceram no período de fins do século XIX e início do XX, período este que se caracteriza pela mudança de regime político: a transição do regime imperial para o republicano. Uma característica que marca a sociedade natalense nesse período - não diferente de outras sociedades na mesma temporalidade - é o ideal de progresso, no qual a sociedade se pretendia moderna e civilizada, principalmente por parte de uma elite urbana, composta por comerciantes, estudiosos e influentes políticos da cidade. Natal inaugurava sua Belle Époque e para tal, adotou e passou a efetivar uma série de projetos nos âmbitos da higiene, arquitetura, urbanismo, educação e segurança, com o intuito de modernizar e civilizar a cidade, ainda tão provinciana. Os casos de violência passaram então a representar um empecilho na realização desses projetos, um atraso ao tão desejado progresso. Analisaremos assim, os casos de violência publicados nas notas do jornal "A República", no período de 1890 a 1915, buscando perceber, a partir da análise desse objeto, como estes casos eram vistos e representados nessas notas, de forma a perceber como os eventos contrariavam os ideais dessa elite e o projeto de modernização da cidade.

EM NOME DA ORDEM E DA TRANQUILIDADE PÚBLICA: FORÇAS REPRESSIVAS NA PARAÍBA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Lis de Araújo Meira
lis_meira@hotmail.com
Myrai Araújo Segal

Este trabalho faz parte da pesquisa que desenvolvemos no projeto de Iniciação Científica intitulado: "Culturas Políticas e

Redes Familiares na Paraíba Oitocentista”, e tem como objetivo compreender as especificidades das medidas coercitivas, através das tentativas de controle da violência, na Província da Paraíba, na primeira metade do século XIX. No período regencial (1831-1840), o Estado precisava de organização e de meios para “manter a ordem” no território brasileiro, notadamente em algumas províncias que se encontravam em um momento de grande tensão política. Embora a intenção fosse burocratizar o aparelho coercitivo ao máximo, esse processo se deu de forma muito lenta e, muitas vezes, contraditória. As forças repressivas no Império brasileiro se constituíam de maneira muito complexa e ambígua, ora controladas pelo Estado e ora sob influência de particulares, par a essa singularidade podemos citar como exemplo a Guarda Nacional. Na tentativa de manter a “tranquilidade pública”, as elites dirigentes utilizaram da violência por meio das forças repressivas militares/policiais; era uma prática comum, e mais do que isso, era uma estratégia política para a manutenção do poder. Não são raros os documentos do século XIX que nos revelam a utilização de tal recurso para punir os “rebeldes” e até mesmo para manipular eleições. O esforço das autoridades para transformar as forças repressivas em instituições sólidas é visível na documentação pesquisada. Mas, observa-se que apesar de toda essa preocupação com esse processo civilizador, o aparato repressivo ainda se encontrava em formação. Portanto, a partir da documentação pesquisada, pretendemos mostrar a atuação da Força Policial nesse processo de tentativa de “manter a ordem”, através dos relatos dos Presidentes de província e dos documentos do Arquivo Público do Estado, estes documentos produzidos por outras autoridades que apresentam como urgente a necessidade de

fortalecer essa organização. Além disso, o corpus documental permite também que se aponte as esferas em que Polícia mais atuava, que, conforme as informações levantadas, se voltava principalmente no sentido de manter a tranquilidade e ordem de uma sociedade escravista.

Palavras-chave: Império, violência, polícia.

“VIOLÊNCIAS” E RESISTÊNCIA: OS VENDEDORES AMBULANTES NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE

Maria Auriane de Sousa Ferreira
aurianesf@gmail.com

Antonio Clarindo B. de Souza

Nas décadas de 1970 e 1980, as principais ruas do centro de Campina Grande estavam tomadas por barracas de lona, enfileiradas por toda a rua. Quando chovia a situação se agravava, os vendedores tinham que desmontar suas barracas e a mercadoria, devido às chuvas, muitas vezes se estragava e causava grandes prejuízos. Os vendedores ambulantes, na sua maioria, eram homens e mulheres desempregados, que vinham da construção civil ou da zona rural e não encontrando outros meios de vida, partiam para as ruas Cardoso Vieira, Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Monsenhor Sales, e outras, para vender de forma “incipiente”, seus produtos - meias, roupas, frutas e bugigangas. Estes sujeitos uma hora ou outra, ganhavam as páginas dos jornais, que noticiavam o problema, publicando as queixas dos comerciantes lojistas e da CDL, ao mesmo tempo em que estes letrados pediam providências às autoridades públicas para que as ruas tomadas pelos vendedores fossem “desobstruídas” e assim os carros e os pedestres pudessem transitar livremente e sem incômodos. Colocada a questão, o que

nos propomos a apresentar neste artigo serão as várias formas de violência sofridas por estes vendedores ambulantes, tanto com relação à violência física, quando do rapa que aconteceu em meados da década de 1980, deixando uma vítima fatal e das formas de violência moral e verbal, quando muitas vezes estes sujeitos são nomeados de camelôs pelos discursos jornalísticos como pessoas desonestas, de índole e produtos de "procedência duvidosa". Como historiador cabe-nos o papel de mostrar a questão e analisar do ponto de vista histórico, do que acarretou para o espaço urbano e para as pessoas envolvidas este processo de apropriação e desapropriação, tendo como fontes para nos auxiliar, os jornais "Diário da Borborema" e "Jornal da Paraíba", assim como depoimentos orais de os próprios vendedores ambulantes e de frequentadores do centro da cidade.

Palavras-chave: espaço urbano, vendedores ambulantes e violência.

DA VIOLÊNCIA DO MALQUERER A VIOLÊNCIA DO DESEJO: O CORTIÇO E OS ENLACES SENTIMENTAIS/VIOLENTOS ENTRE JERÔNIMO, RITA BAIANA E PIEDADE.

Rosemary Ramos Rodrigues
roseramosr@yahoo.com.br

Malquerer/desejo – duas esferas que a primeira vista estão em oposição. Porém, podem ser reveladoras de uma violência, não física, mas emocional. De um lado, o desprezo, o repúdio; do outro, o querer, a paixão. Sentimentos personificados pela relação entre Jerônimo, Piedade e Rita Baiana, personagens de O Cortiço, obra naturalista do maranhense Aluísio Azevedo publicada em 1890. O malquerer e o desejo são ambientados no cortiço "Estalagem de João Romão", onde se desenrola as

atividades da vida cotidiana de múltiplos personagens: trabalho, sofrimentos, lazer, desentendimentos, sexo, traição etc. Jerônimo e Piedade, portugueses mantenedores das tradições de sua terra e amantes do trabalho, vivem uma vida de mansidão e nostalgia da terra natal, embalados por uma união cujo objetivo é "fazer a vida" no Brasil. A princípio tudo era felicidade e bem querer que será violentamente abalado por Rita Baiana, mulata da cor do desejo e, segundo Azevedo, "cheiro de animal no cio". Prerrogativa de uma mulata? Será que Gilberto Freyre tinha razão ao colocar a mulata como figura feminina propícia aos deleites sexuais? No cenário do século XIX surge o culto a beleza da mulata e Rita Baiana exemplificará o quanto um desejo pode personificar a violência racial, filha de um regime escravocrata que teoricamente já havia sido abolido, mas as suas subjetividades circulavam numa sociedade que desejava ser moderna. Nesse mesmo cenário vemos o determinismo, fio condutor das transformações físicas e morais em Jerônimo e o nascimento do seu malquerer por Piedade. O português se abasileira, passam a fazer parte do seu cotidiano o café, o parati, a contemplação e o repúdio à esposa, descobrindo nela odores desagradáveis nunca percebidos: deseja a mulata aseada. Portanto, das relações entre os três personagens da obra o Cortiço, analisarei a dicotomia entre a violência contra a mulher desprezada e a mulher desejada.

Palavras-chave: Violência. Malquerer. Desejo.

ENTRE O AMOR E O ÓDIO: DOIS CAMINHOS TRILHADOS PELA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA

Taiana Maria soares da silva

taianasoares2008@hotmail.com

O presente artigo compreende parte de uma pesquisa que tem como objeto de estudo, denunciar e analisar a violência contra a mulher ao longo da história, especialmente, na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Assim, é preciso percorrer a trajetória de alguns antecedentes até os contornos que este campo de estudos assume na atualidade, na cidade. Haja vista que em décadas passadas às mulheres eram mais "recatadas" e ficavam caladas ao serem maltratadas e até sexualmente violentadas por seus companheiros. Entretanto, é preciso ressaltar que, por vez elas não denunciavam por medo e vergonha. Essa situação é evidente no dia a dia, na sociedade campinense. Portanto com o surgimento da lei Maria da Penha, e com base na própria, o que tem contribuído bastante para diminuir esse problema que atinge mulheres, em todo Brasil, especialmente na cidade de Campina Grande, destacando também as identidades individuais e coletivas de cada sujeito que produz estas ações. O que focaliza e destaca a possibilidade, por exemplo, de que alguns elementos estejam subjetivamente ativos, e se expande por vários setores da sociedade campinense e brasileira, sem distinção de cor ou condição social. É nessa ênfase, que procuramos reunir e analisar como da mesma forma examinar os momentos subjetivos e os objetivos, entre o amor e o ódio, por outro lado, a violência contra a "Mulher" campinense, brasileira, esse fato pode ser estudado em uma perspectiva de a mulher está ocupando seu lugar no espaço, estando em um nível de igualdade com os homens, o que de certa forma não agrada a muitos homens machistas que se torna a cada dia mais carrasco com suas mulheres por ter perdido o título de senhor e dominar

que foi utilizado por eles durante décadas, mas essa história foi se transformando com muita luta e sofrimento, e nos dias atuais a mulher ocupa lugar de destaque em vários setores da sociedade brasileira e campinense.

Palavras-chave: Amor, Ódio, Violência, Mulher.

A FACE DA MORTE EM MEIO ÀS LUZES DA CIDADE: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE HOMICÍDIOS NA RAINHA DA BORBOREMA

Vanderlan Silva
vanderlansilva@uol.com.br

Neste texto nós discutimos os resultados de uma pesquisa sobre homicídios na cidade de Campina Grande durante os anos de 2009 e 2010. Os dados foram colhidos junto a três fontes secundárias: jornais escritos: Diário da Borborema e Jornal da Paraíba; laudos cadavéricos do Instituto de Medicina Legal da Paraíba e Boletins de Ocorrência da Polícia Civil. O acesso às instituições se deu através de contatos pessoais com os responsáveis pelas instituições, durante os quais foi explicado o objetivo da pesquisa e a relevância dos dados catalogados. Uma vez obtida a anuência, foi enviado ofício formalizando a solicitação. Durante o processo de coleta dos dados junto aos arquivos, nós coletamos informações sobre os casos de homicídios ocorridos entre os dias 1º de janeiro de 2009 e 31 de dezembro de 2010. Para isso, elaboramos questionários específicos para cada órgão, nos quais procuramos obter informações das vítimas, tais como: idade, estado civil, cor da pele, local do crime e moradia, profissão, envolvimento com drogas e crimes, arma utilizada, grau de escolaridade, entre outros. De posse dessas informações,

procuramos traçar os perfis das vítimas de homicídios na Rainha da Borborema durante o período mencionado. A análise dos dados revelou que embora o homicídio seja uma forma de violência que depende da vontade dos atores envolvidos em conflitos interpessoais de levarem às últimas consequências as disputas, ele atinge de forma recorrente indivíduos com características semelhantes. No período investigado tivemos 327 homicídios, sendo 140 em 2009 e 187 em 2010. A pesquisa revelou que esse tipo de violência atinge de maneira desigual os vários segmentos sociais em Campina Grande, pois 61% das vítimas tinham entre 16 e 29 anos. Entre os mortos que tiveram a cor da pele descrita, mais de 90% eram negros e pardos e 93% eram homens, além disso, 76% não tinham completado o ensino fundamental. Quanto ao estado civil, os solteiros representaram 68% das vítimas, já no tocante às profissões, as vítimas desempenhavam na maioria dos casos funções de baixa qualificação profissional. As armas de fogo foram responsáveis por 79% das mortes. Concluímos que de acordo com as taxas internacionais de homicídios, a cidade atingiu 36 e 48 casos para grupos de cem mil habitantes em 2009 e 2010, respectivamente. Isso revela não só um crescimento vertiginoso quando comparado aos anos anteriores, mas também que a violência homicida atinge principalmente os segmentos mais pobres e marginalizados da cidade.

Palavras-chave: Violência, Homicídios, cidade.

MULHERES: O OUTRO DA VIOLÊNCIA?

Vanuza Souza Silva
vanuzaz@hotmail.com

Este trabalho parte de minha pesquisa de doutorado, faz uma discussão sobre as práticas femininas que acionam o crime, a violência, discute a subjetividade de mulheres que se envolvendo com a criminalidade, recriam o papel do feminino na nossa sociedade, dobram o próprio conceito de violência enquanto atributo do masculino. Que mudanças históricas e sociais tornaram possível o envolvimento de mulheres com a criminalidade e práticas de violência e delitos os mais diversos? Que sentidos essas mulheres que se envolvem com o crime e a violência produzem para si e seus outros? Como pensar essa performance da violência a partir das mulheres na história? Discutir a participação das mulheres no crime e nas práticas violentas as mais diversas, significa compreender as mudanças históricas e sociais que envolvem gênero, família e tantos outros lugares que vêm desde a segunda metade do século XX mudando e recriando lugares até então cristalizados. Se durante muito tempo as mulheres apareceram na história como vítimas da violência e do crime desde os anos 90 do século XX, a autoria de delitos por mulheres vêm desafiando os estudos de gênero a repensarem os silêncios que ainda insistem vitimizar as mulheres na violência, apenas. As mulheres que se envolvem com o crime vêm recriando não apenas o lugar da violência, do masculino, mas principalmente, o lugar das mulheres enquanto sujeitas da violência.

Palavras-chave: Mulheres, gênero, violência.

ENTRE O AMOR E O ÓDIO: DOIS CAMINHOS TRILHADOS PELA MULHER AO LONGO DA HISTÓRIA.

Taiana Maria soares da silva
taianasoares2008@hotmail.com

O presente artigo compreende parte de uma pesquisa que tem como objeto de estudo, denunciar e analisar a violência contra a mulher ao longo da história, especialmente, na cidade de Campina Grande, na Paraíba. Assim, é preciso percorrer a trajetória de alguns antecedentes até os contornos que este campo de estudos assume na atualidade, na cidade. Haja vista que em décadas passadas às mulheres eram mais "recatadas" e ficavam caladas ao serem maltratadas e até sexualmente violentadas por seus companheiros. Entretanto, é preciso ressaltar que, por vez elas não denunciavam por medo e vergonha. Essa situação é evidente no dia a dia, na sociedade campinense. Portanto com o surgimento da lei Maria da Penha, e com base na própria, o que tem contribuído bastante para diminuir esse problema que atinge mulheres, em todo Brasil, especialmente na cidade de Campina Grande, destacando também as identidades individuais e coletivas de cada sujeito que produz estas ações. O que focaliza e destaca a possibilidade, por exemplo, de que alguns elementos estejam subjetivamente ativos, e se expande por vários setores da sociedade campinense e brasileira, sem distinção de cor ou condição social. É nessa ênfase, que procuramos reunir e analisar como da mesma forma examinar os momentos subjetivos e os objetivos, entre o amor e o ódio, por outro lado, a violência contra a "Mulher" campinense, brasileira, esse fato pode ser estudado em uma perspectiva de a mulher está ocupando seu lugar no espaço, estando em um nível de igualdade com os homens, o que de certa forma não agrada a muitos homens machistas que se torna a cada dia mais carrasco com suas mulheres por ter perdido o título de senhor e dominar que foi utilizado por eles durante décadas,

mas essa história foi se transformando com muita luta e sofrimento, e nos dias atuais a mulher ocupa lugar de destaque em vários setores da sociedade brasileira e campinense.

Palavras-chave: Amor, Ódio, Violência, Mulher.

**GT 08: CIDADE,
MODERNIDADE,
LINGUAGENS: RETRATOS
DO URBANO NA
LITERATURA, FOTOGRAFIA,
CINEMA E OUTRAS ARTES**

**NA REPÚBLICA QUE NÃO FOI, SE
MUDOU DE ROUPA SEM TROCAR DE
PELE**

Ariosvalber de Souza Oliveira
ariosvalber@yahoo.com.br

O presente trabalho analisa as representações da proclamação e início da República no romance, *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis. O romance narra os desentendimentos e as contendas entre os irmãos gêmeos Pedro (Esaú) e Paulo (Jacó) e amor de ambos por Flora. Tensões estas que extrapolam as diferenças pessoais e entram na esfera do político, pois o primeiro é um monarquista convicto, o segundo, fervoroso republicano. A narrativa machadiana é conduzida pelo conselheiro Aires e tem como contexto histórico o processo de passagem do Império para a República e os primeiros anos do governo republicano. A ironia sofisticada do "bruxo do Cosme Velho" se faz presente no texto, indicando as contradições e limites das

propostas republicanas. Como na definição dada pelo conselheiro Aires sobre a mudança de regime político, onde diz que, nada se mudaria; o regime político, sim, era possível, mas também se muda de roupa sem trocar de pele. Trabalhamos com o conceito de representação de Roger Chartier (2001) no uso da narrativa ficcional enquanto fonte histórica. Sem perder de vista a dimensão ficcional do texto machadiano, propomos estabelecer uma leitura atenta às ressonâncias históricas no romance. Para tal leitura, utilizaremos principalmente dos estudos feitos por José Murilo de Carvalho (1987), no qual indica os limites constitutivos do processo republicano no Brasil, pois não ocorreu uma experiência republicana no sentido pleno do termo e não houve políticas republicanas efetivas, no dizer de Carvalho, "a República que não foi". Ainda sobre o período histórico de mudanças no país, utilizaremos dos estudos feitos por Nicolau Sevcenko (2003) e Ana Luiz Martins (2001). Em Esaú e Jacó, Machado de Assis aborda os eternos conflitos que envolvem as relações humanas, mas também indica um período de intensas transformações políticas no país e na cidade do Rio de Janeiro, mudanças marcadas pelas contradições e a falta de participação popular no advento do regime republicano, entre outras imagens a serem exploradas.

Palavras-chave: República, História e literatura.

REVELANDO CENAS E INSCREVENDO ESPAÇOS: AS FOTOGRAFIAS E OS RASTROS POSSÍVEIS DE SE ACESSAR CENAS DA VIDA COTIDIANA DA AROEIRAS DAS DÉCADAS DE 1920-1960

Jordan Queiroz Gomes
jordangomes@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é pensar a fotografia como uma fonte histórica, um "documento", indício do tempo e indicativo de se poder acessar um vivido passado. Neste caso, pensamos a fotografia e sua relação com o que se pode chamar de renovação do conhecimento histórico, estando essa (fotografia) submetida aos procedimentos da "crítica histórica" e que, para nós, transita entre os passos epistêmicos da "operação historiográfica". Assim pensada, utilizamos as imagens fotográficas em nosso exercício de pesquisa que pretende acessar certas transformações materiais e simbólicas pelas quais passou a cidade de Aroeiras entre as décadas de 1920 a 1960. Cruzando fontes, confrontando informações, as imagens fotográficas nos têm surgido como fecundas na análise e interpretação das cenas da vida cotidiana em que a cidade e seus moradores viveram certa "experiência moderna" em que pese verificar que na Aroeiras do contexto em análise certas mudanças materiais, tidas como "modernas", estavam imbricadas com muitas "antigas" práticas e vivências características do seu universo rural. Falamos de certas sensibilidades modernas que conviveram, no período em análise, com muitas práticas e vivências, digamos outras sensibilidades tidas como "indesejadas" ao ambiente urbano em sintonia com consideráveis transformações, com algumas conquistas materiais e simbólicas. Neste exercício, estamos convictos que as imagens fotográficas "muito pode nos ensinar sobre a fisionomia de nossas cidades". Assim, poderíamos parafrasear Cabral Filho (2009, p. 14) e afirmar que "supomos a análise das imagens fotográficas como documentos que permitem uma aproximação das práticas sociais com a sua dimensão simbólica,

considerando as tensões e conflitos que, historicamente, permeiam as sociedades”.

Palavras-Chave: Imagens fotográficas, Aroeiras, sensibilidades modernas.

**CANTADORES-REPENTISTAS: DUAS
EXPERIÊNCIAS MUSICAIS EM
TRANSIÇÃO DO RURAL PARA O
URBANO NO NORDESTE BRASILEIRO**

Francisco José Gomes Damasceno
fjgdamasceno@hotmail.com

O presente trabalho aborda as experiências musicais (Damasceno, 2008) de dois cantadores nordestinos: Chico Motta (1924-2011) e Cesanildo Lima (1932). Desde a infância no meio rural de diferentes estados nordestinos até a migração para cidades de médio e grande porte (Caicó-RN e Fortaleza-CE), estes cantadores se manifestam na(s) cidade(s) se utilizando de táticas (Certeau, 1998) diversas de produção e prática de sua arte: a música. Assim, a cantoria além de ser uma arte se torna também a forma como se inserem em meios sociais outros, promovendo uma apropriação da cidade que pode revelar formas diferentes de olhar e ver o processo de urbanização pelo qual passaram as cidades nordestinas. Do aprendizado no meio rural através da transmissão de saberes e sensibilidades até a manifestação nas cidades incorporando o urbano à sua maneira, o rádio se colocou no centro desse processo de resignificação tendo como papel não só difundir a própria cantoria, mas também divulgar os nomes e as realizações destes cantadores. Assim, se evidencia uma de suas formas de inserção e de produção de seus lugares sociais. Estas reflexões são resultado parcial de pesquisa intitulada “Cantadores: práticas de uma arte-vida entre a tradição e a reinvenção pelo dito pós-moderno (1960-

2009)” desenvolvida por mim em nível de pós doutoramento junto ao Instituto de Etnomusicologia da Universidade Nova de Lisboa (INET-MD/UNL). O escopo metodológico da pesquisa se assenta em diversas práticas tais como a observação direta e participante, o registro etnográfico em trabalho de campo – diário de campo, a história oral e a escuta sensível de suas obras. Para tanto, foram percorridos vários Estados do Nordeste e realizadas cerca de 20 entrevistas, além da observação à inúmeras cantorias em pelo menos 19 cidades diferentes de nossa região.

**ZEFA E NESTOR: PERSONAGENS DA
MODERNIZAÇÃO URBANA EM CAMPINA
GRANDE (PB), UNIDOS PELAS TRAMAS
DE UMA HISTORIADORA-COSTUREIRA**

Katyuscia Kelly Catão de Sousa
kelly_catao@yahoo.com.br

Em 1907 Campina Grande recebeu alguém que se tornaria uma das personagens mais lembradas pela memória campinense: a menina Josepha, na idade adulta nomeada como ZefaTributino, senhora do Cassino Eldorado. Muitos anos depois, em 1939, chegou à cidade Nestor Bezerra de Melo, que assumiria o papel de alfaiate destacado. Três elementos da modernidade urbana se apresentam: a prostituta-cafetina, o responsável pelo bem-vestir e o trem, que trouxe a ambos para a cidade em crescimento. O objetivo deste artigo é o de propor uma história da modernização urbana em Campina Grande, referente à década de 1940, problematizando memórias que registram códigos e práticas do vestuário do período. Isto se fará mediante o entrelaçamento de fragmentos de histórias daqueles dois personagens trazidos pelo trem. Para tanto será acionada a condição do historiador-costureiro. Assim como o costureiro de

tecidos, o historiador – o costureiro de vidas – é, segundo Certeau, “produto” do lugar sócio, cultural, político e econômico do qual faz parte, lugar esse que ao mesmo tempo em que permite dizer, amordaça tantas outras possibilidades de serem ditas. O prestígio do costureiro depende, quase sempre, da sua capacidade de fabular, de criar recriando, de fazer arte com os tecidos, que são tramas entrelaçadas por caminhos permitidos, outros interrompidos, transpassados, cortados e reinventados. Conseguir fazer a partir dos tecidos comuns a todos os outros costureiros, novas tramas, novos modelos, para que enfim assumam a forma desejada, é uma arte, uma operação. Tal intervenção precisa de métodos e técnicas, que às vezes são comuns a todos, mas que cada um precisa achar suas próprias, abrir novos modelos, fundar novas possibilidades de costurar velhos tecidos. Tentaremos, portanto, aqui, dar uma nova pertinência ao período, já tão estudado na história de Campina Grande. Atentando para a singularidade da prática de vestir, percebemos algumas dimensões de como as práticas são construídas historicamente e que vão sendo inventadas e reinventadas no cotidiano e nos desejos de determinadas épocas e espaços, vão adquirindo múltiplos sentidos. Assim será contada a história da cidade vivida por Zefa e Nestor, destacando-se como os dois, cada um ao seu modo, conviveriam com corpos os quais não lhes pertenciam, precisavam de corpos estranhos para sobreviver, teriam que agradar os corpos de seus clientes, satisfazer-lhes ao máximo prestando um bom serviço para que saíssem satisfeitos com seus próprios corpos.

Palavras-Chave: modernização urbana; práticas de vestuário; história das sensibilidades

LUÍS SOARES: TRAÇOS DE UMA BIOGRAFIA

Douglas Albert de Souza Lima
gouglas@gmail.com

O presente trabalho busca analisar as ações de Luís Correia Soares de Araújo em sua busca por criar todo um ideário nacional na sociedade natalense através da mobilização da juventude com suas práticas modernizantes, em meados do Séc. XX. Para ele, era necessário modernizar a Cidade de Natal, e para isso, percebeu que a partir de ações junto das crianças e dos adolescentes era possível ajustar a Cidade à novas perspectivas, principalmente no que diz respeito à educação. Temos que Luís Soares criou no Alecrim (Bairro da capital) um espaço onde as práticas civis - militares se somarão ao núcleo educacional – escola – no que pode ser visto como um local central de difusão das idéias nacionais. Essa é uma biografia em torno de uma personagem que molda a sua história junto com a história da própria Cidade do Natal, apesar de não deixar uma autobiografia, Luís Soares nos deixa pistas de sua trajetória, e através dela percebemos a relação sujeito e sociedade, com destaque para a experiência de configuração de entidade civilizadora. Além da análise das ações de Luís Soares, esse trabalho também tem por finalidade mostrá-lo como uma figura central de uma época e fazer de sua vida um fio condutor traçando um amplo panorama sobre a Cidade de Natal. A narrativa da história de Luís Soares traz um novo modo de espacializar a Cidade do Natal: ver a Cidade, nesse sentido, é o mesmo que ver Luís Soares. Há perfeitamente a problemática de que Luís Soares não vai representar Natal como um todo, porém, ele vai representar uma das muitas cidades existentes em Natal. A construção de uma

análise histórica do processo de civilização pela qual Natal passou durante a consolidação da República no Brasil é possibilitada por essa narrativa de Luís, que também visa questionar as tradicionais concepções de espaço criados pela "modernidade" do início do século XX, procurando investigar suas repercussões sobre o humano, situado entre espaços sociais e a vida pessoal.

AS RESOLUÇÕES MUNICIPAIS COMO FONTES PARA PESQUISAS DE HISTÓRIA URBANA DA CIDADE DE NATAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Gabriela Fernandes de Siqueira
gabifernande_s@hotmail.com

Com a instalação do regime republicano, a administração da cidade de Natal passou para a responsabilidade do Conselho da Intendência Municipal, formado por intendentes que publicavam suas decisões na forma resoluções. Muitas resoluções demonstraram a preocupação dos gestores da cidade com a higienização, com a necessidade de adequar os espaços da cidade aos ideais de salubridade, higiene e modernização em voga em diversas capitais brasileiras no início do século XX. As resoluções foram publicadas no jornal A República- órgão oficial do Partido Republicano Federal do Rio Grande do Norte - e, eventualmente, no Diário do Natal, jornal de oposição, assim também como em livros de leis e decretos do Governo do Estado. Essas resoluções, que foram publicadas de formas avulsas nos periódicos, quando reunidas, permitem a percepção do significado que o espaço público da cidade vai assumindo para os administradores no período estudado. A análise das resoluções durante o recorte estabelecido pode contribuir para discussões e trabalhos sobre a gestão da

cidade, incluindo temas como transporte, moradia, salubridade, e permite discutir aspectos importantes a respeito do papel que a cidade deveria ocupar dentro de um ideal de modernização assimilado pelas elites locais. Foram localizadas, transcritas e arquivadas no grupo de pesquisa Os espaços na modernidade, coordenado pelo professor Raimundo Pereira Alencar Arrais, 173 resoluções entre o período de 1890 e 1919. Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa A institucionalização da gestão urbana: levantamento documental e análise das resoluções do Conselho da Intendência Municipal de Natal (1890-1930), coordenado pelo professor Raimundo Nonato Araujo da Rocha .

Palavras-chave: Resoluções. Trabalhos. História urbana

"O REI ESTÁ NU!": REFLEXÕES SOBRE AS BIOGRAFIAS DE DOIS MONARCAS DO BRASIL

Nôadri Késsio Souza Borges
kessioborges@hotmail.com

Não há nenhuma novidade em afirmar que a biografia está em alta, assim como, de sua legitimidade como prática historiográfica. Nos últimos anos no Brasil foram marcados por obras diversas em que a preocupação biográfica se faz presente. Por outro lado, o interesse pela escrita biográfica parece não acompanhar a necessidade de se refletir sobre esse tipo de escrita, nos inspiramos nas contribuições de autores como (SCHMIDT, 2004), (DOSSE, 2009), (LEVI, 2010) (BOURDIEU, 2010). A presente comunicação analisa duas biografias escritas sobre os monarcas D. Pedro I: um herói sem nenhum caráter (LUSTOSA, 2007) e D. Pedro II: ser ou não ser (CARVALHO, 2007), na intenção de compreender como seus biografos

problematizaram as tensões entre indivíduo/sociedade, das estratégias narrativas que utilizaram para por em cena as ambivalências de seus personagens.

AS PRAÇAS DE ALAGOA NOVA EM IMAGENS E HISTÓRIA

Luiz Carlos dos Santos Mestrando (PPGH-
UFCG)

Iordan Queiroz Gomes

Este artigo tem como objetivo fazer um estudo sobre um lugar importante no tocante a análise das sensibilidades urbanas: as praças. Este lugar tem diversas funcionalidades que vai desde a afetividade humana, os lazeres, os eventos políticos, religiosos, enfim o espaço das praticas sociais. As praças têm um sentido de embelezamento da cidade e aos poucos vai se tornando também o ponto de encontro dos moradores. Velhos, crianças, jovens, adultos e casais de namorados, todos usufruindo deste espaço trocando experiências, contando historias, discutindo política, problemas sociais e pessoais, marcando o primeiro encontro, enfim é o espaço aberto as mais diversas experiências de vida destes moradores alagoa-novenses. Tomando como fonte as imagens fotográficas percebemos que ao longo dos anos as mesmas passaram por vários momentos que vai desde as suas construções e abandonos, chegando a ser também o espaço dos animais freqüentarem, o espaço do abandono por parte dos políticos, dos cultos religiosos e em muitos casos a extensão dos bares. A intenção é observar como é que estes espaços destinados a todas essas funcionalidades aqui apresentadas foram sendo modificados e utilizados pela população de Alagoa Nova. Dessa forma tomamos as imagens fotográficas como

suporte para que possamos perceber as enquetes aqui apresentadas.

CINEMATOGRAFO E MODERNIDADE EM CAMPINA GRANDE - PB - 1900-1940

Lincon César Medeiros de Souza
linconlc@yahoo.com.br

É impressionante o quanto o cinema causou admiração nas sociedades aonde chegou. Dentre outras coisas, marcou o início de uma era de predominância da imagem, a qual influenciou e modificou as mais diversas pessoas que passaram a conceber e representar o mundo de maneira diferente depois do advento do cinema. Este redimensionou os modos de vida e as experiências dos mais diferentes grupos sociais que entravam em contato com a tela grande. Contudo, devemos lembrar que quase nunca paramos para refletir que o cinema é uma invenção relativamente recente, contando com um começo precário, muito distante da realidade pontuada pelo progresso técnico. Atualmente, as pessoas que já nasceram sob a influência do cinema tal qual o conhecemos imaginam este como um elemento natural das nossas vidas, esquecendo do fato de que o surgimento do mesmo no final do século XIX teria sido um dos acontecimentos que marcaria a jornada do homem do século seguinte. Pensando nisto é que neste trabalho procuramos compreender como foi a chegada e os primeiros anos do cinematographo na sociedade campinense das primeiras décadas do século XX. Analisamos, através de matérias da imprensa local, a chegada do cinematographo até a sua incorporação ao cotidiano campinense, aspecto que nos mostra um período de projeções artesanais, muito diferente do negócio milionário que se transformou a indústria cinematográfica

no decorrer do século XX. Esse fato histórico vai de encontro ao esforço dos letrados que interferiam e pensavam a entrada da cidade no mundo Moderno com a ajuda do cinema, apresentando discursos de entusiasmos totalmente a favor da presença do cinematographo. E para nossa empreitada utilizamos como referencial teórico lições da História Social da Cultura, discutindo conceitos como modernidade, tradição e práticas socioculturais. Já a pesquisa se concentrou em diferentes fontes impressas, como jornais e revistas de época, propagandas, livros de memorialistas e crônicas de autores paraibanos.

Palavras Chave: Cinematographo, modernidade, Campina Grande.

O CANGAÇO NA MIRA DAS LENTES MODERNAS DE BENJAMIN ABRAHÃO: UM CONFRONTO DE IMAGENS, NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Wescley Rodrigues Dutra
wescley.dutra@bol.com.br

Em 1936, o libanês Benjamin Abrahão empreendeu um projeto extremamente ousado para a sua época, o de filmar e fotografar o bando do cangaceiro Virgolino Ferreira da Silva, popularmente conhecido como Lampião; homem temido por boa parte da população e governantes do Nordeste brasileiro. O resultado de tal empreitada foi um documentário extremamente rico e significativo para se estudar as narrativas, memórias e representações sobre o movimento do cangaço. No presente trabalho, partindo do que sobrou do filme original, pretendemos discutir qual a importância desse material para a compreensão do cangaço; os aspectos de confronto entre o urbano (moderno) e o rural (arcaico); e os jogos de interesses que envolveram a produção

da película, no qual fica perceptível uma disputa de representações e memórias sociais, o que deve ser lembrado e esquecido. Nas imagens fica perceptível uma latente distinção entre o urbano, representado pelas cidades e a modernidade que estava em andamento, e o arcaico, representado pelo sertão com sua caatinga fechada e os cangaceiros, "autênticos representantes da barbárie". Assim, para alcançarmos os objetivos propostos usamos como aporte teórico as ideias de Walter Benjamin (1994), Peter Burke (2004) e Roger Chartier (1990).

Palavras-chave: Cangaço; Documentário; Representação.

A MALDADE CARICATA: REPRESENTAÇÕES PÓS-MODERNAS DO CORINGA EM BATMAN: O CAVALEIRO DAS TREVAS

Ellen Cristine Alves Silva Canuto
ellen.canuto@hotmail.com

O presente artigo se constitui num comparativo do construto cinematográfico dos personagens do filme Batman: O cavaleiro das trevas, do diretor Christopher Nolan, com o comportamento da sociedade pós-moderna por meio documental e de uma pesquisa bibliográfica sobre a construção do comportamento moderno voltado para o avanço tecnológico e individualista que se apresenta no filme com aspecto irônico sobre uma sociedade caótica, o que nos permitiu fazermos reflexões sobre a semelhança da vivência contemporânea e um imaginário cinematográfico com relatos reais de uma sociedade atual, que tem como objetivo dialogar essa conduta pós-moderna implantada nos personagens principais que compõem o filme. Além disso, pretendemos identificar a ironia exposta pelos inimigos

da modernidade que se instala no estresse cotidiano e no sentimento egocêntrico, que tentam viabilizar um conflito de moralidade entre os cidadãos da cidade de Gontham City, cidade onde se passa toda a história do filme, a fim de confundir os heróis dessa história. Neste sentido, procuramos discutir a cosmovisão dos personagens com a vida pós-moderna que desponta com ironia sobre o caos criado pelo estilo de vida e assim relacionar o realismo social com a ficção hilária dessa sociedade. Expondo a partir desse estudo um resultado de dependência do indivíduo com a tecnologia que nos remete ao individualismo e que nos faz encarar essa realidade com "risos", sem precedentes, da própria confusão caótica do tempo e espaço que utilizamos no nosso cotidiano. Com uma caricatura que se aparentada no filme a cerca do sarcasmo da modernidade dando um sentido imaginário para fugirmos do real em que estamos o que aparentemente é a consequência do avanço dessa sociedade estudada.

Palavra-chave: Pós-modernidade, ironia, caricatura

**CENSURA, CORTE OU GELADEIRA:
HOMOSSEXUALIDADE, ADULTÉRIO E
INCESTO NO CINEMA PORNOGRÁFICO
BRASILEIRO (1970 – 1978)
BRASILEIRO (1970 – 1978)**

Glaucenilda da Silva Grangeiro

Jessica Natane Pessoa de Lima

Paulo Hipólito

O presente trabalho tem vinculação com o projeto de extensão intitulado "Uma ditadura (in)decente: sexo, censura e poder do cinema brasileiro (1964-1988)" pela Universidade Estadual da Paraíba, sob coordenação do professor Carlos Adriano Ferreira de Lima, com base na

documentação disponibilizada no portal eletrônico Memória do Cinema Brasileiro, coordenado por Leonor Souza Pinto. O projeto tem como objetivo mapear a produção cinematográfica produzida durante os anos da ditadura militar brasileira. Através da análise da documentação emitida pela censura e pela imprensa da época sobre os filmes A Família do Barulho (1970) dirigido por Júlio Bressane e A Mulher Que Põe a Pomba no Ar (1978), dirigido por José Mojica Martins, propomos refletir como a homossexualidade, o adultério e o incesto são percebidos pelos pareceristas a partir de suas opiniões acerca dos conceitos de família, moral, bons costumes, arte e sexualidade. Torturas, prisões, assassinatos, desaparecimento de opositores, crescimento acelerado da economia, intervenção dos sindicatos, proibição de partidos e censura a imprensa: tudo isso fez parte dos chamados anos de Chumbo do regime militar de 1964. A ditadura militar durou vinte e um anos, o mais longo período de supressão da democracia na história republicana brasileira. Vinte e um anos que foram responsáveis por um dos capítulos mais violentos e supressores de liberdades individuais da história do país. O governo militar desenvolveu mecanismos altamente eficientes para controlar a produção artística nacional. A liberdade de expressão encontrou um gigante adversário em seu caminho, chamado censura. Paralelamente ao processo de censura e repressão interna de nossa produção cultural, a imagem do Brasil era difundida no exterior como "democrática", sendo utilizada como veículo difusor dessa imagem, a excelente produção cinematográfica do país. Os brasileiros só vieram ter conhecimento de algumas dessas produções com a abertura dos arquivos da censura em 1990, através de pareceres dos censores. Nem mesmo as

limitações intelectuais dos censores pareciam representar qualquer tipo de impedimento ao órgão do Departamento de Polícia Federal chamado de Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) que parecia ser um dos mais eficientes em vigência no país a época.

Palavras-Chave: Censura. Cinema. Pornografia.

AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM DA CIDADE DE JOÃO PESSOA NOS CARTÕES-POSTAIS

Ingrid Rique da Escóssia
ingrid_rique@hotmail.com

O uso das imagens como documento/fonte de pesquisa foi, durante muito tempo, praticamente desconsiderado. Hoje, entretanto, a cognição em História percorre caminhos bem distintos. As imagens ganham significados com o passar do tempo e, relativamente, tornam-se testemunhos do passado. Nesse sentido, o presente trabalho analisa, numa perspectiva histórica, as transformações na paisagem da cidade de João Pessoa, tendo como fontes os cartões-postais. Os postais, que nasceram como uma simples ideia de mensagens rápidas e baratas estão sendo cada vez mais objeto de estudos. São documentos que tanto informam quanto permitem a análise do espaço público. Através dos postais percebemos que as transformações na paisagem das cidades são frequentes. Em João Pessoa não foi diferente. Percebe-se que, entre 1900 e 1930, os postais tentam estabelecer uma imagem da cidade como centro consolidado. Há as imagens dos numerosos edifícios públicos, de igrejas, praças, ruas, etc. Nos anos 30 e 40, a imagem da cidade que é transmitida permanece praticamente a mesma do período anterior. Todavia, há

especificidades que merecem destaque, por evidenciar o crescimento da cidade em direção ao litoral: o surgimento da imagem do Instituto de Educação; o grande número de postais da Lagoa; e o aparecimento das primeiras imagens da Praia de Tambaú. Entre 1950 e 1970, os postais permitem a leitura de uma cidade bem mais urbanizada, exemplo de um novo tempo. Essa é a década marcada por profundas mudanças na paisagem da cidade. Nos anos 70 e 80, os postais transparecem a imagem de uma cidade dinâmica, capital de um estado que cresce rapidamente. O centro e suas edificações são novamente destacados, agora em cores. Nos postais estão incluídas novas edificações, como o Estádio Almeidão, o Mercado de Artesanato e o Hotel Tambaú. Na década de 90 e 2000, a cidade assume um a feição de metrópole e assim, outras imagens marcantes surgem. É interessante observar que nesta década, grande parte dos postais visualizam a paisagem da orla de João Pessoa, mais especificamente as praias de Tambaú, Cabo Branco e Manaíra, áreas valorizadas pelo turismo. Por fim, ressaltamos que os cartões-postais são importantes fontes de imagens, de registros temporais e espaciais para subsidiar a leitura e compreensão da história das cidades. Registrando imagens de diversos períodos, fornecem caminhos que possibilitam acompanhar as transformações ocorridas na paisagem da cidade.

Palavras-chave: Cidade de João Pessoa, Paisagem, Cartão-postal.

NOTAS DE UMA PARAÍBA MUSICAL: HISTÓRIAS DE MÚSICA E RÁDIO EM JACKSON DO PANDEIRO

Lucilvana Ferreira Barros
(Mestranda/PPGH/UFCG)
lucilvanab Barros@hotmail.comRoberg

Januário dos Santos
(Mestrando/PPGH/UFCG)
roberg.assu@hotmail.com
Iranilson Buriti de Oliveira
(Orientador/PPGH/UFCG)

Caixa de ressonância da modernidade, o rádio promoveu uma significativa reviravolta na vida dos paraibanos desde seu aparecimento nas primeiras décadas do século XX. A história do rádio na Paraíba confunde-se com a história da música, pois boa parte da produção musical de âmbito nacional e internacional que chegava aos paraibanos vinha através da incipiente Indústria fonográfica recém inaugurada no lugar, trazendo em suas ondas médias, curtas e moduladas as novidades musicais de São Paulo e Rio de Janeiro. O presente trabalho tem como proposta cartografar o cenário musical paraibano dos anos 1940 e 1950, buscando tecer fragmentos do lugar sócio-cultural de produção de algumas composições do cantor e compositor paraibano José Gomes Filho (Jackson do Pandeiro). Compreendendo os anos 40 como um marco na produção/difusão da música na Paraíba, buscamos perceber como esse indício de historicidade a partir do contato com a produção fonográfica de âmbito nacional e internacional foi delineando novas formas de ouvir e de ser produzida, implantando/divulgando novos instrumentos, novos ritmos (boleros, rumbas, swing, sambas, mambo, Jazz, Fox – trotes, entre outros) novos discursos, novas práticas, instaurando a concepção de que com a emergência do rádio a cartografia Paraíba ganhava ares de modernidade, atrelada ao novo cenário urbano que emergia, notadamente o desenvolvimento tecnológico, habitacional, industrial e financeiro. A tudo isso se somava o rádio, um moderno equipamento de comunicação que ligava a Paraíba ao mundo, e as diversas produções musicais do período. Nesse sentido, tomamos a

música como um texto (MORAES, 2000), que traz inscrito em seu corpo as marcas da historicidade de sua produção, fragmento cultural imerso na dinâmica de uma época (NAPOLITANO, 2005), e discurso fabricado (LE GOFF), compreendendo que emergência da Indústria Fonográfica paraibana contribuiu para a configuração de novos rostos, novas práticas, novas atitudes assumidas homens e mulheres que em contato com um mundo em transformação desenhavam-se a partir de novas sociabilidades.

Palavras Chave: História, Música paraibana, Jackson do Pandeiro.

DA ILUSÃO À AGONIA: AS CONFIGURAÇÕES DA RESISTÊNCIA EM TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Carlos Pereira De Almeida
carlos.sartre@gmail.com

A obra literária de Afonso Henriques de Lima Barreto, inserida num período de transição ao qual a crítica e a historiografia literárias convencionaram chamar de Pré-modernismo, caracteriza-se pela insistência na abordagem de temáticas sociais e existenciais que parecem marcar, concomitantemente, tanto o cenário mais geral de uma fase da modernidade ocidental em processo de dessedimentação e pulverização quanto o âmbito das incertezas e inconstâncias das especificidades históricas e culturais do Brasil entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Se tal ocorre no conjunto da obra barretiana, segundo a apreensão mais ou menos consensual da crítica e da teoria literárias e do campo epistemológico a que se convencionou chamar de sociologia da literatura ou história literária, parece ser em Triste fim de Policarpo Quaresma que a

representação do real consegue desfazer-se das limitações que uma atitude crítica mais veemente impõe à configuração da ficcionalidade literária, apesar de não se poder afirmar que a obra em questão não aponte para uma tradução mais ou menos evidente das impressões de um sujeito criador individual cujos posicionamentos caracterizam-se pela tricotomia desacordo-combate-derrota no seio do jogo social intrincado e complexo que configuram seu tempo e seu espaço culturais. Publicado em 1911 por meio de folhetim, o romance narra a etiologia, as repercussões e o despedaçamento dos projetos quixotescos e ufanistas do major Policarpo Quaresma, subsecretário do Arsenal de Guerra, o qual é caracterizado como um indivíduo pertencente a uma certa elite suburbana do Rio de Janeiro em fins do século XIX, dotado de um modo de viver quase matematicamente determinado e previsível, com costumes, hábitos e gestos austeros e insulares. Nosso trabalho pretende discutir os modos de configurações das ambivalências nas personagens e nos modos como se constituem suas resistências e desistências no que concerne à apreensão que efetuam sobre os mecanismos da moderna cidade republicanizada e do conjunto de seus fazeres sociais, pretendendo concluir, por paradoxal que possa parecer, que essas configurações das personagens permitem à enunciação narrativa tanto a efetivação da sátira e da ironia desferidas contra uma estrutura sociocultural e política excludente como a evocação à resistência e à insistência em projetos mais amplos de convivência humana.

Palavras-chave: narrativa barretiana, sociedade, resistência.

A DIFUSORA A VOZ DAS ESPINHARAS: PATOS EM SINTONIA COM O MODERNO

Josinaldo Gomes da Silva
gomesjosinaldo@yahoo.com.br

A presente comunicação oral tem como tema central, recuperar as novas sociabilidades surgidas na cidade de Patos – PB a partir da instalação da difusora A voz das espinharas, que passa a fazer parte do cotidiano da referida urbes a partir do ano de 1938. Assim sendo, buscamos entender o impacto que os programas veiculados no referido meio de comunicação, que poderiam ser assistidos no seu auditório, ou ouvidos nos locais onde estavam instalados os seus alto-falantes, exerceram no cotidiano de Patos, nos idos de 1940 e 1950.

Palavras-chave: Patos - PB – A voz das espinharas – novas sociabilidades

VOZES DO PASSADO: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE DE NATAL ATRAVÉS DE SEUS FOTÓGRAFOS E CRONISTAS

Luciano Fábio Dantas Capistrano
luciano.capistrano@natal.rn.gov.br

O historiador Câmara Cascudo em sua História da cidade do Natal, relata a saga de um alvissareiro, que do alto da torre da matriz, era testemunha ocular das transformações ocorridas na cidade. Nesta pesquisa apresentamos o “alvissareiro” da história, materializado em Manoel Dantas, Luís da Câmara Cascudo, Eloy de Souza, Jorge Wilhelm, Henrique Castriciano, Alberto Maranhão, Januário Cicco (memorialistas, poetas, romancistas, entre outros artesãos da palavra) e Bruno Bougard, João Galvão, Manoel Dantas (fotógrafos). A imagem e a literatura, como

fonte de pesquisa da história. A imagem sempre esteve presente como fonte importante para entender o passado. Ao longo dos séculos XIX e XX, a fotografia se consolidou como invento, essencial no registro de paisagens naturais e culturais. O documento histórico, não é mais restrito a documentos escritos, cada vez mais, a imagem ganha campo entre historiadores. A utilização desta nova fonte histórica faz parte da nova historiografia. A literatura em todas as suas vertentes, compõem hoje, com a fotografia uma fonte repleta de possibilidades para a pesquisa histórica. O historiador, por seu ofício, dialoga permanentemente com o passado. Este fazer histórico o leva a andar entre arquivos públicos e privados, buscar construir os caminhos e descaminhos das gerações passadas é a tarefa primeira. Um labutar, por entre, poeiras, revirando velhos manuscritos, documentos, hoje, fontes que dizem mais do que uma carta de amor ou um balancete comercial. O objeto pesquisado não exerce a mesma função de outrora. No tempo presente o olhar do historiador, dá "voz" ao passado através de sua interpretação do documento selecionado. Construir os caminhos do passado, através da palavra e da imagem, este é o desafio da historiografia atual. Esta pesquisa histórica objetiva a construção da história da cidade de Natal através da utilização do acervo fotográfico do IHGRN (Instituto históricos e Geográfico do Rio Grande do Norte) e do jornal A República, e da produção literária do Rio Grande do Norte, tendo como recorte temporal 1901 e 1920. Neste sentido, selecionamos algumas "vozes do passado", poetas, ficcionistas, memorialistas, enfim narradores de uma época passada, o que possibilita conhecer a transformação do espaço urbano a partir do "olhar" do cronista, materializado no fotógrafo, muitas vezes não identificado, e

dos escritores que testemunharam a ocupação da capital Potiguar.

Palavras – chave: História, fotografia e literatura

BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO: A AMBIVALÊNCIA DA MODERNIDADE NOS CORPOS TORTURADOS DOS PERSONAGENS DE KAFKA

Marco Aurélio Dantas Nepomuceno
dantasarelio@hotmail.com

A partir da segunda metade do século XX novas tendências metodológicas fazem irrupção na área das ciências sociais, pondo em questão os setores dominantes da historiografia, incorporando assim, novas formas de linguagem como a literatura; valendo ressaltar o papel dos Annales na ampliação do conceito de documento e o questionamento da arqueologia de Foucault à história tradicional. Nesse sentido, o presente trabalho tem como escopo analisar a obra kafkiana dentro do limiar da modernidade enquanto crítica ao mundo racional galgado no iluminismo. Através de seus personagens enclausurados e torturados, Kafka transporta o leitor para as catástrofes que abalaram o mundo moderno no começo do século XX.

BOEMIA E POLÍTICA NO FINAL DOS ANOS 40 NO BAIRRO DA RIBEIRA (NATAL –RN)

Viltany Oliveira Freitas
viltany@hotmail.com

Boemia e Política no Final dos Anos 40 no bairro da Ribeira (Natal-RN) apresenta um mapeamento dos bares e cafés da esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata, duas vias de circulação movimentadas de Natal, devido à forte

presença da população, que transitava frequentemente por elas, e do comércio da Ribeira, o principal bairro da cidade. A Rua Dr. Barata era o espaço do comércio elegante de Natal, onde era possível encontrar diversas casas comerciais, bancos e jornais como o Diário de Natal e a República. O comércio era a atividade econômica que movimentava a capital potiguar. O presente trabalho é fundamentado nas crônicas de Djalma Maranhão sobre a esquina da Avenida Tavares de Lira com a Dr. Barata, publicadas no jornal Diário de Natal em 1949. Essas crônicas foram organizadas em um livro, publicado em 2004, denominado Esquina da Tavares de Lira com a Dr. Barata, centro convergente e irradiador da vida natalense. A análise desses textos constitui o objeto de estudo desse trabalho. Maranhão era um observador da tradicional esquina, escreveu sobre o espaço num linguajar simples, quase coloquial, com uma dose de humor, fornecendo ao seu leitor uma riqueza de detalhes, que nos permitem levantar hipóteses sobre a sociabilidade da Ribeira no final da década de 1940 e das intenções do jornalista ao escrever suas crônicas. Boemia e Política no Final dos Anos 40 no bairro da Ribeira (Natal-RN) pretende mostrar a relação da boemia com a política, devido os acordos políticos e as reuniões de partidos que eram realizados nas mesas dos bares e cafés, locais que também contava com a presença de boêmios, ansiosos para beber e conversar. A velha esquina também foi ponto de encontro entre fazendeiros, corretores de câmbio e comerciantes que se reuniam com a finalidade de realizar importantes negócios, no ramo do algodão e da mineração. A esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Dr. Barata destacou-se na concepção do jornalista Djalma Maranhão como um centro convergente, onde circulavam políticos,

empresários, fazendeiros, intelectuais, jornalistas, populares, constituindo-se num lugar de contatos de trocas de informações.

GT 09: HISTÓRIA E POLÍTICA: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

CULTURAS POLÍTICAS E MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIAS À DITADURA MILITAR EM SOBRAL-CE (1964-1975): NOTAS PARA UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

José Valdenir Rabelo Filho
primorabelo@bol.com.br

A pesquisa aqui proposta busca contemplar um tema recorrente na historiografia que trata da história política recente do Brasil Republicano: as resistências à ditadura militar de 1964 articuladas por movimentos juvenis revolucionários, seus referenciais e orientações políticas, assim como, seus projetos de "modernidades alternativas" que irrompem os limites fronteiriços dos grandes centros urbanos e chegam às médias cidades. Nesta medida, a partir do trato de periódicos, Relatórios e Inquéritos Policiais Militares da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/Ceará), bem como a partir de relatos orais de memória, nos lançamos a refletir sobre as experiências de resistência à ditadura militar praticadas no Ceará, tomando como referencial a cidade de Sobral, média cidade localizada na Região Noroeste do Estado do Ceará, e sempre dada a ver por uma historiografia oficial como o lugar da ordem, da disciplina, da moralidade, dos bons costumes,

espacialidade que oferece à sua área de influência uma imagem exemplar, ainda que os documentos com os quais tratamos nos indiquem imagens contrárias de cidade, culturas políticas que se confrontam e inventariam um texto polissêmico, caleidoscópico. Deste modo, com o objetivo de "(...) identificar novos problemas (...)" e ler "(...) velhos problemas com novas formas (...)", com a pretensão de contribuirmos para uma revisão historiográfica sobre os movimentos de resistências à ditadura militar, lançamos algumas questões sobre os tempos da ditadura em Sobral, de modo a problematizarmos o "discurso oficial": Quais sujeitos e grupos atuaram nos movimentos de resistências à ditadura militar em Sobral? Quais ações, ditas "subversivas", foram praticadas? Como se posicionaram padres, e mesmo a Igreja Católica enquanto instituição atuante naquela cidade, com a proposta de "revolução" propagada pelos militares golpistas de 1964? Em termos metodológicos, a pesquisa proposta se beneficiará amplamente das contribuições recentes do que se convencionou chamar de nova história política, que inscreve e evoca as culturas políticas que (...) assim elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições (...)", sendo reflexo de experiências sociais forjadas por diversos sujeitos e grupos. Nesta medida, sensibilizamos nosso olhar para a percepção dos movimentos históricos, das mutações temporais que norteiam experiências e sensibilidades, que alargam as possibilidades de compreensão de tempos e narrativas.

**REFLEXÕES ACERCA DO
COMPORTAMENTO POLÍTICO DO POVO
PARAIBANO DURANTE A
INTERVENTORIA DE RUY CARNEIRO
(1940-1945)**

Ana Beatriz Ribeiro Barros
Silva
bbarrosjp@gmail.com

Apesar de a Interventoria de Ruy Carneiro ter sido pouco estudada pela historiografia paraibana, um ponto onipresente na maioria das narrativas é a interpretação acerca do caráter conciliatório e assistencialista de sua ação política, considerando Carneiro como o maior fenômeno do populismo na Paraíba. Similarmente, ainda hoje Ruy Carneiro é representado na memória dos que viveram o período de sua atuação política como um homem fortemente engajado com o social. Como se deu o processo de construção dessa nova força política e oligárquica na Paraíba, referendada de forma tão positiva pela historiografia e pela memória coletiva? Nesta comunicação, discutiremos um dos aspectos dos mais marcantes atribuídos à figura de Ruy Carneiro: a imagem de um governante atento ao seu povo e preocupado com os mais necessitados. Por que Ruy Carneiro se tornou o alvo de uma quase adoração, especialmente pela parcela mais empobrecida da população? Por que ele passou a ser conhecido como o "pai dos pobres" paraibano? Teríamos aqui um político populista ou trabalhista? Que tipo de vínculos foram estabelecidos entre o Interventor e os trabalhadores? Como discutiremos, sua política assistencialista se limitava à concessão de favores, mas sem dúvida teve o efeito de incutir nos paraibanos a ideia de que ele vinha fazendo muito pelos pobres do estado o que, simultaneamente, possibilitou ao político um forte componente para o exercício e preservação de sua dominação política: o agradecimento. Contudo, longe de uma

atitude irracional, resultado de uma política manipulatória, ou o resultado de uma "falsa consciência de classe", este mito político não foi construído apenas com base na propaganda, na repressão e no controle da opinião pública. Também não foi simplesmente o resultado da "dominação" de uma massa irracional e inculta. Se o mito se fundou no imaginário coletivo, isto foi resultado de um conjunto de experiências que alterou a vida dos trabalhadores, pelo menos simbolicamente, modificando sua relação com o poder governamental.

O ESTADO NOVO E O POPULISMO NO GOVERNO DE AGAMENON MAGALHÃES EM PERNAMBUCO (1937 -1945)

Marcos Alesandro Neves dos Santos
marcos.alessandro.neves@hotmail.com

O Estado Novo e o populismo no governo de Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937 -1945) O populismo como fenômeno político de origem latino americana teve grande receptividade no Estado de Pernambuco durante a ditadura do Estado Novo(período da ditadura de Getúlio Vargas), tendo na imagem de Agamenon Sérgio de Godói Magalhães o seu principal representante. Os meios de comunicação da época, como os rádios e os jornais, serviam de suporte ideológico para os feitos políticos do interventor, que os alardeava diariamente na Rádio Clube de Pernambuco e no Jornal Folha da Manhã, subsidiados pelo governo federal justamente para propagandear os feitos do governo. A construção ideológica do Estado Novo foi empreendida em Pernambuco constantemente, onde recursos políticos e propagandísticos eram utilizados de forma recorrente, a exemplo da manipulação das massas através dos meios de comunicação que atraía e inebriava as camadas mais

populares da sociedade Pernambucana. Agamenon Magalhães desenvolveu no Estado uma política de comoção social, na qual a sua figura era colocada como representante do povo e salvador das mazelas sociais. Utilizando-se desses imaginários, ele implementou algumas mudanças na sociedade da época, iniciando, por exemplo, uma campanha contra as moradias insalubres situadas no centro do Recife, conhecidas como mocambos. No entanto, o intuito de Agamenon, retirando os moradores do mocambo, não era a melhoria de vida daquelas pessoas, e sim afastá-las do perigo do comunismo que muito preocupava as elites naquele momento, bem como promover o "embelezamento" da cidade, sendo assim transportando as moradias insalubres para outros locais mais distantes da capital recifense. Nesse sentido, este trabalho analisará as intervenções de cunho populista realizadas na interventoria de Agamenon Magalhães, observando suas ligações com o projeto propagandístico do regime Estadonovista, especificamente no que se refere aos mocambos e a sua utilização política no período em questão.

Palavras-chave: Estado Novo, Populismo, Manipulação.

ESTADO NOVO: IDEOLOGIA E A PROPAGANDA EM TORNA DA MULHER EM PERNAMBUCO

Diego Luiz Alves de Cerqueira
diegoluzalvescerqueira@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo observar de que forma a questão da mulher foi contemplada pelo Estado Novo. O período em questão constituiu-se através de práticas e discursos que visavam mobilizar a população tentando imprimir para a

mesma a ideia de ruptura com um passado apresentado como arcaico e ultrapassado. Em Pernambuco, um exemplo significativo de tal condição foi a do interventor Agamenon Magalhães, homem de confiança de Vargas que assumiu o governo para "criar a emoção" do Estado Novo. Para tanto, fundou o jornal Folha da Manhã, considerado pelo próprio interventor um espaço de doutrinação. Diante disso, procuramos analisar, inicialmente, as práticas midiáticas, marcadamente autoritárias, que serviram para legitimar os ideários estadonovistas em Pernambuco. Em seguida, buscamos compreender de que forma essas práticas se relacionaram com questões relativas à mulher. Vários campos analíticos foram abertos ao iniciar a pesquisa, por exemplo, a relação entre a interventoria e a Igreja Católica, a interventoria e as escolas, a criação de Centros Operários para a difusão da ideologia ditatorial. Estes foram alguns dos assuntos pesquisados e analisados na realização deste trabalho, a fim de entendermos as estratégias políticas de doutrinação que se relacionaram com o que o Estado esperava da mulher na sociedade. Assim iniciamos com leituras de autores que contextualizaram o momento histórico. Concomitantemente, realizamos análises de fontes primárias, tal como os jornais da época e documentos do governo encontrados em arquivos de órgãos estaduais. Durante todo o estudo efetuado, tornou-se claro que o local da mulher atribuído pelo Estado Novo, seja no âmbito federal ou estadual, era estratégico para a ditadura: foi ela a guardiã dos valores morais, da tradição, da família, do conservadorismo que se defendia. Portanto, a mulher foi alvo da propaganda política voltada para a idealização da mesma, reforçando os papéis tradicionais do espaço doméstico: mulher-esposa, mulher-mãe, mulher mantenedora dos valores

conservadores e tradicionais, como pregava também a Igreja Católica, uma forte aliada do governo de Getúlio Vargas e de Agamenon Magalhães.

OBRAS E ASSISTENCIALISMO NO GOVERNO JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA (1951-1956)

Jivago Correia Barbosa
jivagobarbosa@gmail.com

Através desta pesquisa, desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação em História/UFPB, abordo o governo de José Américo de Almeida (1951-1956), eleito através do voto direto depois da acirrada campanha política na Paraíba. Estabeleci este tema, por se tratar de um assunto pouco explorado pela historiografia paraibana. As questões primordiais que norteiam o presente trabalho estão ligadas ao fenômeno da seca de 1951-52 e seus efeitos para os estados nordestinos e, em especial, para a Paraíba; o re-estabelecimento da indústria das secas no estado paraibano a partir de políticas de combate a seca – principalmente as soluções hidráulicas, de construção e pavimentação de estradas – instituídas por José Américo ao longo desse período, medidas essas que evitariam, segundo o governador, as migrações populacionais que já vinham ocorrendo em larga medida desde o ano de 1950. Ao longo de nosso trabalho buscamos mostrar que a homilia do "grande ministro de 1932" nos parece contraditória e dúbia ao mesmo tempo, pois se a construção dos açudes, a pavimentação e construção das estradas estavam inseridas em um projeto político "de amparo às populações flageladas", porque não beneficiar todas as localidades atingidas pelos efeitos da seca, ao invés de favorecer apenas alguns municípios e distritos aliados politicamente ao

“americismo”? Como pano de fundo para essa discussão, analisaremos o papel do jornal A União – órgão de imprensa oficial de maior circulação em todo o estado – que passou a difundir a visão de que os açudes e barragens constituíam-se a melhor solução para a problemática da seca. Para a realização deste trabalho, além da utilização de bibliografia secundária, foram analisadas e fichadas algumas das principais notícias referentes ao Governo, encontradas no jornal A União entre os anos de 1951-52. Também pesquisamos o arquivo Público do Estado que se encontra no Espaço Cultural, a Fundação Casa José Américo de Almeida e a biblioteca particular do senhor Maurílio de Almeida.

Palavras-chave: José Américo de Almeida; Indústria das secas; Assistencialismo

COMBATER A AMEAÇA VERMELHA: O NORDESTE BRASILEIRO NA POLÍTICA EXTERNA DOS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1960

João Gilberto Neves Saraiva
henriquealonso@yahoo.com

Este trabalho se propõe refletir sobre as representações do Nordeste brasileiro produzidas pela burocracia norte-americana na década de 1960, especialmente a partir dos documentos produzidos durante o mandato do presidente norte-americano John Kennedy. A Revolução Cubana (1959) modificou o cenário da Guerra Fria, colocando no “quintal” estadunidense um posto avançado daquilo que o governo dos Estados Unidos considerava como ameaça comunista. Dois anos após a revolução, assumiu a presidência norte-americana John F. Kennedy que pôs em prática um programa de política externa que

oficialmente pretendeu estreitar as relações com a América Latina através de acordos bilaterais: a Aliança para o Progresso. Durante a década de 1960, através dessa nova política externa os Estados Unidos enviaram ajuda, especialmente financeira aos países latino-americanos na medida que pensavam a miséria como campo fértil para as “ideias subversivas”. O Brasil recebeu grande atenção, era considerado pelos EUA como o principal país do bloco e essencial para manutenção da América Latina alinhada ao chamado bloco capitalista. Nesse momento, o Nordeste foi uma dos alvos preferenciais da atuação daquele programa, que pensava o enfrentamento do “perigo” comunista. Além de estudar o contexto da Guerra Fria, este trabalho também investigou o pensamento tradicional sobre latino-americanos que permeou a política externa estadunidense. Além disso, analisou-se ainda a atuação de burocratas brasileiros, como Celso Furtado, no intermédio das relações Brasil-Estados Unidos. A burocracia do Brasil também tem demandas específicas, como angariar investimentos para o Nordeste brasileiro, e também influencia as mudanças de representação da região. Utilizou-se como fontes as correspondências oficiais trocadas entre diversos órgãos do governo americano, entre eles: Embaixada no Brasil, Departamento de Estado, Casa Branca, durante o mandato de Kennedy. Estes documentos foram compilados e digitalizados pelo Departamento de Estado estadunidense, estão disponíveis em sua língua original nos sítios eletrônicos de universidades e do governo norte-americano.

Palavras-chave: História das Relações Internacionais, Estados Unidos, Brasil

**“DA JANELA DA CASA GRANDE”:
GILBERTO FREYRE ANALISADO PELA
PERSPECTIVA DA CULTURA POLÍTICA**

Bruna Vitor dos Santos Silva
brunnavigator@gmail.com

A partir da terceira geração da Escola dos Annales, por volta de 1970, houve uma renovação historiográfica, mediante a qual foram ampliadas as fontes de pesquisa, bem como surgiram novos objetos. Por outro lado a Velha História Política que centrava-se na análise dos grandes fatos históricos, dar lugar a Nova História Política que preocupa-se também com ‘História vista de Baixo’, com o ‘indivíduo comum’, e passa a utilizar-se do conceito de cultura política, para perceber os sistemas de representações que buscam a validação e/ou aceitação de ideais de um grupo. É dentro desta perspectiva que este trabalho tem como objetivo analisar a obra Casa Grande e Senzala, publicada em 1933 por Gilberto Freyre, pelo viés da Nova História Política. Sendo assim procuraremos perceber como Freyre tenta legitimar uma cultura política em prol da colonização portuguesa e das oligarquias açucareiras de Pernambuco, ao mesmo tempo em que discutiremos as relações de poder existentes na sua escrita, de modo a chamar atenção para seu olhar senhorial que via aquele momento, década de 1930, da janela da casa grande, construindo desta forma um olhar contrario ao período de rupturas, além de tentar propor uma retomada ao momento em que estas oligarquias estavam no poder. Para percebermos estes aspectos se faz necessário contextualizarmos o momento histórico, no qual o mesmo estava inserido para entendermos sua escrita saudosista, procurando entender a tese da democracia racial enquanto meio condutor e/ou justificador do tipo de colonização empreendida pelos portugueses, bem como

seu uso na legitimação de uma visão contraria ao período de modernização e mudanças iniciadas na década de 1930, já que de acordo com a historiografia este momento foi marcado por mudanças tanto no campo político, quanto no campo social e econômico, no qual o nacionalismo ganhava força buscando construir um sentimento de “brasilidade”, porém o olhar pessimista de Freyre desejava bem mais a continuidade que essas mudanças.

Palavras-chave: Oligarquias Açucareiras, Democracia Racial e Cultura Política.

**A DITADURA CIVIL-MILITAR E IGREJA
CATÓLICA NA CIDADE DE CARUARU**

John Lennon José da Silva
associacao-santuspetrus@hotmail.com

Esta comunicação é o resultado parcial de pesquisa vinculada ao PIC (programa de iniciação científica) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) que estamos desenvolvendo. A pesquisa toma como recorte temporal o período da instituição do golpe militar na década de 1960, tendo como foco o ano de 1964 com a instauração do golpe civil-militar e os anos de 1968-69, a partir da decretação AI-5 (Ato institucional nº 5). A pesquisa desenrola-se sobre os flashes do cenário político-religioso da cidade de Caruaru no referido período, objetivando fazer uma análise dos discursos ideológicos de articulistas e clérigos da diocese de Caruaru. Tais informações estão sendo levantadas e analisadas no jornal “A Defesa”, semanário de orientação católica que foi mantido pela diocese de Caruaru e que circulou na cidade de Caruaru entre os anos de 1932 e 1985. Este jornal ocupa um papel fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, na medida em que ajuda-nos a filtrar as tensões ideológicas e

representações de poder que permearam o imaginário social da sociedade caruaruense durante os anos de 1964 e 1968-69. Principalmente buscando refletir sobre a posição política-ideológica da ala conservadora da Igreja Católica no Brasil na legitimação da chamada "Revolução de 31 de Março". Em um contexto marcado pelas preocupações sociais que permeavam o pensamento de parte do clero católico, e também pela condenação do socialismo, marxismo e comunismo por parte do Magistério extraordinário da Igreja Católica. Por tanto, o que pretendemos apresentar é o resultado da leitura de 1 ano de reportagens, colunas e artigos sobre a maneira como a ala conservadora da Igreja Católica, mediante seus articulistas e clérigos reproduziram o ideário da nova ordem autoritária e a negação absoluta dos seus opositores.

Palavras-chave: Caruaru, Ditadura militar, Igreja Católica

RAÇA E POLÍTICA: O BRASIL VISTO PELA THE CRISIS DURANTE O ESTADO NOVO (1937-1945)

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins
lindercy@gmail.com

Este trabalho investiga a visão da revista norte-americana *The Crisis* sobre o Estado Novo brasileiro, na tentativa de compreender como a intelectualidade afro-americana engajada na luta pelos direitos civis analisava a política e a questão racial brasileira em tempos de ditadura varguista, no contexto dos desdobramentos do engajamento norte-americano na obtenção de apoio político da América Latina, chamado de política da boa vizinhança. Questiona-se, até que ponto a política da boa vizinhança e discurso varguista de democracia e modernidade influenciaram a

visão dessa publicação estadunidense sobre o Brasil.

O SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL VISTO PELA IMPRENSA ESTADUNIDENSE: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Fabrizio de Sousa Morais
fabriciomorais@gmail.com

O ponto de partida desse artigo foi a curiosidade que move os trabalhos desenvolvidos no campo da História, curiosidade que alude a uma incessante busca por possibilidades que tornem as representações do passado mais complexas. Esta é a premissa que norteia este texto, assentada no método da História Comparativa, pois como nos lembra Marc Bloch em *Apologia da História* (2001, p. 65 e p. 109) "não existe conhecimento verdadeiro sem uma certa escala de comparação", reforçando mais adiante: "na base de quase toda a crítica inscreve-se um trabalho de comparação". Sendo assim, visto, neste momento, utilizar como estratégia metodológica a análise de jornais dos Estados Unidos da América (*New York Times*, *Los Angeles Times*, *Washington Post* e *The Hartford Courant*) para compreender como foi noticiado o Sesquicentenário da Independência do Brasil (1972). A escolha dos EUA se justifica pelo contexto da Guerra Fria (1945-1991), tomando como base o interesse do "grande irmão do norte" em que não surgissem revoluções sociais no "seu" continente. Desse modo, os EUA procuravam fazer o possível para alinhar todos os países da América no seu bloco de influências e, assim, evitar que o inimigo vermelho continuasse a arregimentar aliados, tal como fez com Cuba (1959). Dentro do contexto da censura imposta pela Ditadura Militar (1964-1985),

especialmente após a promulgação do AI-5 (1968), as informações transmitidas pela mídia de outros países se mostraram como uma interessante fonte sobre os acontecimentos ligados aos festejos. Os periódicos podem ser convertidos em uma rica massa documental na qual aparecem os possíveis contrastes entre as notícias veiculadas pelos dois países e, por outro lado, podem revelar semelhanças entre jornais espacialmente distantes. Outra possibilidade que os jornais "gringos" abrem é a de, a partir de um outro ponto de vista, compreender a imagem que uma parcela da população estadunidense fazia do Brasil durante a sua festa cívica mais importante. Ainda podem ser somados aos pontos até aqui traçados a aparição, dentro dos artigos, de alguns estereótipos do ser brasileiro.

Palavras-chave: Sesquicentenário da Independência, Jornais, EUA.

TEMPO PRESENTE E NARRATIVA: ENTRE A PROXIMIDADE E A INTELIGIBILIDADE

José Adilson Filho
adilsonfilho.clio@bol.com.br

Nas últimas décadas vimos um turbilhão de acontecimentos mudarem a cena política, econômica e cultural das sociedades contemporâneas. Regimes políticos, ideias, valores, técnicas e ideologias são ressignificadas ou implodidas pela fluidez da sociedade moderna e "globalizante". Nesta nova condição histórica, marcada pela ubiquidade da mídia e a onipresença do capitalismo, temos a sensação de estarmos vivendo sob um "tempo saturado de ágoras". O "tempo presente" e "os homens presentes" devem ser também a matéria de estudo do historiador e, não apenas um passado

longínquo ou distante da sua experiência de vida. Estudar historicamente o tempo imediato ou mais próximo da nossa própria existência implica numa ruptura com aquela idéia que diz que somente conhecemos aquilo que já virou passado. O tempo próximo não deve ser um campo exclusivo dos sociólogos, jornalistas e cientistas políticas, uma vez que ele também possui numa abordagem retrospectiva um "sentido" histórico. Sendo assim, o desafio de apreender historicamente acontecimentos que emergem no calor da hora, aprofunda as tensões e dramaticidade da relação entre o autor e o ator, a análise e o vivido.

A FALSA CONTRADIÇÃO: CENSURA MUSICAL E INDÚSTRIA FONOGRAFICA NO REGIME MILITAR DO BRASIL

Amilton Justo de Souza
amiltonjsouza@gmail.com

Este texto trata-se de uma parte introdutória do primeiro capítulo de nossa Dissertação de Mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, referente à atuação da censura política sobre a música popular de protesto nos anos de chumbo do regime militar brasileiro. Nele, procuramos discutir a consolidação e a expansão da indústria fonográfica no Brasil, sobretudo durante o período do regime militar brasileiro, em sua relação aparentemente contraditória com o aumento da vigilância da censura que se abateu sobre as diversões públicas em geral e, principalmente, sobre a música popular brasileira, em particular, num processo semelhante ao ocorrido com a censura sobre telenovelas da época.

Palavras-chave: censura musical, indústria fonográfica; regime militar brasileiro

A ESCOLA COMO VEÍCULO DE FORMAÇÃO PATRIÓTICA: REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE FONTES DOCUMENTAIS DA DÉCADA DE 1930

Mariza da Gama Leite de Oliveira
marizagama@ig.com.br

Este trabalho apresenta reflexões preliminares sobre as práticas de natureza patriótica cívico-militar, que predominaram no ensino público nas primeiras décadas do séc. XX, como expressão do nacionalismo na educação brasileira. São utilizadas fontes documentais do acervo da escola técnica estadual Ferreira Viana, no Rio de Janeiro, na época denominada Escola Pré-Vocacional Ferreira Viana.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO COMUNISMO NAS REPORTAGENS JORNALÍSTICAS E NOS DISCURSOS DAS AUTORIDADES POLÍTICAS E RELIGIOSAS NA CIDADE DE CARUARU NA DÉCADA DE 1960 A 1970.

José William Lopes Torres
william_historia@hotmail.com

A construção da identidade do comunismo nas reportagens jornalísticas e nos discursos das autoridades políticas e religiosas na cidade de Caruaru na década de 1960 a 1970. Palavras Chaves: Ditadura Militar. Comunismo. Identidade. A década de 1960 é marcada por grandes movimentações na política e na cultura do Brasil, tendo como marco referencial o ano de 1964 com o Golpe Civil-Militar. Após o dia 31 de março de 1964 o sistema político do Brasil se transforma em regime ditatorial pondo no poder o General Castelo Branco. Porém a transição da conjuntura política é difundida pelos jornais caruaruenses como uma "Revolução Salvadora" e não como um

Golpe de Estado, provocando uma super valorização dos "semióforos" que se erguiam juntamente com o regime militar, isto é, as forças armadas, o "verdeamarelismo" e a própria personificação dos militares no poder. Para além dos jornais locais como A Defesa (jornal de origem católica e que se encontra fora de circulação desde a década de 80) e Jornal Vanguarda (jornal de maior referência ainda hoje na cidade de Caruaru) políticos caruaruenses, líderes religiosos da ala conservadora incentivados por setores da Direita brasileira e pelas políticas norte-americanas como o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), o MAC (Movimento Anti-Comunistas) e entre outros que se instalaram na cidade de Caruaru buscaram combater o comunismo a partir da sua estigmatização como um inimigo do Brasil. A construção do "inimigo da nação brasileira", isto é, o Comunismo, seria, portanto fundamental nos anos que se seguiram durante o Regime Ditatorial brasileiro, pois à medida que se criava o "outro" da "Ordem" como o "bode expiatório" estaria, portanto valorizando os militares como os líderes "ideais" cujo propósito estaria em criar no imaginário social caruaruense a necessidade de manter no poder o regime ditatorial. Desta forma o presente trabalho busca analisar como os jornais, políticos de direita e líderes religiosos da ala conservadora de Caruaru buscaram apoiar o Regime Militar pós-1964 a partir dos discursos de inferiorização e construção da identidade do comunista como o "outro" desviante da "Ordem" vigente.

A INSTITUIÇÃO IMAGINÁRIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA NO PERÍODO DA REDEMOCRATIZAÇÃO A PARTIR DO MITO CARLOS MARIGHELLA.

Elyaldo Gonçalves Dantas

naldinho_gdf@hotmail.com

Partilhando do pensamento de Cornelius Castoriadis o qual afirma que toda sociedade é criação inserida em dado momento histórico, acreditamos assim que a criação da sociedade como tal implica na criação de um mundo de significações dentro do qual ela própria pode fazer sentido e existir, regulando o dizer e orientando as ações dos membros dessa sociedade e que a produção material da sociedade não é diretamente símbolo, mas é impossível sem uma rede simbólica, é que buscamos entender como batalhas travadas no presente reconfiguram o passado, buscando-se na representação de Carlos Marighella, dar consistência as demandas do presente, tentando-se construir um novo imaginário da esquerda brasileira, do povo brasileiro. Estas estratégias, apontam para a construção de uma realidade, muito mais intelectualmente produzida. Com o fim do regime militar, outra história vem sendo tecida, como uma colcha de retalhos, o traçado complexo de histórias aconteci das, inventadas, modificadas, contestadas vai se tornando a própria história. Sendo a capacidade criadora do homem que possibilita a existência da sociedade como tal. O processo de redemocratização brasileira assentou-se por via de um processo conciliatório, onde vencedores e vencidos se juntaram em prol da "democracia". Mas esse novo período da política brasileira, não se legitimou exclusivamente por acordos políticos, se faz necessário, atingir o imaginário popular para então recriá-lo aos moldes da recém-inaugurada democracia. Como exemplo dos valores democráticos de luta pela liberdade serve a reelaboração do mito Carlos Marighella, parte real, parte construído, a partir de um processo de elaboração coletiva, no qual sua imagem nos fala mais sobre a sociedade que o

produziu do que sobre si mesmo. Então o esforço por reconstruir a imagem de Marighella é entendido como um esforço de reconstrução da memória histórica nacional. De inimigo público, terrorista, relegado ao campo do esquecimento, Marighella tem sua imagem transfigurada em herói do povo brasileiro, mártir da ditadura. Nesse percalço buscamos a partir da investigação de múltiplas fontes documentais, revistas, jornais, biografias, pronunciamentos, sobre Marighella, considerando o lócus de produção do qual foram emitidos, manter o que achamos inerente ao ofício do historiador: o diálogo com outros campos do saber, a partir de um processo de reflexão conjunta nas ciências humanas, em especial entre a história e a filosofia.

Palavras chaves: Marighella, sociedade, imaginário.

RITMOS NO TEMPO DA POLÍTICA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE/PE NAS ELEIÇÕES DE 2000

Gilson José Julião
professorjuliao@hotmail.com

No artigo temos a intenção de abordar o uso de músicas para embalar o ritmo da campanha eleitoral municipal no ano de 2000, em Santa Cruz do Capibaribe, cidade localizada no Agreste pernambucano. No referido período eleitoral três candidatos disputaram a prefeitura do município, porém iremos analisar apenas as músicas do candidato a prefeito José Augusto Maia, pois este nos chamou atenção por tratar-se do mesmo ser compositor e intérprete de suas músicas. Para escrever este artigo iremos utilizar como fonte quatro músicas que embalavam os comícios, as passeatas, carreatas e os eventos do "tempo da política" em 2000. A música é uma das

formas de linguagem que ocupa um papel de destaque na cultura em geral, trazendo em seus signos uma marca singular na expressão de nossos hábitos, valores, modos de vida, maneira de ser, agir e de pensar. Para a produção textual tomamos como empréstimo da antropologia política os conceitos de “tempo da política” e “política de facção” por meio de Palmeira (1996). A política local no Brasil tem sido tomada como objeto de estudo na História, já que por meio dela nos é permitido compreender as várias facetas das tramas políticas e Palmeira nos dá elementos conceituais para analisar essas tramas. Entende-se como “tempo da política” o período que é dedicado às atividades eleitorais, onde as disputas se dão a partir da “política de facção”. O conflito político que se caracteriza pela polarização entre grupos divididos entre “oposição” e “situação”, onde há o acirramento de ânimos e paixões criando o que se denomina de “política de facção”. Em Santa Cruz do Capibaribe a “política de facção” se configura a partir da existência de dois grupos políticos denominados de “bocas pretas” e “cabecinhas” (que em 2000 tornou-se “Taboquinha”).

Palavras-chave: tempo da política, política de facção e música.

O POLÍTICO E O IDEOLÓGICO NO PERIODISMO CAMPINENSE: DIVERSIFICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DOS IMPRESSOS (1910-1940)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio
gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Diante da ausência de um estudo sobre os periódicos campinenses a partir de seus lugares políticos e ideológicos, pretende-se nesta comunicação compreender como foi sendo formando ao longo da primeira

metade do século, os jogos políticos e ideológicos entre os intelectuais locais a partir dos impressos (notadamente jornais e revistas) em Campina Grande. Partindo das disputas simbólicas na cidade, como foi o caso dos jornais Correio de Campina e A Razão (situação e oposição nas décadas de 1910), ou nas tendências e/ou influências comunistas e integralistas dos periódicos como A Batalha, O Século e O Rebate (nas décadas de 1920 e 1930), pretendemos expor e problematizar até que ponto a cultura impressa de Campina Grande esteve envolvida nas questões políticas e ideológicas do seu tempo.

GT 10: IDENIDADE E DIFERENÇA: ESCRITURANDO PAISAGENS NO ENSINO E NA PESQUISA HISTÓRICA

ENTRE TEXTOS E IMAGENS: REPRESENTAÇÕES SOBRE OS POVOS INDÍGENAS NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA.

Rosineide Alves de Farias
Mestranda em História (UFCG)
rosehistoriadora@yahoo.com.br
Welton Souto Fontes
Mestrando em História (UFCG)
weltonsf@ig.com.br

Presente em quase todas as aulas de História como ferramenta de ensino-aprendizagem, o Livro Didático é o grande companheiro de professores e alunos, com este se mantém uma relação de aproximação e afastamento durante todo o

ano letivo. Segundo Bittencourt (2009), não apenas o conteúdo curricular dos livros didáticos de História deve ser minuciosamente analisado pelos educadores/historiadores, mas também os discursos presentes nas imagens e nos textos, sobretudo, para identificar a manutenção de estereótipos. Objetivamos pensar sobre como é gestada a representação sobre os povos indígenas nos livros didáticos de História, tornando inteligível como a identidade também é construída no espaço escolar e de como o livro didático contribui nesse processo. Partimos do pressuposto de que a identidade é construída a partir daquilo que é similar, reconhecível, mas que também depende daquilo que é estranho e diferente para se contrastar. Para tanto, elencamos em nosso artigo a necessidade de trabalhar a questão da "diferença", não para aboli-la, mas para entendê-la e desnaturalizar as verdades. A nossa discussão teve como ponto de partida o conceito de civilização gerado com o etnocentrismo europeu sobre as nossas sociedades indígenas, assunto geralmente apresentado nos conteúdos do 7º Ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, buscamos analisar as representações sobre os povos indígenas e de como o "diferente", sob a perspectiva civilizatória imposta pelos europeus, ainda se mantém presente nos manuais de História, perpetuando uma relação de distanciamento. Para isso, analisamos um dos exemplares de maior aceitação nas escolas públicas e privadas do Brasil, buscando perceber como os autores trabalham a questão da "diferença" entre índios e europeus, destacando assim, o Livro Didático como fonte de pesquisa. Com essa leitura, propomos a reflexão sobre a identidade, mas também, sobre o papel do educador e a sua difícil tarefa entre intervir ou reproduzir. Entre contribuir para a formação de cidadãos que reconheçam a

importância dos povos indígenas para a constituição do que somos, ou para reproduzir ideais preconceituosos e de distanciamento.

Palavras-chave: Livro didático. Identidade. Diferença.

"PEDAGOGIAS DA DIFERENÇA": AS IDENTIDADES NEGRAS NAS AMARRAS DA LEI 10.639/03

Josefa Josiana Bezerra Brito
marialuciamacielari@hotmail.com

Atualmente o ensino básico no Brasil tem se pautado na ideia de democracia em que todos devem ter direito a ingressar na sala de aula, convivendo todas as diferenças em um mesmo espaço de aprendizagem. Diante disso, as preocupações com as questões étnicas no meio educacional e social passaram a fazer com que os dirigentes políticos voltassem seus interesses para esta problemática construindo a imagem de uma política preocupada com as diferenças sociais e definindo o papel do estado como propulsor das transformações sociais. Para tanto, estava sendo sancionada em março de 2003 a lei nº 10639/03 – MEC, a qual altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esta mudança institui a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio. Sendo assim, este artigo tem como objetivo problematizar as mudanças propostas por esta determinação, analisando seus interstícios prático-discursivos no âmbito educacional, além de questionar o próprio livro didático e a atuação do professor diante desta nova determinação educacional. A importância deste debate em torno das questões étnicas no ensino

fundamental e médico justifica-se, pois, nos últimos anos tem ocorrido no âmbito educacional algumas discussões sobre o currículo escolar, atestando para a ausência dos conteúdos ligados à cultura afro-brasileira e a história dos povos africanos no período anterior ao sistema escravista. Estas discussões apontam para os problemas em torno do preconceito e discriminação da cultura africana e vêm a cada ano ocupando seu espaço nos debates educacionais. Assim, nossa proposta neste debate é a de analisar como vem sendo abordadas e instrumentalizadas as questões de etnia no âmbito educacional.

Palavras-Chave: Ensino, História da África, Currículo, Etnia.

FOGO MORTO: O FEMININO EM TRANSFORMAÇÃO EM FINS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

Naiara Leonardo Araújo – PET-História
(bolsista)/UFCG
nayara_araujo1990@hotmail.com

O presente trabalho, inspirado na disciplina de História do Nordeste do curso de História da UFCG, teve início a partir da observação e levantamento de vários questionamentos acerca das figuras femininas apresentadas pelo escritor paraibano José Lins do Rego em seu livro Fogo Morto, obra que faz parte do movimento regionalista neo-realista dos anos 30, tendo sido publicado em 1943. Ao longo da leitura de seu livro íamos nos deparando com mulheres representando as diversas classes sociais, e econômicas, por conseguinte, em uma época de decadência dos engenhos de açúcar – fins do século XIX e início do XX. Tais mulheres viviam perturbadores dias de incertezas com relação ao futuro que as aguardavam e as constantes dúvidas faziam surgir diversos sentimentos de insegurança emocional.

Apoiando-se em Stuart Hall e suas discussões sobre identidade, em Anthony Giddens e “A Transformação da Intimidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”, dentre outros, buscaremos analisar como os problemas de cunho econômico e político acabou interferindo na vida dessas mulheres, e mesmo permitindo mudanças comportamentais.

Palavras-chave: Fogo Morto, Feminino, Comportamentos.

ENEM E AS CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS: NOVAS SENSIBILIDADES PARA PENSAR O ENSINO DE HISTÓRIA

Janaína Leandro Ferreira / Jaqueline
Leandro Ferreira
Regina Coelli Gomes Nascimento
jaquelineleandroferreira@hotmail.com

Neste artigo temos a pretensão de analisar uma experiência de extensão desenvolvida no Programa de Educação Tutorial (PET – História – UFCG) no ano de 2011, direcionada para alunos de escolas públicas da cidade de Campina Grande-PB. Cujas finalidades estavam direcionadas para problematizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), priorizando a área das “Ciências Humanas e suas tecnologias”. Especialmente, questões referentes às seguintes Competências e Habilidades: “Compreender os elementos culturais que constituem as identidades” e “Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade”. A partir dessas preocupações discutiremos as novas tendências exigidas em sala de aula para preparação do aluno que se submeterá a nova avaliação (Novo ENEM) para o

ingresso em uma instituição de ensino superior. Partindo de um pressuposto de que os conceitos de "identidade" e "cidadania" foram construídos historicamente e ressignificados socialmente, buscaremos pensar de que forma a nova proposta do ENEM vai interferir no modelo tradicional do ensino de História e como essas novas maneiras de trabalhar a História em sala de aula chegam até as escolas públicas. Para fundamentar nossas análises dialogamos com alguns autores, Stuart Hall, Zygmunt Bauman, para pensar as questões de identidade, José Murilo de Carvalho, para problematizar os caminhos que a noção e a prática da cidadania percorreu, no Brasil, ainda utilizaremos a obra Saberes e competências que é uma reunião de artigos de pesquisadores da temática relacionada a avaliação por competências, além do artigo Mudança social, Ciências Humanas e Enem do autor Raul Borges Guimarães. Assim buscaremos associar as questões historiográficas e, até certo ponto dialogando com autores teóricos, junto com as abordagens do Novo Enem ligando-os com as competências propostas. Pensando até que ponto essas propostas alcançam seus objetivos indicados nas Matrizes de Referências.

Palavras-chave: Enem – Ensino – História

ESCRITURANDO POSSIBILIDADES DE TRABALHOS COM FONTES HISTÓRICAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Eleonora Félix da Silva
eleonora.felix@hotmail.com

Na escola o livro didático muitas vezes é o único recurso de leitura disponível para os educandos e sabemos que a leitura é uma prática fundamental para que os alunos

construam seus conhecimentos, todavia, eles carecem de outras fontes para ampliar suas visões de mundo e de processo histórico. Com base nestas noções o trabalho apresentado nesta comunicação procura mostrar algumas possibilidades de ampliar os estudos sobre a temática da escravidão negra e o processo de desintegração do sistema escravista, nos anos finais do Oitocentos. O intuito deste trabalho é problematizar as abordagens que se tem feito desta temática nas salas de aula das escolas de Educação Básica, no país, e propor uma reelaboração do saber escolar sobre a população escravizada na Paraíba levando para as aulas fontes históricas como os jornais ou documentos judiciais. É interessante propor o uso de documento na sala de aula a fim de contribuir para tornar o ensino de história mais atrativo, bem como contribuir para que os educandos não pensem os escravizados apenas como meros receptores da ação "dos de cima". Além disso, explorar a história das pessoas comuns e suas formas de resistências a um sistema opressor é uma possibilidade de aproximá-las de um ensino mais preocupado com as experiências cotidianas dos educandos.

Palavras-chaves: Fontes históricas. Sala de aula. Pessoas escravizadas.

A PERCEÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA SOBRE FONTES HISTÓRICAS E SEU USO EM SALA DE AULA

Manoel Pereira de Macedo Neto
macedohistoria@uol.com.br

O Presente estudo é parte integrante da dissertação de mestrado "Diálogos sobre Saberes e Práticas: um estudo sobre formação e prática educativa dos professores de História na cidade de João

Pessoa". Na referida pesquisa de mestrado realizamos entrevistas com 08 professores de História, formados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que lecionam na cidade de João Pessoa. Os professores foram escolhidos aleatoriamente, sendo quatro do ensino Fundamental (dois da escola privada e dois da escola pública) e quatro do ensino Médio (dois da escola pública e dois da escola privada). Nos diálogos procuramos analisar a percepção dos professores sobre conceitos fundamentais da História como área do conhecimento, especialmente acerca de correntes historiográficas, sujeitos históricos, tempo histórico e fontes históricas. Nesse trabalho, estamos apresentando resultados das entrevistas no tocante a percepção dos professores acerca de fontes históricas e as possibilidades de utilização de documentos históricos em sala de aula. Para análise dos dados fizemos a transcrição sem edição das entrevistas e recorreremos às técnicas de análise de conteúdo sugeridas por Bardin. Quanto à percepção dos professores entrevistados sobre conceitos fundamentais da História como área do conhecimento, constatamos a necessidade de um conhecimento mais sólido, acerca dos referidos conceitos, que possa alicerçar suas práticas como professores de História. Apesar de demonstrarem distanciamento em relação às mudanças no conceito de fontes históricas promovidas por correntes historiográficas como a Nova História e a História Social Inglesa, os professores revelam uma visão de fontes históricas muito próxima do que sugere a "Revolução Documental", predominando uma visão ampla sobre as fontes, não restrita aos documentos escritos e oficiais. Ao mesmo tempo, os professores reconhecem a importância do trabalho com documentos em sala de aula, no entanto, afirmam que as condições encontradas na escola

impossibilitam ou dificultam a concretização dessa dinâmica. Diante da falta de domínio acerca dos conceitos fundamentais da História como área do conhecimento, por parte dos professores entrevistados, propomos uma maior valorização de discussões conceituais na formação inicial e nos cursos de formação continuada promovidos pelos sistemas de ensino que permitam ao professor domínio conceitual e, especialmente, melhor articulação entre as mudanças no conceito de fontes históricas e seu uso em sala de aula.

Palavras-chaves: formação docente; ensino de história; fontes históricas.

RETORNO DAS BIOGRAFIAS: POR NOVAS ABORDAGENS NAS AULAS DE HISTÓRIA

José do Egito N. Pereira
egito78@hotmail.com

Este artigo tem o propósito de sugerir novos temas para as aulas de história. O cenário atual do ensino de história sugere a emergência de novos objetos para se trabalhar nas escolas dos ensinos fundamental e médio. Como professor da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), tenho trabalhado nas disciplinas de Prática Pedagógica e de Estágios, a temática, "Novos temas nas aulas de história", objetivando aproximar a realidade das pesquisas ao conteúdo escolar. Os temas que podemos destacar como propostas para inovar nas aulas de história vão: dos "direitos humanos" ao "meio ambiente", da "história regional" à "história integrada", e, das questões envolvendo "gênero" até o chamado retorno das "Biografias". Contudo, nosso trabalho será específico, dentre os temas apresentados, às biografias. As biografias são lembradas por nossos pais como assuntos que falavam dos heróis, de

uma história alicerçada nas datas, nos acontecimentos decisivos de etapas históricas, como por exemplo, "O grito do Ipiranga de D. Pedro I". Entretanto, não abordaremos aquelas biografias, típicas de uma história "vista de cima", que seguem uma metodologia da história metódica. Pelo contrário, Pretendemos demonstrar como a pesquisa historiografia passou por mudanças teóricas e metodológicas, dando oportunidades a novos sujeitos históricos. Trata-se da chamada "história vista de baixo", como é o caso dos olhares lançados por um Carlo Ginzburg, um Michel Foucault ou uma Natalie Zemon Davis. As pesquisas desses autores deram visibilidades aos homens comuns, ou homens infames, como sugeriu o Foucault, que destacou o aparecimento desses sujeitos na escrita histórica por terem sido atravessados pelas relações de poder, que imperavam na era clássica, por exemplo. Deste modo, entendemos que os professores dos ensinamentos fundamental e médio, podem apropriar-se desta historiografia, trabalhando nas escolas as histórias de vida de pessoas comuns, mostrando, assim, que todas as pessoas são sujeitos históricos, e que, qualquer um de nós poderá ser lembrado nas narrativas de Clio.

CANGAÇO NO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ABORDAGEM DA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Wagner de Araújo Rabêlo
neiji_6@hotmail.com

O trabalho aborda a temática do cangaço no nordeste brasileiro. As fontes desta pesquisa consistem de dois impressos do início do século XX: um cartaz de procurado, emitido pelo Estado da Bahia, e o fragmento de um jornal publicado na cidade do Rio de Janeiro, que denuncia os

cangaceiros como ameaça para a sociedade brasileira. O artigo visa, por meio da análise do discurso, investigar a produção oficial e das elites letradas da época sobre o cangaço, que findam por legitimar uma "cultura da violência", como é exposto nos fragmentos analisados. A relevância do artigo é buscar uma nova abordagem para a temática do cangaço, de forma a perceber como a "cultura da violência" permite uma melhor compreensão da população do sertão nordestino no início do século XX, além de ser percebida como um elemento que permanece na sociedade nordestina até os dias atuais. Nosso objetivo é verificar como os meios de comunicação oficiais contribuíram na construção da imagem desse grupo, em uma análise que se insere no campo da História Social da Cultura. Isso significa entendê-los como sujeitos de sua própria história, e procurar construir uma história vista a partir de "baixo", sem desconsiderar o constante conflito com os atores "de cima". Pensando a cultura como um elemento identitário, que informa determinadas formas de agir e ver o mundo, percebemos a "cultura da violência" como um elemento fundador das relações sociais, permeadas por questões de honra – masculina, principalmente –, presentes nas elites e nas massas de populares do sertão nordestino na primeira metade do século XX. Indagando o problema da violência, a proposta segue as orientações do PCN e do PCN+ de História na perspectiva da transversalidade (cidadania), de modo que os discentes possam refletir de forma crítica sobre o conteúdo e valores da antiga sociedade do sertão nordestino. Portanto, pretendemos com este trabalho desenvolver uma formação cidadã no ensino da História, a qual busca o desenvolvimento de valores próprios de uma sociedade democrática: respeito, tolerância, etc. Por fim, consideramos as práticas de bullying e cyberbullying como

uma nova roupagem da “cultura de violência” dos dias atuais. Por isso, a partir do ensino da História, poderemos levantar estas questões em sala de aula, as quais pensamos como sendo reflexões pertinentes e necessárias na formação cidadã da atual sociedade contemporânea.

DESNATURALIZANDO IDENTIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Gil Eduardo de Albuquerque Macedo
renan.ramalho@hotmail.com

O trabalho apresentado a seguir é integrante do Programa institucional de bolsa a iniciação a docência, PIBID, em atividade com o departamento de história da UFRN financiado pela CAPES. As seguintes atividades foram realizadas no colégio José Fernandes Machado sob a coordenação e orientação da Prof.^a Dr.^a Fátima Martins Lopes. O tema, identidade, foi uma das propostas trabalhadas pelo PIBID História UFRN. O grupo trabalhou sob a orientação temática das identidades históricas, em que conceitos como a nação e nacionalismo tornaram-se objeto de ensino. Sob esta perspectiva de ensino, entendemos que a prática escolar se define enquanto geradora de autonomia, ou seja, de habilidades que ultrapassem as fronteiras das escolas; que acompanhe o aluno nas demandas da vida prática e os conduzam a um exercício da cidadania de maneira consciente. Nesse sentido, o ensino de história é responsável por estimular a consciência histórica do aluno, atribuindo-lhe diferente capacidade de perceber sua realidade, compreendendo como a sociedade é construída por sujeitos que fazem uso de memória na construção de suas diversas identidades. Partimos da premissa que as identidades são historicamente construídas, constituem como operação que lida com simbologias e

representações. Nessa perspectiva, utilizamos como recurso didático documentos iconográficos, imagens que expressem simbolicamente as diversas manifestações culturais de identidade. A temática é relevante, na medida em que a naturalização das identidades é constante objeto de uso político e social. Trata-se de compreender e, sobre tudo, desconstruí-lo, criticar, esmiuçar suas operações históricas. Desenvolver a temática a partir de referências historiográficas como Erick Hobsbawn, Nação e Nacionalismo, estreitando a relação entre a escola e as discussões acadêmicas. Analisar seus conceitos e historicidade é desenvolver a capacidade crítica e analítica do aluno de perceber os elementos que permeiam o seu cotidiano, elementos que estão naturalizados no seu censo comum. É emergir em uma relação conflituosa do aluno em sua compreensão histórica, tornar o ensino de História ferramenta de construção e conscientização de sua cidadania.

Palavras-chave: Identidades; Ensino de História; PIBID.

A PERMANÊNCIA DO TRADICIONAL: O CONTEÚDO NO ENSINO DE HISTÓRIA DA EJA

Diego Firmino Chacon
diegofchacon@hotmail.com

Este trabalho de pesquisa busca analisar, em planos anuais de professores de História da Educação de Jovens e Adultos, permanências de conteúdos tradicionais e que se afastam das recomendações presentes nas Propostas Curriculares do ensino de História para esta modalidade. Observações preliminares sugerem que tais planejamentos não levam em consideração aspectos relacionados às especificidades

escolares dos discentes, nem aquelas da modalidade EJA. Isso faz com que os temas desenvolvidos não estabeleçam relações com a realidade dos alunos, constituindo-se, assim, um dos motivos marcantes para o desinteresse destes com relação a essa área do conhecimento escolar. Consideram-se como fontes os planos anuais dos docentes de História, dos terceiro e quarto níveis do Ensino Fundamental, em uma Escola do município de Arez – RN, no período do ano de 2007 até 2010. Estabelece-se aqui o diálogo com as Propostas curriculares para Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento (5ª a 8ª série) – História (2004), com Barcelos (2009; 2010) e a Bittencourt (2004).

REVISTA EVOLUÇÃO: ARTE E CULTURA NO INSTITUTO PEDAGÓGICO

Alexandro dos Santos
alexandrodossantos09@gmail.com

Neste artigo temos a pretensão de discutir às estratégias utilizadas pelos editores da Revista Evolução produzida pelo Instituto Pedagógico da cidade de Campina Grande-PB, no período de 1930 a 1934, para divulgar às atividades artísticas, culturais e educacionais desenvolvidas na instituição. O interesse pela temática surgiu durante a realização da pesquisa "CENAS DE (DES) ORDEM: PRÁTICAS E SABERES DISCIPLINARES EM CAMPINA GRANDE-PARAÍBA (1900-1940)" realizada no Programa de Educação Tutorial do curso de História da UFCG. Assim, pretendemos problematizamos questões relacionadas aos discursos produzidos pela revista sobre as atividades escolares realizadas pelos alunos (as) dentro e fora da sala de aula. Para fundamentar nossas indagações dialogamos com os seguintes autores: (PIMENTEL, 2011), (SILVA, 2002) e (CAMÁRA, 1947).

Palavras-chave: Revista Evolução,
Campina Grande, Educação

OS ENCONCONTROS DA LINGUAGEM MUSICAL COM O SUJEITO: UMA REFLEXÃO EM TORNO DA PRÁTICA EXTENSIONISTA

Silvano Fidelis de
Lira
silvanohistoria@hotmail.com

Seria a música capaz de produzir um efeito positivo na formação do sujeito, alterando-o, modificando-o? Seria ela capaz de realizar uma dobra da existência humana? Este texto tem como objetivo propor uma reflexão sobre a utilização da música nas atividades desenvolvidas pelo programa de extensão "Subjetividade, adolescência e ética", desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Asfora, da cidade de Seridó, no Curimataú paraibano, e que conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROEAC) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para a utilização da música em nossas atividades partimos do pressuposto de que, além de ser uma arte, a linguagem musical é mais uma maneira de expressão e de interação entre os sujeitos. A nossa percepção é de que a utilização da música na educação pode se constituir como algo além de um instrumento didático, pois na medida em que produz novas subjetividades, a música torna-se uma maquinaria de subjetivação, proporcionando mudanças na vida e na maneira de viver do sujeito. Buscamos então possibilitar o encontro dos adolescentes com músicas que tragam em sua letra e melodia uma mensagem, um ensinamento que produza neles afecções, bons encontros. Nesse sentido, nossas atividades têm contribuído para o alargamento do arquivo espiritual dos

jovens atendidos pelo programa. Dessa forma, busca-se levá-los a um exercício constante daquilo que o filósofo francês Michel Foucault chamou de "enkrateia" a partir da leitura da filosofia grega. A enkrateia pode ser entendida como um exercício constante de autotransformação, de modificação de si, que se realiza continuamente na trajetória de vida do sujeito, isso a partir de um governo de si, em que o sujeito estabelece, através de uma reflexão própria, caminhos a serem trilhados em sua existência. A utilização da música como instrumento na ação extencionista está intimamente ligada à construção de uma moral e uma prática de si, temática recorrente nas últimas produções de Michel Foucault, em que autor passa a estabelecer uma nova relação entre a filosofia e o sujeito.

Palavras-chave: Música. Subjetividade, Enkrateia.

ENEM E AS CIÊNCIAS HUMANAS: NOVAS ABORDAGENS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Priscila Gusmão Andrade
Emmanuela de Lima Maracajá
Regina Coelli do Nascimento

Este artigo busca problematizar uma atividade de extensão desenvolvida no Programa de Educação Tutorial do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande (PET - História - UFCG), durante o ano letivo de 2011. A oficina intitulada "Enem, Ciências Humanas e suas tecnologias: Novas sensibilidades para pensar o ensino de História", foi arquitetada a partir do seguinte percurso metodológico: 1) pesquisa e leitura da bibliografia relacionada ao tema; 2)

seleção e preparação dos recursos didáticos que foram utilizados; 3) divulgação e realização da oficina. O público alvo foram trinta alunos das escolas públicas da cidade: Escola Estadual da Prata; Colégio Virgílio Gomes e Escola Estadual Raul Córdula. Assim, foram estudadas e discutidas pelas participantes questões direcionadas: 1) a proposta do "Novo Enem", havendo um enfoque para o entendimento da perspectiva do Enem referente às "Competências e Habilidades"; 2) as novas características da prova, e os critérios de avaliação do Enem "Teoria de Resposta ao Item" (TRI) e 3) a transdisciplinaridade utilizando-se dos eixos temáticos "Identidade, Memória, Movimentos Sociais e cidadania". Para execução da proposta dialogamos com Lino de Macedo e Raul Borges Guimarães.

Palavras-chave: Enem, Ciências Humanas, História.

IDENIDADE E DIFERENÇA: ESCRITURANDO PAISAGENS NO ENSINO E NA PESQUISA HISTÓRICA

Janielly Souza dos Santos
Regina Coelli Gomes Nascimento

Quando a Lei 11.645/2008 vem (re)afirmar a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" no currículo oficial da rede de ensino, aflora a necessidade das disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e História buscarem metodologias para trabalhar este tema, de forma a fazer os alunos acolherem essa temática no cotidiano escolar e para além deste espaço. Nesse campo de ação, este trabalho parte de discussões acerca da

construção de identidades junto a uma experiência de ensino da história e cultura afro-brasileira. Para tal empreitada analisaremos os usos do livro "Anastácio, Um rei negro do Brasil" de autoria de Denise Buriti Uchôa e Iranilson Buriti Oliveira, e de desenhos produzidos pelos alunos do 7º ano da EMEF Iran Coelho Dantas de Nova Palmeira – PB no ano letivo de 2010. Desse modo, acreditamos contribuir com o debate do ensino da história e cultura afro-brasileira nas disciplinas de história e de artes, e no debate e acerca da construção de identidades.

Palavras-chave: Ensino de História, Currículo, Cultura Afro-brasileira.

GT 11: CULTURA E SOCIEDADE NA AMÉRICA PORTUGUESA

RELAÇÕES INTERÉTNICAS NO SEMIÁRIDO DA AMÉRICA PORTUGUESA: A CAPITANIA DA PARAHYBA E OUTRAS CAPITANIAS DO NORTE.

Juciene Ricarte Apolinário – UFCG
apolinarioju@hotmail.com

Através do seu patrimônio documental procura-se atingir a historicidade que permeiam o semiárido em relação ao modo como as comunidades indígenas, negras e luso-brasileiras perceberam os fenômenos

climáticos e a natureza ao longo da ocupação da América Portuguesa. A convivência com o semiárido é um processo histórico-cultural, econômico e socioambiental no qual se propõe e se busca muito mais do que uma convivência diferenciada com o ambiente de um lugar que é caracterizado por certos aspectos físicos e climáticos. Como homem, cultura e natureza são indissociáveis o semiárido além de uma paisagem natural, é uma construção cultural. – Uma paisagem em que se inventava e se inventa relações entre homens e mulheres que são sujeitos de cultura, agentes culturais, subjetividades diversas que se encontram movidas por histórias, memória e documentação. O problema principal da nossa pesquisa é - verificar como se deu a ocupação do semiárido das capitanias do norte e, especialmente a capitania da Parahyba nas perspectivas ambiental e da etnohistória, levando em consideração os olhares colonizadores sobre a natureza da caatinga e os conflitos interétnicos entre grupos indígenas e não-indígenas. Parcialmente, verifica-se na documentação arrolada para pesquisa que a colonização portuguesa no Brasil, na região de semiárido, especialmente no que se refere às capitanias do norte, provocou mudanças significativas na biodiversidade, através do processo de implantação de sistemas econômicos com características externalistas e endógenas amparadas nos interesses mercantilistas. Consequentemente ocorreram lutas e resistências entre povos indígenas e portugueses. Destarte a conquista e a manutenção da posse da terra e de suas riquezas naturais por parte dos vassallos da Coroa Portuguesa resultaram em diferentes conflitos, práticas e relações interétnicas em toda a região do semiárido nordestino, denominada a época de Sertão,

destacando-se as lutas e agências indígenas Tarairiú e Kariri.

Palavras-chave: semiárido, relações interétnicas, capitanias do norte, agências indígenas

**FESTAS PÚBLICAS: LISBOA E
PERNAMBUCO NO CENÁRIO
SETECENTISTA**

Juliana da Cunha Sampaio – UFPE
(juli_historia@yahoo.com.br)
Marcus Carvalho

Esta pesquisa objetiva realizar um estudo das festas públicas promovidas pela Igreja Católica Tridentina, pelas irmandades leigas e pelas câmaras municipais e autoridades régias nas urbes da Capitania de Pernambuco, especialmente Recife e Olinda, bem como em Lisboa, capital do Império Português, durante o século XVIII, a fim de analisar como se estabelecia o trânsito de pessoas e idéias, via Oceano Atlântico, entre aqueles espaços. Para tanto, utilizaremos como base teórico metodológica a história sócio cultural, em uma perspectiva comparativa, considerando os modos de organização e execução das festividades e seus inúmeros significados políticos, sociais e culturais. Procissões, festas de oragos, festas reais, aclamações, entradas solenes, festas fúnebres faziam parte da vida social, cultural e política de inúmeros indivíduos e se transformaram em momentos de expressão de poder, de resignificação ou afirmação de papéis sociais, de apaziguamento das tensões provocadas pela escravidão de nativos e africanos na Colônia e, ainda, como lugar de devoção e lazer para homens e mulheres colonos, escravos, livres e libertos. Nesse contexto, o evento festivo apresentava-se, segundo José Ramos Tinhorão, como uma oportunidade de sociabilidade (TINHORÃO,

2000:7-9), idéia da qual compartilhamos, uma vez que os espaços de convivência tanto na metrópole, quanto na colônia se ampliavam naquelas cerimônias e atividades, fossem elas promovidas pela esfera religiosa ou não. A festa apresentava-se, assim, como um fértil campo para o estudo das relações estabelecidas entre os grupos existentes na sociedade lusitana e na América Portuguesa, tendo como parâmetro de análise o universo cultural e simbólico construído em torno dos festejos, bem como o seu impacto na vida cotidiana das pessoas que delas participavam. O campo documental no qual se baseia nossa pesquisa compõe-se, principalmente, de documentos das Câmaras Municipais de Recife e Olinda, como livros de registros de cartas, provisões e ordens régias, localizadas no IAHGP e no APEJE, documentos dos fundos e coleções do acervo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, tratados barrocos como a Súmula Triunfal da Nova e grande Celebridade do Glorioso e Invicto Mártir São Gonçalo Garcia, de Sotério da Silva Ribeiro, o Discurso Histórico, Geográfico, genealógico, político e encomiástico (1751) do Frei Jaboatão, entre outros. Além destes, as determinações do Concílio Tridentino, as Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, de 1707, e documentos das irmandades leigas como livros de termos, receitas e gastos com as festividades e coroações de reis e rainhas do Congo, que compõem o acervo das confrarias leigas.

**ADMINISTRANDO A JUSTIÇA,
INSTAURANDO A POLÍTICA E CRIANDO
UM “NOVO” LUGAR: A COMARCA DAS
ALAGOAS (1711-1750)**

Antonio Filipe Pereira Caetano – UFAL
(afpereiracaetano@hotmail.com)

A parte do extremo sul da Capitania de

Pernambuco, pelo menos até 1711, estava distribuída em três vilas (Porto Calvo, Penedo e Santa Maria Madalena) completamente submissas à Olinda. No entanto, no início do século XVIII alterações administrativas lusitanas promoveram profícuas mudanças em toda localidade Pernambucana, especialmente as bandas do sul, que passavam a constituir um território jurídico próprio, em 1711 com a criação da Comarca. Neste sentido, a presente comunicação tem por objetivo analisar os primeiros anos da consolidação deste órgão, a Ouvidoria, no território alagoano, no intuito de compreender como as ações políticas se instauraram, como as redes de poder se fortaleceram, como as insatisfações da população contra seus agentes se constituíram e como se promoveu a criação de um novo/velho lugar, as Alagoas, mesmo antes da emancipação política de 1817.

ESCRITOS DE CONVERSÃO: A CATEQUESE JESUÍTICA NOS ESCRITOS DE MAMIANI

Ane Luíse Silva Mecenas Santos – FJAV
(anemecenas@yahoo.com.br)

A ação catequética jesuítica nas terras situadas ao norte da capitania da Bahia resultou na produção de textos a respeito da língua e dos costumes dos povos que viviam às margens norte do Rio Real. Com isso, foram produzidos o Catecismo e a Gramática da Língua Kiriri, pelo inaciano Luiz Mamiani. Trata-se de escritos que contribuem para a compreensão do método jesuítico de conversão no período colonial. Partindo da relevância de tais registros para a História da Educação no período colonial, este trabalho tem o propósito de apontar alguns sinais da catequese e da metodologia utilizado por Mamiani. A escrita de Mamiani também reflete a

influência da retórica barroca, com imagens dissimuladas, cenários que mesclavam o vivido entre dois mundos distintos.

A PRESENÇA NEGRA NAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DO SERTÃO PARAIBANO - SÉC. XIX

Segiefredo Rufino dos Santos – FIP
(segiefredo@hotmail.com)

A mão-de-obra escrava contribuiu para o desenvolvimento da economia brasileira nos períodos colonial e imperial. O trabalho escravo no Brasil iniciou-se com a exploração do índio, porém, Portugal resolveu empregar o negro como principal força de trabalho em suas possessões coloniais. Assim, percebe-se que a prática de atividades agrícolas tornou-se essencial para a sustentação econômica tanto do Brasil como da Capitania da Paraíba. Todavia, deve-se ter em mente que as atividades produtivas variaram no que se refere à região e época. Ou seja, não apresentaram um aspecto uniforme como se costuma imaginar. A pecuária foi uma das atividades produtivas desenvolvidas no espaço paraibano que utilizou o negro na composição de seu trabalho manual. Logo, um dos objetivos deste trabalho é perceber a significativa presença de negros na região sertaneja identificando e caracterizando suas atividades produtivas neste espaço geográfico, principalmente no que diz respeito à pecuária.

Palavras-chave: Escravidão. Paraíba. Pecuária.

A BORDO DAS EMBARCAÇÕES MERCANTES: O CIRCUITO MERCANTIL ENTRE O RIO DA PRATA E AS CAPITANIAS DO NORTE NO BRASIL COLONIAL (1580 – 1640)

Queila Guedes Feliciano – UFPB
(queilahistoriadora@yahoo.com.br)

João Azevedo Fernandes

Esta pesquisa consiste em analisar as redes comerciais e sociais responsáveis pela manutenção de rotas marítimas entre as Capitânicas do Norte do Brasil colonial com, principalmente, a cidade de Trinidad, porto de Buenos Aires num período marcado pela união ibérica (1580-1640). A partir da leitura e análise da documentação conhecida como "registros de navios", fontes manuscritas e publicadas, em língua espanhola referentes à primeira metade do século XVII. Localizadas no Archivo General de la Nación (Buenos Aires, Argentina). Através dessas fontes, podemos esgarçar um complexo tecido de relações internas e externas ao porto de Buenos Aires, capazes de criar e manter complexas redes clientelares que atingiam as Capitânicas do Norte do Brasil colônia, especificamente os portos de Olinda Pernambuco e São Salvador na Bahia, ao longo da primeira metade do século XVII.

Palavras-chaves: Redes comerciais, Capitânicas do Norte, Rio da Prata.

PATRIMÔNIOS MATERIAIS NO SERTÃO DO RIO PIRANHAS, CAPITANIA DA PARAHYBA DO NORTE (1778 - 1799)

Janice Correa da Silva – UFPB
(correa.janice@yahoo.com.br)
Carla Mary S. Oliveira

Na segunda metade do século XVIII, a Capitania da Parahyba vivenciou um contexto de subordinação a Capitania de Pernambuco, alguns autores consideraram que essa situação resultou de uma consulta do Rei ao Conselho Ultramarino, na qual o mesmo alegava que os meios existentes aqui naquela temporalidade eram insuficientes para a manutenção de um governo autônomo. É nesse mesmo

contexto que queremos compreender que realidade era vivenciada no sertão da Capitania da Parahyba, pois, entendemos que existe uma carência muito grande de trabalhos que se ocupem em compreender as experiências ocorridas nas áreas interioranas da referida Capitania. Desse modo, procuraremos estabelecer neste trabalho (que é resultante da pesquisa que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba) uma discussão sobre os patrimônios materiais do sertão do rio Piranhas na segunda metade do século XVIII, tendo em vista conhecer os padrões de riqueza, procurando identificar o que se acumulava, no que se investia e quais elementos dentro do quadro das riquezas conferiam aos colonos uma diferenciação no seio da sociedade. Perceberemos como este movimento estava associado à atuação de um grupo social preocupado com a manutenção dos seus interesses e que almejava tornar-se detentor da riqueza e do poder local. Buscaremos entender até que ponto as relações sociais no sertão do rio Piranhas, apresentaram-se como geradoras de mecanismos que foram importantes na medida em que favoreceram a acumulação de bens materiais e a conseqüente ascensão na hierarquia social, é justamente aí que se estará observando os modos de fazer, e as táticas dos colonos, e o modo como eles se conectavam uns aos outros, estabelecendo relações de amizade, constituindo haveres e riquezas. Acreditamos assim, que as relações sociais que se desenvolveram no sertão do rio Piranhas ancoravam-se numa cultura política cujos elementos (relações de amizade, fidelidade, honra, etc.) levavam os indivíduos a se comportarem de modo a buscar algum grau de distinção entre seus pares. Serão privilegiados como fonte documental os inventários deixados pelos

sertanejos daquela localidade, dentro do recorte temporal proposto.

Palavras-chave: Patrimônios, Sertão, Cultura Política.

**NOS CAMINHOS DA CONQUISTA:
TRAÇOS DA ADMINISTRAÇÃO
COLONIAL NO SERTÃO DE PIRANHAS
(1700- 1740)**

Mayara Millena Moreira Formiga – UFPB
(mayaramillena@gmail.com)
Mozart Vergetti de Menezes

O objetivo desta comunicação é abordar questões que envolvem a nossa pesquisa de mestrado em fase de desenvolvimento. A pesquisa esta pautada em fins do século XVII e início do século XVIII, quando a América Portuguesa foi palco de um dos principais eventos desse período, a conquista do “sertão do norte”, hoje atual interior do Nordeste brasileiro. Em nosso caso específico, analisaremos a processo ocupação do sertão da Capitania da Parahyba do Norte, em seu momento inicial, após a expulsão definitiva dos holandeses em 1654, e as possíveis motivações de cunho social, econômico e político que fizeram com que o gado fosse “empurrado” do litoral em direção ao sertão por ter se tornado um empecilho para a monocultura açucareira, fazendo com que a pecuária se tornasse a principal atividade econômica que embasou a ocupação. Neste sentido, analisaremos a constituição da sociedade colonial no sertão de Piranhas, inicialmente através das primeiras expedições comandadas por paulistas e baianos, em vista a conquistarem o sertão, e num segundo momento, perceber a fixação dos colonos nessas terras mediante concessão de sesmarias, prática que possibilitava aos colonos criarem seus rebanhos e estabelecerem as suas

fazendas, que na sua grande maioria se desenvolviam em torno do arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso, lugarejo que funcionou como principal ponto de apoio para aqueles que se aventuravam a adentrarem o sertão, hoje atual cidade de Pombal. A pesquisa esta dividida em dois momentos, neste segundo, tentaremos compreender a dinâmica social do sertão de Piranhas, num período em que órgão efetivos da administração, como por exemplo, as câmara (que eram um dos principais órgão administrativos da colônia) se encontrava apenas no litoral, passando a existir no sertão apenas a partir de 1766. Neste sentido, questionamos como estava se dando a administração na sociedade sertaneja de Piranhas, e os agentes responsáveis por essa prática, a partir da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), e da documentação encontrada no cartório de Pombal, referentes à primeira metade do século XVIII. Dessa forma, o que por hora estamos percebendo, é a constituição de grupos de elites locais, que possuíam cargos de juiz ordinário, capitão mor, sargento mor, procuradores, entre outros, e que estavam fortemente ligadas entre si, formando teias de negócios, responsáveis por articular vínculos entre os moradores do sertão e destes com os centros de mercado como Salvador e Recife.

**UM OUVIDOR QUE “SÓ PARA
COMMERCIAL HÉ HÁBIL”. ANTÔNIO
SOARES BREDERODE - NEGÓCIOS,
CONFLITOS E EXCESSOS NA
CAPITANIA DA PARAÍBA (1787-1797)**

Yamê Galdino de Paiva – UFPB
(yamepaiva@yahoo.com.br)
Mozart Vergetti de Menezes

Com a renovação que passou a História

Política a partir dos anos de 1980, os estudos sobre a administração do período colonial tiveram um salto quantitativo e qualitativo. Focando-se em agentes e instituições locais, os historiadores procuraram observar os meandros das relações que os envolviam na sociedade colonial, sendo os governadores e as Câmaras Municipais os principais objetos de pesquisa. Nessa esteira, a administração da justiça foi alvo do interesse dos historiadores, mas a produção historiográfica sobre a mesma ainda continua tímida. Se o quadro da historiografia nacional para esta temática não é tão prodigioso, a situação da produção paraibana mostra-se bastante deficitária de informações. Pouco se sabe sobre os agentes responsáveis pela justiça na Capitania da Paraíba. Dentre esses oficiais destacam-se os ouvidores. Representantes da justiça do rei na América portuguesa, esses ministros frequentemente entravam em conflito com outras autoridades, desde governadores até juízes ordinários. E os entraves entre os oficiais figuram-se como oportunos momentos para a caracterização da sociedade em diversas localidades. O caso do ouvidor António Soares Brederode caminha nesse sentido. Utilizando os documentos avulsos do Arquivo Histórico Ultramarino, disponibilizados pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco, o propósito dessa comunicação é apresentar os resultados obtidos até o momento da pesquisa de mestrado que tem como objeto de estudo o ouvidor António Brederode. Permanecendo à frente da ouvidoria da Capitania da Paraíba por quase dez anos, esse bacharel instalou uma situação de conflito com as principais autoridades administrativas e com indivíduos de poder político e econômico da Capitania ao usar dos poderes conferidos pelo seu cargo para entrar em diversos ramos de negócios e

lucrar com os próprios deveres do ofício, como tirar devassas e realizar correições. O caso de António Brederode reforça outras situações encontradas ao longo do período colonial nas quais os magistrados cometem excessos e ingressam na economia local a partir das vantagens oferecidas pelos cargos que ocupavam. Entretanto, o estudo das ações desse ouvidor torna-se importante não apenas para observar esse aspecto, mas principalmente pelo que ele pode revelar acerca da sociedade da Capitania da Paraíba na segunda metade do século XVIII. Ou seja, traços do jogo político e dos grupos de poder podem ser vislumbrados a partir das ações "arbitrárias" desse ouvidor.

PRODUÇÃO DE ESPAÇO IMPERIAL NA FRONTEIRA: CARTAS DE MENDONÇA FURTADO E POMBAL, SÉCULO XVIII

Maria Emilia Monteiro Porto – UFRN
(mariaporto2@yahoo.com.br)

Nos séculos XVI e XVIII os portugueses avançaram sobre as fronteiras de Espanha para além do Tratado de Tordesilhas. Entre 1750 e 1777 esse avanço foi formalizado pelos Tratados de Madri e San Idelfonso, que de acordo com ideais ilustrados de progresso e felicidade pública, provocaram um ciclo de inventário dos territórios com importantes conseqüências para as culturas metropolitana e colonial. O artigo XXII do Tratado de Madri determinou a nomeação de comissões demarcadoras, cujos comissários foram, por Espanha, José de Iturriaga, e por Portugal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, meio-irmão do Marquês de Pombal, que desde 1753 esteve com sua equipe na vila de Barcelos em São José do Rio Negro à espera da partida espanhola, que nunca veio. Ao longo dessa espera, a correspondência entre ele e o Marquês de Pombal, transitando à margem

das relações oficiais, nos revela import antes momentos de constituição de espaço nas fronteiras coloniais, tais como a tensão entre a imagem imperial castelhana e portuguesa, a obsessão de Pombal por projetar a política portuguesa e a representação do poder que poderia se revelar nesse encontro, especialmente o aspecto barroco de constituição dos cenários.

A IMPRENSA PARAIBANA E A CULTURA EDUCACIONAL OITOCENTISTA

Thiago Oliveira de Souza – UFPB
(thiagooliveirajp@gmail.com)
Cláudia Engler Cury

Este artigo tem por finalidade expor os resultados do primeiro ano da pesquisa de mestrado: *Imprensa e Instrução: a cultura educacional presente nos textos jornalísticos paraibanos do século XIX*. Antes da chegada da família real ao Brasil em 1808 é complicado falarmos em atividade jornalística na colônia, tendo em vista que as tipografias estavam proibidas. A partir desta data temos a instituição da imprensa régia e o jornalismo pode dar seus primeiros passos. Na Província da Parahyba do Norte o primeiro periódico criado foi o *Gazeta do Governo da Parahyba do Norte*, fundado em 1826. Nos textos jornalísticos temos uma pluralidade de temas, onde a predominância do teor político é evidente, no entanto, a instrução também era discutida. É possível localizarmos resenhas, crônicas, anúncios, legislação etc. onde o tema educacional estava presente. Nosso intuito é levantarmos o debate acerca dos textos educacionais e de que forma a cultura educacional é representada nesta fonte. Nosso recorte é amplo, compreendendo a instituição da imprensa na então América portuguesa e os primeiros debates

educacionais encontrados nesta fonte. Alguns periódicos analisados são *O Reformista* (1849-1850); *A Regeneração* (1861-1862) *O Tempo* (1865); *A Gazeta do Sertão* e *a Gazeta da Parahyba*, ambos em 1888 e 1889. Nossas fontes são provenientes do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, dos Arquivo dos Governadores e do conjunto de micro-filmes disponibilizados pelo projeto: *Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX*. Seguimos os pressupostos da Nova História Cultural, em especial a perspectiva certoniiana do lugar social.

ORFANDADE E INSTRUÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE COLONIAL (SÉCULO XVIII)

Muirakytan Kennedy de Macêdo – UFRN
(muirakytan@uol.com.br)
Ana Santana Souza

Discute-se os mecanismos de assistência à orfandade, em especial a forma instrução educacional dada a meninos, rapazes, meninas e moças no Seridó, século XVIII. As fontes utilizadas pela pesquisa foram mapas populacionais do período, inventários, testamentos e livros de óbito, nascimento e casamento da Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó. Para apreender esses processos, metodologicamente utilizamos de fontes seriais coloniais, geridas em banco de dados eletrônicos (Access) e com procedimentos estatísticos da demografia histórica. Sem uma educação em moldes públicos, os menores foram assistidos em sua maioria por professores pagos, no caso dos meninos e rapazes. Para as menores a instrução foi voltada para o trabalho doméstico: costurar e rendar.

LAÇOS DE FAMÍLIAS E COSTUMES DE FÉ NAS TERRAS DE CABACEIRAS (1735-1770)

Maria Isabel Pimentel de Castro – PMJP
(isabelcastro7@hotmail.com)

A discussão deste grupo de trabalho está respaldada em dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação da UFCG, que teve como objetivo problematizar sobre família e religiosidade na Parahyba Colonial. De modo mais específico a mesma foi discutida tomando como recorte espacial a fazenda Cabaceiras, localizada no cariri paraibano porque trabalhamos especificamente com as práticas familiares endógamas, ou seja, laços matrimoniais construídos a partir de estreitos laços consanguíneos, e percebemos que este modelo de família foi identificado de modo bastante expressivo no espaço analisado. O recorte temporal deste trabalho começou em 1735 e se estendeu até 1770, embora tenhamos trabalhado essa periodização de modo a flexibilizá-la, tendo em vista que as pesquisas genealógicas deram conta de que as práticas endógamas se fortaleceram no decorrer de praticamente todo o século X IX. Esta análise buscou também problematizar também ao modo como a relação famílias/Igreja influenciou na elaboração e reelaboração das práticas cotidianas da referida comunidade e de que modo essas famílias se utilizaram da Igreja para legitimação do projeto colonizador e das suas próprias referências sócio-culturais. Numa análise sobre cotidiano e sensibilidade religiosa discutimos sobre como essas famílias se apropriaram de preceitos católicos para construção de uma identificação familiar espelhada em um modelo de família inscrito no catolicismo a partir, por exemplo, do lugar ocupado por santos de devoção e que poder simbólico tiveram essas imagens na formação das subjetividades dessas famílias. Enfim,

nosso trabalho esteve voltado para uma análise sobre família e religiosidade tomando como referencial teórico-metodológico as discussões que norteiam a chamada História Cultural. O contato com a documentação tradicional referente a livros e escritos sobre o Cariri paraibano foi fundamental para operacionalização da referida temática, pois embora tratem de narrativas históricas de cunho não historiográfico possibilitou o acesso às informações importantes sobre o povoamento deste interior e as complexas relações sócio-culturais e de poder que envolveram a Igreja e as primeiras famílias povoadoras do espaço em estudo. Além de livros de história local, tivemos acesso a inventários e testamentos, assentos de batismos, de casamentos e de óbitos dos séculos XVIII, no município de Cabaceiras, cujas informações nos ofereceram subsídios para a compreensão da cultura material e imaterial dessa comunidade. Portanto, a presente discussão tem também como objetivo o amadurecimento da temática com vistas a abordá-la de modo mais amplo e complexo que, mais tarde, o doutorado será válido e necessário.

Palavras-chave: Colônia, Família, Religiosidade.

DA ESCOLHA DO SÍTIO A URBE: O USO DA GEOGRAFIA HISTÓRICA NA ANÁLISE DAS ALTERAÇÕES NA PAISAGEM DA CIDADE DE SALVADOR NOS SÉCULOS XVI E XVII A PARTIR DO SEU TRAÇADO URBANO

Chrislayne Fernandes Santos – UFPB
(chrisfernandes.s@gmail.com)
Doralice Sátyro Maia

O presente trabalho tem por objetivo abordar as transformações ocorridas na configuração do território brasileiro, a

sobremodo na cidade de Salvador da Baía no limiar dos séculos XVI e XVII, desde o seu processo de apropriação territorial e o entrelaçar da dinâmica de conformação da paisagem do espaço urbano, transformações estas, que são impressas na paisagem através de semelhanças marcantes na constituição dos seus desenhos ao longo da relação tempo-espaço impregnadas no território. As transformações urbanas, que se deram nos primórdios da colonização estiveram diretamente ligadas às formas de se pensar, os primeiros aglomerados urbanos e cidades, a partir das concepções da Coroa Portuguesa e da Igreja. Este modo de conceber o urbano, fora influenciado e/ou justificado a partir do discurso da ordem e do controle, com a adoção de estratégias urbanizadoras originárias da tradição medieval germinadas e da utilização de técnicas e da marcante influência renascentista, até então paradigma dominante à época. Portanto, a pesquisa aqui proposta trata da busca pelo entendimento das formas como estas paisagens foram se moldando ao longo desse processo histórico e alterando o modo de vida dos cidadãos, a fim de se compreender essa passagem de um modelo de cidade existente para a cidade do porvir, ora pela manutenção dos aspectos de uma paisagem anterior que persiste, através da configuração do seu traçado, ora devido às mudanças que afetam radicalmente a constituição dessas paisagens e que afetam direta ou indiretamente a esfera de vida social, cultural e urbana das cidades, e do espaço rural que passa a ser influenciado por esse modo de vida urbano, passando assim a absolver as características culturais e estéticas desse modo de vida e, na própria forma arquitetônica de se construir esses espaços. Assim, esse estudo compreende a importância da História para o entendimento de todas as ciências h

umanas, com o historicismo, visando uma abordagem transdisciplinar lefebvriana, a sobremodo numa perspectiva da Geografia Histórica, a qual é concebida neste estudo não como a junção das ciências da história e da geografia ou 'simples' compilação dos acontecimentos e fatos históricos, porém como uma Geografia do Passado, como tratada por Maurício de Abreu (2010). Desse modo, Vasconcelos (1994), aponta a necessidade do estudo a partir dos processos históricos e análise das contradições e conflitos; isto é, a Geografia Histórica construída a partir do materialismo histórico dialético possibilita o estudo dos processos em sua associação da sucessão temporal com a materialização espacial.

Palavras-chave: Espaço Urbano, Geografia Histórica, Paisagem.

A ESCRITA EM MOVIMENTO: FONTES INQUISITORIAIS, CRÔNICAS JESUÍTICAS E DISPUTAS DE PODER NA CONQUISTA DAS CAPITANIAS DO NORTE

Halyson Rodrygo Silva de Oliveira – UFRN
(halyson_ufrn@yahoo.com.br)
Adriel Fontenele Batista

Esse artigo busca colocar algumas reflexões acerca de dois tipos específicos de fontes históricas produzidas no final do século XVI. Essa discussão envolve a documentação oficial produzida pela Santa Inquisição, quando da sua instalação na Bahia (1591-1593) e em Pernambuco (1593-1595) e a documentação produzida por outra instituição, também religiosa, e atuante nessas mesmas capitâneas e na conquista de novas fronteiras setentrionais naquele período: a Companhia de Jesus. Assim, as fontes discutidas aqui são os Livros de Denúncias da Bahia e de Pernambuco e

o Sumário das Armadas, que foi escrito por padres jesuítas entre 1584 e 1589 durante a conquista da Paraíba. Trata-se, aqui, de analisar como diferentes instituições, portanto com práticas de escrita e finalidades específicas em relação a documentação, abordam a mesma realidade histórica. Assim, considerando as lógicas específicas e os princípios que movimentam a documentação produzida por essas instituições, ou seja, contextualizando a ação e a prática de escrita desses sujeitos, pretende-se estabelecer uma análise sobre as relações de pertinência das formas discursivas empregadas nessas fontes. Entre os mais diversos elementos daquela realidade histórica, procurou-se manter o foco em um elemento específico e que, segundo entendemos, se constituía naquele momento como motivadora de grandes tensões entre diferentes grupos sociais, etnias e instituições: o movimento de avanços fronteiriços e a produção e novos espaços.

Palavras chave: fontes inquisitoriais; crônicas jesuíticas; Capitanias do Norte.

FONTES DOCUMENTAIS: NOVOS OLHARES, NOVAS DISCUSSÕES PARA A PESQUISA SOBRE MULHERES ESCRAVAS DA RIBEIRA DO ACARAÚ (SOBRAL, CEARÁ, SÉCULO XVIII)

Maria Rakel Amancio Galdino – UFCG
(rakelgaldino@yahoo.com.br)
Franck Pierre Gilbert Ribard

O artigo versa a respeito da importância das fontes históricas para pensarmos a pesquisa tendo como objeto de estudo as mulheres escravas. Buscamos perceber através dos vestígios deixados na documentação histórica, experiências forjadas a partir dos dobramentos das

ações das perspectivas, negociações e conflitos, interferindo nos caminhos seguidos, enquanto processo construído por homens e mulheres de variadas etnias na América Portuguesa ao longo do século XVIII. Para tanto, nos baseamos na experiência em acervos documentais no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú, e arquivo da Cúria Diocesana de Sobral. Tais fontes históricas nos permitem vislumbrar elementos da sociedade e cotidiano das mancipias e as relações que estabeleceram na sociedade em que foram inseridas, tanto nos mundos do trabalho, quanto no universo cultural do colonizador. Nessa perspectiva, a História Social tem contribuído com novas discussões, metodologias, construindo saberes a partir da pesquisa. Desse modo, as abordagens às fontes históricas têm permitido vislumbramos com maior amplitude as experiências de homens e mulheres comuns, como propõem historiadores como E.P. Thompson (NEGRO&SILVA, 2001), frutos da necessidade de redimensionar novas discussões, incluindo sujeitos aparentemente sem expressão, entre os quais incluímos as escravas. Temos conseguido ampliar nossas visões sobre o passado de variados sujeitos históricos, revisando fontes já abordadas, ou investigando novas séries documentais (LARA, 1995). Assim, temos nos deparado com elementos que marcaram cultura e poder na dinâmica colonial, como percebemos em inventários post-mortem, Livros de registros e licenças da Câmara Municipal de Sobral, por exemplo; assentamentos de casamentos, batizados, livros de óbitos que podem revelar importantes elementos do cotidiano, vivências, alianças e conflitos dos habitantes na sociedade colonial. Ao olhar do historiador, em fontes documentais

como inventários, por exemplo, os escravos podem surgir como sujeitos, adotando posturas variadas, entre negociações, sendo por vezes credores dos senhores, ou conflitos, quando declarados fugidos, punidos por insubordinações; ou aspectos da sociabilidade do escravo, em torno da participação no comércio em livros de registros e licenças de escravas como Romana Maria, ao solicitar renovação de licença para comercializar (ARAÚJO, 1979). Vemos em assentamentos de batizados, nas relações de compadrio, alianças que podem ter sido significativas no cotidiano dessas mulheres. Percebemos, por fim, a importância das hipóteses que delineiam nossas pesquisas sobre os elementos que permearam as vidas, e sentidos de suas ações e como estas marcaram a sociedade ao longo do tempo.

**COTIDIANO E MISSÃO:
REPRESENTAÇÃO DA COMPANHIA DE
JESUS NO MARANHÃO DOS SÉCULOS
XVII E XVIII**

Roberta Lobão Carvalho – UFF
(rob.lobao@gmail.com)

Guilherme Paulo Castagnoli Pereira das
Neves

Neste trabalho, faço um esforço para entender a ideia de história que se encontra nos textos dos padres da Companhia de Jesus relativos ao Maranhão colonial. De acordo com José Honório Rodrigues, “ninguém teve, no Brasil colonial, tanta consciência histórica como os jesuítas” (1070, p.29). Mas que consciência histórica era esta? Certamente não é aquela que decorre da história como a compreendemos hoje. A busca por essa compreensão é conduzida a partir de episódios cotidianos que ocorreram no século XVII e que se encontram presentes na crônica escrita no século XVIII. No trabalho analiso a crônica

do padre José de Moraes História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará, escrita no século XVIII e publicada em 1759, portanto no ano de extrema tensão para os padres da Companhia de Jesus. Tem-se hoje uma nova linha de pesquisa dentro do eixo que engloba os estudos de História e Literatura. Nesta nova linha teórica acredita-se que a história encontrada nos textos coloniais é uma história que se preocupa com a verossimilhança dos acontecimentos sem, no entanto ter uma busca pela “verdade” dos acontecimentos, ou ainda com a cronologia exata dos fatos. Antes organizando os acontecimentos retoricamente da forma que melhor lhes conviesse. Na narrativa do padre José de Moraes há informações importantes para que se entenda como é construído um texto jesuítico e a história do cotidiano das missões jesuíticas. Encontram-se relatos sobre a forma de ação dos inacianos, sobre como entenderiam seu ideal de missão e sua relação com os colonos e indígenas. Assim, a análise dessas representações cotidianas é importante à medida que nos viabilizam pensar e analisar a forma como os jesuítas adequavam esses acontecimentos à escrita de uma versão jesuítica da história do Maranhão, pensado, desse modo, na escrita como um campo de exercício de poder e de composição de um cenário que dava bases para a atuação da Companhia de Jesus no Maranhão, principalmente em um período tão conturbado como a segunda metade do século XVIII.

**TRAÇOS DE LIBERDADE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE ALFORRIAS
EM AREZ**

Aldinizia de Medeiros Souza – UFRN
(aldinizia@gmail.com)

Carmen Alveal – UFRN

O interesse pelo estudo das alforrias tem crescido nas últimas décadas, valorizando-se as manumissões como fundamentais para a compreensão das relações sociais entre senhores e escravos, bem como para a compreensão da transição do trabalho escravo para o livre. Contudo, no Rio Grande do Norte, os estudos sobre escravidão africana ainda são poucos, embora já existam trabalhos significativos sobre a região do Seridó, os quais expõem a existência de fontes que atestam a presença e participação escrava na sociedade do estado desde o período colonial, apesar dessa presença ter sido silenciada por muito tempo na historiografia local. Esse trabalho propõe expor os resultados parciais da análise das alforrias em Arez no último quartel do século XVIII, buscando-se entender as relações existentes entre o espaço da vila de Arez e a conquista das cartas de liberdade. A historiografia já tem demonstrado a relação entre os espaços e as práticas sociais e enfatizado a dinâmica das cidades como fator que favorecia a conquista da liberdade. Nesse sentido, é necessária uma compreensão sobre a dinâmica da vida nas vilas, mais especificadamente da vila de Arez, com a finalidade de se perceber as possíveis relações entre o espaço e a conquista da liberdade, tendo em vista as peculiaridades de uma vila cuja dinâmica não se equipara a dos principais núcleos urbanos do período colonial.

Palavras chaves: alforrias, vilas, período colonial

OS ÍNDIOS E A CONQUISTA COLONIAL DO SERTÃO DA PARAÍBA: OLHARES DA HISTORIOGRAFIA CLÁSSICA

Paulo Henrique Marques de Queiroz Guedes
– IFPE

(profpaulohenrique@gmail.com)

O trabalho que aqui apresentamos, compõe parte da discussão historiográfica de nossa dissertação de mestrado – defendida em 2006 – e intitulada “A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650-1730)”. Aqui, temos por objetivo principal apresentar a forma como os estudiosos da história da Paraíba abordaram os índios do sertão no período colonial, bem como as guerras pela conquista colonial desse espaço na capitania da Paraíba. Neste sentido, ver-se-a que foi muito forte a influência sobre os historiadores clássicos, do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, das teorias raciológicas e do determinismo geográfico, como ideias guia para explicar determinadas características culturais e societárias daqueles índios. Nunca é demais lembrar a importância de se analisar o olhar do passado em termos historiográficos como forma de abrir caminhos metodológicos ou interpretativos para temas históricos recorrentes como é o caso da História indígena. Assim, qualquer estudo bibliográfico deve se ater, aprioristicamente, às especificidades do “lugar” em que fala o autor, ou seja, dos elementos sócio-culturais que influenciaram sua produção. Trata-se então, de desvendar os “lugares sociais”, econômicos, geográficos e culturais de que fala aquele que produz o conhecimento histórico. Em estudos deste gênero devemos não somente observar o contexto em que determinadas obras foram produzidas, mas igualmente as diferentes “visões de mundo” de autores que escreveram numa mesma época. É interessante observar igualmente a relação do pensador com o grupo ou instituição social a que esteja ligado. Ainda neste sentido, a exemplo do que ocorria no cenário nacional, estes estudiosos, na tentativa de esclarecer a gênese da

sociedade paraibana, propuseram a idéia da miscigenação compondo o quadro étnico do povo brasileiro e como ideia matriz de suas interpretações. Fruto de nossa experiência histórica, a miscigenação racial é uma realidade tão presente que eles não se furtaram em destacá-la. Os índios tiveram um papel de destaque na produção intelectual do século XIX, numa perspectiva de demonstrar a importância do projeto civilizador da cultura branca. Além disso, não podemos perder de vista, que relacionado a projeto maior estaria a preocupação de criar os traços de unidade nacional brasileira, as origens histórico-sociais da nação bem como, sua formação territorial. Por fim, neste contexto, cabe ressaltar que os índios de maneira alguma ficaram excluídos da produção intelectual daquela época.

Palavras-chave: Índios; historiografia da Paraíba; sertão.

AZPILCUETA NAVARRO: UM ESTUDO SOBRE MANUAIS DE COMPORTAMENTO NO MUNDO AÇUCAREIRO NO SÉCULO XVI

Rafaela Franklin da Silva Lira - UFRPE
(rafa.franklin01@gmail.com)
Kalina Vanderlei Silva

Esta comunicação tem por objetivo expor a influência da utilização dos manuais de comportamento na formação educacional da elite açucareira no século XVI no mundo do açúcar. Pretendemos apresentar o uso desses impressos como elemento normatizador de práticas sociais que serviam para orientação espiritual e moral. Estudamos a estrutura ibérica que permitiu o surgimento do barroco e os meios que possibilitaram sua circulação na América Portuguesa, não apenas através de escritos como também de por meio da

movimentação de indivíduos entre a metrópole e a colônia. Utilizamos como fonte o Manual de confessores e penitentes de Martim Azpilcueta Navarro, publicado em 1560. Procuramos perceber a obra como elemento de auxílio para instrução por meio da educação jesuítica estabelecendo conexões entre Navarro e Nóbrega. Observamos a partir das análises realizadas nos manuais a presença de características barrocas como o dirigismo e hierarquização. O conceito de barroco que fundamenta a pesquisa é apresentado por Jose Antonio Maravall, que não o aponta apenas com um estilo artístico, mas afirma se tratar uma estrutura cultural e mental que estabelecia as relações sociais entre os indivíduos na Península Ibérica. A partir de uma abordagem sociocultural procuramos estudar a cultura barroca através dos manuais e descrever sua utilização por meio da observação das representações coletivas e do imaginário que permeava essa sociedade, utilizando as noções de representação oferecidas por Roger Chartier. Também fazemos uso do método indiciário oferecido por Carlo Ginzburg. Alguns autores utilizados na pesquisa são Ângela Mendes Almeida, Gilda Maria Whitaker Verri, Suely Creusa Cordeiro de Almeida, Lais Viena de Souza, Elaine Cristina Gomes da Cunha, Kalina Vanderlei Silva. Os resultados obtidos apontam para o fato dos manuais se portarem como um instrumento de auxílio na padronização da conduta da elite açucareira, indicando regras e normas que moldavam a formação do comportamento, além disso, era possível assimilar ideais de fidalguia para obter prestígio social.

AS DIAS-FERNANDES: UMA LEITURA DE MULHER CRISTÃ-NOVA NO ESPAÇO COLONIAL

Suzana do Nascimento Veiga – UFRPE

(suzana_veiga@msn.com)
Suely Creusa Cordeiro de Almeida

O espaço colonial pode ser entendido por diferentes vieses, tomando como base teorias que entendam o espaço e os sujeitos como componentes de um sistema onde exercem uma relação mutua de significação. É o espaço formado e formador de práticas que constituem e são construídas pelos sujeitos históricos. Partindo desta premissa buscamos neste trabalho fazer uma leitura dos espaços e práticas vivenciados pelas mulheres da família Dias-Fernandes encabeçada pela matriarca Branca Dias. Foi esta família notável pela quantidade de denúncias que as acusavam durante a primeira visitação do Santo Ofício as partes do Brasil, de judaizar em sua casa em Olinda, assim como no engenho da família em Camaragibe, e de exercer o que se chamaria de rabinato feminino devido a sua posição de liderança dentro de uma comunidade de cristãos-novos judaizantes. Esperamos com este trabalho esclarecer alguns questionamentos acerca da duplicidade das práticas que caracterizavam as mulheres cristãs-novas judaizantes no Pernambuco colonial e como seus espaços de vivência eram significados por suas práticas.

O ESPAÇO COLONIAL PRATICADO: PARTICULARIDADES AMBIENTAIS DA OCUPAÇÃO TERRITORIAL HOLANDESA

José Gustavo Wanderley Ayres – UFRPE
(jogus_wa@yahoo.com.br)
Oswaldo Girão da Silva

Este artigo procura realizar uma análise do espaço colonial praticado durante o período da ocupação holandesa ao Nordeste do Brasil. Ele é fruto de uma pesquisa realizada com base nos documentos do

Arquivo Histórico Ultramarino – AHU – de Pernambuco acerca do uso do espaço – matas e terras férteis – pelos diversos ocupantes da região – luso-brasileiro e português. Dentro desta perspectiva, originada pelo diálogo com fontes documentais procuramos expor a utilização da Teoria e suas peculiaridades que contribuíram para a compreensão do ambiente e do espaço social. Tratar das questões ecológicas e ambientais imersa no ambiente colonial é um trabalho complexo, pois requer uma análise mais profunda, destacando a degradação ecológica impulsionada pela presença na colônia do capitalismo mundial do século XVII. Assim, ao tratar das relações ambientais no Pernambuco Colonial, procura-se expor as particularidades ambientais e territoriais da ocupação holandesa no litoral nordestino, tendo por base os documentos lusos dos séculos XVII e XVIII, obtidos graças ao trabalho de recuperação desenvolvido pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Para o desenvolvimento da análise, utilizamos teóricos que pensam o espaço, a historiografia e o imaginário produzido com o intuito de entender o espaço colonial habitado durante a ocupação territorial promovida pelos portugueses e holandeses que levaram a estruturação econômica, social, cultural, economia e política de forma diversa e às vezes contraditória. Este artigo tem assim, o objetivo de apresentar uma discussão teórica acerca do espaço, da questão sociocultural e ambiental, que atrelam a cultura e as relações de produção da existência acerca do espaço e do viver social facilitado pelas fontes documentais e do ofício do historiador. Desse modo, no primeiro momento apresentaremos os um panorama teórico acerca revisionismo do espaço e sua (re)significação pelos autores; em seguida apresentaremos o conceito utilizado pelo governo colonial acerca do espaço – a criação de reservas ambientais

como contraponto à perspectiva contemporânea de preservação, destacando as suas contribuições e sua íntima ligação com o contexto de seu tempo; e por fim, apresentaremos sinteticamente as contribuições documentais, as desordens de descaminhos da mata colonial praticada no espaço destacando os aspectos definidores do ofício do historiador enquanto narrador, artesão dos tempos, construtor de temporalidades e de representações.

Palavras-Chave: Espaço. Cultura. Imagem. Ambiente.

ESTADO DOS CORPOS MILITARES NA CAPITANIA DA PARAÍBA DURANTE O PERÍODO POMBALINO: ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA

Bruno Cezar Santos da Silva – UFPB
(brunoc2s@hotmail.com)
Acácio José Lopes Catarino

Esta comunicação tem como principal objetivo apresentar alguns dos resultados auferidos na minha pesquisa de mestrado em andamento, que, em linhas gerais, perscruta a atuação, distribuição e tramas político-sociais envolvendo membros dos corpos militares, notadamente, daqueles provenientes do alto oficialato, assentados na capitania da Paraíba, durante o período em que esta esteve subordinada, militar e administrativamente, a Pernambuco (1755-1799). Com efeito, a segunda metade do século XVIII se configura como um momento deveras estratégico para a manutenção e fomento dos interesses da Coroa bragantina em relação a sua mais importante possessão ultramarina à época, já então considerada como sua “vaca de leite”, que no caso era o Brasil. Vale destacar que o envolvimento de Portugal em grandes conflitos bélicos travados na Europa, como a Guerra dos Sete Anos

(1756-1763), além do consequente recrudescimento das tensões com a Espanha, que culminou no acirramento das disputas em torno da Bacia Platina, região localizada no extremo meridional da América do Sul, e com a própria França, que já havia invadido o Rio de Janeiro no começo do século, deixando acentuados estragos na cidade, leva a Coroa a tomar uma série de providências visando diminuir o crônico estado de fragilidade em que se encontrava o aparelho defensivo colonial, tanto no que tange às suas fortificações quanto no que confere à (des)organização de seus corpos. De fato, iniciativas são postas em prática como a transferência da capital para o Rio de Janeiro e a criação de vários regimentos auxiliares organizados a partir de critérios etnicossociais. Ademais, é escusado dizer que este aumento do contingente militar teve considerável impacto sobre a configuração social da colônia, uma vez que, a concessão de patentes régias e a feitura de “serviços” militares em nome D’El Rei se caracterizavam, não só como obrigações desempenhadas pelos súditos, mas, como instrumentos de obtenção de privilégios, mercês remuneratórias e de legitimação das relações de poder envolvendo agentes locais e representantes do centro. Dito isto, pretendemos problematizar essas vicissitudes supracitadas tendo como foco a inserção da capitania da Paraíba no contexto do império. Para tanto, tomaremos como material referencial de investigação a documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, disponibilizada pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco, cota Paraíba.

Palavras-chave: Paraíba setecentista; Corpos militares; Relações de poder.

**O SERMÃO DE VIEIRA COMO FONTE
PARA AS HISTÓRIAS DOS CONTATOS
ENTRE JESUÍTAS E INDÍGENAS NO
MARANHÃO COLONIAL (c. 1651-1662):
APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA**

Hadassa Kelly Santos Melo – UFPB
(melo.hadassa@hotmail.com)
Regina Célia Gonçalves

Pensar o sermão como fonte privilegiada para a história dos contatos entre jesuítas e indígenas é o nosso intento neste trabalho. Estamos nos referindo aos sermões proferidos pelo Pe. António Vieira na missão empreendida junto aos indígenas do Estado do Maranhão e Grão-Pará (c.1651-1662), e, notadamente, à temática indígena contida nestes, com o objetivo maior de perceber os jogos de disputas entre poder secular e espiritual, envolvendo o trato e controle dos brasis naquele espaço geográfico. Seguindo o retour da historiografia sobre os povos indígenas, que a partir do final da década de 1970 tem dado um novo papel a estes sujeitos, colocando-os como “negociadores” de seus interesses e protagonistas das redefinições que sofreram as culturas européia e nativa no Novo Mundo, desejamos ainda, contribuir para o entendimento dessas relações de troca simultâneas a partir do “paradigma da mestiçagem cultural” conforme o que foi postulado, por exemplo, pelo historiador francês Serge Gruzinski.

**DE "PORTO DOS BARCOS" À VILA: A
CRIAÇÃO DE SANTA CRUZ DO ARACATI
- CAPITANIA DO SIARÁ GRANDE, 1742-
1748**

Leonardo Cândido Rolim – UFPB
(leonardorolimhist@gmail.com)
Mozart Vergetti de Menezes

Na primeira metade do século XVIII foram criadas quatro vilas na capitania do Siará

Grande. As duas primeiras – que geraram longa disputa por suas instalações –, São José de Ribamar do Aquiraz (1713) e Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção (1726), tornaram-se logo sedes da estrutura administrativa colonial, ou seja, ouvidoria/provedoria e cabeça da capitania, respectivamente. A terceira vila criada, Nossa Senhora da Expectação do Icó (1736), no interior do continente, serviu para descentralizar a justiça na capitania e para tentar implantá-la também no sertão, pois eram constantes as queixas sobre roubo de gado e ataque aos currais por índios e mestiços que os agentes régios chamavam vagabundos e facinorosos, isto é, os vadios e desclassificados que não se adequavam ao sistema de produção da sociedade que se formava naqueles sertões, isto é, a atividade pastoril. No início de 1748 foi criada por carta régia a vila de Santa Cruz do Aracati, com objetivos mais econômicos do que propriamente políticos, tendo em vista ela não sediar nenhum aparelhamento institucional, a não ser sua Casa de Câmara e Cadeia, ou seja, diferenciava-se das outras anteriormente criadas. O controle sobre os impostos cobrados aos barcos que entravam naquele "porto do sertão" para carregar carnes secas e descarregar produtos como fazendas, mel, aguardente, farinha, e principalmente sal (produto fundamental na feitura das carnes secas (e salgadas), o que se caracterizava como quebra de monopólio, tendo em vista ser o comércio de sal um estanco da Coroa Portuguesa), despertou o interesse do Estado. Este trabalho tem o objetivo de problematizar justamente este processo de criação da vila que se iniciou com a proibição aos membros da Câmara de São José de Ribamar do Aquiraz de cobrarem imposto sobre as embarcações que entravam no porto dos barcos do povoado de São José de Cruz das Almas, passando pelo pedido

do ouvidor para se implantar justiça “naquele lugar do porto dos barcos” e do deslocamento de um juiz ordinário para o porto dos barcos no “tempo das carnes”, além das consultas do Conselho Ultramarino aos capitães-mores do Siará Grande e de Pernambuco, até a chegada da Carta Régia à sede da capitania, em fevereiro de 1748.

SOBRE CONVERSAS PROIBIDAS: O RITUAL DA JUREMA SAGRADA NA PARAHYBA SETECENTISTA

Gláucia de Souza Freire – UFCG
(glauciasf1@yahoo.com.br)
Juciene Ricarte Apolinário

Em meados do século XVIII, um grupo de indígenas Tarairiú (Xukuru e Kanindé), foi levado dos sertões ao litoral da capitania da Parahyba, mais precisamente à região de Mamanguape, onde estava situada a aldeia de Boa Vista. Esta, por sua vez, era administrada por carmelitas descalços, encarregados de controlar e manter certos comportamentos e crenças legitimadoras da ordem colonial. Contudo, as tentativas de imposição por parte dos carmelitas e as agências que acabavam por manter certas práticas, inclusive religiosas, entre este grupo de indígenas aldeados, marcavam o cotidiano em Boa Vista, onde ao mesmo tempo em que eram traçadas lutas simbólicas, ocorriam diálogos e situações de contatos interétnicos. Exemplo disso é o relato do capitão-mor da Parahyba, Pedro Monteiro de Macedo, presente em uma carta que envia ao então rei de Portugal, D. João V, acerca da prática do ritual da jurema (tinha por base o consumo de uma bebida derivada das raízes de acácia homônima) que permanecia no aldeamento, mesmo sob os cuidados dos missionários. Não apenas permanecia, como também arregimentara alguns

clérigos, que andavam a participar daquele ritual, sendo considerado de feitiçaria. Os manuscritos estão entre os documentos avulsos do Arquivo Histórico Ultramarino – correspondências referentes às capitanias da Parahyba e de Pernambuco – digitalizados pelo Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Em um diálogo entre História e Antropologia, esta pesquisa objetiva entender as trocas simbólicas e as agências presentes entre carmelitas e indígenas Tarairiú em Mamanguape, no sentido de compreendê-las também a partir de suas sensibilidades e subjetividades.

Palavras-chave: Jurema, carmelitas, contatos interétnicos.

FEITICEIROS INDÍGENAS NAS VIVÊNCIAS COTIDIANAS DAS VILAS DE INDIOS DA CAPITANIA REAL DA PARAHYBA DO SÉCULO XVIII

Maria Luísa Ferreira Brasil (UFCG)
Profa. Dra. Juciene Ricarte
Apolinário
apolinarioju@hotmail.com

Este artigo tem como objetivo analisar os dilemas culturais, imposto pelo contato interétnico – cultural e religioso – que os povos indígenas enfrentaram na América Portuguesa, especialmente na capitania Real da Parahyba no século XVIII, a partir de um estudo de caso voltado às práticas mágico-religiosas, no que tange os “feitiços de morte” e “cura”; práticas enraizadas no convívio colonial, que uma vez registradas nos documentos inquisitoriais acabaram por revelar como esses personagens lidavam com as práticas culturais de etnias tão diversas.. Como é o caso da denúncia do cristão novo José Inácio Deveras que denunciou ao Santo Ofício uma índia chamada Lourença e seus irmãos Isabel e Anastácio, informando que estava com

sérios problemas de saúde devido a um feitiço lançado pela dita índia., ajudada pelos seus irmãos. O que nos chama atenção nesta denúncia não são propriamente as ações da mulher indígena, dado que malefícios, invocações do diabo e confecção de feitiços com o propósito de solapar a moral cristã eram práticas comumente atribuídas as mulheres. A questão é que esse evento ocorre na década de setenta do século XVIII, ou seja, numa época em que aparentemente os "ilustrados" inquisidores gastavam cada vez menos seu tempo com delitos desta natureza. Neste documento, encerrado nos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo são arroladas dez testemunhas comprobatórias do feitiço, entre elas o Vigário local, o capitão e o cirurgião de um navio. Um outro importante documento inquisitorial revela que na Vila do Conde, antiga aldeia de Jacoca, grupos étnicos indígenas resistiam e continuavam com as suas práticas culturais religiosas, denominadas pelos colonizadores como feitiçarias. Neste evento, os índios denunciados e chamados de feiticeiros são Francisco Alvares e sua mulher Adriana. Muito parecido com a chamada santidade do Jaguaripe que foi tão perseguido pelos inquisidores na capitania da Bahia, na Vila do Conde os denunciados usavam uma "cruz de fumo" para fazer seus rituais e curas, chamando por Deus e Nossa senhora, enquanto tocavam maracás para acompanhar suas cantorias e danças, ocasião que tomaram e dão aos que julgar estar enfeitizados uma bebida alucinógena. É importante que no final do século XVIII, considerado o período pombalino, o iluminismo a interpretar as práticas da religiosidade popular, passando a ser consideradas não mais como pecados graves, mas sim enquanto eventos fantásticos das credices populares. O que mais se destaca nesses eventos narrados pela documentação do fundo do Santo

Ofício dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo, é o cotidiano de diferentes agências indígenas que driblavam os valores rígidos da religião dominante católica e continuava as suas práticas culturais, influenciando os não indígenas a compartilharem das suas crenças e espiritualidades.

Palavras-Chave: feitiçaria, indígenas, vila do conde, capitania da Parahyba

NO MANANCIAL DO CONSELHO ULTRAMARINO: DOCUMENTOS QUE RETRATAM AS GUERRAS HOLANDESAS EM PERNAMBUCO E A FORMAÇÃO DE OUTRAS IDENTIDADES

Elcimar Virginio Pereira Malta – UPE
(malta.elcimar@gmail.com)

Rômulo Luiz Xavier do Nascimento

É bastante conhecido da historiografia acerca do Brasil holandês os trabalhos que tratam das guerras de expulsão dos neerlandeses do Brasil e a formação de um nativismo pernambucano. Entretanto, a documentação proveniente do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e disponível através do Projeto Resgate Barão do Rio Branco nos traz relatos de militares que estiveram presentes na guerra holandesa, mas não fazem parte daquela elite açucareira. Nesse sentido, a documentação coeva traz à baila a constituição de uma identidade que tem pouco ou nada a ver com Pernambuco. Trata-se de militares que estiveram em várias partes do Império português, além de nas "guerras de Pernambuco", como aludem as fontes da época. Entre 1630 e 1654, o Nordeste brasileiro e, principalmente, a então Capitania de Pernambuco, se viu envolvida nas guerras de resistência e expulsão dos holandeses. Nesse sentido, temos que as tropas luso-brasileiras contavam com

militares tanto do reino como da colônia. As fontes coevas, oriundas do Arquivo Histórico Ultramarino, nos apresentam vários casos pedidos de mercês, principalmente aumento de soldos e pedidos de cargos durante e após a ocupação batava. Ao analisar esses casos, quase sempre nos deparamos com situações nas quais os militares haviam servido não apenas em Pernambuco naquele período, mas em outras partes do Império português. Ao solicitar a mercê, os militares colocavam a participação na guerra holandesa como motivo suficiente para o aumento de soldo e a obtenção de um posto melhor na milícia. Nosso objetivo é interpretar, através dessas fontes de pedidos de aumento ou obtenção de soldos por parte de militares veteranos, a formação de outros elos identitários que apontem para a fidelidade antes ao Império português do que à capitania de Pernambuco. No manancial de pedidos e mercês concedidas pelo rei através desse conselho, constam vários pedidos de militares reformados que estiveram presentes não apenas na Guerra Holandesa, como em outras partes do Império português. Nesse sentido, seria possível perceber militares que não se identificam tanto com a guerra travada em Pernambuco. Assim, não corroboram a mentalidade de grupo formada na capitania de Pernambuco a partir da expulsão dos holandeses. Trata-se, pois, de outras identidades, mais afeitas a uma consciência e perspectiva de império, em que pese o contexto do Atlântico sul no século XVII.

**O DEMARCADOR DE TERRAS:
CRISTÓVÃO SOARES REIMÃO E OS
PROBLEMAS ENCONTRADOS NO
PROCESSO DE DEMARCAÇÃO DO VALE
DO JAGUARIBE (1699-1713)**

Patrícia de Oliveira Dias – UFRN

(pattideoliveira@gmail.com)

Carmen Alveal

A doação de terras por meio do sistema de sesmarias foi o procedimento adotado pela Coroa Portuguesa para conseguir povoar suas colônias. No Brasil não foi diferente. As doações de sesmarias também foram aplicadas na América Portuguesa para conseguir povoar as capitanias. Mas, mesmo com essa política de doação, muitas terras foram ocupadas por posseiros que, em alguns casos, pediram um título de sesmaria à Coroa e, em outros casos, apenas ocuparam a terra sem se preocupar com esse documento. Os que recebiam as sesmarias esperavam da Coroa a confirmação real de sua terra, mas para que o processo fosse concluído uma série de exigências deveriam ser cumpridas. Entre elas estava o cultivo, a povoação da terra, a medição e a demarcação da sesmaria. Uma das exigências mais difícil de ser concretizada foi a demarcação, existindo muitos problemas na relação demarcador e sesmeiro. Um desses problemas era o pagamento do funcionário real designado para efetuar as demarcações. Este deveria ser pago pelos sesmeiros que teria sua terra demarcada. Entretanto, em alguns momentos estes não eram encontrados em suas terras ou problemas com relação a área das terras ser superior ao apresentado na solicitação de título eram situações recorrentes. O presente trabalho pretende apontar, na análise de cartas de sesmarias encontradas no banco de dados SILB (Sesmarias do Império Luso-brasileiro), hipóteses para explicar o comportamento de sesmeiros que, na capitania do Rio Grande, não estavam presentes no momento da demarcação, vendo nesse processo algo negativo, e hipóteses para tentar compreender como os povoadores da capitania do Ceará viam a demarcação

como algo positivo. As demarcações foram feitas pelo desembargador Cristóvão Soares Reimão nas capitanias do Rio Grande e do Ceará, mais precisamente na ribeira do Jaguaribe, onde atuou como demarcador entre 1699 e 1713.

ÍNDIOS E COLONOS: OS CONTATOS INTERÉTNICOS NA CONQUISTA DOS SERTÕES DA PARAÍBA (1660-1740)

Carlos Raphael de Souza Rolim – UFRN
(raphaelrolim@msn.com)

Carmen Margarida Oliveira Alveal

No contexto de interiorização da conquista da capitania da Paraíba, instaurou-se um cenário de conflitos e alianças, envolvendo povos indígenas e colonizadores, cada qual com interesses próprios em jogo. Ao analisar as trajetórias desses grupos sociais, o presente trabalho pretende mostrar a colonização dos sertões da Paraíba não como decorrência apenas das ações dos conquistadores, mas como resultado das relações sociais e culturais estabelecidas entre os personagens desse processo. Percebe-se a importância dos índios na conquista dos sertões, ao mostrar que eles não foram tão somente vítimas do avanço colonialista (o que por muito tempo afirmou a historiografia clássica), mas, sobretudo, sujeitos históricos, que exerceram um papel de grande relevância em meio à expansão territorial do Império Português. Para a elaboração de tal análise, foram utilizadas como fontes primárias, em diálogo com a historiografia recente sobre a temática, as cartas de sesmaria da capitania da Paraíba do período que compreende as quatro últimas décadas do século XVII e as quatro primeiras décadas do século XVIII. A partir da documentação pesquisada, é possível entender a trama de disputas e parcerias empreendidas por índios e colonos, no que concerni à

formação do espaço colonial, verificando as estratégias utilizadas por esses agentes frente à nova dinâmica social nos sertões da Paraíba.

ENTRE EVAS E MARIAS: UM ESTUDO DE GÊNERO NA PARAÍBA SETECENTISTA – “O CASO QUITÉRIA BANDEIRA DE MELO”

Yara Michele dos Santos
(yaramfs@hotmail.com)

O artigo proposto refere-se à história de uma mulher, Quitéria Bandeira de Melo, que viveu na Paraíba nos tempos coloniais, acusada de intentar contra a vida do Governador desta Capitania. A documentação de seu processo (para o estudo em questão) tem início quando, em 1770, seu escravo foi preso, delatando sua senhora, como mandante daquele pretendido crime. Presa, na Fortaleza das Cinco Pontas, em Recife, por cerca de oito anos, Quitéria requer sua liberdade à rainha D. Maria I. Através de transcrição paleográfica dos documentos, buscou-se estudar o contexto em que a trama se insere, observando de acordo com Roger Chartier (2002) as representações contidas nos documentos sobre a figura dessa mulher. Nosso objetivo é refletir sobre o universo da América Portuguesa e a sua relação com a mulher, inserindo nosso debate nos chamados estudos de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Paraíba Colonial. Manuscritos Coloniais.

ALDEAMENTOS INDÍGENAS E OS PACTOS DA ORDENAÇÃO COLONIAL NO PIAUÍ - SÉCULO XVIII

Eduardo de Andrade Machado – UFPI
(eduardo.deandrade@hotmail.com)

Pedro Vilarinho Castelo Branco

O trabalho encontra-se voltado para produção historiográfica referente à vida da população indígena da América Afroportuguesa no Século XVIII focando o sertão do Brasil, neste contexto da era moderna. É importante discernir quanto ao interesse da temática que está sendo desenvolvida enquanto pesquisa monográfica, pois se dá no intuito de estabelecer conexões entre o projeto civilizacional concernente ao processo social de colonização e a organização indígena em meio ao processo não apenas como função dos jogos de poder, mas sim enquanto promotora de ações. Resistentes abertamente, desviantes das finalidades observacionais de modo simbólico, ou colaboradores aldeados, os povos indígenas continuam a aparecer na historiografia apenas enquanto pluralidade invisível. Há a essência plural 'povos indígenas', mas quanto a uma definição em específico da visibilidade plural, teses de doutorado e dissertações de mestrado, utilizando documentação do Arquivo Histórico Ultramarino, têm conseguido revelar aos poucos as identidades específicas e atuações concretas de sujeitos indígenas no contexto colonial. Interessa-nos perscrutar a historiografia piauiense em específico, contextualizando a produção de circulação nacional, visto que se faz necessário estabelecer diálogo entre as pesquisas desenvolvidas para que uma apreensão mais horizontal nos permita falar da experiência de povos indígenas no Piauí de forma a que nos seja dada oportunidade de deslindar a ferramenta do aldeamento, crucial para o desenvolvimento de aliados para o curso luso, garantindo mão-de-obra, orientação territorial, contingente para luta em batalhas, além da conversão espiritual dos mesmos, por mais refrega e insignificante seja, por muitas vezes, a realização sacramental. Efeito da reforma

pombalina de 1757, a manutenção do aldeamento é escolha de uma política extensiva, agora secularizado o poder. Historiadores como Maria Idalina Cruz (2002), Juciene Ricarte Apolinário (2006), John Manuel Monteiro (2006), Beatriz Perrone-Moisés (1992) no que concerne a sugestão de pesquisa nos dão oportunidade de utilizar chaves para outra compreensão daquilo que pauta o projeto de colonização. Neste sentido, como o artífice do aldeamento, envolto das relações disciplinares e estruturações do poder, da junta de missão ao intermédio do Conselho Ultramarino estendendo-se à coroa, encontra-se pressionado por insurgências específicas dos lugares aonde este poder se pretende estabelecer. Os aldeamentos indígenas no Piauí são criados somente quando da estruturação capitania, surgindo em 1756 a instituição do aldeamento de São João de Sendé, e entre 1771 e 1772, o aldeamento São Gonçalo do Amarante, havendo os Akoroá e Gueguês sido principais sujeitos neste ambiente de ambigüidade que o aldeamento representa.

Palavras-chave: Aldeamentos – Colonização – Piauí.

A REINVENÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS ENTRE O DISCURSO HISTORIOGRÁFICO E O FILME "CARAMURU A INVENÇÃO DO BRASIL"

Robério Davi Borges Cunha – UEPB
(rdavib@hotmail.com)

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Este artigo têm por objetivo fazer uma discussão teórico e epistemológica acerca dos discursos colonialistas tecidos sobre os povos indígenas articulando com a fonte fílmica, para verificar as aproximações e distanciamentos em no sentido de repensar

a escrita da história dos povos indígenas ancorados pelas contribuições da História Cultural. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica que em interface com cinema nos possibilitam fazer uma revisitação nos lugares de produção sobre estes povos, com base em novas produções historiográficas sobre o tema, nos permitindo assim tecer novos diálogos sobre estes povos a partir dos aportes da interculturalidade. Neste sentido, consideramos também, o aspecto identitário e o caráter de híbrido presente em seu universo cultural. Assim vislumbramos renovar os sentidos da sociedade colonial sobre os povos indígenas juntamente com um olhar arregimentado pela película "Caramuru a Invenção do Brasil", pois este filme faz uma sátira ao processo de colonização, servindo como um importante referencial para se estudar os povos indígenas, pois elabora um "retrato" atraente sobre a colonização e os povos indígenas, estimulando docentes e discentes a estudos, análises e reflexões sobre a temática. Consideramos também, que a partir da análise fílmica podemos elaborar novas discussões e abordagens sobre estes povos, confeccionando uma visibilidade aos indígenas tendo em vista a preservação de sua cultura, cotidiano, memória. Desta forma procuramos, rever velhos paradigmas e nos propomos a refletir sobre uma ruptura com o tradicional discurso historiográfico e com mitos e estereótipos erigidos a respeito destes povos.

Palavras-Chave: Interculturalidade. Povos indígenas. Colonização. Invenção.

PERSPECTIVAS DE ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DOS COLONOS PARA A POSSE DE TERRAS NA CAPITANIA DO

RIO GRANDE DO NORTE: A CARTA RÉGIA DE 27 DE JUNHO DE 1711

Ana Lunara da Silva Morais – UFRN
(lunara_ana@hotmail.com)

Carmen Alveal

O enfraquecimento das relações entre a Coroa portuguesa e a Companhia de Jesus é concebida pela historiografia como um rompimento, talhado no governo de D. José I. Contudo, este enfraquecimento não deve ser compreendido como um corte abrupto. Percebe-se que ao longo da história da Companhia de Jesus no Brasil, houve uma gradual desamortização da política de favorecimento. Esta política de desamortização teria iniciado na primeira metade do século XVIII. A carta régia de 27 de junho de 1711, estabeleceu que as ordens religiosas deveriam ser destituídas da condição de sucessoras dos títulos das terras requeridas pelos colonos. As ordens que possuíam bens de raiz deveriam requerer ao rei uma licença especial e ainda pagar os dízimos pelas mesmas. Os religiosos que se recusassem a pagar o dízimo referente à terra poderiam ser denunciados por colonos e ter suas terras consideradas devolutas. Os colonos, por sua vez, poderiam requerer para si a terra que havia sido denunciada. Esta desamortização dos privilégios religiosos propiciou um ambiente de conflito entre colonos e jesuítas. Na capitania do Rio Grande do Norte, percebeu-se por meio de alguns poucos documentos que os bens jesuítas foram alvos de interesses dos colonos. Em algumas datas de sesmaria observou-se uma possível distorção da carta régia de 27 de junho de 1711. Os suplicantes alegavam que os religiosos estavam impedidos por lei de possuírem mais terras que o necessário para a criação de quatro cavalos e quatro vacas. A carta régia não havia estabelecido limites para as criações possuídas por religiosos, e sim o

pagamento dos dízimos pelas terras utilizadas. É possível que a carta régia tenha sido distorcida por alguns sesmeiros da capitania do Rio Grande do Norte com a finalidade de conseguir tomar posse das terras produtivas. Pretende-se, neste ensaio, analisar as possíveis estratégias de sesmeiros para a posse de terras pertencentes a religiosos por meio das distorções observadas da carta régia de 27 de junho de 1711.

OS TERÇOS DE PARDOS E NEGROS NA SOCIEDADE MILITARIZADA DA PARAÍBA DE INÍCIOS DOS OITOCENTOS

Jessyka Alves de Figueiredo Sá – UFPB
(jessyka.aic@gmail.com)
Solange Pereira da Rocha

O presente trabalho pretende investigar a inserção de homens negros e “pardos” na Paraíba da primeira metade dos Oitocentos, a partir da participação nos corpos militares, como os Terços dos Pardos e dos Pretos (ou de Henriques), instituição importante na sociedade colonial caracterizada por forte militarização (o que remonta aos primeiros esforços colonizadores, caracterizado pela luta contra nativos e estrangeiros considerados invasores), mas eram também espaço de sociabilidades políticas. Assim, nesse pôster iremos analisar o cotidiano de homens negros e pardos que integraram os “Terços Auxiliares de Pretos (ou Henriques) e de Pardos”, que conseguiram participar, a partir de instrumentos legais, como o Regulamento de 1766 – que formaliza os Terços de Henriques e cria os de pardos – dos mencionados corpos militares auxiliares. Esses homens, por meio do engajamento militar puderam vivenciar uma experiência transformadora, principalmente para aqueles que

conseguiram servir nas Tropas pagas (ressaltando que por lei a composição por homens pardos e negros nessas tropas era proibida) modificavam suas vidas, não somente pela questão da possível mobilidade social, mas também pela participação social e política. Essa pesquisa, um projeto de iniciação científica intitulado: Corpos Militares e o Mundo do Trabalho: inserção militar e econômica de homens negros na Cidade da Parahyba Oitocentista (1800-1850), adota a proposta teórica thompsoniana, ou seja, considera essas pessoas como sujeitos históricos, dispõe de documentos variados (pedidos de certificado de patentes de oficiais superiores e requerimentos de soltura que mencionam milicianos pardos e negros como proprietários de escravos), que permitem conhecimentos sobre a mobilidade social que a carreira militar proporcionava a esses indivíduos. Também são notáveis nos requerimentos de soltura as reclamações das condições de vida, de miserabilidade, mesmo dos integrantes das Tropas de Linha (pagas). Acrescentamos que pesquisa também é fruto de reflexões advindas da participação no Grupo de Pesquisa: Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista.

Palavras-chave: Homens negros. Militarização. mobilidade social.

USOS E ABUSOS DO PODER NAS CAPITANIAS DO NORTE: A FORMAÇÃO DE UMA NOBREZA INDÍGENA E A HISTÓRIA DA “FAMÍLIA CAMARÃO” – 1633 – 1732

Jean Paul Gouveia Meira – UFCG
(jeanpaulgmeir@gmail.com)
Juciene Ricarte Apolinário

Nesta pesquisa procuramos analisar o processo de nobilitação de lideranças

indígenas nos confins das capitanias do Norte, tendo em vista as conquistas políticas e as ressignificações culturais ocorridas nos espaços coloniais de poder a partir da recompensa, com títulos nobiliárquicos, cargos e prestígio, de chefias dos grupos étnicos por serviços prestados. Ao longo do nosso estudo, buscamos verificar como a dimensão gestual da concessão de honra e mercês para Felipe Camarão e seus descendentes faziam parte da necessidade de aliados e "vassalos leais" nas guerras e conflitos travados contra os inimigos da Coroa portuguesa, em uma época notadamente marcada pela invasão holandesa e pela conquista do interior das capitanias do Norte. Por sua vez, os "principais" indígenas souberam obter vantagens e direitos ao se apropriarem dos códigos portugueses, mesmo se valendo da possibilidade do enobrecimento de seus parentes, por seus serviços prestados e outrora não recompensados.

Palavras-chave: Família Camarão, Nobreza Indígena e Relações Interétnicas.

VITA BREVIS: A CRIANÇA E A MORTE NO SERIDÓ COLONIAL

Bruno Rafael dos Santos Fernandes – UFRN
(brunfal@bol.com.br)
Muirakytan Kennedy de Macêdo

O artigo analisa a mortalidade das crianças da Ribeira do Seridó no período colonial. Avalia-se aqui os cuidados dados às crianças doentes, assim como a causa mortis dos párvulos e as práticas funerárias que os envolvem. A morte levanta questionamentos e sentimentos reveladores de que, na relação entre o homem/morte/práticas mortuárias, há vários fatores que explicitam as convenções sociais que estão em vigor. Portanto,

entender os comportamentos, as práticas e as sensibilidades perante esse momento se faz importante para que a construção do conhecimento histórico sobre determinada sociedade se efetive. Através da leitura de uma bibliografia que aborda o referido tema, pudemos observar que o Seridó se constituiu como um espaço onde as práticas perante a morte refletiam condutas comumente exercidas no Brasil Colônia. Utilizou-se como fontes os livros de óbito da Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó, sempre os cotejando com a historiografia brasileira sobre a morte. No período foram vitimadas com registros no Seridó 500 crianças. Cerca de 56% no primeiro ano de vida. A maioria acometida de doenças tais como a "maligna" – nome utilizado para designar o tifo –, a sarna, o sarampo, dentre outras. Todos os anjinhos registrados tiveram algum cuidado cristão: batismo, mortalha e enterramento. Mas, mesmo sendo alvo de uma gama de práticas mortuárias que expressavam o carinho e o afeto que os familiares e conhecidos tinham pelos pequenos, percebe-se que estes não eram, durante a vida, receptores de cuidados especiais que os prevenisse de uma morte prematura. Essa conclusão é explicada pelo fato de que no Seridó, assim como em todas as regiões do Brasil Colônia, o acesso a atendimentos médicos formais era difícil, dada a dificuldade de locomoção da sociedade interiorana e a escassez de profissionais de cura diplomados. Empenhamo-nos em resgatar a criança da periferia do campo das pesquisas relacionadas ao Rio Grande do Norte, buscando entender "os pequenos" como agentes históricos do Seridó colonial.

O PLEITO DA CAPITANIA-MOR DA PARAÍBA NO SÉCULO XVII

Isabela Augusta C. Bezerra – UFPB
(belinha_jam@hotmail.com)

Mozart Vergetti de Menezes

Ao se aproximar o fim do triênio do capitão-mor em exercício, punham-se na capitania editais para que se apresentassem as pessoas que pretendessem o dito cargo. Uma vez formada a concorrência entre os pretendentes, como se dizia à época, entre os opositores, seriam elaboradas pelo Conselho Ultramarino as consultas endereçadas ao monarca que deveria decidir a quem caberia usufruir da desejada mercê. Contudo, para receber uma graça do rei era indispensável ao suplicante mostrar-se benemérito. Pontuar os serviços prestados, prática corrente na cultura política do Antigo Regime pautada em uma economia de mercês, era a forma de garantir o êxito do pedido. Cabia ao súdito enviar ao monarca, anexo ao requerimento, os seus papéis de serviço, instrumento fundamental para atestar-se apto e merecedor da mercê, uma vez que reunia documentos que comprovavam e detalhavam as mais diversas atividades em que tomou parte, assim como a fidelidade à Coroa, atributo essencial a um bom vassalo. Todas as atividades, postos, batalhas em que tomou parte, sejam no Reino, no ultramar ou na própria Capitania da Paraíba, são detalhadamente relatadas nesses documentos. Nosso objetivo neste trabalho consiste em analisar os papéis de serviços utilizados para pleitear o posto de capitão-mor da Capitania da Paraíba durante a segunda metade do século XVII, período posterior à expulsão dos holandeses, no intuito de observar os serviços, o perfil político e social, bem como a trajetória, daqueles sujeitos que se candidatavam ao posto, assim como os escolhidos pelo Conselho Ultramarino e, em seguida, pelo monarca, cotejando assim as orientações dos conselheiros com os despachos régios. Para a realização da pesquisa, analisamos as consultas

elaboradas pelo Conselho Ultramarino referentes à nomeação de pessoas para o cargo de capitão-mor da capitania, contidas no Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa (AHU) e disponibilizadas a partir do Projeto Resgate "Barão do Rio Branco".

A REPRESENTAÇÃO DA VINDA DA FAMÍLIA REAL AO BRASIL NO CINEMA: O FILME CARLOTA JOAQUINA NO ENSINO DE HISTÓRIA:

Hallyson Alves Bezerra – UFCG
(hallyson.historia@gmail.com)
Juciene Ricarte Apolinário

Dentre as inúmeras inovações que o movimentado século XX produziu, certamente os meios de comunicação de massa tenham sido aqueles que mais proporcionaram uma revolução em vários aspectos das sociedades que deles experimentaram. Para ser ainda mais preciso, dentro dos meios de comunicação, o cinema merece destaque por ter sido o símbolo maior das mudanças advindas da era da modernidade, desde o seu surgimento com o cinematógrafo mudo, passando pela revolução do som tendo ido do cinema arte ao cinema comercial, mostrando assim a própria capacidade do cinema de se reinventar a cada momento. Assim, a partir de um conjunto de estudos que visavam problematizar as novas possibilidades de se estudar o cinema como fonte, o mesmo foi ganhando reconhecimento enquanto objeto da análise histórica, inserindo-se no campo de preocupações da Nova História francesa. Na década de 1960, o historiador francês Marc Ferro publicou na revista *Annales* um artigo intitulado "Société Du XX siècle ET histoire cinématographique", que proporcionou um aumento nas discussões em torno do cinema enquanto fonte, criticando, conseqüentemente, o culto excessivo dos

historiadores ao documento escrito. Gradualmente o cinematógrafo foi ganhando a atenção dos historiadores, que passaram a percebê-lo agora como documento, possibilitando, conseqüentemente, investigá-lo, problematizá-lo, criticá-lo como tal. A partir dessas observações, o presente trabalho visa discutir as possibilidades do uso da produção fílmica Carlota Joaquina, a Princesa do Brasil - dirigida por Carla Camurati (1995), que marca o início do Cinema de Retomada no Brasil, abordando a representação da vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808 - como ferramenta para o ensino de História. Visa problematizar acerca dos desdobramentos que este importante evento representou para o Brasil, confrontando a sua representação a partir da linguagem cinematográfica, confrontando com o que se tem produzido nos livros didáticos acerca deste evento histórico. Para corroborar com a nossa proposta, acostamo-nos em estudos efetivados por diversos autores que trabalham a relação cinema-história bem como na perspectiva do seu uso como ferramenta didática. Para tal, realizamos uma revisão bibliográfica que inclui teóricos como Marc Ferro, Marcos Napolitano, Jorge Nóvoa, José D'Assunção Barros, entre outros. Propomos uma abordagem a partir de uma releitura da teoria de Roger Chartier, no que tange às práticas e representações, bem como analisaremos de que forma o cinema tem sido estudado ao longo dos anos, possibilitando pensar e refletir acerca das práticas discursivas que emana do mesmo.

Palavras-chave: Cinema, História, Ensino.

A IGREJA CATÓLICA E O DISCURSO DO FEMININO NO BRASIL COLÔNIA

Harriet Karolina Galdino dos Santos – UFCG
(harrietkarol@hotmail.com)
João Marcos Leitão Santos

Durante séculos as mulheres foram negligenciadas na historiografia, entretanto com o advento da Escola dos Annales na Europa e posteriormente a década de 80 no Brasil, não só trazem novos ares a escrita da história, mas aos "novos sujeitos históricos" possibilitando a ressignificação do cotidiano desses atores que por muito tempo mantiveram-se à margem da História, tendo como os maiores representantes/expoentes dessas falas Mary Del Priore, Margareth Rago, Luciano Figueiredo dentre outros. As mulheres foram descritas inúmeras vezes como seres "inferiores", "do universo privado", "apáticas" e "demoníacas"; estereótipos convencionados por regras pré-concebidas tanto pela sociedade como pela Igreja; aforismos estes escritos e expostos quase em sua totalidade por homens que tentavam a todo custo delimitar a autonomia feminina; entretanto seríamos generalistas ao extremo se pensássemos que nunca houveram espaços de cordialidade entre os gêneros feminino e masculino assim como ações transgressoras por parte dessas mulheres que tentavam firmar-se seja pelas permanências ou vivências não muito adequadas. O corpo feminino era a personificação do pecado, sinuosidades que levavam homens a praticarem atos libidinosos e a não raciocinarem uma vez que estavam encantados pelos devaneios de satanás. Maria mãe de Jesus era a representação do que havia de bom, de como uma mulher devia portar-se antes e após o casamento, pensamento medieval que invadiu toda a Europa e o Universo Cristão. No Brasil colônia ficava cada vez mais difícil conter os corpos de homens e mulheres que rendiam-se aos prazeres dos trópicos; a Igreja

pedagogizava através do medo, em "Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia" a historiadora Mary Del Priore reproduz alguns dos medos que se tinham da mulher como é o caso da maternidade e da menstruação. O presente artigo tem por finalidade identificar os discursos que circundaram o universo feminino e corroboraram para suas "subjugações" e contravenções na História, mas especificamente no Brasil colônia.

BISPO AZEREDO COUTINHO: UM DEBATE A CERCA DA ESCRAVIDÃO INDÍGENA E NEGRA NO BRASIL COLÔNIA

Lana Camila Gomes de Araújo – UFCG
(lanacamila_91@msn.com)
Juciene Ricarte Apolinário

O debate sobre as práticas escravistas no Brasil Colonial já foi bastante problematizada. Entretanto, a escravidão indígena é tratada pela documentação histórica como fase preliminar e de menor importância nesse processo de busca dos colonizadores por mão-de-obra. Nessa perspectiva, fica prostrado que os indígenas foram escravizados em um primeiro momento e posteriormente, apenas os negros vindos de África. A escravidão em sua acepção mais geral concorreu para a devastação de inúmeros povos e o concomitante processo de integração, exploração e destruição das populações escravizadas, seja indígena seja negra. Tomando como ponto de partida o fato da historiografia vigente ignorar a dinâmica interna do Brasil indígena que teve profundidade e densidade histórica para influenciar de maneira significativa a formação da Colônia, o objetivo desse artigo é explorar a perspectiva observada nos documentos escritos por José Joaquim

da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo da Capitania de Pernambuco, no início do século XIX. O documento intitulado de "Concordância das leis de Portugal e das Bullas Pontíficas, das quaes humas permitem a escravidão dos pretos d'África, e outros prohibem a escravidão dos Indios do Brazil" revela a concepção do Bispo Azeredo Coutinho acerca da escravidão negra e escravidão indígena, as quais o autor fundamenta-se nas Leis Portuguesas e nas Bulas Pontíficas, em vigência, para definir sua posição enquanto autoridade em relação ao tema. O Bispo Azeredo Coutinho, viveu nas capitanias do norte do Brasil no século XVIII-XIX e demonstrou a partir de suas observâncias através das Leis de Portugal e das Bulas Pontíficas a justificativa do Estado Português e Filósofos para a manutenção da escravidão. A importância de um trabalho como este é a possibilidade de romper com a perspectiva que definiu o indígena, por milênios, como um sujeito que desempenhou papel secundário, efêmero na historiografia. Além disso, pode-se, tratando da resistência indígena repensar nas práticas indígenas como maneiras de resistências, não aceitando as afirmações historiográficas simplistas de "desaparecimento" e "extinção". Deixando esclarecido que este trabalho não tem intenção alguma em definir importância ou demonstrar qual população sofreu mais com a escravidão na Terra Brasilis. Para tanto, o presente artigo busca identificar, documentar e interpretar os eventos, processos e percepções que envolveram as populações indígenas, haja vista que a maioria das documentações tratam, na maioria, das visões dos colonizadores. E, assim, tramitar entre os discursos dos colonizadores que, seria imprescindível valorizar as práticas enquanto etnia indígena que conduzia suas ações políticas e das relações interétnicas.

**GT 12: CORPOS,
GÊNEROS,
SEXUALIDADES:
IDENTIDADES E PODER
NA PRODUÇÃO DOS
SUJEITOS**

**OS PARÂMETROS DE BELEZA: A
REVISTA PLAYBOY (1975-2005) COMO
ESPAÇO DA PRODUÇÃO HISTÓRICA**

Giulle do Nascimento e Silva
giulle2@gmail.com

Silvânia Noberto das Chagas
silvanianobertochagas@gmail.com

Estética, forma e corpo são mecanismos e atributos explorados pela mídia que ao ofertar produtos causam e liberam fetiches e fortalece a busca pela perfeição corpórea feminina e/ou masculina. No caso das mulheres elas são mais bombardeadas pela imprensa midiática a seguirem um padrão de beleza de corpo "perfeito", de corpo considerado ideal, a influência, podemos perceber, começa logo cedo com a chegada de uma Boneca Barbie a vida de uma menina, que menina hoje em dia não pensa em ter uma bonecas dessas em sua coleção de brinquedos, e como não imaginar a imagem da Boneca Barbie como um espaço de pedagogização? Uma boneca que traz uma perfeição física incomum: branca, loira, de olhos claros e porte físico magro, imagem que é impressa a todo momento na cultura do culto ao corpo, então começamos com as nossas crianças, em especial com as nossas meninas, a informá-las que essa boneca que ela carrega nos braços é um modelo de beleza. Mas queremos falar de pessoas adultas, se construímos espaços de poder direcionados

para a corporeidade infantil, então porque não construir para a corporeidade adulta, percebemos assim que na nossa contemporaneidade possuímos um espaço pedagógico corporal da mídia impressa. Que constrói um espaço de poder significativo, estamos falando sobre a Revista Playboy (1975-2005) a nossa fonte de pesquisa nesse artigo. Uma revista de entretenimento erótico direcionado para os homens, que traz em suas páginas fotografias de mulheres nuas que mostram seus corpos considerados 'perfeitos' em seu determinado momento.

**REFLETINDO SOBRE O DIREITO E O
AVESSO: O CORPO E A DIFERENÇA EM
UMA CRÔNICA DE RACHEL DE QUEIROZ**

Francysco Pablo Feitosa Gonçalves

Maria Eneida Feitosa
pablo.feitosa@gmail.com

O presente trabalho tenta identificar elementos para uma sociologia do corpo em Rachel de Queiroz, de toda a sua obra foi selecionada a crônica "Direito e Averso", na qual a autora discorre sobre como as pessoas se comportam em relação aos estigmas que seus corpos apresentam. O trabalho toma como pressuposto que as obras literárias contêm, invariavelmente, um conteúdo histórico-cultural e possuem uma capacidade de diálogo com aspectos da sociedade que a envolve e que proporciona o seu surgimento. Nenhum texto provém do vácuo social ou nele é proferido, e nessa perspectiva, a crônica, em especial, é um gênero permeado por fatos do cotidiano, além disso, a obra de Rachel é especialmente rica em referências às questões sociais e pontuada pela análise psicológica de suas personagens. Em "Direito e avesso" a narração em primeira pessoa parece sugerir ao leitor que as pessoas e situações ali descritas realmente

existiram ou poderiam ter existido, essa sugestão é apropriada para permitir a releitura da crônica em questão, refletindo sobre os fatos narrados por Rachel em um diálogo algo sincrético com outros autores que também discorreram sobre os corpos e seus significados, dentre os quais mencionamos Erving Goffman e David Le Breton. A partir destas releituras o trabalho procura refletir sobre como o corpo é o que delimita o indivíduo do grupo, e acaba sendo o local e o tempo da identidade, o corpo acaba sendo, portanto, onde o social se faz pessoa. Apropriando-se da terminologia empregada por Rachel, o trabalho procura refletir também sobre como os corpos podem ser interpretados como direitos e avessos, de acordo com o quão aparentes são as marcas que representam o desacreditamento. Por corpos avessos, portanto, são compreendidos, sobretudo, aqueles que possuem algum estigma aparente, uma marca que é interpretada como um "desvio" à norma e que desacredita o seu possuidor.

Palavras-chave: corpo, direito, avesso.

"PARA SER BELLA E DOMINANTE": AS PRÁTICAS DAS MULHERES NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Helaine Cristina Dantas
Dr. Alarcon Agra do Ó
helainnecristina@hotmail.com

Si VV. Exmas quiserem ficar bellas , risonhas e deliciosas Usem a afamada Agua da Belleza .As manchas do rosto , vulgarmente conhecidas por pannos, as espinhas, os cravos que tanto enfeiam a pelle, desaparecem como por encanto com o emprego da Agua da Belleza (propaganda anunciada pela revista Fon-fon em 16 de julho de 1910). A partir do inicio do século

XX, em muitas sociedades caracterizam-se por mudanças ocorridas nos campos sociais , políticos e econômicos . O presente artigo tem como objetivo analisar as mudanças e continuidades do papel da mulher com base na imprensa no ano de 1910. A partir desse período com o progresso da indústria gráfica, as revistas começaram a aprimorar seu aspecto visual com o desenvolvimento industrial ocorreu um maior aperfeiçoamento da publicidade destacam-se então os anúncios de cosméticos, moda e produtos pessoais. Destacando desse modo os produtos de embelezamento como maior impulsionador da imprensa feminina sabendo que as mulheres utilizavam desses cosméticos para o seu bem-estar. Nesse momento encontra-se uma busca por um ideal de corpo feminino que submete a mulher a um novo padrão de beleza. Utilizando como base a revista Fon -fon, periódico que circulou na primeira metade do século XX, pode-se analisar o registro da vida sócio -cultural do Brasil durante a Belle Époque e em especial verificarmos a mudança na vida social das mulheres. A partir das propagandas dessa revista é perceptível que os conselhos de beleza apostavam na necessidade de ser bela da cabeça aos pés, em todas as horas do dia e em todas as idades. Esse corpo que a partir desse momento torna-se moldado por uma imprensa que anuncia produtos de cosméticos que definem e mantem uma beleza que é vista como ideal para a mulher.

Palavras-chaves: mulher, beleza e mudanças.

A SINGULARIDADE DO FEMININO: ACONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DE DILMA ROUSSEFF

Elizabeth Christina de Andrade Lima
ecalima@terra.com.br

O presente artigo analisa as Campanhas Eleitorais da candidata à Presidência da República do Brasil, Dilma Rousseff. O objetivo principal é descrever como a candidata construiu a sua Imagem Pública baseada na singularidade do feminino. Em outras palavras, como se utilizou do gênero feminino, do ser "mulher", para conquistar o voto do eleitor. O espaço político, apesar de muita resistência, tem sido paulatinamente preenchido por mulheres. A construção de candidaturas voltadas para o "ser mulher" é a peça fundamental dessa inserção. Discursos, comportamentos e gestos alusivos a valores e qualidades femininas são alguns dos recursos utilizados pelas candidatas. Sensibilidade, cuidado, zelo, honestidade e moralidade são palavras constantemente empregadas quando se faz referência às mulheres. Unir esse espaço pessoal e privado ao público e político tem sido a "carta na manga" das candidaturas femininas. Para dar conta de nossa análise utilizamos como fonte principal de dados as mídias e redes sociais, particularmente os blogs, da citada candidata, nas Eleições do ano de 2010 e neles observamos como o gênero feminino foi ampla e exaustivamente utilizado em busca da construção de uma singularidade para o feminino.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O CICLO DO RECIFE: A CONSTITUIÇÃO DE UM CINEMA NACIONAL (1925-26)

JéssikaÉvelyn Leitão Alves
Alberon de Lemos Gomes
jessika_evelyn@hotmail.com

A consolidação do cinema nacional, a partir da década de 1920, se deu com a constituição de diversos movimentos regionais, dos quais, destaque o Ciclo do Recife. Movimento esse que se inicia

enquanto inspiração das narrativas norte-americanas e francesas, mas que buscou aos poucos moldar técnicas de montagem dos ditames hollywoodianos à realidade regional e que pode ser considerado, segundo FIGUEIRÔA (2000), o mais marcante dos ciclos brasileiros, pela ousadia e inovação de cerca de 30 jovens que de 1923 a 1931, produziram treze longas-metragens. Até que ponto o contexto feminino local, no determinado momento histórico, é refletido na produção fílmica de sua época? Considerando conceitos teóricos de Gênero e análise historiográfica, objetivo analisar o conteúdo das ditas obras cinematográficas a fim de identificar de que maneira o cinema atende aos reflexos culturais das comunidades a que se destina e representa. A escolha das obras fílmicas de Gentil Roiz: Aitaré da Praia (1925) e Ari Severo: A filha do advogado (1926) para abordagem teórico-medotológica, não se deu de forma aleatória. O ciclo do Recife surgiu no momento em que grande parte das películas exibidas eram americanas, de romance e aventura, caso que influenciou diretamente na produção dos filmes pernambucanos, e ambos, apesar das diferenças quanto à aproximação que realizam com a realidade local, são identificados pela presença de fortes personagens femininos. Em foco, relações de gênero que o cinema pode vir a apresentar, e a forma como este meio pode ou não modificar modelos estereotipados dos papéis exercidos por homens e mulheres em determinada sociedade, considerando que o produto de um artefato fílmico, como é caracterizado por FERRO (1992), não é criado de forma isolada; ele faz parte de um tempo, um lugar, e de uma série de indivíduos que participam dessa produção, que produz rivalidades, conflitos, e lutas de influência. Busco em meio a estes registros de um cinema ficcional,

elementos que constituam espaços identificadores da realidade feminina local, que se entrelacem a lugares de memória, partindo do pressuposto de compreensões queensem o filme de ficção como testemu de um tempo, do ambiente social que o produziu e o recebeu, relacionando análise fílmica e o entrelaçamento da história das mulheres e o cinema; tomando-se o filme enquanto uma produção impulsionada por padrões contemporâneos à sua composição e sua função na criação de modelos de sociabilidades.

Palavras-Chave: História, Gênero, Cinema.

CORPO E IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DE SI NAS AUTOBIOGRAFIAS DE SIMONE DE BEAUVOIR

Eliana Alda de Freitas Calado
elianacalado@gmail.com

Na temática das relações de gênero, Simone de Beauvoir é, sem dúvida, uma das principais referências. A publicação de *O segundo sexo* em 1949 foi o ponto de partida para que seus estudos sobre a condição feminina fossem usados para legitimar movimentos feministas em várias partes do mundo. Parte significativa das observações feitas por Beauvoir nessa obra refere-se à relação das mulheres com seus próprios corpos, o que causou certo escândalo social, provocando inclusive a proibição do livro pela Igreja Católica. Em 1970, seu ensaio sobre a condição dos idosos, *A velhice*, provocou polêmica semelhante, justamente pela exploração da temática da relação com os corpos. A temática da corporalidade encontra-se presente em outros livros de Beauvoir, além desses. Autora de uma vasta obra, na qual se encontram temas e gêneros

variados, entre estes, romances, ensaios e novelas, Si mone de Beauvoir também se dedicou ao campo autobiográfico, tendo publicado, entre 1958 e 1972, quatro livros nesse gênero. Dentre as principais motivações para escrever uma autobiografia, verifica-se a intenção do autobiógrafo em definir certa identidade para si. Nesse aspecto, Simone de Beauvoir não foi exceção. A autora indicou diversos motivos para iniciar e perseguir no seu projeto autobiográfico: salvar sua juventude do esquecimento, compreender-se, fazer balanços, contrapor-se a si mesma, dar voz à sua auto-análise, defender-se da malevolência, contar a verdade, abarcar o conjunto da sua história, etc. Entre esses, ela concedeu especial ênfase ao desejo de conhecer o sentido da sua vida, ou seja, reconhecer sua identidade. São precisamente essas narrativas que constituem minhas principais fontes de pesquisa para a tese de doutorado que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, na área de História Cultural. Na presente comunicação, proponho-me a discutir como Beauvoir explorou sua relação com o próprio corpo nas suas autobiografias, tendo em vista que se trata de um dos elementos para construção da sua identidade.

O CORPO NA CIDADANIA E NA PEDERASTIA ATENIENSES: O OLHAR DE ARISTÓFANES E O SURGIMENTO DE DISCRIMINAÇÕES AO PAPEL HOMOAFETIVO

Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro
José Maria Gomes de Souza Neto
(orientador)
luizhenrique_bc@hotmail.com

O Teatro Grego foi um elemento cultural bastante significativo da sociedade grega, tanto no aspecto mitológico quanto no

sócio-cultural e no político. As comédias do teatro grego clássico são ferramentas lúdicas para o estudo da História dos gregos antigos, mas, além disso, são ricas fontes para a análise de questionamentos que foram importantes para os antigos e que ainda o são atualmente. Assim, as obras do comediógrafo Aristófanes (século V e IV a.C.) serviram como base de uma pesquisa PIBIC que deu origem a este trabalho, que propõe a divulgação à comunidade acadêmica das observações quanto aos diferentes pontos de vista dos gregos antigos do século V a. C. com relação ao papel do homem na pederastia, associando, ou não, as práticas sexuais desta relação ao surgimento da homossexualidade, através da homoafetividade e do homoerotismo em que estavam envolvidos os agentes de tal prática. Assim, pode-se observar também o surgimento de estereótipos homossexuais que perpassaram o tempo, tornando-se preconceitos em tempos mais avançados, mas que na sociedade grega eram discriminados por uns e aceitos por outros grupos. Nesse processo de aceitação ou discriminação, pode-se perceber nas obras de Aristófanes que o aspecto físico é muito importante, denotando poder ou supressão de poder, exprimindo aceitação ou discriminação de certas práticas. Aristófanes, vale salientar, foi um escritor conhecido por fazer críticas sociais em defesa das classes menos abastadas de sua sociedade, portanto, é considerado aqui como a voz dessas classes no meio social público ateniense. É interesse deste trabalho apresentar resultados obtidos em pouco mais de um ano de pesquisa e fazer questionamentos sobre a condição atual das homofobias em uma sociedade que é considerada dominada pela heteronormatividade.

Palavras-Chave: Aristófanes; pederastia; homoafetividade.

HISTORIOPORNÔ: NÃO É NADA DISSO QUE VOCÊ ESTÁ PENSANDO, OU SERÁ QUE É? HISTORIOPORNÔ

Carlos Adriano Ferreira de Lima
carlosadriano_@hotmail.com

É isso mesmo que está escrito. Você não leu errado. E antes que desista de ler o restante do resumo, podemos garantir que pornografia é/deve fazer parte do debate historiográfico. O inusitado nome, tem como inspiração a proposição de Hayden White de uma Historiophoty (Historiofotia), cujo cerne é a reflexão histórica acerca das imagens de cunho visual e a especificidades da narrativa fílmica. Nosso trabalho tem por objeto refletir sobre o que, por hora intitulamos como a noção de Historiopornô, aqui entendida como o espaço dedicado as reflexões históricas sobre as representações pornográficas. A fragmentação dos corpos, as utopias e distopias sexuais, regras morais e a própria noção do que é permitido e permissivo, encontram espaços nesse debate que propomos entre a historiografia e a pornografia. Partimos de duas searas: a primeira consiste numa triagem inicial dos saberes de caráter teórico-metodológico, em especial, os diálogos e conflitos estabelecidos entre as diversas áreas do saber sobre o tema. Para tanto, utilizamos como base os campos da linguística, antropologia, sociologia, comunicação e a própria historiografia. Buscamos, dessa forma, auxiliar os futuros pesquisadores nos referencias teóricos sobre o tema. Concomitantemente, nos propomos a um exercício das fontes primárias, em nosso caso, os arquivos da censura aos filmes produzidos no Brasil durante o regime militar entre 1964-1988 – disponibilizados por Leonor Sousa Pinto no

projeto "Memória do Cinema Brasileiro" -, que tematizam com a questão da pornografia. Nossa seleção dos arquivos sobre os filmes censurados, enquanto pertencentes ao gênero pornográfico, deve-se aos que são intitulados de tal forma por seus produtores e diretores, ou, por serem assim designados pelos censores e sociedade em que foram/são produzidos e exibidos. Nos so intuito é refletir e tentar contribuir na reflexão sobre os tabus da história, entendido aqui não apenas como os temas que a sociedade prefere omitir, mas aqueles obliterados pelos próprios historiadores. Atualmente essa discussão vem sendo problematizada no projeto de extensão "Uma ditadura (in)decente: sexo, censura e poder do cinema brasileiro (1964-1988)" e projeto de pesquisa Pibic "O devasso devassado: cinema pornográfico e ditadura militar (1964-1988)" ambos pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus III – Guarabira.

UMA DOSE DE "GÊNERO" COM BASTANTE GELO!

Rafaella de Sousa Silva
Silede Leila
lela_cubati@yahoo.com.br

Neste artigo busco colocar em questionabilidade leituras binárias que insistem em delimitar "gênero" como um "dado" estanque, unívoco e natural. Tratar-se-á em intercâmbio com Butler, Haraway, Lipovetsky e "outros" que tomam corpo no texto, de sondar como de forma imagético-discursiva, o programa televisivo "Profissão Repórter", exibido no dia 19/04/2011 pela rede Globo de televisão, ao tratar do tema "alcoholismo entre os jovens brasileiros", nos oferece "ferramentas" para adentrar espaços de troca entre os "telespectadores" e a "tela". Aqui, existe - entre outras

intenções - a pretensão de perceber o "alcoholismo" como uma prática sócio-cultural que "borra" uma leitura de gênero que (ainda) verse pelo binarismo homem do espaço público versus mulher do espaço privado. Para tanto, nos reapropriamos de algumas reportagens e entrevistas na tentativa de perceber como certas práticas culturais de jovens brasileiras/os nos permite uma leitura aberta, negociável e movente da categoria gênero.

Palavras-chave: Gênero, Identidades e Alcoholismo.

MORAL CÍVICA E SACANAGEM NOS TEMPOS DA DITADURA: UM OLHAR SOBRE O FILME A DAMA DO LOTAÇÃO

Jefferson Mateus Ribeiro
Felipe Caetano dos Santos
caetanod.santos@hotmail.com

O trabalho em questão, tem vinculação com o projeto de extensão "Uma ditadura (in)decente: sexo, censura e poder do cinema brasileiro(1964-1988)" pela Universidade Estadual da Paraíba, sob coordenação do Professor Carlos Adriano Ferreira de Lima, com base na documentação disponibilizada no projeto Memória do Cinema Brasileiro (www.memoriacinebr.com.br). Nossa problematização possui como cerne os documentos da censura relativos ao filme A dama do lotação (1978) sob direção de Neville de Almeida em consonância com os Estudos Culturais. Nosso propósito é apresentar uma análise dos tempos da Ditadura Militar Brasileira partindo da perspectiva dos filmes pornográficos da época e centrando a discussão nesta obra de grande sucesso e repercussão no período. Analisando os processos de censura e as demais documentações como a carta de uma cidadã indignada com a

obra, lista de cortes requeridos, certificado de censura, pareceres, capas e pedidos de revisão do processo, além de jornais da época que apresentam críticas de especialistas no assunto. A obra em questão, causou repercussão em vários estados brasileiros, entrevistas com a atriz principal do filme, Sônia Braga e o autor Nelson Rodrigues, que escreveu a obra na qual o filme se baseia também fazem parte de nosso acervo de fontes. Através da análise destes documentos, é possível constatar uma série de peculiaridades em torno do gênero pornográfico relacionando a sociedade e reforçando aquilo que seria considerado como base para os preceitos morais e cívicos em torno do pudor e dos bons costumes, que excluem a menção das práticas e representações sexuais. Dessa forma, esperamos contribuir para o debate em torno das práticas de censura, representação e reflexões sobre sexualidade no Brasil Contemporâneo, utilizando-se da análise de um misto de fontes que mesclam cinema e uma série de fatores que levaram a repressão ditatorial dos mesmos, estabelecendo juntamente, uma ponte com a bibliografia de estudiosos do tema em questão, onde permeiam discussões sobre política, cinema, sexualidade e sociedade.

Palavras-Chave:Censura, Sexo, Cinema.

O CONCEITO GÊNERO E A ESCRITA DAS SENSIBILIDADES (1990-2007)

Raniery Bezerra da Silva
Prof. Dra. Joedna Reis de Meneses
ranieryuepb@bol.com.br

Esta comunicação objetiva divulgar a pesquisa, vinculada a Iniciação Científica da UEPB, sobre as obras produzidas em torno da temática da História das sensibilidades. Partindo do pressuposto de que tantas

novas temáticas vão surgir de uma forma geral a partir do gênero que nasce logo após a segunda guerra onde a história passa por uma crise e acontece o alargamento da visão e/ou do campo de pesquisa e que vai ser o campo norteador para outros objetos de pesquisa e dentre esses campos que são criados sob a influência do conceito de gênero estão os estudos das sensibilidades. Nesta pesquisa buscamos relacionar o tema das sensibilidades com o debate que circunda a produção do conhecimento histórico nas últimas décadas. A nossa pesquisa propõe o estudo de como a produção historiográfica, dos últimos anos (1990 - 2007), vem pensando a temática das sensibilidades. Analisamos algumas produções historiográficas acerca das sensibilidades e, de fato, observamos que os primeiros contatos com a escrita dos afetos são muito tímidos no Brasil, a partir do final dos anos de 1980. O desenvolvimento da pesquisa tem demonstrado, cada vez mais, a importância de realizarmos uma análise historiográfica e, especificamente, sobre a historiografia das sensibilidades e o conceito de gênero, tendo em vista que diferentes obras publicadas no final dos anos de 1990 abordam as temáticas do amor, da solidão, da saudade e das emoções de um modo geral e, sem dúvida, merecem uma narrativa sobre a emergência destas temáticas no trabalho dos historiadores e/ou na sala de aula. Trabalhamos no intuito de mostrar como o discurso historiográfico acerca das sensibilidades vem construindo sentidos para essa temática, e principalmente, como foi possível a emergência do tema das sensibilidades e do conceito de gênero na escrita da história. Neste trabalho visamos expor a análise das obras selecionadas, até o presente momento, sobre a temática das sensibilidades de maneira específica, e

objetivamos relacionar o conceito de sensibilidades e gênero.

Palavras-Chave: Gênero, Sensibilidades e História Cultural.

ONDE A GENTE QUE É GENTE SE ENTENDE: RASTROS DA HOMOSSOCIABILIDADE MASCULINA NO RIO DE JANEIRO (1960-1970)

Paulo Souto Maior Júnior
Kyara Maria de Almeida Vieira
paulosoutomaior@yahoo.com.br

Debruçar-se sobre bibliografias e esmiuçar traços da vivência da homossexualidade masculina no Rio de Janeiro das décadas de 1960 e 1970, com realce nas redes de sociabilidade, constitui o objetivo deste artigo. Deleitar-se sobre bibliografias e esmiuçar traços da vivência da homossexualidade masculina no Rio de Janeiro das décadas de 1960 e 1970, com realce nas redes de sociabilidade, constitui o objetivo deste artigo. Os estudos de gênero vem alargando esferas de debate em diversas universidades do país e na Universidade Federal de Campina Grande ainda há lacunas relacionadas a esses estudos. Daí pensar a colaboração deste estudo como mais um texto a introduzir este debate dentro desta academia onde, como ocorre em todas as outras, há preconceitos que precisam ser repensados por parte de alunos e professores. Este debate se inclui ainda na problemática atual que envolve direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis (LGBT) e da elaboração de espaços de sociabilidade de atores sociais ao procurarem criar a própria vida enquanto obra de arte, artisticá-la por exemplo. Nesse sentido nos voltamos para a cidade do Rio de Janeiro a fim de visitar a bibliografia de algumas pesquisas efetuadas por pesquisadores brasileiros

visando entender as formas como se divertiam, se relacionavam cotidianamente. Suas relações entre si, com a família, com os amigos, com os namorados, com os companheiros de uma noite aleatória, nas boates e em outros pontos de pegação. Identificaremos ainda como alguns discursos da época, mais especificamente o jornal O Snob, uma das primeiras publicações voltadas em exclusivo para o público homossexual, ao se preocupar nos seus primeiros anos com relações sexuais, conforme será pincelado nessa pesquisa, e a emergência de uma conscientização de demais temas relacionados a homossexualidade na sua segunda fase. Na concretização desta atividade foi necessário o diálogo com as colaborações metodológicas de James N. Green e João Silvério Trevisan, como também as leituras teóricas de Didier Eribon e Michel Foucault. O primeiro ao refletir os modos de vida gay e o segundo relacionado ao terceiro domínio do seu pensamento baseado nas estéticas da existência.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Décadas de 1960-1970, Homossociabilidade.

CENSURA, CORTE OU GELADEIRA: HOMOSSEXUALIDADE, ADULTÉRIO E INCESTO NO CINEMA PORNOGRÁFICO BRASILEIRO (1970 – 1978)

Glaucenilda da Silva Grangeiro
Jessica Natane Pessoa de Lima
glaucy.grangeiro@yahoo.com.br

O presente trabalho tem vinculação com o projeto de extensão intitulado "Uma ditadura (in)decente: sexo, censura e poder do cinema brasileiro (1964-1988)" pela Universidade Estadual da Paraíba, sob coordenação do professor Carlos Adriano Ferreira de Lima, com base na documentação disponibilizada no portal

eletrônico Memória do Cinema Brasileiro, coordenado por Leonor Souza Pinto. O projeto tem como objetivo mapear a produção cinematográfica produzida durante os anos da ditadura militar brasileira. Através da análise da documentação emitida pela censura e pela imprensa da época sobre os filmes A Família do Barulho (1970) dirigido por Júlio Bressane e A Mulher Que Põe a Pomba no Ar (1978), dirigido por José Mojica Martins, propomos refletir como a homossexualidade, o adultério e o incesto são percebidos pelos pareceristas a partir de suas opiniões acerca dos conceitos de família, moral, bons costumes, arte e sexualidade. Torturas, prisões, assassinatos, desaparecimento de opositores, crescimento acelerado da economia, intervenção dos sindicatos, proibição de partidos e censura a imprensa: tudo isso fez parte dos chamados anos de Chumbo do regime militar de 1964. A ditadura militar durou vinte e um anos, o mais longo período de supressão da democracia na história republicana brasileira. Vinte e um anos que foram responsáveis por um dos capítulos mais violentos e supressores de liberdades individuais da história do país. O governo militar desenvolveu mecanismos altamente eficientes para controlar a produção artística nacional. A liberdade de expressão encontrou um gigante adversário em seu caminho, chamado censura. Paralelamente ao processo de censura e repressão interna de nossa produção cultural, a imagem do Brasil era difundida no exterior como "democrática", sendo utilizada como veículo difusor dessa imagem, a excelente produção cinematográfica do país. Os brasileiros só vieram ter conhecimento de algumas dessas produções com a abertura dos arquivos da censura em 1990, através de pareceres dos censores. Nem mesmo as limitações intelectuais dos censores

pareciam representar qualquer tipo de impedimento ao órgão do Departamento de Polícia Federal chamado de Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) que parecia ser um dos mais eficientes em vigência no país a época.

Palavras-Chave: Censura. Cinema. Pornografia.

**BELAS, ELEGANTES E MATERNAIS:
IMAGENS DO FEMININO E OS JOGOS
DISCURSIVOS NA IMPRENSA
CAMPINENSE (1950)**

Ajanayr Michelly Sobral Santana
Alômia Abrantes Silva
mimysobral@hotmail.com

O presente trabalho analisa as imagens e os discursos produzidos sobre o feminino na imprensa campinense na década de 1950. A fim de reconhecer a visibilidade feminina na imprensa, selecionamos os lugares e discursos na imprensa campinense sobre as propagandas de produtos domésticos e as imagens de mulheres desempenhando atividades do lar, buscando a imprensa "seduzi-las" com os novos e modelos produtos anunciados nas propagandas. Desta forma, constituímos um diálogo entre fontes escritas e iconográficas para reunir as imagens e os discursos escassos e dispersos que nos informam sobre as representações de produtos que seduziam, principalmente, o público feminino. A partir dessas imagens, buscamos compreender o jogo de intenções, contendo ou não descrição em palavras, que estimulava o/a leitor/a a produzir uma outra linguagem: a visual. Apesar desse apelo evidenciado pelas imagens sobre o feminino, não dispensamos os textos escritos, capazes de inscrever os modos e atitudes de feminilidade apoiados pelos signos da modernidade. Por fim, dialogaremos tanto

com fontes escritas como as imagens iconográficas, tendo como suporte teórico-metodológico as contribuições da História Cultural, destacando o referencial teórico do historiador Roger Chartier (1990), com relação às tensões entre práticas e representações sócio culturais de uma dada época.

Palavras-chave: Feminino, Imagens, Imprensa, Propagandas, Representação.

DIZIBILIDADES E VIZIBILIDADES DO MASCULINO E DO FEMININO PRESENTES EM CARTAS DE AMOR

Maria do Socorro Soares
Regina Coelli Gomes Nascimento
socorrosoares@hotmail.com

Na atividade do historiador, a carta constitui uma das peças dos arquivos privados e é uma fonte que pode propiciar o estudo autobiográfico, a análise de uma época, os sentimentos, os desejos e as intimidades. A carta de amor é um artefato cultural que dá visibilidade e dizibilidade às relações amorosas e afetivas. Na contemporaneidade diante da presença de novas tecnologias como o e-mail, o orkut, os sites de relacionamentos e as redes sociais têm sido comum se ouvir que as cartas de amor são coisas do passado. Hoje elas se configuram como fontes históricas para o historiador que pode buscar as dizibilidades sobre o sentimento, os costumes, e principalmente, sobre os códigos de comportamentos de uma época exigidos para o feminino e o masculino. Trabalhar as cartas de amor contribui para investigar o cotidiano, este no campo múltiplo de experiências, no qual, as relações afetivas são abordadas, e nesse sentido, é um tema que pode instigar discussões sobre os valores de um determinado momento histórico, pois, há

indicativos de que suas narrativas podem revelar tramas sociais imprevisíveis. Além disso, elas são artefatos culturais que em suas narrativas revelam as tramas de intimidade, pistas importantes que contribuem para compreender os aspectos da vida cotidiana e privada. Sendo assim as reflexões desse trabalho centram-se nos estudos da diferença entre a escrita masculina e a feminina sobre os sentimentos, como o amor, a saudade, o medo, a felicidade, os sonhos etc. presentes em cartas de amor nos anos 80 e 90 refletindo as diferenças de gêneros. Então procuramos analisar cartas de amor escritas nas últimas décadas do século XX para problematizar alguns aspectos do cotidiano em que as relações afetivas são abordadas, e nesse sentido instigar discussões sobre valores e comportamentos de pessoas comuns de uma dada sociedade no final do século XX.

Palavras Chaves: cartas de amor, masculino, feminino, sentimentos.

UM OLHAR EM FACE À DITADURA DA BELEZA A PARTIR DOS ENUNCIADOS DA REVISTA FEMININA DIETA JÁ E CORPO A CORPO

Jéssica Gleyce Dos Reis Felix
Renata Kelly Cavalcante Vitorino
gleyce_jes@hotmail.com

Na contemporaneidade, alcançar os exigentes padrões de beleza extremamente disseminados pelos dispositivos midiáticos parece ser quase uma determinação, nesse contexto a existência de um sem-fim de meios disponibilizados para o conseguimento do corpo ideal corrobora com a "obsessão" de variados públicos, são exercícios, dietas milagrosas que prometem diminuir a silhueta em poucos dias, remédios e até intervenções cirúrgicas; a

maioria deles atrelados ao discurso da saúde. Pois a todo o momento bombardeiam os sujeitos com modelos e tendências a serem seguidos, gerando uma gama de possibilidades oferecidas a preços variados, pensados para atingir todas as camadas da população: a chamada democratização da beleza. No decorrer deste artigo, resultante direto do projeto de pesquisa ainda em desenvolvimento "HISTÓRIAS DO CORPO E DA BELEZA NO BRASIL: A PARTIR DOS ENUNCIADOS DAS REVISTAS FEMININAS" analisaremos de que maneira os discursos incessantemente repetidos por tais publicações (neste caso específico os das revistas *Dieta Já* e *Corpo a Corpo*) constroem a idéia de que o alcance da felicidade está intimamente ligado à conquista de um corpo tido como "belo"; e de como o mesmo, pode ser adquirido quase que instantaneamente a depender do esforço do indivíduo, conseguir isso é também alcançar o sucesso. A mulher está sendo convocada "a se fazer bela". Se fazer bela pelo simples deleite de ser bonita sempre, em todos os espaços, independente do horário ou idade. Alguns outros aspectos inerentes a discussão far-se-ão presentes, sob esta perspectiva pensar o conceito de corpo, beleza e refletir acerca da capacidade de persuasão da mídia. Estar no padrão midiático difundido do belo, do magro, do jovem, adotar as técnicas sugeridas que são expostas como indispensáveis e acessíveis produz um fenômeno crescente de culto ao corpo, e toda essa temática está fomentando recentes inquietações entre diferentes profissionais inclusive historiadores, que discutem o tempo presente.

Palavras-chave: Corpo, beleza, mídia.

ELA NÃO É DE NINGUÉM: O PRELÚDIO DA BOSSA INVENTANDO FORMAS DE BELEZA E AMAR

Jorilene Barros da Silva Gomes
Mariângela Vasconcelos
jorilene.jp@hotmail.com

Este texto é parte da pesquisa PIBIC (2010/2011) "Ouvindo músicas, tecendo sujeitos e contando histórias" que buscou compreender e refletir sobre o universo musical dos alunos da Escola E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho localizada em Guarabira- PB. Assim, neste artigo propomos discutir e problematizar um texto musical, cuja melodia e poesia diferem do que é, comumente, escutado pelos alunos da escola mencionada. Porém apresenta uma temática freqüente no universo musical destes, ao falar de corpo, beleza e amor. Na nossa pesquisa, tratamos a música enquanto documento (LE GOFF, 1994), recurso metodológico (BITTENCOURT, 2004) e artefato lúdico (SCHILLER apud CAMPOS, 2002), que pode possibilitar e/ou estabelecer canais de comunicação entre a cultura juvenil e o conhecimento histórico. Neste sentido, percebemos a partir de uma investigação os temas recorrentes no repertório dos alunos escutados por nós. A partir destes dados procuramos pensar conteúdos de ensino, usando a música como eixo norteador. Entendemos que esta perspectiva busca motivar o alunado para o estudo de História enquanto um componente curricular, e ao mesmo tempo operacionalizar experiências de ensino que mobilizem os seus interesses e promovam uma reflexão dentro de uma problemática maior, marcada pelas discussões pós-críticas que contestam as narrativas hegemônicas. Estas questões nós levam a pensar no que a História-conhecimento pode contribuir para formação de cidadãos e cidadãs críticos reflexivos. Desta forma,

escolhemos a temática do “corpo feminino” para tentar compreender algumas representações de beleza construídas ao longo dos últimos 60 anos, em torno da figura da mulher. Partindo desta perspectiva, a música que selecionamos para discutir neste artigo tem como título “Teresa da Praia”, um samba composto por Tom Jobim e Billy Blanco em 1954. Neste breve estudo pretendemos perceber as mudanças e permanências presentes no discurso sobre a beleza feminina a partir do olhar masculino, considerando os contextos histórico-culturais em que esta música foi constituída. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos fontes orais (alunos do ensino médio) e pesquisadores como Mary Del Priore, Denize Bernuzzi Sant’Anna e Michel Foucault, para esclarecer subjetividades inerentes a este tema.

Palavras- Chaves: História, Música, Corpo

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE HOMOSSEXUAL NA CIDADE DO RECIFE/PE: ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS

Michel Whilliams da Silva Chaves
Anderson Vicente da Silva
spextroxel@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões sócio-históricas acerca dos espaços frequentados por homossexuais na cidade do Recife como forma de construção de identidades e socialização de práticas sexuais. Ao tratar da temática buscamos dialogar com os estudos etnográficos e com as produções historiográficas sobre sexualidade e gênero. Isso permitirá uma melhor compreensão das representações que são construídas pelos homossexuais que circulam nos espaços destinados às relações sociais com

base numa ligação afetiva-sexual. Na tentativa de aprofundar algumas questões levantadas pela bibliografia, buscamos observar as relações estabelecidas pelos homossexuais em locais de socialização na cidade do Recife e, posteriormente, fizemos entrevistas com alguns sujeitos para confrontar as nossas percepções com as anotações e interpretações efetuadas acerca do objeto investigado. A sociabilidade homossexual é um elemento de representação da relação social importante para entender como os sujeitos constroem identidades e (re)elaboram os contextos cotidianos, que dão sentido a clandestinidade dos corpos e práticas sexuais. A visibilidade de uma identidade homossexual e a existência de um grupo de socialização traz também para seu bojo a forma como estão estruturados os grupos de interação homossexual no que se refere à organização econômica, política e espacial. Isso levou à formação nos centros urbanos dos guetos. Esse processo coloca problemas de relacionamento com a sociedade circundante. Nesse sentido, notamos que os espaços de sociabilidade homossexual representam um modelo de lugar onde é permitido vivenciar os desejos sexuais e superar um pouco a solidão. Portanto, ao elaborar um discurso acerca das experiências homossexuais em espaços públicos e/ou clandestinos buscamos destacar os significados simbólicos construídos pelos sujeitos na sua relação com a sociedade no contexto mais amplo.

Palavras-chaves: homossexualidade, sociabilidade, sexualidade

“A CONSTRUÇÃO DO CORPO” E AS ATIVIDADES FÍSICAS

Aline Praxedes de Araújo
Edna Maria Nóbrega Araújo
aline_praxeds@yahoo.com.br

A presente comunicação encontra-se vinculada a pesquisa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, na qual tem por principal objetivo analisar discussões sobre corpo, beleza e gênero a partir dos enunciados da revista feminina Boa Forma, entre o final do século XX e início do século XXI. A citada revista ao ser utilizada como fonte, auxilia na observação da sociedade vigente possibilitando-nos destacar as contínuas trocas de poder da mídia com o seu público, como uma forma de educação diária, tendo em vista que os enunciados das revistas constroem diferentes visibilidades para os corpos. Não podemos deixar de pensar no poder da mídia como artefato pedagógico que exerce influência sobre as mulheres, ensinando técnicas, normas de conduta e comportamentos que devem ser seguidos. Nesse trabalho pretendemos mostrar como as instâncias midiáticas educam e disciplinam os corpos como qualquer outra instância educativa e são, por isso, consideradas Pedagogias Culturais. Além disso, partimos do princípio do "corpo espetáculo" abordado por Nízia Villaça, onde a autora coloca a mulher famosa como autoridade; modelo a ser seguido. Pretendemos mostrar como as mulheres ditas famosas são colocadas pelos discursos midiáticos como possuidoras do chamado padrão de corpo "perfeito" - belo e saudável. Corpo este que, comumente, revela auto-estima elevada, proporcionando a procura responsável pela manutenção da saúde num corpo magro, livre de colesterol ruim, depressão, hipertensão, stress e uma série de outras doenças, ocasionadas pela desproporção do peso do indivíduo. Problemas esses que também estão presentes na representatividade do indivíduo socialmente, pois, induz o mesmo a inibição da vida profissional e afetiva, segundo o discurso lançado pela revista. De

acordo com tal discurso para a mulher ser feliz e ter saúde precisa se adaptar a chamada "Boa Forma", mesmo que para isso tenha que se submeter às diferentes estratégias de reconstrução e redefinições de diferentes partes dos seus corpos. Palavras-Chave: Corpo, atividades físicas, Boa Forma. * Profa. Universidade Estadual da Paraíba, Doutora, PIBIC.

TERRITÓRIOS DE DESEJO: PRÁTICAS AMOROSAS, RELAÇÕES SOCIAIS E SOCIABILIDADES

Edivalma Cristina da Silva
edivalma@hotmail.com

Várias mulheres frequentaram espaços como sambas e bailes em Caicó/RN, na primeira metade do século XX, entrelaçando relações amorosas, mas também sendo julgadas pelos comportamentos ditos "proibidos" nesses espaços. É a partir do olhar sob as relações sociais e amorosas entrelaçadas nos espaços de sociabilidade, que esse trabalho se propõe a analisar a construção de territórios de desejos pelos sujeitos sociais para além das estruturas de poder que os circundaram, utilizando-se da oralidade e de vinte processos-crime de lesões corporais. As leituras teóricas, historiográficas e as fontes analisadas - as quais estabeleceram conexões entre memória, identidade social, relações de gênero, poder e subjetividade - demonstram que as relações amorosas entrelaçadas nesses espaços influenciaram na produção de subjetividades que transcenderam polaridades como permitido/proibido, passivo/submisso.

O EMBELEZAMENTO DO CORPO FEMENINO NA ACADEMIA DE GINÁSTICA

Gislene Calafange da Silva
Ms. Kyara Maria de Almeida Vieira
gysacalafange@hotmail.com

A imagem corporal está diretamente relacionada a uma crescente centralidade do corpo, nela o corpo tornou-se objeto de exposição, admiração, desejos e interferências. Diferentes disciplinas e áreas do conhecimento têm se preocupado com o corpo. Assim, os sujeitos históricos adquiriram corporeidade e o corpo tornou-se sujeito da história. Aqui, o corpo feminino em particular é o objeto de análise através de suas representações dentro da academia de ginástica. Nosso estudo está focado na análise da idéia de corpo belo compreendida por mulheres freqüentadoras de academia de ginástica. Com este objetivo, o presente estudo trata da questão do corpo feminino na atualidade e suas relações com a beleza e estética corporal, o estudo é realizado através de entrevista feitas com mulheres freqüentadoras de uma academia de ginástica na cidade de Campina Grande.

Palavras-Chaves: Imagem Corporal, Feminino, Academia.

**"SE AQUELE TERRAÇO FALASSE":
SENSIBILIDADES E IDENTIDADES DE
GÊNEROS NO ESPAÇO EM FESTA DAS
BRAÚNAS/BARAÚNAS - PB**

Janielly Souza dos Santos
Regina Coelli Gomes Nascimento
janiellysouza@yahoo.com.br

Neste trabalho buscamos problematizar a construção física e discursiva do terraço enquanto espaço do festejar nas Braúnas/Baraúnas - PB das décadas de 1950/60, pelas sensibilidades dos gêneros.

Em nossas análises, percebemos inicialmente que a partir das sensibilidades narradas do espaço em festa, papéis do masculino e do feminino foram construídos historicamente, assim como o próprio espaço. Metodologicamente pretendemos trabalhar com as narrativas de memória, com seus usos e problematizações. Para concretização desta pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de HALL com suas reflexões sobre identidade; CERTEAU com os conceitos de cotidiano, lugar/espaço e estratégias/táticas; com RAGO, STEARNS, DEL PRIORE, PINSKY, analisamos os conceitos de gênero e família; para trabalharmos sensibilidades nos aproximamos de PESAVENTO; também nos colocamos com os estudos de ALBERTI, ALBUQUERQUE JR. acerca da memória e de seus usos.

Palavras-chave: Gênero, Identidades, Sensibilidades.

**ENTRE A ALMA E A CARNE:
ESCRITURAS DO FEMININO EM SÃO
BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS**

Alanny Paulo Ricardo de Almeida
Iranilson Buriti de Oliveira
alanny.paulo@yahoo.com.br

O nosso trabalho se propõe a analisar as representações do feminino na década de 1930, e sua interação com o corpo textual de São Bernardo, romance de Graciliano Ramos, fonte principal de nossa discussão. Problematizaremos a construção do feminino realizada pelo narrador personagem Paulo Honório e as rupturas do cenário imaginado por ele empreendidas por sua esposa Madalena. Uma personagem silenciada que só se faz dizível através do outro, do olhar de Paulo Honório, que a partir de suas memórias, fonte de sua inspiração para escrever um livro que

narra-se sua história de vida, tenta expurgar o passado e reviver os sentidos, sentimentos e sensações passadas. Em seu enredo o narrador personagem constrói um processo de reificação, se relacionando com o mundo através da lógica do capital, transformando as relações sociais em comerciais. Ao não se render a essa lógica do mando Madalena começa a entrar em atrito com seu cônjuge, e é nesse cenário de brigas entre o casal que podemos perceber na narrativa diversas representações sobre o feminino, as quais eram munidas em sua maioria de vários tipos de preconceitos, de normas e de tentativas de disciplinarização do corpo feminino. Madalena apresentava um domínio sobre o saber, o qual seu marido não possuía, tinha aspirações comunistas, não possuía religião, não se interessava pelos afazeres domésticos nem muito menos por seu filho. Esse comportamento considerado “desviante”, para a sociedade brasileira da década de 1930, adjetivava a mulher como uma “doente moral” um “perigo” para a nação, pois elas eram as responsáveis por cuidar dos filhos e do futuro da pátria. Graciliano constrói sua narrativa privilegiando este embate entre o eu e o outro, entre o feminino e o masculino, entre a tradição e o moderno. Entendendo a literatura como uma forma de acesso aos discursos que circularam em uma determinada época, carregada de sensibilidades e sociabilidades, buscamos nos aproximar dos vestígios e rastros que esta nos traz, na tentativa de investigar a construção de discursos e representações sobre o feminino na sociedade brasileira da década 1930 do século xx. Palavras chaves: representação; feminino; São Bernardo.

1940: UMA REFLEXÃO SOBRE COMO A MODA E A SEXUALIDADE FEMININAS FORAM REVOLUCIONADAS

Ewennyne Rhoze Augusto Lima
Alarcon Agra do Ó
ewennyne@hotmail.com

Nesta pesquisa temos como objetivo problematizar o ano de 1940, como um marco para a moda e a sexualidade feminina, que seriam modificados permanentemente e ainda entoam sua herança na atualidade. Em nossas análises percebemos inicialmente que 1940 foi uma década contraditória, pois ao mesmo tempo em que abriga a Segunda Guerra Mundial, também mostra como inúmeras revoluções ocorreram, inclusive as feministas, de forma silenciosa - trocando vestidos por macacões, flores por martelos e aproximando essas mulheres de um lado até então desconhecido: o independente do patriarcal, tanto financeiramente como sexualmente, montando inclusive novos núcleos familiares. É importante observarmos que a Segundo Guerra foi muito essencial num processo que já vinha ocorrendo e tornou-se mais obvio. Em relação à metodologia, faremos a análises de algumas matérias de periódicos da mesma década, que focam num publico feminino - o que é uma novidade pra época e já demonstram as importantes mudanças que houve. Também observamos alguns textos de autores como João Braga - um dos quais dialogamos e que mostra em sua narrativa como as roupas modificaram a consciência de uma década, assim como a autora Denise Pollini consegue fazer um rápido levantamento, mas eficiente de tudo que era usado e o significado que possuía ao ser usado; também observaremos a historiadora Mary Del Priori com suas reflexões sobre sexualidade feminina e os olhares indiscretos, e as novas formas de intimidade; também nos aproximaremos dos estudos de Angela Mendes de Almeida a acerca do ideal feminino tão valorizado - e tênue - e Sandra Azeredo e a teoria

feminista, onde há a (des)construção dos conceitos pelas mulheres como também a produção e a manutenção do preconceito contra a mulher.

Palavras-Chave: Moda, sexualidade, mulher.

Realização



Apoio



Informações

edital em:

WWW.UFCG.EDU.BR/~HISTORIA/IISNFDPH

e-mail:

SNFDPH.PPGH@GMAIL.COM

telefone/fax:

(83) 2101-1495

secretaria de evento:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

Centro de Humanidades, Bloco BH,
1º Andar | Cidade Universitária -
Bodocongó, Campina Grande - PB -
Brasil - CEP: 58.429-140

Suporte

lutheriah
WEB & DESIGN
www.lutheriah.com